

**ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
CENTRO DE ESTUDOS EM SAÚDE DO TRABALHADOR E ECOLOGIA
HUMANA (CESTEH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA - SUB ÁREA:
SAÚDE, TRABALHO E AMBIENTE.**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**AGRICULTURA NATURAL EM ANGOLA: A VOZ DOS
GESTORES.**

Orientador: Prof. Dr. André Faria de Pereira Neto

Co-orientador: Prof^ª. Dr.^a. Carmem L. C. Marinho

Aluno: Marcelo de Sousa Corrêa

**- Rio de Janeiro -
Novembro de 2010**

AGRADECIMENTOS

Agradeço á Deus e ao Mestre Mokiti Okada pela inspiração e proteção durante a minha caminhada.

Agradeço ao Reverendo Francisco Jésus Fernandes pela oportunidade e confiança que me permitiu realizar este trabalho.

Agradeço a Dra. Carmem Luiza Cabral Marinho pela amizade e carinho durante nossa caminhada em Angola e pela orientação durante os momentos mais difíceis da nossa jornada quando disse: *“Nunca desista do sonho de seu Mestre”*.

Agradeço ao Dr. André de Faria Pereira Neto pela paciência e determinação de conduzir o trabalho até o fim.

Agradeço ao Ministro Cláudio, ao Ministro Bambi e ao Ministro Ota pela disponibilidade e apoio durante a realização do trabalho.

Agradeço ao Ministro Fernando Augusto de Souza pela oportunidade de desenvolver esse trabalho.

Agradeço em especial a minha família, pelos momentos de renúncia e por acreditarem nesse trabalho.

“Quando apanho uma folha seca caída no chão,
sinto nela a indiscutível lei do ciclo da vida”

Mokiti Okada (1931)

“Quem somos nós”

“Somos descendentes de escravos.

Somos a prole de homens e mulheres com
dignidade e honra, duma história rica e nobre.

Mas também somos os herdeiros de um passado
doloroso de exploração.

Eu não me envergonho disso.

Envergonho-me. Sim, daqueles tão pecaminosos
que nos fizeram escravos.”

Martin Luther King Jr. (1967).

RESUMO

CORRÊA, Marcelo de Sousa. **AGRICULTURA NATURAL EM ANGOLA: A VOZ DOS GESTORES.**

O presente estudo se propôs a investigar a trajetória histórica e as experiências adquiridas, pela Associação para o Desenvolvimento da Agricultura Natural e Cultura Africana (AFRICARTE), com a prática do método de *Agricultura Natural* em Angola no período de 2000 a 2010. Os critérios utilizados para a escolha da instituição e dos entrevistados foi principalmente a possibilidade de se investigar possíveis interesses comuns entre a AFRICARTE e a Igreja Messiânica Mundial, que é mantenedora dos projetos da AFRICARTE. A pesquisa teve como hipótese a existência de vínculos entre a Teologia da Igreja Messiânica Mundial e a fundamentação técnica da Agricultura Natural. Acreditou-se também que a existência de interesses recíprocos a partir destes vínculos tenha favorecido em muitas ocasiões, a utilização do método de Agricultura Natural como um instrumento de atração do público para a Igreja Messiânica Mundial. Mas o trabalho não descarta o caráter filantrópico e altruísta de suas ações. Com isso, visando atender aos objetivos traçados pela pesquisa, devido à falta de documentação da AFRICARTE e de bibliografia acadêmica sobre o tema *Agricultura Natural*, foi escolhido o método de História Oral como instrumento de investigação. A escolha do método teve como proposta explorar o tema e abordar as questões pelas pessoas que vivenciaram todo o processo de implantação da Agricultura Natural em Angola. Para isso foram escolhidos apenas os quatro principais gestores da AFRICARTE, devido ao seu vínculo também com a Igreja Messiânica Mundial. A escolha se sustenta a partir do momento em que se discute a utilização da Agricultura Natural como estratégia de expansão das atividades da Igreja Messiânica Mundial em Angola. Com isso o trabalho não teve como objetivo trazer respostas, mas, iniciar e enriquecer o debate sobre a Agricultura Natural, assim como estimular novos estudos sobre o tema.

Palavras chaves: Agricultura, Cultivos Agrícolas, Desenvolvimento Sustentável, Religião, Angola.

ABSTRACT

Correa, Marcelo de Sousa. NATURE FARMING IN ANGOLA: VOICE OF MANAGERS.

The present study proposes to investigate historical trajectory and the experience gained by the Association for the development of agriculture, natural and African culture (AFRICARTE), with the practice of Nature Farming method in Angola for the period 2000 to 2010. The criterion for choice of institution and of interviewees was mainly the possibility of investigating possible common interests between AFRICARTE and World Messianic Church, which is the main sponsor of AFRICARTE projects. The search took as hypothesis the existence of links between the Theology of the Church World Messianic and reasoning technique of the Nature Farming. Also believed that the existence of reciprocal interests from these links has favored on many occasions, the use of the Natural Agriculture method as an instrument of public attraction to the Messianic Church World. But the work does not drop the philanthropic and altruistic character of their actions. With that, to meet the goals set by the search, due to lack of documentation of AFRICARTE and academic bibliography on the subject of Natural Agriculture was chosen the oral history method as research instrument. The choice of method was proposed exploring the theme and addresses the issues by the people who experienced the whole process of implementation of the Nature Farming. For this were chosen only the four main AFRICARTE managers due to its link with the World Messianic Church. The choice if sustains when discussing the use of Nature Farming as expansion strategy of the activities of the World Messianic Church in Angola. With this work was to bring responses, but start and enrich the debate on agriculture as well as stimulate new studies on the topic.

Keywords: Agriculture, Agricultural Crops, Sustainable Development, Religion, Angola.

Sumário

Resumo.....	04
Abstract.....	05
Listas de Abreviaturas.....	08
CAPITULO I - INTRODUÇÃO.....	10
1.1- Justificativa.....	16
1.2 - Hipótese.....	18
1.3 - Objetivo Geral.....	18
1.4 - Objetivos Específicos.....	18
CAPITULO II - METODOLOGIA.....	19
CAPÍTULO III - HISTÓRIA AGRÁRIA DE ANGOLA: DO IMPÉRIO AFRICANO A CONSTRUÇÃO DA REPÚBLICA.....	24
3.1 - Introdução.....	24
3.2 - O Contexto.....	24
3.3 - A agricultura colonial em Angola.....	26
3.3.1 - Culturas Agrícolas no período Colonial.....	35
3.3.2 - Sistema dual de produção em Angola: agricultura empresarial e agricultura tradicional.....	38
3.3.3 - O desenvolvimento rural em Angola nos últimos anos pré- independência.....	40
3.4 - A agricultura de Angola após a Independência.....	44
3.5 - A agricultura após o conflito armado.....	49
3.6 - A questão da terra em Angola.....	54
CAPITULO IV – POBREZA E INSEGURANÇA ALIMENTAR	
4.1 - Introdução.....	59
4.2 - Pobreza e insegurança alimentar: um debate conceitual.....	59
4.3 - Os impactos da pobreza e da insegurança alimentar em Angola.....	65
4.4 - A contribuição das Campanhas Agrícolas em Angola.....	69

CAPÍTULO V – MOKITI OKADA E A AGRICULTURA NATURAL

CAP VI - AGRICULTURA NATURAL EM ANGOLA: A VOZ DOS GESTORES

6.1 - Introdução.....	81
6.2 - perfil dos depoentes.....	81
6.2.1- Francisco Jésus Fernandes.....	82
6.2.2- Cláudio Cristino Leal Pinheiro.....	83
6.2.3- Hiroshi Ota.....	84
6.2.4- Marques Zambu Bambi.....	86
6.3 - A implantação da Agricultura Natural em Angola.....	87
6.4 - A vinculação com a Igreja Messiânica.....	89
6.5 - Avanços e entraves.....	91
6.6 - Perspectivas.....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	104

ANEXO

Roteiro de Entrevista	113
Fichas Técnicas dos Entrevistados.....	115
Francisco Jésus Fernandes	116
Cláudio Cristino Leal Pinheiro.....	129
Marques Zambu Bambi.....	154
Hiroshi Ota.....	178

LISTA DE ABREVIATURAS

AFRICARTE Associação para o Desenvolvimento da Agricultura Natural e Cultura Africana.

ADRA Acção para o Desenvolvimento Rural e Ambiente.

ACCORD Associação para a Cooperação, Pesquisa e Desenvolvimento.

CPMO Centro de Pesquisa Mokiti Okada

CESTEH Centro de Estudos em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana

CCA (ADRA) Conselho de Coordenação da Antena.

CEA (ADRA) Conselho Executivo da Antena.

CFB Caminho de Ferro de Benguela.

CONSEA Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Brasil).

DW Development Workshop (ONG-Canadá).

ENSP Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca

ECP Estratégia de Combate à Pobreza.

EDA Estações de Desenvolvimento Agrário.

FMO Fundação Mokiti Okada

FIOCRUZ Fundação Oswaldo Cruz

FAA Forças Armadas Angolanas.

FAO Organização para a Agricultura e Alimentação (Organização da ONU).

FAS Fundo de Apoio Social.

FESA Fundação Eduardo dos Santos.

FIDA Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola.

FLEC Frente de Libertação do Enclave de Cabinda.

FMI Fundo Monetário Internacional.

FNLA Força Nacional de Libertação de Angola.

FRELIMO Frente de Libertação de Moçambique.

GSA Gabinete de Segurança Alimentar.

GURN Governo de Unidade e Reconciliação Nacional.

HRW Human Rights Watch (ONG americana em defesa dos direitos humanos).

IMMA Igreja Messiânica Mundial de Angola

IMMB Igreja Messiânica Mundial do Brasil

IDA Instituto de Desenvolvimento Agrário (Angola)

MIAA Missão de Inquéritos de Agrícola de Angola.

MOA Mokiti Okada Association

MINADER Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural.

MINPLAN Ministério do Planeamento.

MFA Movimento das Forças Armadas.

MINUA Ministério de Urbanismo e Ambiente de Angola

MONUA Missão de Observação das Nações Unidas em Angola.

MPLA Movimento Popular de Libertação de Angola.

MPLA-PT Movimento Popular de Libertação de Angola – Partido do Trabalho.

MSF Médicos Sem Fronteiras.

NEPAD Nova Parceria para o Desenvolvimento da África.

OGE Orçamento Geral do Estado.

ONG Organização Não Governamental.

ONU Organização das Nações Unidas.

OMA Organização das Mulheres Angolanas.

PGRSS Plano de Gerenciamento de Resíduos de Serviço de Saúde

PAIGC Partido Africano Para a Independência da Guiné e Cabo Verde.

PAR-EU Programa de Apoio a Reabilitação da União Européia.

PCRRP Programa de Reabilitação e Reconstrução Pós-Conflito.

PDI ADRA – Programa de Desenvolvimento Institucional da ADRA.

PMA Programa Mundial de Alimentação.

PNUD Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

RPA República Popular de Angola.

SUS Sistema Único de Saúde

SADC Comunidade Para o Desenvolvimento da África Austral.

SADF Forças de Defesa Sul – Africanas.

SONANGOL Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola.

SWAPO Organização do Povo do Sudoeste Africano (Namíbia).

UNACA União Nacional dos Camponeses Angolanos.

UNAVEM Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola.

UNITA União Nacional para a Independência Total de Angola.

UNTA União Nacional dos Trabalhadores Angolanos.

UPA União das Populações de Angola.

UTCAH Unidade Técnica de Coordenação de Ajuda Humanitária

CAPITULO I - INTRODUÇÃO

1. Introdução

Ao terminar a graduação em Fisioterapia em Janeiro de 1996, trabalhei como plantonista em alguns hospitais particulares do Estado do Rio de Janeiro, atuando em Unidades de Terapia Intensiva (UTIs). Durante esse período tive a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos nas áreas de reabilitação das funções respiratória e neurológica de pacientes graves. Atendia aos pacientes nos hospitais e depois os acompanhava no atendimento domiciliar. Nessa época comecei a perceber que os pacientes eram na sua maioria pessoas que foram ou estavam sendo constantemente expostas a fatores de risco durante o processo de trabalho. Em muitos desses casos, os hábitos e as atividades de vida diária, tornavam difícil a reabilitação desses pacientes, visto que, a maioria dessas pessoas era tabagista e em alguns casos também faziam uso excessivo de bebidas alcoólicas. No discurso dos pacientes e de seus familiares ficava explícito que as condições de trabalho a que estavam expostos eram insalubres e que diversos procedimentos de segurança como o uso de equipamentos de proteção individual, não eram disponibilizados a esses trabalhadores. O diagnóstico médico desses trabalhadores indicava sinais e sintomas de intoxicação química, alguns característicos da fase aguda e outros da fase crônica. Esse quadro clínico era frequente no caso de trabalhadores de marmorarias, fábricas de cimento, minas de carvão e em pequenos produtores rurais que faziam uso constante de agrotóxicos e adubos químicos.

No caso dos pequenos produtores, observou-se que eles tinham como característica a prática de uma agricultura de base familiar. Esses produtores, em muitos casos, produziam para sua subsistência e comercializavam o excedente da produção.

A constatação da causa do adoecimento era dificultada pela falta de percepção do risco pelos trabalhadores e o agravamento dos casos poderia estar relacionado à demora no aparecimento dos sinais e sintomas. Com isso, existia uma dificuldade por parte da equipe médica em estabelecer onexo causal, ou seja, relacionar o adoecimento dos trabalhadores com as condições de trabalho a que estavam expostos. Foi observado que as pessoas retornavam constantemente para o tratamento ambulatorial e que essa situação persistia até que esses trabalhadores eram internados em estado grave e em muitos casos chegavam ao óbito.

Outra questão importante que foi observada era o baixo índice de notificações, ou seja, os trabalhadores tinham medo de perder o emprego. Segundo relato de alguns trabalhadores, existia uma forte tendência do empregador em transferir para eles a responsabilidade dos acidentes ou do adoecimento. Ficava evidente que não existia por

parte do empregador a preocupação com as condições de trabalho e com a prevenção de acidentes.

No caso específico dos produtores rurais, a situação era mais difícil, a falta de percepção do risco e de infra-estrutura nas áreas rurais foi determinante para o agravamento de vários casos.

Ao estudar os trabalhos de Josino (2002), pude verificar que esses trabalhadores rurais não tinham acesso a informações básicas sobre procedimentos importantes como o uso do equipamento de proteção individual (EPI) e coletiva (EPC). Os trabalhos demonstravam que as condições de trabalho no campo, em sua maioria, são precárias e que não existe uma orientação técnica para o manejo adequado dos agrotóxicos. Esse fato é agravado pelo analfabetismo que prevalece nas áreas rurais (JOSINO, 2002) ¹.

Como resultado de todas essas experiências vivenciadas, surge em mim o desejo de contribuir de maneira mais efetiva com a promoção da saúde no trabalho, para isso seria necessário estudar e entender a profunda relação existente entre saúde e trabalho.

No ano de 2000 comecei a cursar a especialização em Engenharia Sanitária e Controle Ambiental na Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) da Fundação Oswaldo Cruz. Após o término da especialização, mesmo sendo da área de saúde, fui contratado pelo Departamento de Saneamento e Saúde Ambiental (DSSA) da ENSP para o cargo de Especialista em Engenharia Sanitária, com o objetivo de implantar junto com a equipe do departamento, o PGRSS (Plano de Gerenciamento de Resíduos de Serviço de Saúde) nos Hospitais da FIOCRUZ. Através da especialização e da experiência adquirida durante esse trabalho consegui ampliar meus conhecimentos e minha capacidade de identificar e avaliar melhor os riscos relacionados à exposição do trabalhador a determinados ambientes e processos de trabalho.

Em 2003, ao terminar meu contrato de trabalho com a ENSP, fui convidado a trabalhar no Centro de Pesquisa da Fundação Mokiti Okada (CPMO) ².

A Fundação Mokiti Okada (FMO) foi instituída no Brasil em 19 de janeiro de 1971. Trata-se de uma entidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, considerada de Utilidade Pública Federal. Com atuação em todo o território nacional, desenvolve projetos que buscam viabilizar formação de uma sociedade harmoniosa e progressista.

¹ Segundo Moreira, Josino C. et al (2002), a magnitude do impacto resultante do uso de agrotóxicos sobre o homem do campo, no Brasil, pode ser depreendida a partir dos dados do Ministério da Saúde. De acordo com estes dados, em 1996 houve 8.904 casos de intoxicações por agrotóxicos, dos quais 1.892 (21,25%) foram observados no meio rural (Sinitox, 1998). Estes dados, entretanto, não refletem a real dimensão do problema uma vez que os mesmos advêm de Centros de Controle de Intoxicações, situados em centros urbanos, inexistentes em várias regiões produtoras importantes ou de difícil acesso para muitas populações rurais.

² O CPMO foi criado em 1996 pela Fundação Mokiti Okada (FMO-MOA) e fica localizado em Ipeúna, a 180 km de São Paulo. O CPMO desenvolve projetos voltados para o desenvolvimento e pesquisa de modelos sustentáveis de agricultura e de produção de animal (www.cpmo.org.br).

Elabora, desenvolve e executa projetos nas áreas de educação, saúde, meio ambiente, arte e assistência social (www.fmo.org.br).

A Fundação Mokiti Okada tem como fonte mantenedora de recursos a Igreja Messiânica Mundial (IMM). Os Projetos e Programas da FMO têm como objetivo levar para a sociedade, de forma pragmática, a filosofia e os ensinamentos de seu fundador, Mokiti Okada³.

Na Fundação Mokiti Okada, trabalhei inicialmente no Departamento de Saneamento e Meio Ambiente do Centro de Pesquisa Mokiti Okada (CPMO), realizando ações e pesquisa nas áreas de recuperação de solos e adequação de sistemas de tratamento de esgoto em empresas e condomínios, através da técnica de biorremediação desenvolvida pelo CPMO. As experiências adquiridas nesse período, assim como as orientações recebidas por profissionais de várias áreas como agronomia e veterinária, me proporcionaram um conhecimento que considero determinante na minha decisão de estudar modelos agrícolas sustentáveis como a Agricultura Orgânica, a Agroecologia e principalmente o modelo desenvolvido pelo Centro de Pesquisa Mokiti Okada, a Agricultura Natural.

Em Março de 2007 comecei a cursar o Mestrado em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/FIOCRUZ), pela subárea: Saúde, Trabalho e Ambiente do Centro de Estudos em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana (CESTEH)⁴. Com isso fui encaminhado a Prof. Dra. Carmem Luiza Cabral Marinho, que no passado tinha sido uma das primeiras líderes do movimento negro no Estado do Rio de Janeiro. Como pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz, Doutora em Saúde Pública, foi indicada para representar a Sociedade Civil Organizada na Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBIO)⁵. A pesquisadora buscava contribuir

³ Mokiti Okada nasceu no dia 23 de dezembro de 1882, no bairro de Hashiba, na cidade de Tóquio, Japão. Desde criança, foi uma pessoa dedicada às artes e preocupada com os problemas da humanidade. Após passar por sérios problemas de saúde em sua adolescência, inclusive com tuberculose, resolveu pesquisar e buscar uma maneira de contribuir com melhora da qualidade de vida das pessoas através de uma alimentação mais saudável. Com a prática do novo modelo agrícola que chamou de *Agricultura Natural* obteve uma surpreendente recuperação, o que causou surpresa aos médicos. Mokiti Okada analisou o método agrícola convencional e manifestou uma profunda preocupação com o emprego excessivo de agroquímicos no solo. Como solução, indicou a aplicação de um método agrícola sustentável, que preservasse o meio ambiente e promovesse a saúde, oferecendo alimentos puros e saborosos. Toda sua filosofia foi estabelecida com base nas Leis da Natureza. Embora tenha sido escrita nas décadas de 30 a 50 do século passado, parece ter sido feita para os dias atuais, pela sua perfeita aplicabilidade na vida cotidiana do homem contemporâneo. Mokiti Okada faleceu em 1955.

⁴ O CESTE H surgiu no esteio da reforma sanitária brasileira, em 1985, quando as questões da saúde do trabalhador começam a emergir no cenário nacional a partir das demandas dos próprios trabalhadores. Com isso, os pesquisadores e sanitaristas da época assumiram essa questão como um problema da saúde pública. Passou, então, a haver uma construção conceitual sobre a saúde do trabalhador, deslocando-o de um mero objeto de pesquisa para o papel de sujeito das transformações nos ambientes de trabalho.

⁵ A CTNBio é uma instância colegiada multidisciplinar, criada através da lei nº 11.105, de 24 de março de 2005, cuja finalidade é prestar apoio técnico consultivo e assessoramento ao Governo Federal na formulação, atualização e implementação da Política Nacional de Biossegurança relativa a OGM, bem como no estabelecimento de normas técnicas de segurança e pareceres técnicos referentes à proteção da saúde humana, dos organismos vivos e do meio ambiente, para atividades que envolvam a construção, experimentação, cultivo, manipulação, transporte, comercialização, consumo, armazenamento, liberação e descarte de OGM e derivados.

para o debate sobre as controvérsias associadas à biossegurança.

Estudos de Marinho (2004) partiam em parte do pressuposto que a noção de biossegurança, ao basear-se em uma abordagem eminentemente tecnicista do risco, não respondia de maneira satisfatória às questões que se apresentavam. Segundo a pesquisadora o principal propósito da biossegurança é proteger a saúde e o meio ambiente, para isso seria necessária uma mudança da perspectiva reducionista da ciência tradicional, na qual a noção de biossegurança foi concebida. Essa mudança deve ocorrer dentro de uma abordagem ampla, que destaque as noções de incerteza, complexidade e qualidade, assim como considerar a pluralidade de atores e interesses envolvidos nos complexos problemas ambientais e de saúde.

Marinho (2004) explica que não se trata de rejeitar a tecnologia dos transgênicos, visto que, tal postura seria indefensável e colocaria o país à margem do progresso científico e da possibilidade de resolver, no futuro, problemas que afetam a população. Ao contrário, é prioritária uma política de fomento às investigações de universidades e institutos tecnológicos que tenham por objetivo o melhor aproveitamento da expressiva biodiversidade brasileira, de modo que o conhecimento produzido redunde na geração de patentes e se evite a apropriação estrangeira dessa riqueza.

De acordo com Marinho (2004), alguns parâmetros fundamentais devem pautar a aceitação da biotecnologia agrícola como uma realização prévia de estudos científicos conclusivos que assegurem a ausência de riscos ambientais e para a saúde, bem como a preservação dos recursos naturais. Além de estarem em consonância com as premissas básicas de uma prática agrícola ecologicamente sustentável, é imprescindível ponderar suas repercussões econômicas, tanto para os agricultores como para o conjunto do país.

Os estudos de Marinho (2004) foram ao encontro das minhas expectativas de estudar o modelo agrícola proposto por Mokiti Okada, a Agricultura Natural.

Em 1991, atraído pela filosofia de Mokiti Okada, me tornei membro da Igreja Messiânica Mundial do Brasil (IMMB). Em 2001, após ter vivenciado diversas experiências com a prática dos ensinamentos de Okada, inclusive aqueles que orientavam sobre a prática da agricultura natural, fui outorgado sacerdote da IMMB. Tornei-me sacerdote com o propósito de expandir a fé messiânica através da prática dos ensinamentos de Mokiti Okada.

Em 2004, devido a minha formação acadêmica e experiência profissional fui designado para o Centro de Pesquisa da Fundação Mokiti Okada (CPMO) no Rio de Janeiro. Foi nesse momento que tive conhecimento que o CPMO apoiava tecnicamente

a implantação do método de Agricultura Natural em Angola.

O trabalho de divulgação do método de Agricultura Natural pela Igreja Messiânica Mundial (IMM) em Angola teve início em 1994. Nesta época a IMM começou de maneira precária a implantação de hortas caseiras visando contribuir com a redução da fome no país. O trabalho se desenvolveu satisfatoriamente e o número de famílias que praticavam o método da Agricultura Natural aumentava significativamente. Com isso, no ano de 2000, o Governo de Angola concedeu a Igreja Messiânica Mundial de Angola (IMMA) um terreno de 13 hectares. Esse terreno está localizado na Comuna do Bom Jesus no Bengo, cerca de duas horas de Luanda. Com a doação deste terreno, foi inaugurado o Pólo Agrícola do Bom Jesus e é instituída a AFRICARTE⁶.

Após a instituição da AFRICARTE, a Igreja Messiânica Mundial de Angola solicitou cooperação técnica ao Centro de Pesquisa Mokiti Okada. O apoio tinha como objetivo desenvolver em Angola um programa de hortas caseiras, para famílias angolanas, que utilizasse o método da Agricultura Natural.

Mas, existia uma questão a ser respondida, será que a Igreja Messiânica Mundial de Angola estava se utilizando do método de Agricultura Natural como estratégia de expansão da fé messiânica no país?

Para isso era necessário responder algumas questões importantes: Como se deu o processo de implantação do programa? Qual a real vinculação existente entre a Igreja Messiânica, a AFRICARTE e a prática da Agricultura Natural? Quais teriam sido os avanços e entraves deste trabalho? Quais seriam as perspectivas e contribuições que a implantação desse programa poderia trazer para o povo angolano?

A estrutura da dissertação foi construída com a finalidade de resgatar a trajetória histórica da agricultura em Angola, assim como apresentar as experiências da AFRICARTE com a aplicação do método de Agricultura Natural.

Para isso, o primeiro capítulo buscou introduzir o tema e apresentar fatos e os principais questionamentos que motivaram pesquisa. Em seguida foi apresentada a justificativa e relevância da realização do trabalho, assim como sua hipótese, culminando com delineamentos dos objetivos geral e específicos.

O capítulo seguinte teve como objetivo apresentar o método de História Oral, a sua pertinência e relevância com relação ao tema da dissertação. O capítulo também buscou esclarecer os critérios de escolha dos entrevistados e a importância de seus depoimentos dentro do trabalho de pesquisa.

⁶ A AFRICARTE foi constituída no ano de 2000, sendo uma instituição filantrópica sem fins lucrativos, que tem como base a filosofia de Mokiti Okada e era mantida financeiramente pela Igreja Messiânica Mundial de Angola. A AFRICARTE tomou como base para o desenvolvimento de seus projetos o modelo da Fundação Mokiti Okada adotado no Brasil.

O terceiro capítulo buscou resgatar a história da agricultura em Angola, passando pelo período colonial e suas diferentes políticas, a independência e a guerra civil no período após a Independência, chegando à construção da República de Angola.

No quarto capítulo foram abordadas questões sobre a pobreza e a segurança alimentar, assim como seus impactos em Angola.

O quinto capítulo buscou apresentar a biografia e memória de Mokiti Okada, assim como os fundamentos do método de Agricultura Natural.

O sexto capítulo traz o resultado da aplicação da metodologia de pesquisa, ou seja, traz a voz dos quatro principais gestores do programa em Angola. Nesse capítulo buscou-se resgatar a biografia e a memória dos entrevistados.

Ao finalizar o trabalho foram feitas considerações finais, onde foram apresentadas as conclusões e reflexões sobre os questionamentos e objetivos da pesquisa.

Torna-se importante observar que esse trabalho de pesquisa não se propôs a esgotar o assunto, devido à inexistência de estudos acadêmicos sobre o método de agricultura natural aplicado dentro de um contexto de extrema miséria e fome. Observou-se também que não existem trabalhos sobre Agricultura Natural no continente africano. Esses fatos assim como demonstram o ineditismo do tema, trazem como consequência as dificuldades de se encontrar referenciais teóricos.

Talvez, mais do que trazer respostas, esta pesquisa teve como propósito enriquecer o debate sobre o método de Agricultura Natural, assim como estimular novas pesquisas sobre o tema em diferentes contextos.

1.1 - Justificativa

No decorrer dos últimos anos, a problemática da pobreza no mundo em desenvolvimento tem sido uma preocupação crescente para os governos e para a comunidade internacional. Com efeito, foi realizada uma série de eventos internacionais sobre o tema *Pobreza*. Dentre esses eventos, merece destaque a Conferência Mundial para o Desenvolvimento Social, realizada em 1995 e a *Cimeira do Milênio* no ano de 2000.

O combate à pobreza surge também no âmbito da Nova Parceria para o Desenvolvimento da África (NEPAD), como estratégia vital para a afirmação do continente africano no contexto internacional e para a redução das disparidades existentes entre a África e o mundo desenvolvido.

No caso de Angola, segundo o relatório do Ministério de Urbanismo e Ambiente de Angola (MINUA) de 2006, a incidência da pobreza em Angola atingiu 68% da população, ou seja, 68 entre 100 pessoas têm em média um nível de consumo mensal ou correspondente a aproximadamente 1,7 dólares americanos diários. A incidência da pobreza extrema atinge 28 % da população angolana, o que corresponde a um nível de consumo de menos de 0,7 dólares diário.

De acordo com o relatório do Governo de Angola (2006), uma das metas a serem atingidas pelo Governo para o combate a pobreza e a fome no país, seria a adoção de políticas públicas nas áreas de segurança alimentar e de desenvolvimento rural. Para isso torna-se necessário, segundo o relatório, o apoio de Órgãos não Governamentais (ONGs), da iniciativa privada e principalmente o apoio da Sociedade Civil Organizada (MINUA, 2006).

A segurança alimentar e o desenvolvimento rural são aspectos importantes dentro do processo de reinserção social em Angola. A revitalização da economia rural pode contribuir com o retorno e a fixação da população no campo, diminuindo a dependência de produtos agrícolas provenientes do exterior. Segundo o Ministério de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Angola (2006) o setor agrícola é uma das áreas estratégicas para o desenvolvimento do país, dado o seu potencial na geração de emprego e renda para a população (MINADER, 2006).

Diante desta perspectiva, buscando contribuir com a redução da fome e da miséria em Angola, surge a Igreja Messiânica Mundial (IMM) com uma proposta de implantar um programa de hortas caseiras baseado no método de Agricultura Natural praticado por Mokiti Okada no Japão. Com o argumento de promover ações filantrópicas e altruísticas a Igreja messiânica Mundial criou a Associação para o

Desenvolvimento da Agricultura Natural e Cultura Africana – AFRICARTE, com a finalidade de fazer chegar à sociedade a fundamentação filosófica e técnica da Agricultura Natural.

Diante desta iniciativa, o presente estudo se propôs a investigar a trajetória histórica e as experiências adquiridas, pela AFRICARTE, com a prática do método de Agricultura Natural em Angola no período de 2000 a 2010.

A relevância da pesquisa está no ineditismo do tema. Foi realizada uma busca no banco de teses e dissertações da CAPES (<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/Teses>) e na base de dados Scielo (www.scielo.br) no período de 1987 a 2009 – com as palavras “Agricultura Natural” e “Angola”. Como resultado da pesquisa verificou-se que não existe até o momento nenhum trabalho acadêmico que explore o método de Agricultura Natural desenvolvido por Mokiti Okada como estratégia para redução da fome e da miséria em condições extremas.

Os critérios utilizados para a escolha da instituição e dos entrevistados foi principalmente a possibilidade de se investigar os possíveis interesses comuns entre a AFRICARTE e a Igreja Messiânica Mundial que é a mantenedora do projeto.

A pesquisa teve como hipótese a existência de vínculos entre a Teologia da Igreja Messiânica Mundial e a fundamentação técnica da Agricultura Natural. Acreditou-se também que a existência de interesses recíprocos a partir destes vínculos tenha favorecido em muitas ocasiões, a utilização do método de Agricultura Natural como um instrumento de atração do público para a Igreja Messiânica Mundial.

Devido à falta de documentação da AFRICARTE e de bibliografia acadêmica sobre o tema *Agricultura Natural*, foi escolhido o método de História Oral como instrumento de investigação. A escolha do método teve como proposta explorar o tema e abordar as questões pelas pessoas que vivenciaram todo o processo de implantação do projeto nos últimos dez anos. Essa argumentação tomou como base estudos de pesquisadores como Verena Alberti (2004) e outros que utilizaram o método de História Oral como instrumento de investigação de seus trabalhos.

De acordo com Alberti (2004) a grande vantagem da História Oral reside no fato dela privilegiar a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. Por isso não se pode pensar em história oral sem pensar em biografia e memória.

Para isso foram escolhidos apenas os quatro principais gestores da AFRICARTE, devido ao seu vínculo também com a Igreja Messiânica Mundial. A escolha se sustenta a partir do momento em que se discute a utilização da Agricultura Natural como estratégia de expansão das atividades da Igreja Messiânica Mundial em

Angola.

Com isso o trabalho não teve como objetivo trazer respostas, mas, iniciar e enriquecer o debate sobre a Agricultura Natural, assim como estimular novos estudos sobre o tema. Acredita-se que a pesquisa sobre o método de Agricultura Natural e suas estratégias de mobilização social, ao serem abordadas por diversos pesquisadores, pode vir a contribuir como uma *Tecnologia Social*⁷ direcionada para a redução da fome, da miséria e da insegurança alimentar.

1.2 – Hipótese.

A pesquisa teve como hipótese que a existência de vínculos entre a Teologia da Igreja Messiânica Mundial e a fundamentação técnica da Agricultura Natural, estimulou interesses recíprocos. Acreditava-se que estes vínculos e interesses tenham favorecido em muitas ocasiões, a utilização do método de Agricultura Natural como um instrumento de atração do público para a Igreja Messiânica Mundial.

1.3 - Objetivo Geral.

Analisar a experiência da Associação para o desenvolvimento da Agricultura Natural e Cultura Africana (AFRICARTE) na implantação da “Agricultura Natural” em Angola nos últimos 10 anos.

1.4 - Objetivos Específicos.

- Identificar o processo de implantação da Agricultura Natural em Angola.
- Identificar a existência de vinculação entre a prática da Agricultura Natural e a expansão da Igreja Messiânica Mundial.
- Identificar avanços e entraves para o desenvolvimento da Agricultura Natural em Angola.
- Identificar as perspectivas e contribuições da implantação do método de Agricultura Natural em Angola.

⁷ De acordo com a Fundação Banco do Brasil (2010), a Tecnologia Social compreende produtos, técnicas ou metodologias replicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social. É um conceito que remete para uma proposta inovadora de desenvolvimento, considerando a participação coletiva no processo de organização, desenvolvimento e implementação. Está baseado na disseminação de soluções de problemas voltados para as demandas de alimentação, educação, energia, habitação, renda, recursos hídricos, saúde, meio ambiente, dentre outras.

CAPITULO II- METODOLOGIA

Este trabalho de pesquisa buscou inicialmente contextualizar o trabalho da AFRICARTE através do resgate da trajetória da história agrária de Angola e dos impactos causados no país pelo longo período de guerras vivenciado pelo povo angolano.

O trabalho também buscou o debate conceitual sobre os temas *Pobreza e Insegurança Alimentar*, apresentou os resultados de políticas públicas adotadas pelo Governo de Angola para o combate a fome e a miséria do país.

Em seguida apresentou parte da biografia de Mokiti Okada e os fundamentos técnicos do método de Agricultura Natural.

Finalmente, foi apresentada uma análise dos depoimentos dos quatro principais gestores da AFRICARTE que vivenciaram todo o processo de implantação e desenvolvimento do método de Agricultura Natural em Angola. Para isso, foi utilizado para investigação o método de História Oral. A decisão pelo método inicialmente se justifica pela falta de documentos oficiais e de material bibliográfico acadêmico sobre o desenvolvimento do trabalho de implantação do método de Agricultura Natural em Angola. Outro fator importante e decisivo foi o caráter específico dos objetivos da pesquisa.

Conforme orienta Alberti (2005), a História Oral foi utilizada neste trabalho com o objetivo de resgatar a trajetória de vida dos entrevistados. Mas, em alguns momentos essa investigação se concentrou em períodos específicos de suas vidas. Com isso, o método permitiu recuperar o que não encontramos em documentos de outra natureza, como acontecimentos que foram pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais e impressões particulares dos entrevistados. Observou-se que a grande vantagem da História Oral reside no fato dela privilegiar a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. Por isso não se pode pensar em história oral sem pensar em biografia e memória.

Segundo Alberti (2004) a principal característica não consiste no ineditismo de alguma informação nem no preenchimento de lacunas de arquivos de documentos escritos ou iconográficos. A autora ressalta que a aplicação do método de História Oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições, por sua visão de mundo. Foi este respeito pelo outro e por suas opiniões que nortearam os depoimentos e imprimiu significados aos fatos e acontecimentos vividos.

O pesquisador Alessandro Portelli (2002) enfatiza a importância da história oral

como uma ferramenta baseada na memória para questionar interpretações e que no seu entender, a história oral é uma metodologia com capacidade de recuperar para o século XXI a visão de que o século XX produziu uma série de lutas importantes pela defesa da igualdade social. O autor afirma que o desafio da história oral nesse sentido é mostrar, diferentemente do que costuma ser consagrado, que a memória não é apenas um componente ideológico, mitológico e não confiável, mas sim um instrumento de luta para conquistar a igualdade social e garantir o direito às identidades.

Com isso, o trabalho buscou pesquisar a biografia e a memória dos entrevistados, resgatando a motivação e a experiência adquirida por cada um dos gestores durante o desenvolvimento do projeto de implantação do modelo agrícola da Agricultura Natural em Angola. A pesquisa foi direcionada para os últimos dez anos (2000-2010) do projeto em Angola, visto que, considerou-se como marco inicial a fundação da AFRICARTE.

Através da análise de documentos e dos depoimentos dos gestores da AFRICARTE, buscou-se montar um *repertório*.

De acordo com André F. de Pereira Neto (1997), um repertório, tecnicamente falando, “é um instrumento de pesquisa que descreve e referencia documentos pertencentes a um ou mais fundos ou acervos relevantes para um determinado tema” (PEREIRA NETO, 02: 1997).

O repertório foi construído com o objetivo de relacionar e integrar documentos do arquivo institucional, o arquivo pessoal e o acervo de depoimentos orais.

Na primeira parte do trabalho foram coletados documentos institucionais da AFRICARTE e da Igreja Messiânica Mundial de Angola, assim como livros e revistas escritos por Mokiti Okada. Essa análise de documentos teve como objetivo verificar a existência de uma relação entre a fundamentação técnica da Agricultura Natural e a base Teológica da Igreja Messiânica Mundial.

Foram analisados também arquivos pessoais e experiências vivenciadas pelos entrevistados visando identificar que tipo de relação existe entre os gestores da AFRICARTE e a Igreja Messiânica Mundial. Outro objetivo foi o de identificar uma possível influência da fé messiânica na tomada da decisão dos entrevistados em aderir ao método de Agricultura Natural como estratégia de expansão da Igreja Messiânica Mundial em Angola.

Na segunda parte, encontra-se a descrição do conteúdo dos textos e artigos deixados por Mokiti Okada. Este arquivo reúne documentos que estão delimitados temporalmente entre os anos de 1948 a 2008. Ele é composto por cinco volumes que

reúnem textos e artigos de Okada e três volumes que englobam tanto a sua vida pessoal e profissional quanto à associativa.

As razões desta escolha estão relacionadas principalmente com a trajetória de vida e associativa de Mokiti Okada. Ao analisar a história de vida dos gestores da AFRICARTE, observou-se que eles tomaram como base a biografia e as experiências vivenciadas por Mokiti Okada para o desenvolvimento do projeto de Agricultura Natural em Angola.

O arquivo pessoal de Mokiti Okada foi incluído, neste repertório, de forma integral, para que o pesquisador não corra o risco de perder um documento esclarecedor para seu trabalho e tenha, ao mesmo tempo, condições de tentar reconstituir o homem Mokiti Okada em suas várias faces. Todo este material está disponível para consulta na biblioteca da Faculdade Messiânica da Fundação Mokiti Okada no Brasil e na Sede Geral da Igreja Messiânica Mundial no Japão.

Na terceira parte foi *construído* (Joutard, 1983) um acervo de História Oral com o depoimento de quatro gestores que tiveram atuação destacada no processo de institucionalização da AFRICARTE e vivenciaram todo o processo de implantação e desenvolvimento do método de Agricultura Natural em Angola.

Os entrevistados foram selecionados devido à relevância e a particularidade de suas informações, visto que o trabalho se propôs a analisar uma possível relação entre a Igreja Messiânica Mundial e a AFRICARTE, assim como a utilização do método de Agricultura Natural como estratégia de expansão da fé messiânica. Para atender os objetivos do trabalho foram escolhidos os seguintes gestores do projeto:

- Francisco Jésus Fernandes, Brasileiro, nascido em 1946. Faleceu no dia 14 de abril de 2010 e até esta data ocupava os cargos de Vice-presidente da Igreja Messiânica Mundial do Brasil e Presidente da Igreja Messiânica Mundial de Angola.
- Cláudio Cristino leal Pinheiro, Brasileiro, nascido em 1973, Vice-Presidente da Igreja Messiânica Mundial de Angola.
- Hiroshi Ota, Japonês, nascido em 1967, Coordenador de Pesquisa do “Centro de Pesquisa da Fundação Mokiti Okada” no Brasil.
- Marques Zambu Bambi, Angolano, nascido em 1956, engenheiro agrônomo, responsável técnico do projeto.

Nome	Nascimento	Função	Entrevista
Francisco Jésus Fernandes	1946-2010	Presidente/AFRICARTE	02 horas
Cláudio Cristino Leal Pinheiro	1973	Vice-presidente/AFRICARTE	02 horas
Marques Zambu Bambi	1956	Coordenador Técnico	02horas
Hiroshi Ota	1967	Coordenador de Pesquisa	02horas

Quatro interesses orientaram a confecção dos roteiros das quatro entrevistas. I Por um lado, o objetivo era identificar como se desenvolveu o processo de implantação da Agricultura Natural em Angola, *construindo* um arquivo oral que fornecesse subsídios para uma história institucional. Por outro, os depoimentos seriam válidos para uma reconstituição das trajetórias profissionais dos gestores, necessárias para identificar a existência de vinculação entre esses gestores, a relação desses gestores com a prática da Agricultura Natural e com a Igreja Messiânica Mundial. Finalmente, os depoimentos seriam elementos úteis para uma investigação sobre os avanços e entraves enfrentados durante a implantação e desenvolvimento do método de Agricultura Natural através de hortas caseiras em Angola. Com isso, surge a possibilidade de se identificar perspectivas e contribuições do método de Agricultura Natural na questão da redução da fome e miséria no país.

As entrevistas foram realizadas em 2010 na Sede da Fundação Mokiti Okada no Rio de Janeiro.

Os depoimentos e os documentos que compõe o repertório deste trabalho foram analisados após a aplicação da técnica de *Saturação*.

O fechamento amostral por saturação teórica é operacionalmente definido como a suspensão de inclusão de novos participantes ou informações, quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, certa redundância ou repetição não sendo considerado relevante persistir na coleta de dados. Em outras palavras, as novas informações fornecidas pelos participantes da pesquisa pouco acrescentariam ao material já obtido, não mais contribuindo significativamente para o aperfeiçoamento da reflexão teórica fundamentada nos dados que estão sendo coletados

(FONTANELLA, 2008).

A *Avaliação da Saturação Teórica* se propôs neste trabalho a ser um processo contínuo de análise dos dados, começado já no início do processo de coleta. Tomou como base as questões colocadas aos entrevistados, que refletem os objetivos da pesquisa, essa análise preliminar buscou o momento em que pouco de substancialmente novo aparece, considerando cada um dos tópicos abordados (ou identificados durante a análise) e o conjunto dos entrevistados.

Torna-se importante relatar que o conceito de saturação teórica é amplamente utilizado em pesquisas qualitativas na área da saúde, sendo invariavelmente citado em estudos metodológicos que contemplam o tópico amostragem intencional. O conceito encontra-se respaldo científico no pressuposto da constituição social do sujeito que, na *Teoria das Representações Sociais*, reflete-se no conceito de determinação social das representações individuais e, na *Análise do Discurso*, no conceito de determinação histórica e social das formações discursivas e da fala (FONTANELLA et AL 2008).

Amostragem por saturação se mostrou uma ferramenta conceitual de inequívoca aplicabilidade prática, foram realizadas sucessivas análises paralelas à coleta de dados documentais que serviram para nortear sua finalização.

Foi considerado indiretamente como *O Ponto de Saturação* da amostra o referencial teórico usado pelo pesquisador e do recorte do objeto. Diretamente foram considerados os objetivos definidos para a pesquisa, o nível de profundidade a ser explorado, que depende do referencial teórico, e da homogeneidade da população estudada.

Entretanto, por ser uma ferramenta inerentemente influenciada por fenômenos cognitivos e afetivos do conjunto, pesquisador e entrevistados, na prática da pesquisa qualitativa o encontro desse ponto de saturação está sujeito a imprecisões.

Com isso, foi considerado fundamental nesta pesquisa, o rigor científico e a transparência no decorrer do trabalho como a confecção do repertório, do roteiro de entrevista e no conjunto de fatores identificados que possam ter contribuído para a decisão de um determinado ponto de saturação amostral.

Procurou-se evitar a simples menção à utilização desse recurso metodológico, algo possivelmente representativo de uma ilusão de transparência de um procedimento complexo, que contribui decisivamente para a validade científica do instrumento de coleta e análise de dados.

O acervo de História Oral, com os depoimentos destes quatro gestores, encontra-se gravado em mídia áudio visual (DVD) e digitalizado. Além disso, as quase 08 horas

de gravação foram transcritas e sofreram conferência de fidelidade. As Fichas Técnicas e o conteúdo das entrevistas encontram-se no anexo deste trabalho.

Todo este material está disponível para consulta na Biblioteca da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz no Estado do Rio de Janeiro. Cada uma das três partes que compõem este repertório é iniciada com breve apresentação informando ao leitor como se organiza. Ele é concluído com um índice remissivo temático e outro onomástico. O primeiro relaciona documentos ou grupos de documentos e o acervo de depoimentos orais a partir dos objetivos específicos que orientaram a elaboração do roteiro de entrevista utilizado nesta pesquisa.

Segundo Pereira Neto (1997) o Índice Remissivo Onomástico precisa reunir as referências a determinados nomes importantes e recorrentes no material coberto por um repertório. Nesse caso, optou-se por identificar alguns líderes do movimento associativo da AFRICARTE que tiveram papel de destaque no processo de implantação e desenvolvimento do método de Agricultura Natural em Angola (2000-2010), estando, portanto, presentes tanto nos depoimentos orais quanto nos fundos documentais. Os nomes dos 04 gestores da AFRICARTE estão acompanhados dos cargos que ocuparam em seus respectivos momentos. Todos os quatro nomes que compõem este índice onomástico estão listados em ordem alfabética, pelo sobrenome.

Os entrevistados assinaram um “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, autorizando a utilização de seus depoimentos nesta pesquisa. A confecção desse documento foi orientada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, com o protocolo N° 02/09 – CAAE: 0002.0.031.000-09, e foi considerado aprovado para sua realização. Pessoas ou instituições interessadas em adquirir gratuitamente um exemplar do repertório de fontes documentais para que possa servir como embasamento de novas experiências com a prática do método de Agricultura Natural, devem procurar a Biblioteca da ENSP/FIOCRUZ.

Um dos fatores limitantes para a realização da pesquisa foi condição do autor principal da pesquisa ser um sacerdote da Igreja Messiânica Mundial do Brasil e funcionário do Centro de Pesquisa Mokiti Okada (CPMO). Essa condição proporcionou um relacionamento próximo com os gestores da AFRICARTE, do CPMO e da Igreja Messiânica Mundial. O pesquisador foi um ator dentro do próprio processo de construção do projeto agrícola em Angola. Por essa razão, foi um observador participante e que tal posição impôs alguns limites a esta pesquisa, começando pela

discutível isenção do próprio pesquisador. Outro obstáculo enfrentado durante a pesquisa foi à falta de experiência na aplicação do método de História Oral, o qual exigiu do pesquisador um estudo profundo da técnica e uma importante orientação focada nos objetivos do trabalho.

CAPÍTULO III - A HISTÓRIA AGRÁRIA DE ANGOLA E A SUA CONTRIBUIÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA REPÚBLICA DE ANGOLA.

3.1 - Introdução

Este capítulo se propôs a resgatar a história agrícola de Angola com o objetivo de contextualizar a inserção do trabalho realizado pela Associação para o Desenvolvimento da Agricultura Natural e Cultura Africana (AFRICARTE) em Angola. Como resultado dos impactos do longo período de conflitos pelo qual passou o país, houve dificuldade em se encontrar documentos oficiais do governo de Angola, assim como se observou a falta de documentos institucionais e de relatórios de atividades desenvolvidas pela AFRICARTE. Com isso, inicialmente, foi necessário realizar uma profunda e minuciosa revisão bibliográfica sobre a história agrária de Angola.

O presente capítulo teve como objetivo fazer uma abordagem inicial sobre cultura agrícola adotada no continente africano pelos povos Bantus. Principalmente na região atualmente chamada de Angola. O capítulo buscou em seguida descrever o panorama agrícola de Angola durante e após a sua colonização, com ênfase a partir do século XX, momento em que Portugal ocupou mais intensamente o interior de Angola. O capítulo também se propôs a relatar os impactos causados ao desenvolvimento agrícola pela guerra de Independência e pela guerra civil no país. Após esse resgate histórico, o capítulo descreveu o caminho tomado pelo governo até a construção da Nova República e apresentou o cenário atual de Angola.

3.2 - O contexto Angolano

Angola tem sua denominação originária do aportuguesamento do nome do Rei Ngola, do Reino Ndongo, que se localizava, no século XVII, próximo de onde se encontra Luanda, a capital do país. Essa região abrigou diversas etnias, com variados reinos, sendo a grande maioria deles pertencentes aos povos *Bantus*. Angola é um país com uma grande diversidade climática, demográfica, biológica, social, cultural e étnica.

De acordo com o relatório do MINUA (2006)⁸, o país possui uma grande extensão geográfica, cobrindo uma superfície de 1.246.700 milhões km² e com uma população estimada atualmente em cerca de 15 milhões de habitantes. O país tem duas

⁸ Relatório do Estado Geral do Ambiente em Angola – Ministério de Urbanismo e Ambiente de Angola (MINUA) de 2006.

estações climáticas: uma estação seca, menos quente, chamada de *Cacimbo*, menos quente que se desenvolve no período de Maio a Setembro e outra mais quente caracterizada pelas chuvas e que compreende os meses de Setembro a Abril⁹. Angola possui uma grande bacia hidrográfica, onde o rio Cuando corre de norte para sul e paralelo a este e entrando na Namíbia e na Zâmbia o rio Cubango e o rio Cuíto. De leste para oeste, corre ao sul o rio Cunene, ao sul de Luanda o rio Cuanza e ao norte da capital fluem os rios Bengo e Dange. No Nordeste também existe uma importante rede hidrográfica com rios que nascem em Angola e deságuam em outros países vizinhos como o rio Zambeze, um dos maiores da África, que lança suas águas em Moçambique. No norte de Angola, temos o rio Zaire, que juntamente com rios que correm de sul para norte, vão desaguar no Zaire, marcando ao norte a fronteira com a República Democrática do Congo (MINUA, 2006).

No país existem três zonas agro-ecológicas principais (Figura 1): o norte, o sul e o planalto central, que correspondem às áreas com as principais características climáticas e geográficas do país. Os solos na região norte e no planalto central são férteis. No norte predomina um clima úmido, no sul um clima semi-árido e no planalto central o clima úmido com algumas áreas semi-áridas de transição climática entre o norte e o sul. No sul de Angola predominam a pecuária e o cultivo de milho, com áreas onde este produto é substituído por outros cultivos como a mandioca, feijão macunde, além de outros cereais típicos da região como *Massambala* e o *Massango*. O sul é uma região de poucas chuvas e densidade demográfica mais baixa que o resto do país. Nas províncias do Norte (Uíge, Kwanza Norte, Zaire, Malange) o padrão de cultivo é variado. No Nordeste predomina o plantio da mandioca, do milho, do feijão e do amendoim. No planalto central predomina o cultivo do milho e do feijão. O país possui recursos naturais substanciais, vastos recursos marinhos e fluviais, extensas áreas de floresta, assim como grandes reservas de petróleo e gás natural, minerais valiosos e particularmente diamantes. O país tem um importante potencial hidroelétrico, com chuvas anuais que excedem 1.000 mm (PAIN, 2007).

⁹ O regime das chuvas e a variação anual das temperaturas são duas características climáticas comuns a todas as regiões geográficas do país (MINUA, 2006).

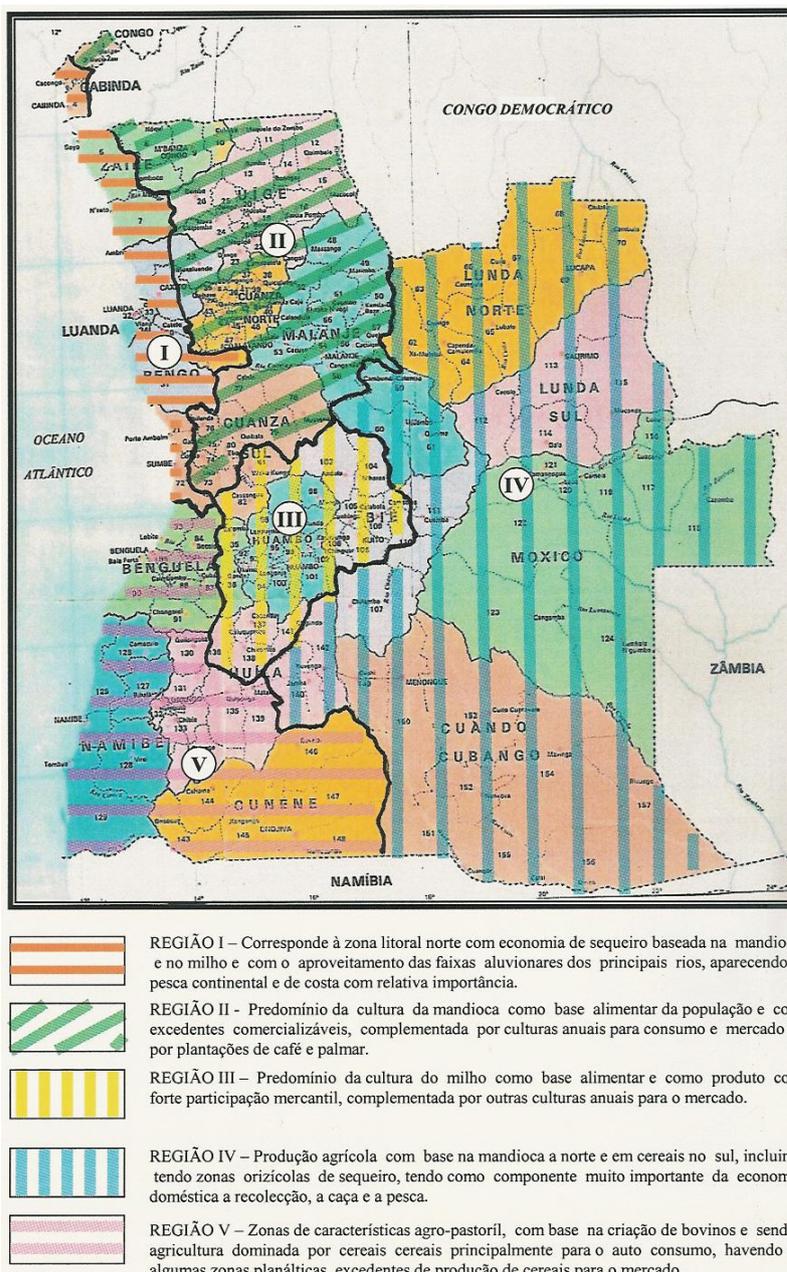


Figura 1. Mapa das regiões agrícolas de Angola - Relatório do Estado Geral do Ambiente em Angola – Ministério de Urbanismo e Ambiente de Angola de 2006.

Observa-se que apesar da vasta biodiversidade, o espaço geográfico com todo o seu potencial natural foi pouco utilizado, os portugueses não tinham interesse no desenvolvimento agrário da região até o início do século XX. A presença portuguesa se fazia presente apenas no litoral, seu foco estava direcionado para algo mais rentável como a disputa por terras férteis e a captura de escravos no interior do país.

3.3 - A Agricultura Colonial em Angola

Estudos de Pain (2007) relatam que é imprecisa a época que teve início a prática da agricultura na região, que hoje compreende a República de Angola. O autor relata que no Congo, no Ndongo, na Matamba e entre os povos de etnia *Ovimbundu*,

localizados no Planalto Central de Angola, a terra e os seus produtos pertenciam à comunidade e que os principais instrumentos de trabalho agrícola eram a enxada, as foices e as facas. Neste período as mulheres eram responsáveis pelo trabalho de campo e pela manutenção das plantações, enquanto os homens preparavam o terreno para as sementeiras.

Com a chegada dos portugueses houve um importante impacto nas relações sociais das populações locais. Os portugueses aprisionaram diversas famílias, tendo como objetivo principal a exportação de escravos. Até basicamente o início do século XX, Portugal se fazia presente apenas no litoral. Naquele momento, não era intenção dos portugueses a ocupação do interior de Angola. As incursões pelo interior tinham apenas o objetivo de capturar os habitantes para vendê-los como escravos, visto que o comércio de escravos era altamente lucrativo (PAIN, 2007).

Estudos de Mendes (1966) realçaram que no século XVI, os portugueses estavam concentrados em Luanda, mas começavam a se espalhar ao longo da costa e a penetrar no interior do país. Afonso Mendes, importante gestor da administração colonial, afirmava que outros fatores contribuíram para a ocupação tardia¹⁰ do interior de Angola, como à limitada capacidade de transporte dos seus navios e a constituição geomorfológica de Angola. O país é formado por um extenso planalto em seu interior e separado do oceano por uma montanha marginal com altitude média de 1700 metros.

Trabalhos de Parreira (1990) relataram que nos últimos anos do século XVII, começaram a surgir no norte de Luanda algumas hortas, plantações de cana-de-açúcar, tabacos e frutas que pertenciam a colonos e jesuítas, que faziam uso da mão-de-obra escrava. Nesse período, a produção e o consumo de alimentos eram destinados para a subsistência das famílias camponesas e o excedente era utilizado para garantir o funcionamento das instituições sociais do governo colonial.

Segundo Pain (2007), no século XVIII tem início uma concorrência entre Portugal e outros países da Europa para ocupar as regiões de Angola. Segundo o autor essa concorrência aliada a uma resistência dos povos que ocupavam as regiões do Planalto e a falta de alimentos na colônia fez com que alguns governadores portugueses buscassem estimular a produção agrícola como forma de fortalecer a ocupação colonial.

¹⁰ O número e a limitada capacidade de transporte dos seus navios, aliados à morosidade das viagens, essas dependentes de impulsos dos ventos e das correntes, foram entraves à ocupação e ao povoamento efetivo dos territórios descobertos. Angola ainda foi afetada pelos chamados ciclos da pimenta e do açúcar que atraíram boa parte dos esforços portugueses para o Oriente e para a América Portuguesa. Dessa maneira, Portugal se fazia presente em território africano, apenas quando seus navios, que seguiam para o Oriente, faziam escalas em portos de seu litoral (MENDES, 1966).

Contudo, essas medidas não foram suficientes para desenvolver a agricultura e garantir a alimentação básica da colônia¹¹. Com isso ocorreram períodos intensos de fome como nos anos de 1783, 1799 e 1816.

De acordo com Matias (1997) durante o século XVIII houve um aumento do interesse da administração colonial portuguesa na tentativa de colonização do interior de Angola e que esse interesse aumentou com a independência do Brasil, no século XIX. Segundo o autor, no final do século XIX, mais precisamente em 1881, como conseqüências das tentativas de ocupação do interior do país e da utilização de mão de obra escrava acontecem diversos conflitos de terras. Nesse período de conflitos, segundo o autor, ficou claro que a administração colonial optou pelo esmagamento das revoltas ou pela substituição dos líderes indígenas, os *Sobas*, por outros mais dóceis aos interesses do poder.

Segundo Bittencourt (2003) a presença portuguesa no território angolano se tornou mais presente após o processo de Conferência de Berlim (1884/1885). De acordo com o autor a corrida para África já estava lançada antes da Conferência e realça que o encontro pretendia regular os interesses e impedir o desentendimento entre as nações européias. O autor cita que estudos dos africanistas o Robert Cornevin e Yves Person (1999), também não consideraram que o objetivo da Conferência tenha sido a partilha da África. De acordo com os autores na Ata Geral da Conferência de Berlim constavam temas e questões relacionados à liberdade do comércio, a navegação nos rios Congos e Níger e na interdição da escravatura.

Estudos de Pain (2007) citam trabalhos do autor Boubacar Barry, onde ele realça que ao analisar a conquista colonial no final do Século XIX, ele pode verificar que a colonização contribuiu para uma ruptura na transmissão da história pela via da tradição oral. Dessa maneira, o colonizador português elaborou uma forma específica para escrever a história, com base em uma sociedade colonial que surgia e se alimentava com o passado da Europa e da África. O autor demonstrou em seus estudos que essa política de colonização portuguesa era baseada em uma ocupação que pudesse garantir a sua soberania e que para isso seria necessário domesticar a população negra local e estimular a instalação de agricultores portugueses no interior do país.

Segundo Bender (1980) a incapacidade dos sucessivos regimes portugueses para atrair agricultores portugueses para Angola, desencadeou uma série de inúteis tentativas

¹¹ Nos anos 1950, com as pressões anti-coloniais sobre Portugal após a Segunda guerra mundial, há certa imposição para a mudança de nomenclatura de expressões como “Colônias” e “Império” para “Províncias” e “Ultramar”. Nesse trabalho vou procurar usar todas as formas, de acordo com que os autores abordaram dentro de seu contexto histórico.

de usar deportados para a colonização no interior do país. Por outro lado, a ausência da mão de obra angolana tinha como motivação as condições insalubres de trabalho, a fraca densidade populacional e uma difícil adaptação desse trabalhador a um serviço contínuo e regular.

No início do século XX aumenta ainda mais a preocupação portuguesa em penetrar e desenvolver o interior angolano. Nos anos vinte, já no regime Salazarista¹², a metrópole instituiu uma política de extração de excedentes agrícolas e minerais das colônias, com o objetivo de fornecer matérias primas para as indústrias portuguesas. De acordo com Galli (1987), esses produtos eram vendidos nos mercados mundiais em troca de divisas que ajudassem a equilibrar a balança comercial portuguesa.

Neste contexto, submetida a uma pressão que provinha do exterior, Portugal necessitava justificar sua presença na África. Para responder a pressão e ganhar credibilidade de outros países, Portugal começou a fazer um saneamento financeiro das colônias para demonstrar transparência e rigor da administração colonial. Houve um controle maior das redes ferroviárias em Angola por parte do Estado, assim como uma política mais vigorosa de colonização.

De acordo com Galli (1987), Salazar aumentou os preços de importação de produtos como o algodão, o açúcar e os óleos vegetais, com o objetivo de estimular o comércio com Portugal. O autor salienta que foi uma política de mercado administrada com pouco investimento na produção rural, mas, que manteve os níveis de exportação. Na década de 1940, Portugal permite que os preços das mercadorias diminuam em relação aos preços do mercado mundial. De acordo com o autor, nesse período, O regime português obrigou os camponeses a cultivar produtos como o algodão, açúcar, os derivados da palmeira, o sisal e o chá em Angola, fazendo surgir uma legislação de trabalho que era uma forma moderna de escravatura.

Pain (2007) realça que diante das políticas portuguesas de ocupação e utilização da terra e da necessidade de atrair colonos europeus para Angola, surgiram duas correntes de pensamento sobre como investir nas terras coloniais. Um dos grupos defendia a intervenção direta do Governo, selecionando os futuros colonos e facultando-

¹² Salazar começou a desenvolver seu poder em Portugal já nos anos 1920. A Constituição do “Estado Novo” que ele redigiu em 1932 criou um regime “corporativo” nos moldes do que Benito Mussolini acabara de instituir na Itália. Apesar de vernizes fascistas como a lei trabalhista de proibição de greves inspirada em Mussolini e a implacável polícia secreta, o Estado Novo era essencialmente um regime autoritário católico. Salazar sempre demonstrou extrema aversão pela mudança. O confinamento de Portugal a padrões econômicos e sociais tradicionais foi deliberado. Arcaico e isolado, rejeitando a industrialização por considerá-la um arauto de conflitos de classe e problemas trabalhistas, glorificando uma tradição folclórica e camponesa, o Portugal salazarista estava firmemente escorado contra o Século XX. A maioria da população ainda era agrícola e o regime promovia a família como fonte primária da harmonia social (Maxwell, 2006: 35-36).

lhes transporte gratuito, terra, animais, habitação sementes, subsídios e apoio técnico. O outro grupo argumentava que a colonização deveria ser livre ou espontânea, onde colonos seriam responsáveis pela sua subsistência.

De acordo com Bender (1980), essa teoria da colonização livre e espontânea exigia como contra partida da Metrópole a utilização dos fundos do Governo para motivar o povoamento rural das colônias pelos portugueses. Para isso seria importante o desenvolvimento de uma infra-estrutura na colônia africana, para que os emigrantes portugueses que estavam destinados a outras partes da Europa e das Américas, fossem atraídos para Angola. Segundo o autor, no início do século XX, Portugal utiliza como estratégia os assentamentos planejados, os quais podem ser divididos em três períodos de ocupação: o primeiro período entre 1900-1950, período onde se pretendia transplantar a vida rural portuguesa para Angola. O autor salienta que nesse período apareceram diversos obstáculos aos assentamentos como a infestação da terra por insetos, o pouco desenvolvimento do capitalismo naquela região, assim como o pouco interesse pela atividade agrícola demonstrado pelos colonizadores portugueses¹³. Parte desses colonos teriam sido agricultores mal sucedidos na metrópole e com isso tiveram dificuldades em se adaptar a cultura africana, aos novos cultivos e ao clima¹⁴. O autor cita que muitos desses colonos tinham a idéia de que iriam para Angola com a esperança de fazerem fortuna rapidamente e não para serem residentes. Mas de acordo com o autor os colonos portugueses tinham baixa qualificação, eram pobres, rudes, analfabetos e sem recursos. Além de tudo isso, a assistência recebida do Governo pelos colonos desencorajava muitas vezes a iniciativa do indivíduo de se tornar um agricultor independente e bem sucedido. Na persistência em convencer os metropolitanos a povoarem Angola, o governo oferecia inicialmente diversas vantagens e promessas como passagem gratuita para Angola, casa, móveis, gado, sementes, terra e um subsídio para um período inicial¹⁵. Muitas dessas promessas não foram cumpridas, tornando o

¹³ Segundo Galli (1987), em 1914 havia apenas treze mil colonos portugueses em Angola, sendo que a maior parte dos colonos nunca tinha trabalhado na agricultura antes de chegar à Angola. O desinteresse pela atividade agrícola vinha de colonos que já tinham experiência com agricultura em Portugal, mas, tiveram dificuldades para desenvolverem a agricultura na Província.

¹⁴ Galvão afirmava que os agricultores metropolitanos, agarrados aos seus preconceitos, à sua experiência metropolitana, falhavam na agricultura colonial. Nem sempre o homem que foi agricultor na metrópole, necessariamente seria um bom colono agricultor nas colônias (Galvão apud Bender, 1980: 177).

¹⁵ Tais subsídios eram habitualmente iguais ou menores do que o rendimento que o colono conseguia com os seus trabalhos na metrópole e, por vezes, eram suficientes para pagar a mão de obra africana, “poucos são os colonos que, podendo, não descarregam para cima dos ombros do indígena o menor esforço físico”(Mendes apud Bender, 1980:180). Norton de Mattos sentia repulsa por este padrão que chegou a defender a proibição da mão de obra africana, porque logo que o colono tinha africanos ao serviço, deixava de trabalhar e transformava-se em patrão (Bender, 1980:180). Existia uma idéia de que só os

colono dependente do Estado Português. Segundo Bender “essa situação fez do colono mais um funcionário do que um agricultor independente” (1980: 180).

Durante o período de 1900 a 1950, ficou clara a disposição de Portugal em criar as condições necessárias para o desenvolvimento agrário em Angola. Para isso, seria necessário que Portugal investisse em infra-estrutura para o país, que permitisse os colonos escoarem a produção para os mercados consumidores. Mas, isso não aconteceu, até meados da década de 1920-1930, Angola não dispunha praticamente de estradas ou de caminhos de ferro, o que significava que os colonos tinham que transportar os seus produtos agrícolas do interior, por meio de dispendiosos carros de bois ou de carregadores africanos, para as áreas urbanas do país.

O segundo período apontado por Bender (1980) compreende os anos de 1951 a 1960, período caracterizado pelo aumento do número de opositores ao assentamento planejado, devido às experiências e os entraves vivenciados no passado. Mas, segundo o autor, continuava existindo, entre os funcionários oficiais, a convicção de que o programa poderia ser útil se houvesse uma infra-estrutura que tornasse os assentamentos mais viáveis, melhor localizados, com a utilização de terras férteis e com uma seleção mais cuidadosa dos colonos. Na afirmação de Bender em 1980 sobre esse período podemos verificar que as dificuldades de colonização do interior persistiam:

“apesar de Portugal ter convencido uma grande parte de camponeses a emigrar para Angola, os dois problemas mais importantes, que já aconteciam antes de 1950 como a fraca seleção dos colonos, a falta de experiência e preparação desses colonos e a má qualidade das terras, continuaram a prejudicar as estratégias de colonização planificada em Angola. Para agravar a situação e contrariando as intenções do Governo, os colonos continuavam a se estabelecer nas cidades de Angola, em especial, Luanda, e não no interior” (BENDER, 1980: 187).

Bender (1980) em seus estudos continuou demonstrando os entraves enfrentados por Portugal para ocupar as colônias e coloca como outro aspecto relevante o impedimento do trabalho agrícola dos africanos, que segundo ele, foi um que fato impediu o sucesso da missão civilizadora de Portugal e que dificultou a defesa da política multirracial que afirmava desenvolver na África. Segundo Bender, pelo contrário, os colonos segregaram ainda mais a sociedade rural angolana, fato que acabou aumentando o ressentimento da população local contra os colonos brancos. O autor afirmou que "nos primeiros anos da década de 1950, o governo decidiu criar

grandes assentamentos agrícolas em Angola, com a idéia de transformar o conhecimento tradicional autóctone de cultivo, nas práticas agrícolas portuguesas (1980: 148-152).

Um documento emitido pelo governo provincial de Angola em 1951 dizia que:

“não se ignoram as dificuldades que o problema se apresenta, pois no fundo trata-se de modificar sistemas ancestrais de cultura e transformar os cultivadores nômades em verdadeiros agricultores. Tal obra, por certo, não se processa em prazo curto, mas, antes, há de exigir uma continuidade de esforços e dedicação sem limites, por longo tempo, a todos quantos nela cooperarem” (ANGOLA, 1951: 105).

De outra maneira, contrapondo o documento provincial de Angola o sociólogo brasileiro, Gilberto Freyre, afirmou baseado no trabalho realizado pelo professor Henrique de Barros, que:

“entre os usos indígenas, que mais e melhor carecemos de entender, figuram os que dizem respeito à cultura da terra. Só agora, talvez haja não menos de duas dezenas de anos, o europeu ou os seus descendentes começaram a aperceber-se deste fato singular: que os seus conhecimentos de fazer agricultura nas regiões temperadas do globo não serviam para os trópicos (...) que a mera transplantação para terras tropicais da sua arte e da sua técnica acaba quase sempre por ocasionar a depredação da fertilidade da terra, senão mesmo a irreversível esterilização” (1961: 06).

Com essa declaração, Freyre, salienta que o progresso agrícola apenas seria possível nas zonas tropicais se apoiado em um estudo profundo das condições de equilíbrio biológico que existiam entre o solo, as plantas, os animais e os homens, antes da intervenção dos europeus (FREYRE, 1961).

O último período apontado por Bender (1980), esta compreendido entre os anos de 1961 a 1968. Nesse período, segundo o autor, foi marcado pelo início da guerra de libertação colonial em Angola, em 1961. Acontecimento que favoreceu a uma maior integração nos colonatos, sendo criadas comunidades multirraciais em Angola¹⁶. Segundo o autor a inclusão de africanos no programa de povoamento rural planificado tinha uma explicação tanto econômica, como política. A produtividade agrícola africana declinara antes da guerra por uma variedade de razões derivadas dos seus padrões tradicionais de cultivo móvel e agravadas pela confiscação europeia das suas terras em algumas áreas. Mesmo com os preços extremamente baixos que eram pagos pelos seus

¹⁶ As comunidades contaram também com a presença de colonos vindos de Cabo Verde.

produtos, a situação do país forçou muitos angolanos, especialmente os do Planalto Central, a emigrarem em busca de trabalho nas áreas rurais¹⁷.

3.3.1 – Culturas agrícolas no período colonial

Diversas culturas eram produzidas em Angola no século XX. Todavia, como em outros lados da África colonial, a ênfase na produção era dada no crescimento dos produtos de exportação, e isso gerou um correspondente declínio no cultivo de produtos alimentares (DAVIDSON, 1974).

Em 1964, Araújo indicava o Estado como responsável para “(...) desenvolver a ação conveniente no sentido de facilitar a associação dos mesmos agricultores, bem como a estruturação e consolidação das respectivas cooperativas” (1964: 2002).

No entanto, pode-se perceber a dificuldade do Estado colonial em desenvolver a agricultura em Angola, sendo tarefa mais difícil conseguir dar uma maior organização cooperativa naquela região. Após a Segunda Guerra Mundial as cotações do café elevaram-se. O café era a cultura mais rentável para Portugal, chamado de “jóia da Coroa”. A necessidade de mão de obra exigida para essa cultura era semelhante com a vinha, esse fato ajudou na relativa adaptação dos colonos. Mas, os declives da zona do café impediam quase totalmente a mecanização e os cerca de cinco anos de espera até dar rendimento também representavam grandes inconvenientes (FEIO 1998).

Em 1941, os agricultores nativos chegaram a produziram 39% da colheita total. No entanto, tudo isso mudou com a subida do preço do café no período pós-guerra. A área cultivada elevou-se de 120.000 hectares em 1948, para 500 000 ha, em 1961. A produção de 1960 foi de 87.000 toneladas. Angola tornou-se o maior fornecedor mundial de café robusta. Existiam simultaneamente plantações em grande escala e pequenas fazendas familiares juntamente com os 263.300 pequenos proprietários africanos. Em meados da década de 1960, Mendes dizia que a agricultura contava com 56,8% de toda mão de obra rural e os trabalhadores distribuíam-se irregularmente pelas diferentes culturas. A cafeicultura era a principal atividade absorvente de mão de obra com 42,9% de todos os trabalhadores rurais. A seguir, mas com significativa diferença, estavam as culturas do sisal com 11,0%, da cana sacarina (2,9%), da palma (1,2%) e tabaco (0,6%). As pequenas fazendas dos colonos funcionavam ao mesmo tempo como postos comerciais e como empresas agrícolas. Os produtores locais trocavam o seu café

¹⁷ Muitos angolanos deixaram de fato Angola em busca de trabalhos mais bem remunerados como no Zaire (hoje República Democrática do Congo), na Namíbia e na África do Sul. Depois de 1961, a grande maioria dos africanos das zonas de combate ao norte do Rio Cuanza fugiu para o Zaire ou escondeu-se no mato (Bender, 1980).

por bens de consumo e de produção aos colonos/comerciantes brancos. Em 1974 foram exportadas 217.532 toneladas de café (GALLI, 1987).

Dentro desse contexto, a paz social nos meios rurais no Norte cafeeiro de Angola foi muito afetada pela corrida ao café por parte dos colonos. Os direitos das populações autóctones sobre os terrenos por elas ocupados e explorados foram dramaticamente atropelados, diminuindo muito as suas terras e criando um clima de grave conflito (FEIO 1998).

A par disso, antes de 1961 as autoridades portuguesas não encorajavam o cultivo de bens alimentares para forçar o aparecimento de mão de obra abundante e barata. Outras culturas também foram importantes na produção agrária em Angola no período colonial. O sisal era depois do café, a cultura de maior entusiasmo entre os colonos, estimulados pela fácil colocação da fibra e preços remuneradores. Os altos preços que esta cultura atingiu a seguir à Segunda guerra mundial também atraíram a população de colonos, particularmente no Planalto de Benguela, aonde chegou a concentrar-se 60% da produção.

Em 1953, Angola apresentava um baixo consumo interno, mas, tinha grande parte de suas áreas cultiváveis em produção. Com isso, em 1961, Angola tornou-se o segundo maior produtor de café da África, de 23.000 toneladas em 1961 passou para 66.719 toneladas em 1974 (GALLI, 1987).

O Algodão é uma cultura antiga e tradicional praticada basicamente pelos autóctones. Também havia um setor de assistência técnica desenvolvida pela Junta de Exportação de Algodão, através de “Brigadas técnicas”, instaladas nas regiões algodoeiras e dirigidas por regentes agrícolas, sob superintendência de um agrônomo. O milho estava em sua grande zona econômica, o planalto de Benguela e na área Ovimbundu do centro de Angola. A grande massa da produção ficava com a população autóctone, cerca de 400.000 toneladas, mas havia também muitos agricultores europeus. O milho, em 1953, em termos de tonelagem era o primeiro produto da exportação angolana. Em 1973, os camponeses Ovimbundus produziram 700.000 toneladas de milho. A cana de açúcar concentrou-se na planície costeira do norte e centro de Angola, em plantações em grande escala e possuía apenas três grandes empresas de exploração. Essas empresas tinham as suas açucareiras situadas nas margens do Rio Dande, Cuanza, Catumbela, Cavaco e Coropolo. Em 1953, Angola possuía uma área cultivada de 10.174 ha, com cerca de 8.700 há para a cana para corte (GALLI, 1987).

3.3.2 - Sistema dual de produção em Angola: agricultura empresarial e agricultura tradicional.

Ao longo do colonialismo português no século XX, surgiram dois modelos agrícolas com finalidades diferentes: uma agricultura empresarial, dirigida pelos colonos e por alguns assimilados e uma agricultura tradicional, de base autóctone.

De acordo com Cardoso (2004), no que diz respeito aos dois sistemas de produção utilizados pelo colonizador naquele momento, a agricultura empresarial, que era baseada no modelo europeu, tinha como característica um limitado número de produtos, com tendência para uma diversificação em função das exportações. Com isso produziu valiosos bens de exportação, que por sua vez produziram reservas de divisas para a política monetária e solvência internacional de Portugal.

Ao contrário, a agricultura tradicional, procurou garantir a subsistência do povo, revelava uma importante preocupação em gerar excedentes para o processo de permuta e um desejo crescente pela procura de bens que não podiam produzir. O sistema tradicional participou na produção dos bens de exportação e forneceu alimentos básicos para o mercado interno.

Pacheco (2004) salienta que esse sistema “dualista”, que adotou modelos agrários distintos, trouxe também padrões culturais, sociológicos e econômicos diferenciados. De acordo com o autor, esses padrões divergem em seus objetivos, nas formas de representação social da terra, no relacionamento entre as unidades de produção e agrupamentos humanos a ela ligados. Além disso, modifica a postura do país perante o mercado com mudanças na atitude perante o cálculo econômico, na visão sobre os custos de produção e dos fluxos de energia.

Segundo documento da Ação para o Desenvolvimento Rural e Ambiente (ADRA)¹⁸ de 2003, outro elemento importante na conjuntura agrária, no período colonial, logo depois de meados do século XX, foi o Programa de Extensão e Desenvolvimento Rural do Governo¹⁹ (PEDR), que tinha como objetivo o

¹⁸ “uma organização angolana não governamental, apartidária, não confessional e sem fins lucrativos (...). Angola vivia, então, um clima político favorável à mudança e à implantação de projetos alternativos, na perspectiva da construção de um novo projeto nacional. Surgiu, no novo ambiente político angolano, a necessidade sentida por um grupo de pessoas, de uma atuação qualitativamente diferente, na resolução dos graves problemas gerados pela guerra, com o propósito de contribuir para uma maior atuação da sociedade civil na consolidação da paz, reconciliação nacional, harmonização dos espíritos, reconstrução econômica e social e recuperação dos valores culturais” (ADRA, 1999: 02).

¹⁹ Programa de Extensão Rural (PER) foi desenvolvido com o objetivo de aumentar a segurança alimentar, a melhoria das condições de vida da população e a redução da dependência externa, constam das diversas orientações do Governo e estão agora consubstanciadas na Estratégia de Combate à Pobreza no meio rural, passa pela reabilitação da capacidade da produção agrária dos camponeses como elemento fundamental para a redução do desemprego, para o aumento da produção interna e para o

desenvolvimento das populações do meio rural de Angola. O programa tinha como base a transmissão de conhecimentos para as atividades voltadas para as áreas da agricultura, pecuária e economia doméstica. Dessa maneira, forneciam para a população adubos, sementes, enxadas, gadanhas e inseticidas. O Programa foi desenvolvido por agentes externos, ou seja, pelos funcionários coloniais, os quais transmitiam o conhecimento à comunidade, sem considerar a cultura local. A identificação das áreas de intervenção também era feita sem a participação da comunidade, demonstrando um grande desprezo pelo conhecimento e pelos costumes angolanos (ADRA, 2003).

De acordo com o relatório do Instituto de Desenvolvimento Agrário (IDA) de 2006, na década de 70, financiadores estrangeiros investiram na implantação de grandes programas de desenvolvimento rural em África, apoiados na ideia de que bastava ter um bom modelo para garantir o sucesso. Mas, segundo o relatório, não foram alcançados os resultados previstos e não melhoraram as condições de vida das comunidades rurais envolvidas.

Segundo o relatório do IDA/MINADER (2006), as intervenções na extensão rural, em Angola, deram início através de missões religiosas e posteriormente por organismos que prosseguiam o fomento de uma determinada cultura como os cereais no planalto central, que recebeu apoio da Junta de Exportação dos Cereais (posteriormente Instituto dos Cereais de Angola) e nas outras regiões pelos Serviços de Agricultura e Florestas. O algodão pelas companhias concessionárias e posteriormente pelo Instituto do Algodão de Angola, o café nas regiões do norte pelo Instituto do Café de Angola. Segundo o relatório, apenas no final da década de 60 que surge a Missão de Extensão Rural de Angola (ERA) que introduz uma nova filosofia de intervenção, baseada no ensino informal dos camponeses através da “vulgarização”²⁰, do fornecimento de fatores de produção e do crédito agrícola, introduzindo ainda práticas de apoio social voltadas para as atividades domésticas das famílias. A ERA teve início em áreas do município do Andulo e estendeu a sua ação para as áreas do município de Catabola,

restabelecimento dos circuitos mercantis. A implantação do PER é de responsabilidade do Instituto de Desenvolvimento Agrário (IDA) que é um órgão tutelado pelo Ministério da Agricultura e do Desenvolvimento Rural (MINADER), e tem como tarefa “assegurar o fomento, coordenação e execução das políticas e estratégias traçadas no âmbito do desenvolvimento agrário e rural”. (PER, 2006).

²⁰ Os termos “vulgarização” e “extensão” ou ainda o de “animação rural” nos países de influência francesa, são de certo modo equivalentes e foram tendo ao longo dos tempos interpretações diferentes. O sentido inicial de atividade educativa da extensão rural deu lugar em muitos casos à intervenção para levar os camponeses a agir de acordo com a política agrícola traçada para o país com a adoção de “métodos modernos de produção” ou para o fomento de determinada cultura subordinada a interesses comerciais de grandes empresas. Os baixos resultados dessa intervenção em África levou a considerar-se nas décadas de 50 e 60 que a rejeição das técnicas veiculadas pela vulgarização agrícola era resultado da ignorância dos camponeses e não da sua falta de aplicabilidade no contexto sócio econômico do mundo rural.

Bailundo e Mungo, tendo paralisado a sua intervenção em 1975 devido à agitação política e ao eclodir do conflito armado que antecedeu a proclamação da Independência Nacional.

Se por um lado os resultados do programa de extensão rural da ERA introduziram uma nova metodologia de trabalho, integrada e participativa, que conduziu à melhoria das produções e das condições de vida de parte da população das áreas em que foi executado, por outro lado os custos resultantes da forma de intervenção demasiado intensiva conduziram a uma relação custo/benefício demasiado alta e, conseqüentemente muitas regiões do país ficaram excluídas do acesso a essa nova forma de intervenção. (MINADER, 2006).

3.3.3 - O desenvolvimento rural em Angola nos últimos anos pré-independência

O período que antecedeu a independência de Angola foi marcado por diversos conflitos, dentre eles, o massacre que aconteceu no dia 04 de Janeiro de 1961, onde o exército colonial português atacou cerca de dez mil agricultores da ex-companhia de Algodão de Angola (COTONANG), que exigiam a isenção de impostos e a abolição de trabalhos forçados (DAVIDSON, 1974).

De acordo com Davidson (1974), o conflito ficou conhecido como o “massacre da Baixa de Kassange” ou a “Guerra de Maria”. O autor afirma que “foi uma revolta dos trabalhadores, e que a região é uma zona de expansão do catolicismo e o confronto teve um caráter religioso, porque no entender dos revoltosos podia-se lutar contra os colonos, pois estavam protegidos por Maria”. “No entanto, parece que nos princípios de 1961, um nativo chamado Antonio Mariano, chefe padroeiro de uma seita Cristã dissidente chamada Maria, começou uma campanha contra a autoridade européia e contra todo o sistema de obrigatoriedade no cultivo do algodão” (1974: 236).

Na madrugada de 04 de fevereiro de 1961, um grupo de mulheres e homens, munidos de paus, catanas e outras armas “brancas” atacaram a casa de reclusão e a cadeia de São Paulo para libertarem presos políticos. O regime colonial reagiu brutalmente e respondeu com uma ação de repressão em boa parte da colônia. (DAVIDSON, 1974).

Para Amadeu José de Freitas (1975), as opiniões sobre o planejamento dos ataques são muito discordantes. Com isso, o autor realça que o ataque não estava apoiado em realidades palpáveis.

A posição do ex-ministro do Planejamento e Finanças do MPLA, Saydi Mingas vai de encontro à opinião de Freitas e afirma que:

“O ataque às prisões de Luanda foi realmente fruto de um plano organizado, mas a base de todo o processo residiu, inegavelmente, nos trabalhadores. Não surgiu por acaso. Durante meses tudo foi estudado pelo falecido comandante Tomás Ferreira que esteve preso na casa de reclusão e desenhou todo o plano de assalto às prisões (...). As quatro horas da manhã foi dada a ordem de avançar (...)” (MINGAS APUD FREITAS, 1975: 67).

Ao analisar o que se passou, verificou-se que a ação não atingiu seu objetivo, visto que, os presos continuaram atrás das grades, os guerrilheiros primitivamente armados foram destroçados e as populações foram flageladas. De acordo com Davidson (1974) a autoridade portuguesa desapareceu após o conflito de 15 de março de 1961. Com isso, o Norte de Angola foi cenário de uma insurreição por parte de fazendeiros do Congo, ligados aos trabalhadores contratados das plantações locais, cujas casas estavam em outros distritos.

Segundo a Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO) em seu relatório de 1998, afirma que:

“As principais razões que levaram a rebelião estão na usurpação de terras férteis, principalmente das matas propícias à cultura do café; no trabalho forçado nas plantações dos colonos e na construção de estradas, o que incluía, por vezes, também as mulheres; no pagamento de impostos considerados injustos; e na obrigatoriedade da cultura do café em prejuízo das culturas alimentares (1998: 05).

Por consequência, após a crescente onda de manifestações que geraram a luta armada de libertação de Angola, em 1961, o governo colonial lançou uma série de reformas que chamou de “reordenamento rural”²¹ com o objetivo, de melhorar a situação da população rural, que se encontrava em estado de profunda degradação e pauperização.

Em 1961, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) efetuou um inquérito em face de denúncias em relação ao trabalho forçado em Angola, que resultou em uma revisão de sua política por parte do governo colonial. Essa revisão originou a aprovação do Código do Trabalho Rural²², que estabelecia o princípio da liberdade de trabalho e a

²¹ “um processo de melhorar as condições de vida das populações rurais, sob os aspectos econômico, social e cultural, realizando com a participação ativa das mesmas populações e sob orientação e com a colaboração dos diversos órgãos de administração pública e, quando necessário, por iniciativa desses” (RPA, 1991: 2).

²² O Código do Trabalho Rural estabelecia ainda a existência do contrato de trabalho, que tinha como característica a deslocação forçada e obrigatória dos trabalhadores agrícolas em regime de “contratado” para diferentes áreas do território, ou seja, fora do seu habitat, longe de suas origens étnicas, sociais e

da não discriminação.

De acordo com Galli, “a legislação que separava africanos rurais indígenas de africanos brancos, crioulos, colonos brancos e administradores coloniais foi abolida, bem como a prática de trabalhos forçados. Estabeleceram-se medidas destinadas à melhoria dos níveis de vida tanto das populações rurais, como das populações urbanas, medidas essas que incluíam certos tipos de desenvolvimento rural. O objetivo era o mesmo, ou seja, explorar os recursos humanos e materiais das colônias. Em Angola, trouxe também uma rápida urbanização e o alargamento das oportunidades educacionais e de emprego tanto para os imigrantes brancos, como para os africanos” (1987: 123).

De acordo com documento da República Popular de Angola (RPA) de 1991, com essa reordenação rural, o sistema colonial buscou nos últimos anos que antecederam a independência, se transformar para atender a demanda que surgiu devido ao rápido crescimento agrícola e industrial. Com isso, surge a necessidade de integrar as comunidades camponesas, que viviam em regime de subsistência, no sistema de economia de mercado. Contudo, de acordo com o documento da RPA (1991), “a administração começava a convencer-se de que através do desenvolvimento econômico e da promoção social das populações, seria possível diminuir ou eliminar o impacto do movimento de libertação nacional e manter o status por tempo indeterminado. Nesse sentido foram criadas condições para se ensaiarem técnicas de desenvolvimento rural de feição não paternalista e participativa numa ruptura importante com os métodos anteriores, como exemplo o programa de extensão rural” (RPA, 1991: 11).

Pain (2007) salienta que o distrito de Huambo²³, demonstrou uma realidade sócio-econômica grave, onde a população local da região não tinha condições mínimas de subsistência. O autor realça que nesse período o governo colonial decidiu intervir com o objetivo de melhorar as condições sócio-econômicas da população, através do

culturais. Portanto, em uma estratégia usada que era comum no colonialismo português com o intuito de “dividir para melhor reinar” (PAIN, 2007).

²³ A cidade de Huambo foi inaugurada em 1912, embora na altura não existisse qualquer construção. Coincidiu com a chegada do Caminho de Ferro de Banguela (CFB) ao Planalto Central. Previam-se que a cidade viesse a ser a capital de Angola. Estava reservada uma grande área para a cidade do Huambo, dentro do qual era proibida a construção de “barracas, ou casas de adobe, ou qualquer outro material que desfigurasse o caráter europeu que a cidade tinha de ter” (Neto apud DW, 2005: 76-77). No entanto, a migração europeia foi menor que a esperada até os anos 1950, e a cidade era pouco mais que um posto comercial e um centro administrativo ligado aos trabalhos do CFB. A cidade de Huambo tinha, naquele instante, a forma de assentamento colonial, com uma visão social e racial mais rígida, diferente das cidades mais velhas como Luanda e Benguela. A legislação de 1928 tornou Huambo em capital de Angola, e deu-lhe o nome de Nova Lisboa e Luanda passou a ser capital provisória. Concretamente Nova Lisboa nunca foi efetivamente a capital de Angola e até os anos 1940, não tinha sequer água corrente, eletricidade e esgotos (DW, 2005: 77). No entanto, por acreditarem que Huambo era o “celeiro” de Angola, muitas produções foram feitas naquela região em termos de investigação científica agrícola.

aproveitamento das potencialidades econômicas da região, da criação de algumas infra-estruturas fundamentais no domínio da educação, saúde e extensão do conhecimento.

De acordo com o documento da RPA (1991), o setor tradicional fez uma análise da situação do país e afirma que: “os fatores impeditivos ao progresso e a evolução social da população rural está em um leque de causas conducentes ao estabelecimento dos conhecidos círculos viciosos da pobreza: fraco poder econômico, aproveitamento defeituoso dos recursos naturais, fracas produções, alimentação de sobrevivência ao nível da fome permanente, falta de energia e conseqüente falta de vontade para produzir mais e para romper o círculo” (1991: 219).

O documento da Missão de Inquéritos Agrícolas de Angola (1991) realça que para romper o círculo vicioso da pobreza, aproveitar melhor os recursos naturais e aumentar a produção por unidade de superfície é necessário melhorar a fertilidade dos solos e recomendava a utilização de adubos como um fator importante para essa recuperação. O documento também ressalta que a baixa produção do país estava relacionada ao uso de sementes de má qualidade e que essas sementes não eram das variedades mais indicadas e a quantidade era insuficiente. De acordo com o documento, outros fatores, também contribuíram para a baixa produção como a falta de controle das pragas e das doenças, a não utilização do sistema de rotação de culturas e a dificuldade ou quase impossibilidade na obtenção de crédito para a compra dos bens de produção.

Quanto às dificuldades na comercialização dos produtos, o documento da MIAA (1971) afirmava que os circuitos de comercialização eram deficientes, que existia um sistema tradicional de troca entre os agricultores e os comerciantes, que existia também uma falta de organização desses agricultores e uma conseqüente falta de conhecimentos quanto aos processos de armazenamento e conservação. Com isso a distribuição da produção nos silos e armazéns era inadequada, em relação às áreas produtoras, aliado a esse fato não existiam estruturas para a conservação dos produtos perecíveis ou a sua transformação (1971: 19).

Trabalhos de Amaral (2004) ressaltam a presença significativa de brancos europeus em Angola naquele momento. O autor afirma que em 1974, Angola tinha a maior população branca do continente fora da África do Sul. A emigração de portugueses para Angola, e mais significativamente para o Brasil e para os países da Comunidade Européia tiveram reflexos na produção agrária na metrópole. Mas Amaral ressalta que apesar de tantas dificuldades registradas nos documentos coloniais, aconteceu um significativo desenvolvimento rural, devido aos brancos que se aventuraram na produção agrária na colônia. Segundo o autor, Angola chegou a ocupar

o 4º lugar no mercado mundial, na produção de café, atingindo a cifra de 228.000 toneladas em 1971 e o 3º lugar como maior produtor de sisal, chegando a produzir 72.270 toneladas, em 1972.

De acordo com o Relatório Especial da FAO (2004), esse reordenamento rural que proporcionou a um rápido crescimento na produção e na economia de Angola refletiu posteriormente em uma baixa produção interna e uma conseqüente situação de fome e miséria no país. O relatório apontou que a fome em Angola, estava relacionada principalmente com a baixa fertilidade dos solos que foram utilizados intensivamente, aliados ao manejo inadequado da terra e ao uso de adubos e agrotóxicos sem orientação específica.

Conceição (1999) salientou que a luta de libertação nacional (1961-1975), não provocou danos substantivos à produção do país, visto que ela foi travada basicamente em áreas sem grande importância econômica e jamais alcançou níveis elevados como nos conflitos armados que se seguiram alguns anos após a independência.

3.4 - A agricultura de Angola após a independência

Segundo Pacheco (2004) a instabilidade que se seguiu no período de independência não permitiu que os processos de industrialização e crescimento econômico tivessem continuidade, mas, o sistema dualista de uso da propriedade de terras e do desenvolvimento da agricultura continuou a influenciar social e politicamente o contexto angolano mesmo após a independência. De acordo com o autor, os sucessivos governos do MPLA²⁴ adotaram uma posição que privilegiou os centros urbanos, excluindo a população rural em vários aspectos: político, social, econômico, institucional, territorial e das referências simbólicas. Isso explica em grande medida, para Pacheco, o desenvolvimento da guerrilha da UNITA²⁵ entre 1976 e 1991.

Os movimentos de libertação colonial (MPLA, FNLA²⁶ e UNITA) estavam

²⁴ Movimento Popular de Libertação de Angola. A origem do MPLA data-se como partido político em 10 de dezembro de 1956, fundado como resultado da fusão de outros partidos e organizações. Sua base de apoio saiu das comunidades de brancos, mestiços e Kimbundu (ou Ambundu, como dizia Agostinho Neto, primeiro presidente da nação, uma das lideranças do MPLA e educado fora de Angola).

²⁵ União Nacional para a Independência Total de Angola. A UNITA foi o último dos três movimentos a ser fundado. Jonas Savimbi, seu líder, acusou Holden Roberto, líder da FNLA de regionalismo e faccionismo quando trabalhavam juntos. Sua base de apoio principal é entre o povo Ovimbundu do Planalto Central, e principal grupo étnico de Angola. Sua fundação data o dia 13 de março de 1966.

²⁶ A FNLA surgiu entre o povo Bacongo, do norte de Angola. Suas origens vêm da fundação da UPNA (União dos Povos do Norte de Angola), em julho de 1955, que mais tarde se tornou UPA (excluindo a referência do norte). Inicialmente o idealismo da UPA partia da idéia de reativar o antigo Reino do Congo. Em março de 1962 forma-se a FNLA com a unificação da UPA com o Partido Democrático de Angola (PDA).

divididos e enfraquecidos na altura da Revolução dos Cravos (25 de abril de 1974), no qual o Movimento das Forças Armadas de Portugal derrubou o regime salazarista de Marcelo Caetano. Com a Revolução dos Cravos em Portugal e a saída do exército português de Angola, o país viu-se numa condição de dificuldade justamente pela indefinição de que movimento deveria assumir o poder naquele momento. Alguns encontros aconteceram e culminou com o Acordo de Alvor²⁷ (PAIN, 2007).

Portanto, com Angola independente (11/11/1975) e a vitória militar do MPLA os conflitos permaneceram.

Segundo Pain (2007), os três movimentos continuaram a se combater, e o clima de instabilidade permaneceu no país. Como consequência foram traçadas políticas econômicas que na prática se mostraram inadequadas aos objetivos preconizados e à realidade concreta do país, com reflexos mais acentuados no campo. Segundo o autor, com a independência de Angola, o modelo marxista-leninista do Partido Único que apresentava um discurso favorável à agricultura, não conseguiu encontrar estratégias que beneficiassem o agricultor, com isso desencadeou um movimento de retorno dos técnicos portugueses para sua terra natal. Com a evasão dos portugueses por falta de políticas voltadas para o campo, Angola passou a ser importador de alimentos, os quais até então eram produzidos no país, com isso cresce a insegurança alimentar da população.

A concentração da população, segundo o Relatório do Programa de Extensão Rural do Instituto de Desenvolvimento Agrário (IDA)²⁸, órgão do Ministério da Agricultura e do Desenvolvimento Rural (MINADER), (2006), confirma a redução da atividade agrária de Angola após a Independência do país, em 1975, devido aos impactos da guerra. O relatório afirma que o camponês foi forçado, em muitas províncias, a abandonar as suas áreas de residência para se concentrar nas zonas que ofereciam melhores condições de segurança, em geral nas periferias dos centros urbanos.

De acordo com o relatório feito pelas Organizações não Governamentais

²⁷ O Acordo de Alvor foi estabelecido com representantes dos três movimentos e da ex-metrópole. Nesse Acordo foi criado um governo de transição, com representantes das três organizações e de Portugal até as eleições gerais (que marcaria o início da independência do país), com responsabilidades a serem assumidas pelos movimentos. No entanto, o não cumprimento das regras pelos movimentos foi marcante, resultando no fracasso do Acordo e a continuação da guerra em território Angolano.

²⁸ De acordo com o Relatório do Programa de Extensão Rural /2006, o Instituto de Desenvolvimento Agrário (IDA) é um órgão tutelado pelo Ministério da Agricultura e do Desenvolvimento Rural (MINADER), que tem como tarefa “assegurar o fomento, coordenação e execução das políticas e estratégias traçadas no âmbito do desenvolvimento agrário e rural”. Cabe assim a este instituto público a responsabilidade de materializar ações para a reabilitação e o desenvolvimento das comunidades rurais.

(ONGs) *Association Pour La Cooperation, recherche et Development* (ACORD) e Acção para o Desenvolvimento Rural e Ambiente (ADRA), elaborado por Júlio de Moraes e Fernando Pacheco (1991), afirmaram que o fluxo migratório do camponês em busca de melhores condições foi agravado pelo distanciamento entre as estruturas de concepção e de orientação global e as de execução, mostrando-se essas últimas incapazes de seguir e materializar as políticas traçadas. Essa situação, no caso do setor agrário, conduziu à marginalização dos camponeses em relação à vida econômica, social e política do país. Além disso, as medidas de política agrária foram condicionadas pelas distorções de caráter macroeconômico, traduzidas pelas falta de incentivos à produção, na inadequação dos preços, na falta de prioridade e oportunidade dos meios de produção e dos investimentos, na política de formação de quadros e também na ausência de uma legislação fundiária que permitisse um correto ordenamento das diferentes formas de propriedade ou usufruto da terra.

Dessa maneira, pode-se afirmar que declínio da agricultura angolana teve início logo após a sua independência.

Estudos de Negrão (2002) ressaltam que a questão da apropriação da terra africana pelos africanos estivesse na ordem do dia dos recém criados Estados modernos, as problemáticas da dimensão da exploração agrícola e do papel do mercado internacional, foram ignoradas pela maioria dos políticos das décadas de 1960 e 70. As terras foram desprezadas, os saberes produtivos e mercantis das populações rurais foram ignorados, a substituição das elites coloniais pelas emergentes africanas tomou corpo através de uma grande intervenção do Estado. O autor afirma que “a rápida transformação dos camponeses em trabalhadores rurais foi tida como a única alternativa para se fazer face à crescente deterioração dos termos de troca. Nesse contexto, o dualismo colonial foi mantido e os Estados continuaram a selecionar as melhores terras ou para elites locais ou estrangeiras ou para empresas geridas por esse mesmo Estado” (2002: 03-04).

Cardoso (2004) aponta quatro elementos que caracterizam o declínio da agricultura angolana. Para o autor, logo após a independência, a população rural, mal preparada, com baixos índices de formação profissional e com elevadas taxas de analfabetismo, ficou sem o apoio das infra-estruturas científicas, técnicas econômicas e de formação profissional, devido à fuga maciça dos técnicos agrários qualificados e dos colonos que detinham a rede de comercialização dos produtos agro-pecuários. O autor cita ainda que as fazendas abandonadas pelos colonos foram na sua maioria, nacionalizadas. O Estado procurou assumir a sua gestão sob a forma socialista, tentando

garantir, no mínimo, o salário dos trabalhadores que lá se haviam mantido e assegurar a continuidade do fluxo produtivo, principalmente em relação ao café. Mas tudo isso resultou em fracasso. O terceiro ponto foi o aumento geral da população, que depois da independência cresceu em cerca de cinquenta por cento, e aliado com a redução da produção de culturas alimentares essenciais, acentuou a necessidade de consumo. Por fim, as áreas rurais, mesmo quando relativamente auto-suficientes em produtos agrícolas, não encontravam estímulos para a produção de excedentes, devido não só a acentuada deficiência nas comunicações e transportes, como à inadequada política de preços e mercados.

Cardoso (2004) afirmou que “nessas circunstâncias, Angola perdeu completamente a sua posição no mercado internacional para os produtos agrícolas de exportação. Passou de exportador líquido de produtos agrícolas para importador de grande parte dos produtos que consome” (2004: 07).

Durante os primeiros meses após novembro de 1975, surge a Comissão de Apoio e Dinamização de Cooperativas, criadas pelo Governo de Transição (CADCO) para desenvolver o sistema de cooperativas. As primeiras ações da CADCO, com relação às cooperativas nas áreas rurais, tinham como objetivo o apoio para que houvesse uma união entre as cooperativas e para o fortalecimento da produção voltada para o abastecimento de bens de consumo. Essas cooperativas eram constituídas por camponeses que não tinham praticamente intervenção na gestão da mesma nem qualquer outro tipo de participação. Do mesmo modo constituiu prioridade da CADCO procurar, através da prática da participação, modificar a situação vigente o que provocou obviamente contradições com as direções das cooperativas, acabando estas desaparecendo por dificuldades de gestão ou imposição administrativa (ACORD/ADRA, 1991).

Com a extinção desses grupos alguns meses após à independência, a responsabilidade passou para os vários Ministérios, assumindo o Ministério da Agricultura, a tarefa de tutelar o setor cooperativo, assim como também de apoiar a sua ampliação, organização e consolidação. Nesse sentido foi criada a Direcção Nacional de Cooperativização Agrícola e Apoio aos Camponeses Individuais (DNACA), que revela através de estatísticas oficiais, um crescimento contínuo do número de associações e associados até 1981. No entanto, tal evolução não correspondeu a um aumento da importância das cooperativas e associações tanto ao nível das comunidades rurais, como na participação do Produto Agrícola Bruto do país. De acordo com documento da ACORD e ADRA (1991), a responsabilidade de intervenção por parte do Governo foi

atribuída as Estações de Desenvolvimento Agrário (EDA) e posteriormente ao Instituto de Desenvolvimento Agrário (IDA)-(ACORD/ ADRA, 1991).

Segundo Galli (1987) esses órgãos governamentais tinham como objetivo fazer chegar aos camponeses os serviços encarregados da distribuição de sementes, fertilizantes, maquinarias, pesticidas, entre outros. O autor afirma que esses órgãos tinham também a responsabilidade de mobilizar e agrupar cerca de 700.000 famílias camponesas em associações com o objetivo de receber assistência técnica.

A mais importante inovação das EDAs, conforme aponta Galli (1987), foi à tentativa do governo em descentralizar os serviços em lugar de confiar exclusivamente nas entidades nacionais e provinciais que tinham ignorado os camponeses. Com isso, segundo o autor, nas áreas de intervenção das EDAs verificou-se uma significativa melhora no apoio técnico e no recebimento de material. Com isso, as associações ganham uma nova dinâmica e começam a apresentar resultados produtivos significativos, como no caso das culturas de milho, algodão e tabaco.

No entanto, as Estações de Desenvolvimento Agrárias basearam a sua intervenção num esforço de modernização da agricultura camponesa, para a qual, não havia condições mínimas em termos de organização, gestão e recursos. De acordo com o relatório do PEDR do IDA/MINADER DE 2006, a partir da década de 80 começa a surgir uma nova maneira de pensar relativa à abordagem e às prioridades para o desenvolvimento rural em África. Segundo o relatório, começaram a ser considerados os conhecimentos dos camponeses que, na maioria dos casos, se adaptavam melhor ao contexto produtivo do que as novas tecnologias que estavam sendo propostas.

Essa nova maneira de pensar buscava não apenas uma agricultura sustentável, mas, uma agricultura de subsistência sustentável, baseada na produção agrária para o abastecimento dos agregados da comunidade rural e na produção de excedentes para alimentar a população dos centros urbanos. Esta nova abordagem continua, no entanto ausente das políticas agrárias de alguns países, inclusive Angola, com isso as tentativas de se implantar programas rurais, nas últimas décadas em África, quer pelos governos quer pela cooperação internacional, resultaram em fracassos e proporcionaram benefícios muito reduzidos para a população (MINADER, 2006).

Como resultado do fracasso dos programas propostos, a produção de alimentos em Angola caiu para 26% em 1981, sendo preciso importar 200.000 toneladas de milho. Enquanto nas cidades existiam carências de certos produtos, no campo passou a haver fome (GALLI, 1987).

De acordo com Amaral (2004), a fome que assolou o campo provocou o

abandono das áreas agrícolas e a paralisação de quase totalidade das indústrias de transformação e extração. Segundo o autor apenas o café, o petróleo e o diamante mantiveram a produção. Mesmo assim, o café não conseguiu atingir os níveis de produção obtidos em 1973. Com isso, na década de 1980, aconteceu o declínio do setor estatal a favor do setor privado na comercialização do café. Com o crescimento do setor privado, em 1992, o Estado deixa de ter o monopólio das exportações do café²⁹.

3.5 - A agricultura após o conflito armado

A história do conflito armado em Angola é complexa, tem ligação direta com a produção agrária e o desenvolvimento da sociedade civil no país. Desta forma, é necessário apontar o encaminhamento que se seguiu após os Acordos de Bicesse, o primeiro das três tentativas (Protocolo de Lusaka e Memorando de Luena) de entendimento entre o Governo e a UNITA. Após muitos anos de impasse, no final de 1988, a ONU intermediou um acordo tripartite entre Angola, África do Sul e Cuba, o que levou à retirada de cerca de cinquenta mil soldados cubanos de Angola e à independência da Namíbia, sob supervisão da ONU. O Acordo pretendia a resolução do conflito em Angola, mas não citava em nenhum ponto o fim do apoio da União Soviética e dos Estados Unidos aos movimentos, mesmo sabendo do declínio da URSS naquele momento. A guerra continuava fazendo estragos no país, até que em abril de 1990, o Secretário do Estado Português para Assuntos Estrangeiros, José Durão Barroso, convocou o governo angolano do MPLA e a UNITA a fim de começar um processo de negociação que resultou nos Acordos de Bicesse, que por um curto espaço de tempo, pôs fim à guerra. Os acordos de Bicesse, de maio de 1991, foram assinados por José Eduardo dos Santos e por Jonas Savimbi, e estipulou que seriam realizadas as primeiras eleições livres e democráticas em Angola, supervisionadas pelas Nações Unidas, assim como todas as forças em guerra seriam integradas nas Forças Armadas Angolanas (FAA). Segundo o autor, após uma trégua que durou apenas alguns meses, foram realizadas eleições em setembro de 1992, apesar do processo de desmobilização não se encontrar terminado. Na votação presidencial, José Eduardo dos Santos, presidente do MPLA, obteve 49,57% dos votos contra 40,07% do líder da UNITA, Jonas Savimbi. Como nenhum candidato ganhou uma maioria absoluta, um segundo

²⁹ Nos cinco anos que antecederam 2ª República, o setor estatal comercializou 56,9% contra 43,1% do setor privado. Já no ano de 1992, a comercialização do privado foi de 92,9% contra apenas 7,2% do setor estatal. Pode-se pensar que esses números se devem à estratégia do Governo, consubstanciada no Programa de Redimensionamento Empresarial do Setor Cefeícula, cujos efeitos práticos se traduziram já, na restituição do setor privado de cerca de 300 fazendas com uma área superior a 100.000há. Só no Kwanza Sul foram negociadas 90 fazendas com uma área de 33.727ha (Amaral, 2004: 62).

turno votação foi necessário entre os dois candidatos mais votados, mas a UNITA não aceitou o resultado, acusando o MPLA de fraude eleitoral e o reinício dos combates fez com que este segundo turno não acontecesse (PAIN, 2007).

Comerford (2005) afirmou que “apesar das críticas ao Acordo de Bicesse e do mandato das Nações Unidas, a razão pelo fracasso dos Acordos tem que ser atribuída aos próprios partidos angolanos” (2005: 15).

De acordo com Pain (2007), no dia 31 de outubro de 1992 a guerra explode em Luanda. A batalha de Luanda resultou na morte de dezenas de milhares de pessoas, afastou a UNITA da capital e eliminou alguns de seus líderes. No entanto, rapidamente o exército da UNITA apoderou-se de mais da metade do país, que antes estivera sob o controle de forças do governo e capturou áreas de diamantes angolanas, no nordeste das províncias dos Lundas. Segundo o autor, a guerra após a eleição em Angola não foi apenas um reatar do conflito da Guerra Fria, pelo contrário, marcou uma fase inteiramente nova na luta, com conseqüências terríveis para a população civil. Os dois exércitos, as Forças Armadas Angolanas (FAA) e as Forças Armadas para a Libertação de Angola (FAPLA) da UNITA confrontaram-se frente a frente sem o apoio dos exércitos cubanos ou sul-africanos. As batalhas campais foram substituídas por combates sangrentos com o intuito de capturar e controlar as áreas mais populosas. A guerra tornou-se uma guerra de cidades, e os civis tornaram-se os primeiros alvos e as principais baixas.

Diante desse cenário, a produção agrária limitou-se a poucas regiões em que não havia conflitos. O escoamento dos produtos era impraticável. O investimento estatal em agricultura era irrisório, o orçamento estava muito comprometido com a resolução do conflito armado.

Segundo relatório da organização Médicos sem Fronteiras (MSF) de 2004, a luta concentrou-se nas capitais onde as forças governamentais ainda se mantinham firmes. Centenas de milhares de civis viram-se capturados em cidades como Huambo, Malange e Luena, cercados por todos os lados pelas forças da UNITA. Aos bombardeios, seguiram-se a fome e as doenças. De acordo com o documento, em outubro de 1993, quando a ajuda humanitária chegou a Malange pela primeira vez desde as eleições, a organização “Médicos Sem Fronteiras” encontrou entre 1.000 a 1.500 crianças que por mês morriam de fome na cidade. Um relatório do MSF relativo ao ano de 1993 declarava que, “a situação em Malange é indescritível: as pessoas tentam sobreviver comendo as folhas das sebes, milhares de crianças esfomeadas vagueiam pelas ruas da cidade. Perderam os pais durante a guerra (...)” (MSF, 2004: 10).

De acordo com o MSF, a partir de 1992, a UNITA imperava na maioria das áreas rurais angolanas, e fixou seu governo nas poucas cidades e vilas. Com isso, as viagens por estradas entre as cidades tomadas pelo governo eram extremamente arriscadas, devido às minas terrestres e às emboscadas. As áreas rurais tornaram-se campos de batalha, e o pouco que se produzia não se conseguia transportar para ser comercializado. Os preços dos bens mais básicos subiram de forma alucinante. À medida que os alimentos se tornaram mais caros e menos disponíveis, as taxas de má nutrição começavam a elevar-se, especialmente nas cidades e vilas do interior (MSF, 2004).

Segundo Comerford (2005), com o reinício da guerra, autoridades tentaram novamente a negociação de um cessar fogo. Com a nomeação de um novo Representante Especial das Nações Unidas, Alioune Blondin Beye, novas conversações de paz começaram em Lusaka (Zâmbia) que demoraram mais de um ano, antes de dar fruto no Protocolo de Lusaka de Novembro de 1994³⁰. Enquanto que o Protocolo procurava retificar erros nos acordos de Bicesse, a tolerância mostrada pela ONU diante das violações de direitos humanos por ambos os lados enfraqueceu o Protocolo e gerou um clima de impunidade.

Pain (2007) ressalta que em fins de 1994, a UNITA tinha perdido o conflito rapidamente, estava ansiosa por assinar um acordo de cessar-fogo. Por outro lado, o governo, que estava bem no campo de batalha, só assinou o Protocolo de Lusaka depois de muitíssima pressão diplomática. Os maiores representantes das duas partes, da UNITA, Jonas Savimbi e o Presidente José Eduardo dos Santos se recusaram a assinar pessoalmente o documento, tendo colocado seus subordinados a fazerem, o que demonstrou um sinal na falta de confiança no processo de paz. Pain (2007) afirma que o Processo de Paz em Lusaka durou três anos e meio, e que foi um período chamado pelos angolanos de “falsa paz”, ou “paz armada”, muito em função das várias violações do cessar-fogo de ambas as partes. A partir de março de 1998, proliferaram novos e violentos ataques em grande parte do país, e a UNITA recuperou o controle de dezenas de cidades entregues ao Governo durante o processo de paz. De 1998 a 2002, as Forças Armadas Angolanas (MPLA) lutaram para tirar o “apoio” dos civis a UNITA, enquanto

³⁰ Este protocolo foi significativamente baseado no Protocolo de Abidjan, mas naquela altura, as conversações tinham uma importância secundária diante dos conflitos. Os primeiros avanços da UNITA fizeram com que ela controlasse 60% do território incluindo áreas urbanas importantes como Huambo e Uíge. Quando o governo conseguiu reorganizar-se militarmente, tendo abandonado a “tripla opção zero”, conseguiu retomar muitas posições, como por exemplo, a segunda maior cidade do país, Huambo. Com a UNITA recuando depois da caída de Huambo, e as tropas governamentais a ganhar uma ascendência, o Protocolo de Lusaka foi assinado, e contra a vontade das forças governamentais reanimadas, achando que poderiam derrotar a UNITA (Comerford, 2005: 16).

este lutou para manter. Ambos os exércitos forçaram milhares de civis a abandonarem as suas casas, e a mudar-se para áreas sob seu controle. Quando esta tática falhou, os dois exércitos recorreram então a matar, com regularidade, aqueles que não os acompanhavam.

Segundo a organização MSF, “no início de 2002, as FAA conseguiram dominar a guerra devido ao despovoamento de vastas áreas campestres. A população era amontoada em vilas e cidades onde milhares morriam de fome. Por outro lado, aquelas populações que haviam ficado no mato com a UNITA, afastadas da sua fonte de alimentos, também morriam de fome. As operações das agências humanitárias ficaram confinadas a umas poucas vilas e a cidades chaves controladas pelo governo, longe do conflito. A guerra só acabou quando o fundador e líder da UNITA, Jonas Savimbi, foi morto em batalha, no dia 22 de fevereiro de 2002. Os seus deputados, assolados pela fome, quiseram a paz poucos dias após seu desaparecimento (MSF, 2004: 12).

De acordo com Lopes (2004), em 4 de abril de 2002 é assinado o Memorando de Luena que marcava o final da guerra do Governo contra a UNITA. Na verdade, este Memorando marcou a derrota militar de uma das partes, sem um cessar fogo, sem negociação política e sem diálogo democrático.

De acordo com o relatório do MINADER (2006), após trinta anos de guerra, percebeu-se que a população de Angola não é conhecida na realidade, sendo usual utilizarem-se valores resultantes da extrapolação a partir do censo de 1970, corrigidos para algumas províncias a partir de alguns recenseamentos efetuados nas zonas urbanas e periurbanas e por dados recolhidos pelos governos provinciais. Deste modo, também são aleatórios os valores atribuídos à população rural, particularmente das áreas que estiveram durante muito tempo sob a ação do conflito armado e que registravam maior número de deslocados. Mas não havendo outra possibilidade de informação, calculou-se a partir dessas estatísticas, chegando a uma população de 13.526.000 habitantes, onde a população rural corresponderia a 53,9% do total de habitantes. De acordo com o MINADER (2006) o apoio que veio sendo prestado à produção camponesa nos últimos anos pelas estruturas da administração do Estado tem sido pouco expressivo. De igual modo o apoio proporcionado pelos parceiros da comunidade internacional, dos organismos da sociedade civil e das ONGs vem sendo dirigido fundamentalmente para ações de emergência, sendo muito débeis as atividades relativas ao relançamento da produção agrícola, quando se avalia em termos do universo de produtores e das suas reais necessidades. O fornecimento de *inputs* para a produção camponesa nas duas últimas campanhas agrícolas desenvolvidas pelo governo (2002/03 e 2003/04) não

chegou a muitas regiões do País e, aonde chegou, não abrangeu em geral grande parte das comunidades rurais. Os camponeses têm encontrando alternativas no intercâmbio local ou no recurso a algumas reservas próprias. As sementes fornecidas foram financiadas principalmente pela comunidade internacional e distribuídas através de ONGs e de organizações religiosas. Surgiram também alguns casos da compra de sementes a multiplicadores locais em substituição da importação. Algumas sementes importadas e distribuídas pelas ONGs não têm sido utilizadas pelos camponeses por darem pouca garantia de adaptação ou por terem má qualidade. Segundo o MINADER (2006), a falta de ferramentas agrícolas constituiu nas duas últimas campanhas agrícolas, talvez o maior entrave para o relançamento da produção camponesa. O documento afirma que “apesar de terem sido criadas formas alternativas para a obtenção de sementes, é muito difícil enfrentar a falta de instrumentos de trabalho. A distribuição de ferramentas nas duas campanhas agrícolas referidas foi muito reduzida, tanto pelos organismos do aparelho do Estado como pelas organizações internacionais e ONGs. O mercado ainda assegura alguma oferta para as áreas próximas dos centros urbanos, mas nas zonas rurais o acesso ainda é precário ou não existe. Conforme afirma o IDA / MINADER (2006), existe uma tradição nas províncias do Centro e do Sul na utilização de fertilizantes químicos por parte dos camponeses. Esse uso foi reduzido nas campanhas agrícolas de 2002/03 e 2003/04. A insuficiência da oferta nessas regiões incentivou o aparecimento de fertilizantes no mercado informal, tendo como conseqüência o aumento dos preços e a redução da capacidade de aquisição pelos camponeses.

O relatório da FAO (2004) realça que após o período de conflitos em Angola, vários obstáculos impediram a movimentação de pessoas e bens como estradas destruídas e a ameaça de minas. Durante a estação de chuvas, as estradas se tornam intransitáveis durante vários meses do ano. Com isso, mesmo com a abertura dos principais corredores de transporte a partir da faixa costeira para o interior, falta muito a ser feito para que se retome a comercialização normal dos produtos. A FAO realça em seu relatório (2004) que “Angola não obteve uma recuperação imediata da produção após o processo de paz. Instalou-se uma rígida política de reassentamento, que tentou forçar as pessoas a regressarem apenas para as suas áreas de origem, não permitindo a reinstalação em áreas vizinhas”. Essa posição do governo provou ser, de acordo com a FAO, totalmente desencorajadora, visto que, as áreas de origem não tinham quase instalações ou serviços públicos. Além disso, essas áreas não apresentavam nenhum diferencial que pudesse atrair as pessoas que ocupavam as áreas urbanas e mudaram seu

padrão de vida (2004: 10).

3.6 - A questão da terra em Angola

O contexto que se inseria o regime de Terras, de acordo com as Legislações datadas de 1919, segundo Pacheco, era confuso e passível de várias interpretações. Ao longo do século XX as fazendas dos colonos foram instaladas em locais favoráveis ao escoamento de produtos e as terras neles incorporadas retiradas em grande parte do uso conjunto das populações. Pacheco (2003) afirma que “foram ignorados os direitos de posse dos ancestrais, assim como foram ignorados também as práticas agrícolas e os valores culturais ligados à presença de cemitérios onde se encontravam os antepassados” (2003: 02).

Com a imposição dessa lei de terras na época da consolidação do regime colonial, ao longo do tempo novas leis foram sendo ajustadas e adaptadas às mudanças dos interesses políticos em Angola.

Segundo Pain (2007), uma das conseqüências do período da guerra de independência (principalmente entre a Revolução dos Cravos e a data da independência, ou seja, o onze de novembro) foi o abandono maciço dos portugueses de terras angolanas. Como a política agrícola do Partido Único naquele momento não encorajava a iniciativa privada, muito menos familiar, as áreas efetivamente agricultáveis foram drasticamente reduzidas. Com isso, Pain (2007) realça que o acesso à terra urbana e rural não foi uma fonte de preocupação em Angola nos primeiros anos pós-independência. A nacionalização foi o caminho encontrado. Outro elemento muito importante depois da independência foi à crescente migração para as cidades, especialmente para Luanda. O conflito militar agravou o isolamento e a crise econômica nas zonas rurais e, sobretudo os jovens deixaram as áreas rurais pelas cidades, mesmo onde a segurança física não estava em causa. O autor concluiu que a degradação gradual da situação militar e o aumento da insegurança nas zonas rurais tornaram-se a principal razão da migração para as cidades.

Assim sendo, como diz Pacheco (2003), “as comunidades camponesas que permaneceram em suas regiões deixaram de estar confrontadas pela falta de terras, quer para a agricultura, quer para a criação de animais. O problema de terras deixou aparentemente de existir. Assim, o governo não sentiu necessidade de legislar sobre terras, nem sofreu qualquer pressão da sociedade nesse sentido”. Como em grande parte do período colonial existia a clara diferença entre os “indígenas e assimilados”, o governo angolano do Partido Único, sob pretexto de respeitar os usos e costumes das

populações, nunca procurou, de forma séria, legislar com base na realidade sócio-cultural existente, mas sim, impor regras de um complexo cultural estranho às populações, que resistiam na medida do possível (2003: 04).

Pain (2007) salienta que em 1992, foi votada uma Lei de Terra (Lei 21 – c /92)³¹ com relativamente pouco debate político. Essa lei era similar à legislação colonial e licenciava concessões de terra, fato que provocou a privatização das empresas agrícolas estatais e gerou uma corrida a terra por parte dos novos empresários, principalmente aqueles próximo dos principais centros urbanos consumidores e nas Províncias menos afetadas pela guerra. Segundo o autor, essa Lei responsabilizava o Estado pela gestão do acesso a terra, embora as instituições reguladoras do acesso à terra do Estado fossem frágeis e não tivessem a capacidade necessária para aplicar a legislação e os regulamentos existentes, de forma transparente e responsável. A gestão de terras por parte do Estado estava desorganizada e sujeita a abusos e, além disso, existiam a dispersão e a sobreposição de responsabilidades, assim como a falta de clareza dos registros.

A alienação das terras tem sido realizada aparentemente de acordo com as “autoridades tradicionais”, mas trata-se de um processo entre elites e muito pouco transparente. O resultado é a reconstituição de antigas propriedades, a reposição da ordem que entrou em choque com os interesses dos camponeses. A privatização das empresas aconteceu antes e depois da aprovação da primeira lei relativa ao uso de terras após a independência, ou seja, a Lei 21-c / 92, sobre a concessão de titularidade do uso e aproveitamento da terra. Segundo Fernando Pacheco, trata-se de uma lei com aspectos positivos no que respeita à defesa dos direitos das comunidades rurais, mas que mantinha essa diferença entre a idéia de “civilizados” e “indígenas”, sem apresentar vias de superar (PACHECO, 2004).

A aplicação da Lei, segundo Pacheco (2004), foi realizada de maneira desorganizada e pouco transparente, e teve como conseqüências que as terras comunitárias destinadas á população rural continuavam sem definição, tal como acontecia no tempo colonial, o que conferia grande vulnerabilidade às famílias rurais.

³¹ A partir da constatação que a Lei 21-C / 92 era uma lei que não considerava os múltiplos usos a que a terra está sujeita; considerando a urgente necessidade de ordenar e harmonizar os diversos interesses que recaíam sobre a terra, o governo da República apresentou em abril de 2002 um anteprojeto de Lei de Terras, para que fosse discutido e melhorado pelos diversos segmentos da vida nacional. Nesse contexto que um grupo de ONGs nacionais e internacionais juntou-se para dar sua contribuição no processo de elaboração de uma nova Lei de Terras. Desta forma, a Rede Terra tornou-se então, num consórcio de Organizações Não Governamentais (entre elas, a ADRA) que trabalham em questões ligadas ao desenvolvimento rural e de defesa dos direitos dos cidadãos, cuja apresentação oficial deu-se numa Conferência para a imprensa em novembro de 2002. (Barros e Njele, 2006: 46).

Segundo o autor, os beneficiários dos títulos foram basicamente dirigentes do MPLA, governantes, ex-governantes, altos oficiais das Forças Armadas, altos funcionários do Estado, tanto ao nível nacional, como local, empresários, entre outros. As terras concedidas estavam geralmente improdutivas³², mas não foram retirados os títulos como prevê a lei. Com isso, começa a surgir um mercado de terras que pode conduzir ao empobrecimento e ao aumento da vulnerabilidade das famílias. Começaram a aparecer sinais de conflito social devido ao confronto de interesses entre o setor empresarial e familiar.

Em 2002, com o fim da guerra, o governo apostou na elaboração da nova Lei de terras. Esse processo iniciou-se com a nomeação de uma Comissão Técnica de Terras, pelo Conselho de Ministros. Um primeiro esboço do anteprojeto foi publicado em junho daquele ano e apresentado a consulta pública. Um segundo esboço foi feito pela Comissão Técnica em Novembro de 2003 e enviado à consideração da Assembleia Nacional. Esta procedeu à sua revisão e aprovou uma versão remodelada da Lei, em agosto de 2004. Esta versão foi assinada pelo Presidente e publicada em novembro de 2004. A Lei especificava que os regulamentos ou decretos deveriam ser elaborados e aprovados nos seis meses subsequentes à publicação da Lei. O anteprojeto, da Lei de Terras, tal como foi concebida, em 2002, visou sobre tudo conceder poderes consideráveis ao Estado para gerir a terra e determinar quem tem direito a que terra e em que modalidades (PAIN, 2007).

A Lei de Terras aprovada pela Assembleia Nacional, em finais de 2004, parece ser um passo importante no caminho certo, mas, algumas dúvidas surgem como a sua aprovação antes da nova Constituição, o fato de não ter sido mais divulgada e discutida publicamente e pela falta de respectivo regulamento. Algumas críticas são feitas sobre o seu conteúdo, e dúvidas são colocadas, com destaque para a posse comunitária, a possibilidade de o Estado forçar ou limitar culturas, a proteção dos direitos coletivos tradicionais, a transmissão de terras, a não definição dos direitos da mulher na posse de terras, que era um fator importante para a minimização da pobreza das famílias, principalmente em relação às mulheres separadas. Porém, a dificuldade da inserção da

³² Há uma crença errada de que existe muita terra disponível em Angola para habitação e desenvolvimento. Na realidade, terras boas para o desenvolvimento rural e urbano, com bons meios de acesso e serviços adequados, são limitadas. Existe um potencial conflito nas regiões onde haja terra boa para o desenvolvimento ocupada por mecanismos tradicionais e informais, procuradas por instituições modernas ou formais (DW, 2005: 65). Isso fica claro na região de Gambos, Lubango, no qual a população reivindica as suas terras pelo fato de nunca terem sido consultadas no período colonial sobre a instalação de fazendas; os recursos hídricos dessas fazendas sempre foram seus; a propriedade, tendo sido submetido a grandes transtornos quando estas áreas foram concedidas; e a inexpressiva comercialização do gado, determinou o aumento das manadas, cuja compensação em termos de espaço, foi a área das antigas fazendas (ACORD E ADRA, 1996: 13).

sociedade civil no debate sobre a questão das terras ainda está presente. A forma centralizadora com que o governo conduz todo processo da Lei das Terras reflete toda dificuldade da sociedade em ser ouvida e propor alternativas.

De acordo com Diekumpuna Sita José, Ministro do Urbanismo e Ambiente de Angola, no relatório do MINUA/2006, a face ambiental de Angola mudou profundamente no último decênio. As vastas áreas de florestas diminuíram consideravelmente; a vegetação de savana mudou devido à pressão humana. Uma parte significativa das cidades costeiras do país encontra-se desestruturadas devido à deslocação das populações rurais para a cidade. Na entrada do século XXI, Angola exhibe problemas sociais comuns aos países em desenvolvimento e enfrenta os mesmos desafios ambientais que os países desenvolvidos. Angola, apesar do longo período de guerra, segundo o relatório MINUA (2006), é um país onde seu povo precisa ter sabedoria, capacidade técnica e profissional para que sejam criadas as bases para um desenvolvimento sustentável. Com isso torna-se importante o acesso da população a uma informação atualizada, segura e oportuna sobre as questões ambientais, o que é um direito concedido pela legislação vigente e segundo o relatório uma prioridade do governo. O relatório do estado geral do ambiente do MINUA (2006) pôs em evidência os desafios que os angolanos devem enfrentar nos próximos anos para que possam assegurar o seu futuro. Coloca como uma das principais questões a ser vencida, a questão do ambiente como a perda de habitats naturais e da diversidade biológica, o desmatamento e a erosão de solos, a exploração e poluição de recursos hídricos e a insuficiência de infra-estrutura e equipamento, assim como a falta de manejo adequado do solo, com o uso abusivo de adubos e agrotóxicos. Essa questão é de extrema importância, visto que possibilita o desenvolvimento da agricultura e conseqüentemente o aumento da segurança alimentar.

De acordo com o relatório do MINUA (2006), a escassez de informação ambiental credível e atualizada, a insuficiente capacidade institucional da administração ambiental e a ineficácia dos processos de tomada de decisão política a todos os níveis, associado à falta de consciência e responsabilidade ambiental da população em geral, enfraquece a capacidade para enfrentar os atuais problemas do ambiente em Angola. De acordo com o documento, ficou em evidência o desejo do Governo em atender com determinação estas questões, tendo consciência de que a informação ambiental disponível não está compilada, muitas vezes não é credível e está desatualizada, e que a escassez de estratégias na área do ambiente cria obstáculos para a busca de soluções que reduzam a pobreza no país. O relatório demonstrou uma preocupação com a dificuldade

encontrada para o desenvolvimento rural e urbano do país, que veio com o fim dos conflitos. O Ministério de Urbanismo e Ambiente teme que esse fluxo migratório para os centros urbanos, assim como o retorno das famílias as áreas rurais de origem, seja feito à custa de uma acelerada degradação dos recursos naturais.

É dentro desse contexto que no próximo capítulo serão abordados temas importantes como os impactos causados pelo longo período de conflitos nas condições de pobreza e insegurança alimentar de Angola, assim como a necessidade da utilização de um novo modelo agrícola sustentável como uma alternativa ao modelo tradicional..

CAPÍTULO IV - POBREZA E INSEGURANÇA ALIMENTAR EM ANGOLA

“... o acesso á alimentação é um direito humano em si mesmo, na medida em que a alimentação constitui-se no próprio direito á vida... negar este direito é, antes de mais nada, negar a primeira condição para a cidadania, que é a própria vida.”³³

4.1 - Introdução

Esse capítulo se propôs inicialmente ao debate conceitual sobre questões como pobreza e insegurança alimentar, para que se possa visualizar o cenário em que se encontrava Angola após o longo período de conflitos. Ao término da guerra em Angola, o país encontrava-se em uma situação de pobreza e insegurança alimentar de grandes proporções. O governo buscava reconstruir e reconciliar o país, fazendo esforços consideráveis para melhorar as condições de vida da população e garantir a segurança alimentar.

Nesse período pós-guerra, segundo Pinto (2008), as políticas públicas do Governo de Angola estavam voltadas para a adoção de medidas de combate a fome e a pobreza do povo. Contudo, apesar do esforço do governo na adoção dessas medidas, existiram muitos entraves na implantação das políticas públicas voltadas para as áreas rurais do país. As medidas propostas pelo governo angolano estavam baseadas em Campanhas Agrícolas que eram baseadas em ações pontuais e assistencialistas. Essas campanhas colocavam o povo em uma situação de dependência, visto que não existia investimento em educação, saúde e infra-estrutura rural. Com isso os camponeses abandonaram suas terras e migraram para as cidades.

4.2 – Pobreza e Insegurança Alimentar: debate conceitual

Segundo Rocha (2006) a *pobreza absoluta* pode ser concebida “como a privação das condições de subsistência, considerando como pobres aquelas pessoas cuja sobrevivência esteja comprometida por não serem atendidas as suas necessidades vitais como, por exemplo, a satisfação de necessidades nutricionais, a mais básica das necessidades vitais” (2006:11).

³³ Trecho do relatório do Brasil para a Cúpula Mundial de Alimentação, Roma – 1994.

Segundo Clay (2002), em 1963, tomando por base a concepção de *pobreza absoluta*, foi criado o Programa Alimentar Mundial (PAM), com o objetivo de erradicar a fome através da distribuição de alimentos e de assistência humanitária.

Mas, de acordo com Amartya Sen (1999), essa abordagem feita por Rocha (2006) pode ser aplicada em casos extremos de pobreza onde as necessidades de alimentos são fatores imperativos imediatos, mas, afirma que “essa concepção de pobreza absoluta apresenta três limitantes importantes: as variações relacionadas com as características físicas, condições climáticas e hábitos de trabalho”. A autora realça que “a tradução das necessidades nutricionais mínimas em necessidades mínimas de alimentos dependem da escolha dos bens de consumo, assim como é difícil especificar quais são as necessidades mínimas para produtos não alimentares” (1999:27-28).

De acordo com Rocha (2006), as situações de privação onde as questões de sobrevivência não estão necessariamente colocadas levaram-no a considerar a concepção de *pobreza relativa*, “que define a pobreza de acordo com as necessidades que precisam ser satisfeitas em função do modo de vida predominante numa determinada sociedade”. O autor salienta que a partir dos anos 70, a concepção de *pobreza relativa* ganha apoio da comunidade acadêmica e de vários órgãos internacionais. Segundo o autor, Pesquisadores e Governantes³⁴, começaram a avaliar as condições de pobreza baseados no acesso das pessoas as necessidades básicas e não apenas relacionada ao fator econômico. De acordo com autor, “a análise das condições de pobreza precisam enfatizar parâmetros importantes de qualidade de vida como serviços básicos de saúde, água potável, saneamento, educação, habitação, vestuário, entre outros”³⁵. (2006:11).

A maior dificuldade nesse tipo de avaliação estava em encontrar indicadores adequados para uma análise multidimensional. Esses indicadores precisariam ser construídos com parâmetros específicos, onde fosse possível avaliar de forma adequada os níveis de pobreza do conjunto de determinada população.

Com isso, em 1990, após o lançamento anual do Relatório do Desenvolvimento Humano (RDH) pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD),

³⁴ A partir da década de 70 o conceito de Rocha (2006) que relaciona pobreza ao acesso as condições básica que proporcionem qualidade de vida ganha mais consistência devido as discussões sobre a crise alimentar mundial, a redução dos estoques alimentares e o aumento dos preços de cereais em vários países como União Soviética, a Índia, a China e a Austrália (CLAY, 2002).

³⁵ Rocha (2006) afirma que “Dessa forma consegue-se estabelecer objetivos para a sociedade como um todo, permitindo que os indicadores sejam analisados para o conjunto da população e não apenas para os pobres e por último realizando uma análise multidimensional da pobreza reconhecendo as inter-relações entre as diversas carências” (ROCHA, 2006:11).

foram realizados esforços significativos em busca da definição de indicadores mais adequados e completos. Dentre os vários indicadores formulados, o mais conhecido é o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) que abrange várias dimensões da pobreza, considerando a esperança de vida ao nascer, o nível de educação e o Produto Interno Bruto (PIB) *per capita*, comparando e ordenando países em um *ranking* internacional (SEN, 2000).

Mas, de acordo com Sen (2000), é importante considerar o *aspecto da condição de agente*, ou seja, a autora afirma que “pessoas são agentes que ocasionam mudanças e cujas realizações podem ser julgadas de acordo com seus próprios valores e objetivos, agindo como membros políticos e como participantes das ações econômicas, sociais e políticas” (2000:33).

Assim ficou claro o desejo da autora em mostrar uma perspectiva de desenvolvimento baseado na participação da sociedade civil, na valorização das suas capacidades individuais e na percepção das oportunidades que dispõem.

Em 1974, a Agriculture Organization of the United Nations (FAO) organizou a 1ª Cimeira Mundial da Alimentação (CMA) da qual resultou um consenso sobre a necessidade de se assegurar uma disponibilidade de alimentos suficientes para toda a população do globo, levando os líderes mundiais a aceitarem pela primeira vez, a responsabilidade de acabar com a fome e a desnutrição. Clay (2002) realça que apesar do entendimento, por parte dos países, sobre os conceitos de pobreza e da importância de se avaliar o acesso das pessoas as necessidades básicas, os países mantiveram o foco na capacidade de produção agrícola como forma de assegurar a disponibilidade e a estabilidade dos preços dos alimentos ao nível internacional e nacional.

Estudos de Ehlers (1999) demonstraram que entre os anos de 1960 a 1970, com a proposta de assegurar o acesso ao alimento para todas as pessoas e estabilizar os preços de mercado de forma global, foram desenvolvidas inovações tecnológicas no setor industrial agrícola e nos setores da química, genética e mecânica. Essas Inovações na área agrícola foram chamadas de “Revolução Verde”³⁶.

Clay (2002) afirma que as inovações tecnológicas propostas pela “Revolução Verde” marcaram o início do aumento da produção agrícola e dos estoques mundiais de

³⁶ Segundo Ehlers (1994) a “Revolução Verde” foi um conjunto homogêneo de práticas tecnológicas que tinha como proposta a utilização de variedades de sementes geneticamente melhoradas, fertilizantes químicos, agrotóxicos, irrigação e mecanização do campo. Essas inovações foram chamadas de “pacote tecnológico”, que viabilizou, em larga escala, os sistemas de monoculturas. De acordo com Ehlers, diversas Instituições internacionais e Governos dos países subdesenvolvidos se lançaram nessa empreitada (EHLERS, 1994).

alimentos. Contudo, apesar do aumento da produção, os problemas da fome e da insegurança alimentar se agravaram, assim como se agravaram também os problemas ambientais e sociais decorrentes desse modelo produtivo.

No início da década de 1980, a condição do mercado internacional se reverte completamente e começa a enfraquecer a idéia de que a disponibilidade de alimentos resultante de incrementos na produção agrícola poderia resolver os problemas da fome. De acordo com Sen (1981) essa situação foi o reflexo de sensível redução dos preços reais, principalmente dos produtos com maior demanda. Com isso, a visão de segurança alimentar começou a incidir mais sobre o lado da demanda, ou seja, sobre a capacidade de acesso aos alimentos pelos grupos mais vulneráveis.

Autores como Meneses (1996) e Pessanha (1998), afirmam que, “em 1989, em sua XII Conferência Mundial, a FAO propôs uma abordagem mais ampla sobre segurança alimentar, realçando que o objetivo final da segurança alimentar mundial é assegurar que todas as pessoas tenham, em todo momento, acesso físico e econômico aos alimentos básicos que necessitam [...] a segurança alimentar deve ter três propósitos específicos: assegurar a produção alimentar adequada; conseguir a máxima estabilidade no fluxo de tais alimentos e garantir o acesso aos alimentos disponíveis por parte dos que os necessitam” (2000: 55) - (1998: 58).

Na década de 1990, foi retomado o debate sobre pobreza e segurança alimentar, considerando a importância do acesso da população a necessidades fundamentais como nutrição, saúde, cultura, qualidade e inocuidade dos alimentos. Com esse objetivo foi realizada em 1996 em Roma a Cúpula Mundial sobre Alimentação, que segundo a Organização *Foodfirst Information & Action Network* (FIAN), a FAO (1999) estabeleceu objetivos ambiciosos sobre segurança alimentar e reafirmou a necessidade de se assegurar o acesso aos alimentos para todos e a todo o momento, em quantidade e qualidade suficiente para garantir uma vida saudável e ativa. Nesse evento estiveram presentes Organizações Não Governamentais que reforçaram a importância da participação das instituições da sociedade civil na busca da segurança alimentar.

Reafirmando essa posição da FAO na Cúpula Mundial sobre Alimentação, os trabalhos de Hoddinott (2001) demonstraram a necessidade de se compreender que apenas a disponibilidade e o acesso ao alimento não são suficientes para garantir uma situação de segurança alimentar. Segundo o autor, é importante que se considere a composição e a variedade da dieta, a sua qualidade química, física e biológica e a inocuidade dos alimentos. Hoddinott (2001) realça que esses parâmetros são importantes para uma análise mais completa sobre segurança alimentar e que a

assistência alimentar internacional precisa considerar e respeitar aspectos como a cultura, os hábitos e o contexto religioso que determinada população esta inserida. O autor afirma que a atenção deixou de estar focada apenas no contexto nacional ou familiar e passou a olhar também para o individuo e que algumas condições passaram a serem consideradas na análise de segurança alimentar: a avaliação do acesso aos serviços de saúde e a infra-estrutura das unidades de saúde como, por exemplo, a saúde materna infantil. Segundo o autor, ao abordar questões sobre saúde, tornou-se necessário analisar fatores como a forma com que o alimento é distribuído dentro da família, evitando o acesso desigual por seus membros, assim como é importante uma análise no processo produtivo desses alimentos e como eles são assimilados pelo organismo.

Estudos de Pessanha (1998) identificaram, dentro dessa abordagem multidimensional, quatro condições distintas para que se possa conceituar a segurança alimentar: a garantia de conservação e o controle da base genética dos alimentos; a garantia de qualidade sanitária e nutricional dos alimentos; a garantia do direito de acesso aos alimentos, relacionado à distribuição desigual de alimentos nas economias de mercado; e a garantia da produção e da oferta agrícola, relacionada ao problema de escassez da produção e de oferta de produtos alimentares. Contudo, o autor realça que essa garantia de oferta e de qualidade dos alimentos esta relacionada com o sistema produtivo e seu complexo agroindustrial. A superação desses problemas conduz a necessidade da construção de políticas públicas por parte dos governantes.

No caso dos países do sul da África, essa garantia de acesso ao alimento de qualidade permanece como tema de extrema importância, visto que nesses países as questões relacionadas à desigualdade na distribuição podem são dificultadas pela falta de oferta e de um sistema de vigilância que controle a qualidade e a inocuidade dos alimentos³⁷.

Pessanha (1998) afirma que para minimizar esse cenário, torna-se necessário a adoção pelos governantes de políticas que possam contribuir com o aumento da produção e da produtividade agrícola e que esse aumento pode ser alcançado através de medidas que estimulem a sustentabilidade da produção doméstica.

³⁷ Atualmente um grande debate na África é a entrada de produtos geneticamente modificados, como o algodão na África Ocidental. Segundo Amílcar Henrique Dunduma, da Seção Alimentar de Angola, “para Angola, interessa travar os alimentos convencionais mediante a criação de mecanismos de controle na produção agrícola e na circulação mercantil. Esse aspecto impede a entrada de produtos geneticamente modificados no país, com o objetivo de se estabelecer o direito do consumidor” (Jornal de Angola, Luanda, 24 de março de 2005).

Contudo Pain (2007) chama a atenção para o fato de que a implantação de políticas voltadas para dinamizar a auto-suficiência de um país encontra alguns obstáculos como a liberalização e o ajuste estrutural das economias. O autor explica que essa liberalização e ajuste na economia impactam diretamente na maneira de operar os processos de produção dos alimentos nos diversos países. Nos países em desenvolvimento, observou-se que a falta de regulação dos mercados refletiu em um aumento significativo das desigualdades sociais, o que tornou ainda mais difícil o acesso do povo ao alimento.

De acordo com Pain (2007) a produção, a distribuição e o consumo de alimentos constituem um sistema alimentar de âmbito mundial, que têm como características a prevalência de um padrão de produção agrícola intensiva, mecanizada, com elevada utilização de produtos químicos e fortes impactos sociais e ambientais. De acordo com o autor, o processamento crescente dos produtos muitas vezes leva a perda da qualidade original dos alimentos, a crescente padronização de hábitos alimentares promove a difusão de produtos típicos de determinadas regiões e finalmente esse padrão produtivo proporciona a um elevado controle no abastecimento alimentar doméstico pelo comércio internacional³⁸.

Esse padrão agrícola intensivo é característico do modelo produtivo deixado pela Revolução Verde. De acordo com o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional do Brasil (CONSEA), esse padrão tem um perfil excludente, visto que apesar do aumento na produção de alimentos a quantidade de pessoas que sofrem de fome e desnutrição no mundo vem aumentando. Com isso, o CONSEA (2004) propõe a especialização da produção agrícola de alguns itens de exportação e a importação de alimentos sempre que ela for mais barata que a produção doméstica.

O pesquisador Renato Maluf (2000) afirma que “a produção doméstica de alimentos sempre foi econômica e politicamente relevante mesmo nos países dependentes do comércio exterior, assim como as exportações de alimentos fazem parte do abastecimento de todos os países, em maior ou menor grau, como recurso permanente ou eventual” (2000: 38-39).

No entanto, Maluf (2000) questiona esse falso dilema de “produzir internamente todo alimento necessário versus especializar-se em produtos mais competitivos”. Segundo Maluf (2000), o fato de se adotar uma economia aberta não implica em

³⁸ Para Mc Michael, em nome da idéia de segurança alimentar global é postulada a eliminação de agriculturas existentes e modelos agro-ecológicos alternativos. No entanto, resistências para a interpretação global de segurança alimentar estão crescendo rapidamente (Mc Michael, 2003: 11).

abandonar à auto-suficiência produtiva e aderir ao enfoque da auto-capacidade (2000: 59-60).

Segundo Alejandro Schejtman (2000), para que se possa fortalecer a produção doméstica, torna-se importante considerar pontos importantes nesse sistema produtivo como a disposição do pequeno agricultor em vender seus produtos com valores inferiores ao dos produtores capitalistas, a valorização de recursos que a agricultura empresarial não concebe como terras de boa qualidade, a não transferência da força de trabalho, o baixo custo de produção, a baixa energia exigida para o funcionamento da agricultura campesina quando comparada ao gasto de energia que necessita diretamente ou indiretamente a agricultura empresarial e finalmente, o emprego de mão de obra nas unidades campesinas, que conduz, em épocas de desemprego, a um produto maior por pessoa ocupada e economicamente ativa.

Contudo, surge na Cúpula de Roma (1996), um importante debate sobre a relação entre a soberania alimentar de uma nação com o seu grau de acesso a Educação. Esse questionamento foi trazido para o debate na Cúpula de Roma por algumas Organizações não Governamentais (ONGs), entre elas a Via Campesina. Essa questão também foi abordada no fórum de ONGs para a soberania alimentar (NGO / CSO, 2002).

Os debates concluíram que a soberania alimentar está diretamente relacionada com o direito dos países e dos povos ao acesso a uma educação básica que permita cada país definir as suas próprias políticas agrícolas, pesqueiras e alimentar, de forma que sejam ecológicas, sociais, econômicas e culturalmente apropriadas.

4.3 – Os impactos da pobreza e da insegurança alimentar em Angola

Depois dos conflitos, Angola se viu diante de um cenário de miséria e fome, sem perspectivas reais de superação. De acordo MINADER (2006), a agricultura é a principal fonte de sustento na maioria do país, exceto no sul de Angola, onde predomina a pecuária. Durante esse período de escassez de produtos agrícolas, a população das áreas mais vulneráveis sobreviveu através coleta de lenha, da caça e da pesca, que também são fontes geradoras de renda e de alimentos. Com isso nessas regiões predominou o trabalho informal temporário como outra fonte de subsistência para a população. Nesse contexto, grupos de pessoas mais expostas as condições de miséria e fome trabalhavam para aqueles vizinhos ou conhecidos que recebiam ajuda alimentar ou para aqueles que tinham reservas de alimentos e eram mais afortunados dentro da comunidade. Contudo, apesar do trabalho informal permitir uma fonte geradora de

renda para os pobres, contribuiu de forma negativa para que o agricultor voltasse sua força de trabalho para suas terras e desenvolvesse uma agricultura de base familiar.

Outros fatores que dificultaram o retorno do camponês as suas terras estão relacionados com a falta de infra-estrutura no país, onde as condições de extrema pobreza da população foram agravadas pela ausência de saneamento e de serviços básicos de saúde.

Esse cenário fica evidente com a divulgação do resultado do relatório da FAO (2004). O relatório identificou que, em Angola, apenas 57% das aldeias e cidades rurais tinham um sistema de latrinas funcionando. De acordo com o documento o país tem um reduzido número de clínicas e de profissionais de saúde e que 80% da população não possuem acesso a medicamentos essenciais devido ao seu alto custo. Aproximadamente 10% da população têm acesso a fontes protegidas de água. O sistema de transporte das cidades para as aldeias é deficiente, caro e inconveniente. Como consequência dessas condições precárias, doenças como a malária, sarampo, tuberculose, assim como outras doenças tornaram-se responsáveis pela maior parte da mortalidade infantil e adulta do país. Esse mesmo relatório afirma que nesse período aconteceu uma pandemia da Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (SIDA/AIDS) nas populações mais desinformadas.

Segundo o relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) de 2005 as crianças foram os alvos mais afetados pelas condições de miséria e insegurança alimentar em Angola. O documento registrou uma taxa de 260 mortes/ano de crianças até os cinco anos de idade (ONU, 2005).

De acordo com o Ministério da Saúde de Angola no ano de 2000, 17,3 % das crianças nascidas vivas tinham baixo peso ao nascer. Em 2002, esse valor aumentou para 24,3%.

Os dados do Inquérito sobre Indicadores Múltiplos (MICS) da ONU de 2001 demonstraram que a desnutrição materna refletiu na possibilidade das mulheres de amamentarem seus filhos. Como consequência os indicadores registraram que 86% das crianças abaixo dos seis meses de vida que não receberam leite materno tinham o dobro de chance de morrer por diarreia ou por pneumonia do que aquelas que foram amamentadas³⁹.

³⁹ As taxas de amamentação exclusiva são piores na região Norte e Leste (2% e 3% respectivamente) e melhores na região Sul e Capital (32% e 21%). A introdução em tempo oportuno da alimentação complementar também é muito pobre, com 23% das crianças não recebendo alimentos complementares para acompanhar a amamentação no período de 6-9 meses. Esta situação é pior na região da capital (37%), e melhor na região Oeste e Sul (18% e 17%). A adequação das práticas alimentares durante a doença é também muito pobre, com apenas 7% das crianças com diarreia recebendo mais líquidos e

De acordo com o relatório do Programa Alimentar Mundial das Nações Unidas de 2005, no Planalto Central de Angola, 52 % das crianças com menos de cinco anos de idade sofrem de nanismo⁴⁰ e podem ficar permanentemente incapazes de levarem uma vida inteiramente produtiva. De acordo com o documento, a ONU através do Programa Mundial de Alimentação, em cooperação com o Ministério da Educação de Angola, com apoio de diversas Organizações Não Governamentais tem trabalhado para aumentar o número de angolanos com acesso à educação formal. Um dos incentivos é a doação de alimentos para que a família mantenha a criança na escola. Em síntese, o relatório concluiu que Angola é o segundo pior país do mundo para uma criança nascer, perdendo apenas para Serra Leoa (PAIN, 2007).

Em 2002 o MINADER apresentou um relatório contrário aos dados apresentados pela FAO (2005), onde afirmou que com o fim da guerra, houve melhora no acesso da população angolana ao alimento. Contudo, o relatório da União Européia (2005) que avaliou a Campanha Agrícola em Angola, verificou que essa melhora foi uma consequência isolada, resultado de uma boa colheita e de um possível aumento no retorno das famílias para as áreas rurais.

Em oposição a esse resultado o Comitê Permanente de Nutrição das Nações Unidas (2005) afirma que após uma avaliação dos resultados das Campanhas Agrícolas em Angola, pode-se dizer que as mesmas tiveram uma contribuição significativa na redução da fome. O relatório registrou uma queda de mais de um milhão para cerca de 340.000 pessoas, desde abril de 2003.

Apesar das divergências dos relatórios e de uma aparente melhora nas condições de fome e miséria no pós-guerra, a situação em Angola continua dramática.

Esse fato foi realçado no relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento de Angola (PNUD/ANGOLA, 2005)⁴¹, onde conclui que 68% da população em Angola vive abaixo da linha da pobreza e que 26% das pessoas vivem a pobreza extrema ou indigência⁴².

continuando a se alimentadas (CPN – ONU, 2005: 16-17).

⁴⁰ Uma condição de tamanho do indivíduo quando a sua altura é muito menor que a média de todos os sujeitos que pertencem à mesma população (ONU, 2005)

⁴¹ O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) é a rede global de desenvolvimento da Organização das Nações Unidas, presente em 166 países. Seu mandato central é o combate à pobreza. Trabalhando ao lado de governos, iniciativa privada e sociedade civil, o PNUD conecta países a conhecimentos, experiências e recursos, ajudando pessoas a construir uma vida digna e trabalhando conjuntamente nas soluções traçadas pelos países-membros para fortalecer capacidades locais e proporcionar acesso a seus recursos humanos, técnicos e financeiros, à cooperação externa e à sua ampla rede de parceiros. (PNUD, 2005).

⁴² O exercício que faremos nos parágrafos seguintes baseia-se nos dados disponibilizados no relatório de

O PNUD/ANGOLA de 2005 verificou que nas zonas rurais 94% da população vivem na pobreza extrema, enquanto nas áreas urbanas essa situação reduz para 57% das famílias. O documento registrou ainda que 51 % das pessoas que moram na capital estão abaixo da linha de pobreza, e que a população de Luanda, na sua maioria, esta concentrada em áreas de favela. Como consequencia desses índices, Angola apresentou um dos piores IDH⁴³ do mundo, que o colocou na posição 162 do ranking mundial do IDH num total de 177.

Diante desse cenário, o foco principal do governo angolano, passou a ser a reabilitação do setor da agricultura de base familiar, com o objetivo reduzir as tensões sociais e a pobreza nas áreas rurais, assim como criar uma estabilidade política contribuísse para a segurança alimentar em Angola.

Confirmando essa posição do governo de Angola, a FAO / PAM (2005) em seu relatório, salientou a importância do incentivo a agricultura de base familiar, visto que, esse modelo permitia que a produção fosse consumida principalmente pelos próprios agricultores, que nesse período chegavam a 70 % da população total. O documento apontou ainda a importância da utilização de manejos e técnicas simples como a tração animal e o acesso a fertilizantes, para se obter aumentos de produtividade e uma consequente comercialização dos excedentes. Contudo, o relatório concluiu ser necessária a superação de obstáculos e constrangimentos como a falta de créditos e a incerteza do setor jurídico quanto aos títulos de propriedade da terra, para que pequenas propriedades agrícolas possam se desenvolver. O documento ressaltou a necessidade da

Desenvolvimento Humano (UNDP, 2007/2008), no Relatório do Desenvolvimento Humano de Angola (PNUD/ANGOLA, 2005) e no Relatório de Progresso sobre os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (PNUD/ANGOLA, 2005). Nos casos citados, a maior parte dos dados apresentados baseia-se no Inquérito de Múltiplos Indicadores e no Inquérito aos Agregados Familiares sobre as despesas e receitas realizadas pelo Instituto Nacional de Estatística em 2001. Essas são fontes predominantemente utilizadas nos diagnósticos precedentes da maior parte dos programas em curso em Angola. A precariedade dos dados que referimos no início da seção e sublinhada pelo Relatório de Progresso dos ODM de 2005 que justifica com isso a impossibilidade de monitorar de forma adequada várias das metas dos ODM.

⁴³ O objetivo da elaboração do Índice de Desenvolvimento Humano é oferecer um contraponto a outro indicador muito utilizado, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita, que considera apenas a dimensão econômica do desenvolvimento. Criado por Mahbub ul Haq com a colaboração do economista indiano Amartya Sen, ganhador do Prêmio Nobel de Economia de 1998, o IDH pretende ser uma medida geral, sintética, do desenvolvimento humano. Não abrange todos os aspectos de desenvolvimento e não é uma representação da "felicidade" das pessoas, nem indica "o melhor lugar no mundo para se viver". Além de computar o PIB per capita, depois de corrigi-lo pelo poder de compra da moeda de cada país, o IDH também leva em conta dois outros componentes: a longevidade e a educação. Para aferir a longevidade, o indicador utiliza números de expectativa de vida ao nascer. O item educação é avaliado pelo índice de analfabetismo e pela taxa de matrícula em todos os níveis de ensino. A renda é mensurada pelo PIB per capita, em dólar PPC (paridade do poder de compra, que elimina as diferenças de custo de vida entre os países). Essas três dimensões têm a mesma importância no índice, que varia de zero a um. PNUD (2005).

criação de um modelo de produção agrícola que permita o país retomar a sua auto-suficiência alimentar.

Cabe ressaltar que esses resultados apresentados motivaram a Igreja messiânica Mundial a investir nos projetos da AFRICARTE, principalmente no programa de hortas caseiras que utilizava o método da Agricultura Natural.

4.4 – A contribuição das Campanhas Agrícolas em Angola.

As Campanhas Agrícolas foram uma estratégia do governo Angolano, que através de seu Instituto de desenvolvimento Agrário (IDA), órgão do Ministério de Agricultura e Desenvolvimento rural de Angola (MINADER) propôs ações para estimular o retorno das famílias às áreas rurais com a promessa de fornecer as condições necessárias para uma produção familiar de subsistência, suprindo as suas necessidades básicas e permitindo a geração de renda pela comercialização dos produtos excedentes.

Uma das campanhas agrícolas realizadas foi realizada pelo MINADER no período de 2004/2005, mas, segundo sua avaliação, apesar dos bons resultados obtidos durante a campanha, focos de insegurança alimentar persistiram devido aos fatores já citados como a falta de condições para ampliar as suas áreas de produção como consequência da falta de créditos e da distribuição de terras de forma desigual, privilegiando certas camadas da elite angolana em detrimento dos pequenos agricultores.

O relatório da Campanha Agrícola 2004/2005 do MINADER (2005) cita outros fatores que também foram importantes no resultado da campanha como a falta de sementes e de instrumentos de trabalho para as populações residentes ou recém-assentadas, o que impossibilitou a produção. Com isso essas famílias ficaram dependentes do apoio do Programa de Alimentação Mundial (PAM) ou de redes informais e esse auxílio nem sempre era suficiente. Como consequência desencadeou um alto índice de dependência dos Municípios afetados pela guerra como aqueles localizados nas Províncias de Huambo e Bié. A crescente migração, principalmente de homens jovens, do campo para as áreas urbanas do país, foi um fator decisivo para aumentar essa dependência da ajuda internacional, visto que, de acordo com o MINADER (2005), as atividades agrícolas dependiam da força de trabalho familiar, mas a carência de mão-de-obra de pessoas economicamente ativas no seio da família contribuiu para uma baixa produção de alimentos e um aumento da insegurança alimentar no país.

Esse resultado demonstrou uma necessidade do país investir em educação e capacitação de seu povo para que houvesse uma retomada da produção agrícola.

Outra questão a ser abordada é a relação do cenário de pobreza e fome com as características climáticas de Angola. A existência de períodos de chuvas fortes e irregulares, assim como o longo período de estiagem característico do país, teve uma expressiva contribuição para uma baixa na produção e na produtividade dos alimentos, havendo uma perda total das colheitas nas terras baixas e perdas parciais nas terras altas. Segundo a FAO (2004) esses fatores climáticos degradaram o solo de áreas cultiváveis que aliado a falta de insumos agrícolas e a uma mão de obra sem capacitação, agravaram a situação de extrema pobreza e fome no país.

O Ministério da Agricultura e do Desenvolvimento Rural de Angola através de seu Gabinete de Segurança Alimentar (2006), em seu relatório de avaliação da Campanha Agrícola - 2005/2006 demonstrou que a campanha começou com perspectivas muito promissoras, tanto do ponto de vista climático como da disponibilização de inputs e insumos agrícolas às famílias camponesas. No entanto, algumas regiões do país foram atingidas por uma estiagem prolongada que afetou o desenvolvimento e a produção dos cereais e leguminosas em Cabinda, Zaire, Bengo, Benguela, Kwanza Sul, Huíla, Namibe e Cunene. Observou-se que nos últimos anos o país tem sofrido alguns fenômenos climáticos que fogem ao seu padrão climático como inundações e secas localizadas e fora de época. Como exemplo desses fatos, pode-se citar a região litorânea e a região sul de Angola, locais que por épocas consecutivas têm experimentado secas e inundações, o que resultou em uma baixa produção das culturas e o empobrecimento dos pastos, fatores que refletiram em uma baixa significativa nos índices de desenvolvimento da pecuária e principalmente na economia familiar.

Em 2005, Manuel Abreu Dias da Ordem dos Médicos Veterinários de Angola, fez uma análise das condições de vigilância sanitária do país, com o objetivo de avaliar a qualidade e a inocuidade dos alimentos que estavam sendo comercializados para a população. Como resultado o autor observou que existiam situações de risco para a população consumidora devido à falta de salubridade na distribuição dos alimentos de origem animal, a existência de locais impróprios para a conservação, ao acondicionamento inadequado dos produtos e a venda de alimentos de origem animal perecíveis sem os devidos cuidados. O autor afirma que em Angola não existe uma política que garanta a segurança sanitária dos alimentos, assim como não existem profissionais capacitados e em quantidade suficiente para uma vigilância adequada. A baixa capacidade dos laboratórios existentes em atender a demanda diária da

fiscalização, dificultou a detecção e análise de aditivos, contaminantes, hormônios e medicamentos nas amostras. O autor também observou a necessidade da existência de uma comunicação integrada entre os setores de gestão de segurança alimentar e os demais serviços, assim como uma política voltada para a orientação e educação do povo angolano com relação aos cuidados sanitários básicos.

Dados do MINADER em 2006 estimaram que cerca de 2.292.939 famílias participaram do processo produtivo, 1.614.672 famílias foram assistidas pelo Programa de Desenvolvimento e de Extensão Rural (PDER) e pelo Programa de Fomento do próprio MINADER. O relatório informa que 507.247 famílias foram assistidas através dos Governos Provinciais e 171.020 famílias por parceiros do governo. Esse número de famílias assistidas representou um crescimento na ordem de 2,3% em relação à campanha anterior, com o registro, nas províncias do Kwanza Norte, Cabinda, Benguela, Bié e Moxico de um fluxo considerável de famílias que retornaram e deram início a um processo de reintegração ao sistema produtivo proposto pelo governo.

O relatório do MINADER (2006) demonstrou a existência de certa semelhança nas campanhas agrícolas (2004/2005 - 2005/2006), mas percebeu-se uma importante diferença entre elas. A campanha agrícola 2005/2006 se beneficiou de uma maior reintegração das famílias residentes ao sistema produtivo. Com isso, a área semeada com as principais culturas alimentares cresceu de 3.207.483 hectares, em 2004/05 para 3.262.325 hectares, o que corresponde a um crescimento de 1,7%. Esse resultado aumentou a média nacional por área semeada para 1,03 ha por família. Contudo o MINADER (2006) ainda considera insuficiente a quantidade de cereais e leguminosas produzidas durante a última campanha agrícola. De acordo com análise do MINADER, os problemas da campanha agrícola 2004-2005 se repetiram em 2005-2006 como resultado da falta de investimento em infra-estrutura e na aquisição de recursos.

Nos anos de 2006 a 2007 foi realizada outra campanha agrícola, que segundo o MINADER (2008) ⁴⁴, teve com objetivo apoiar associações e cooperativas como meio de organizar melhor as ações propostas pela campanha agrícola. Como resultado, foram registradas 3.900 associações de camponeses com um total de 534.084 associados, assim como foram registradas 749 cooperativas com um total de 86.445 cooperativados. Destas cifras o Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural, através do Programa de Extensão e Desenvolvimento Rural (PEDR) prestou assistência técnica e apoiou com insumos agrícolas 2.049 associações e 300 cooperativas, correspondendo

⁴⁴ Relatório da Campanha Agrícola de 2006/2007 implantada pelo Governo Angolano através do Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural e divulgado oficialmente seus resultados em 2008.

53% do número total das associações e 40% das cooperativas respectivamente. Como consequência do trabalho realizado, segundo o MINADER (2008), a Campanha Agrícola beneficiou 1.795.960 famílias camponesas. Deste número 785.660 famílias foram assistidas diretamente pelo Programa do PEDR/MINADER, sendo as restantes assistidas por intermédio do Programa de Fomento do MINADER⁴⁵. Segundo o relatório do MINADER (2008) a Campanha Agrícola -2006/2007 atingiu taxas de crescimentos superiores quando comparados com os resultados das campanhas agrícolas anteriores. De acordo com o relatório do MINADER (2008) esse resultado positivo é decorrente de fatores institucionais e naturais que incidiram diretamente no desenvolvimento das atividades agrícolas como uma maior capacidade técnica das Estações de Desenvolvimento Agrícola (EDAs), que eram instâncias representativas do MINADER em áreas mais próximas dos agricultores. Com isso houve uma melhora na qualidade do acompanhamento e da assistência técnica aos agricultores. Os Programas de fomento conseguem melhorar a infra-estrutura de distribuição e acesso aos produtos agrícolas pelas comunidades rurais, muitas vezes fazendo uso do mercado informal, com a criação de cantinas e lojas rurais. Com relação ao clima, nesse período, houve uma regularidade das quedas pluviométricas na maior parte das províncias do país, embora tenham sido registrados fenômenos naturais anormais como a estiagem, chuvas excessivas e fortes ventos, em algumas localidades das províncias. Contudo, esses fenômenos não tiveram efeitos tão graves como na campanha agrícola anterior (2005/2006).

O relatório do MINADER (2008) ressaltou que houve um significativo aumento na quantidade e extensão de áreas semeadas, tanto pela agricultura de base familiar quanto pela agricultura com fins comerciais. Torna-se necessário esclarecer que grande parte do aumento da produção que se deu em províncias como Huambo, Bié, Benguela e Huíla, foram devido à distribuição, para os agricultores, de fertilizantes químicos. De acordo com o MINADER, 78% desses fertilizantes foram fornecidos pelo Programa de Extensão e Desenvolvimento Rural. O relatório do Programa de Extensão e Desenvolvimento Rural (2008) salientou que houve redução da carência que os agricultores vinham apresentando nas outras campanhas. O relatório afirma que essa redução foi devida não apenas pela distribuição de fertilizantes, mas, também pelo fornecimento de instrumentos agrícolas para as famílias de agricultores.

⁴⁵ Programa de distribuição de inputs agrícolas pelos Governos Provinciais e por outros parceiros do Governo (MINADER, 2008).

Como consequência desse trabalho realizado na Campanha Agrícola - 2006/2007, as chamadas Explorações Agrícolas Familiares (EAF), contribuíram com um crescimento de 0,11 ha em relação à campanha de 2005/2006 que foi de 1,42 ha, esse crescimento proporcionou um aumento da média nacional de áreas semeadas por famílias camponesas para 1,53 ha. As Explorações Agrícolas Empresariais (EAE) cobriram uma superfície superior a 94.000 ha, correspondendo em 3% da área total trabalhada ao nível nacional (MINADER, 2008).

Comparando a contribuição das EAF⁴⁶ e EAE⁴⁷, em termos de áreas semeadas na campanha 2006/2007, de acordo com a avaliação feita pelo MINADER (2008) verificou-se que as unidades agrícolas familiares foram responsáveis por 97% da superfície total trabalhada, enquanto que as EAE apenas cultivaram 3% dessa área. A avaliação realçou que a Campanha Agrícola - 2006/2007 abrangeu 1.187.038 explorações agrícolas familiares e 3.715 empresas agrícolas modernas. Como resultado as unidades agrícolas empregaram 576.608 trabalhadores, onde 92,2% correspondem à força de trabalho contratado pelas EAF e 7,8% pelas EAE, o que demonstrou um expressivo crescimento da agricultura de base familiar no país.

Durante as Campanhas Agrícolas realizadas pelo governo angolano, a água foi um fator limitante á todas as campanhas, o que dificultou direta e/ou indiretamente os avanços das propostas do Governo angolano. O acesso a água foi determinante para o resultado da produção agrícola, visto que, influenciou diretamente a produção e a produtividade dos alimentos nas diversas regiões do país.

São poucos os estudos e não existem dados oficiais publicados sobre a questão da água em Angola. Porém, percebe-se uma irregularidade na distribuição da água nos centros urbanos, principalmente em Luanda.

José Gonçalves (2005) concluiu em seus estudos que para se obter a superação do déficit alimentar, torna-se importante e necessário estabilizar á distribuição e o acesso do povo á água. O autor chama a atenção para o carácter de urgência que deve ter os programas hídricos, visto que, os investimentos insuficientes ou muito fragmentados e com prazos dilatados, acabam por se diluírem em determinados contextos.

Ao analisar o esforço do governo angolano em garantir o acesso da população a um alimento de qualidade através das Campanhas Agrícolas, observou-se que foram

⁴⁶ EAF - Exploração Agrícola Familiar corresponde ao universo das famílias camponesas (MINADER, 2008).

⁴⁷ EAE – Exploração agrícola Empresarial corresponde ao universo de agricultores que praticam uma agricultura baseada em tecnologias modernas (MINADER, 2008).

adotadas medidas que culminaram em um crescimento gradativo da capacidade de produção e da produtividade no país. Esse avanço no desenvolvimento rural fortaleceu a agricultura de base familiar, contudo se caracterizou por ações assistencialistas. Ao fornecer sementes, fertilizantes e instrumentos de trabalho, o MINADER não garantiu sustentabilidade à população rural. Ao analisar os relatórios das campanhas agrícolas, pode-se observar que a preocupação básica da instituição estava no atendimento às situações emergenciais de combate a fome. Esse fato aumentou a dependência da população aos Programas de Fomento e Apoio Rural do Governo do país, assim como da ajuda internacional.

Em síntese, torna-se necessário investir em infra-estrutura no campo, proporcionar ao agricultor o acesso a água e aos serviços de saúde, assim como investir em educação e capacitação do trabalhador rural e de sua família. Torna-se importante também reconstruir as estradas e criar um sistema de transporte eficiente, que possibilite o escoamento e comercialização da produção agrícola. Outro fator que necessita investimento é a vigilância sanitária dos alimentos, com o objetivo de garantir a qualidade e a inocuidade dos produtos agrícolas.

Para que se tenha essa garantia torna-se importante repensar o modelo agrícola convencional que vem sendo utilizado, o qual impacta o meio ambiente e a saúde pública. É preciso reavaliar os conceitos de segurança alimentar adotados no país, para que se tenha produção e produtividade com sustentabilidade. Para se obter sustentabilidade econômica é preciso pensar em seus fatores limitantes como o meio ambiente e a saúde do trabalhador rural, visto que, sem as condições ambientais necessárias e com o adoecimento frequente do trabalhador torna-se inviável o crescimento de sua economia.

CAPÍTULO V - MOKITI OKADA E A AGRICULTURA NATURAL

Este capítulo é uma síntese da biografia de Mokiti Okada, com o objetivo de apresentar sua trajetória de vida e suas experiências adquiridas com a prática do método de Agricultura Natural.

Mokiti Okada nasceu em 23 de Dezembro de 1882, no bairro de Hashiba, no distrito de Assakussa, no Japão. Okada durante sua vida observou e vivenciou várias experiências com a prática da Agricultura Natural. Suas experiências começaram basicamente quando ele contraiu pleurisia na adolescência. Depois de um ano de tratamento médico, a base de remédios convencionais ficou aparentemente curado. Porém algum tempo depois, sofreu uma forte recaída, piorando cada vez mais. Em pouco mais de um ano, foi diagnosticada tuberculose de terceiro grau. Após ser submetido a exames minuciosos, soube que não havia esperança de cura. Como pensava que ia morrer, decidiu tentar a recuperação por meio de algum método diferente. Okada ao ler um livro sobre plantas medicinais obteve explicações a respeito dos efeitos terapêutico das flores, das folhas, dos frutos e dos alimentos em geral. Resolveu então seguir uma dieta vegetariana e com orientação médica, Mokiti Okada, deixou de consumir alimentos de origem animal e passou a comer apenas vegetal. Após realizar a dieta vegetariana por um período, realizou novos exames médicos, onde foi diagnosticada a cura da tuberculose, ou seja, os sinais e sintomas clínicos da doença já não mais existiam. Esse fato aconteceu em 1900 e na época Okada tinha 18 anos de idade (FMO, 1987).

A biografia de Okada cita que em 1934 os agricultores japoneses, principalmente aqueles que alugavam terras na região nordeste do Japão, encontravam-se em uma situação de extrema pobreza e muitos desses agricultores não tinham o mínimo para sua subsistência. Nessa época as áreas agrícolas tinham sido devastadas pelo clima frio que atingiu a região. Com isso, Okada começou a pensar em uma maneira de produzir alimentos que pudesse reduzir os gastos dos produtores com adubos, agrotóxicos e com o aluguel de terras. Okada começou a pensar em um cultivo que também pudesse resistir às intempéries climáticas (FMO, 1987).

Diante deste cenário Mokiti Okada diz:

“Não há um dia sequer que os jornais não publiquem artigos sobre a devastação das terras agrícolas. Que peso no meu coração!”

Mokiti Okada acreditava que uma agricultura de base familiar, sem os custos

com o aluguel de terras, sem os custos do uso de fertilizantes químicos ou de origem animal, poderia contribuir para a redução da miséria em que viviam os agricultores no Japão. Com esse objetivo começou a realizar experimentos em suas propriedades, aonde vivenciou diversas experiências com prática do cultivo sem fertilizantes. Ele começou retirando gradativamente os fertilizantes e verificou que no início o solo não produzia satisfatoriamente, mas, com o tempo, persistindo no uso de matéria orgânica vegetal e na utilização de solo mais puro, começaram a melhorar os resultados (FMO, 1987).

Em 01 de Janeiro de 1935, Mokiti Okada fundou a Igreja Messiânica Mundial do Japão e em Julho do mesmo ano, resolveu divulgar através do curso chamado *Kannon*, para todos os adeptos da fé messiânica, os resultados obtidos em suas experiências com o *Cultivo sem Fertilizantes*. Como resultado aumentou o número de praticantes deste método agrícola no Japão (FMO, 1987).

Em fevereiro de 1936, Okada utilizou um espaço de 1000 m² de sua propriedade para o cultivo de verduras. Nessa época, Okada e sua família passavam por severas dificuldades financeiras. As hortaliças e verduras cultivadas em seus experimentos serviram como principal fonte de subsistência para a sua família. Esse fato aumentou ainda mais a sua convicção na possibilidade de se utilizar o método para a subsistência de famílias que passavam por situação semelhante. Apesar de todo o esforço, o resultado geral dessa fase inicial de trabalho, que durou até 1939, não foi satisfatório. As plantas ainda eram atacadas por doenças e pragas e a microbiologia do solo não se desenvolvia.

Mas foi a partir de 1938, que Okada resolveu ampliar seus experimentos, para isso precisou do apoio de pessoas que não tinham experiência com agricultura. Com o apoio inicial de sua família, Okada começou a procurar sementes e mudas de verduras que tivessem sido cultivadas sem o uso de fertilizantes. Durante essa busca, Okada observou que os produtos cultivados sem o uso de fertilizantes e com matéria orgânica vegetal em abundância demoravam mais a crescer, mas, tinham um ótimo sabor, além de não serem atacados por pragas. Através de uma observação minuciosa desses fatos, Okada resolveu ampliar e fazer novos experimentos em pequenas hortas dentro de sua propriedade. Comparou os canteiros que utilizavam fertilizantes químicos e de origem animal, com aqueles canteiros que usavam unicamente matéria orgânica vegetal. Como resultado, Okada pode confirmar o resultado de seus primeiros experimentos, ele percebeu que os canteiros que usavam fertilizantes químicos ou adubo de origem animal eram constantemente atacados por pragas e doenças, além disso, os alimentos tinham um sabor diferenciado e odor desagradável. Com relação aos canteiros que usaram

apenas matéria orgânica vegetal, Okada observou que quase não apareciam pragas, que as plantas dificilmente ficavam doentes e que as pessoas que se alimentavam relatavam que esses alimentos tinham um sabor melhor e um odor mais agradável (OKADA, 1948).

Como seu trabalho começava a obter resultados satisfatórios, a partir de 1941, Okada começou a utilizar cada vez mais as pessoas que não tinham experiência nenhuma com o manejo de técnicas agrícolas. As famílias que aderiram ao método proposto por Okada começaram a cultivar arroz no brejo e na horta cultivaram berinjela, pepino e outras verduras, fazendo uso apenas de matéria orgânica vegetal. Os resultados foram além das expectativas e com isso Mokiti Okada comprovou sua teoria de que qualquer pessoa poderia praticar o método de Agricultura Natural com sucesso, independente de ter experiência ou não.

Durante vários anos, Mokiti Okada continuou a pesquisar e a experimentar o método de Agricultura Natural em diversos produtos como as flores, frutas, verduras, legumes, arroz, trigo e soja. Okada não deixava o trabalho de campo apenas com os seus encarregados, ele mesmo se dedicava a trabalhar no campo e a ver os resultados de seu próprio esforço. Preocupava-se em verificar a maciez do solo, a forma com que os produtos se desenvolviam e outros detalhes. Em síntese, ele observava constantemente o padrão apresentado pela natureza e buscava respeitá-lo (OKADA, 1954).

Mas foi em 1941 que Mokiti Okada vivenciou uma de suas melhores e mais importantes experiências. Okada visitou a vila de Yunishikawa, na província de Totigui no Japão. Essa vila era habitada por aproximadamente 60 famílias, cerca de 900 pessoas. Okada conversou com essas famílias e observou que não haviam pessoas doentes na vila, fato que despertou o seu interesse em conhecer melhor a rotina de cada morador. Ao entrevistar os habitantes da vila, pode ouvir o depoimento oral de cada um sobre seu estilo de vida. Okada verificou que na vila não existiam médicos e que todos os moradores tinham pelo menos uma horta de verduras e/ou legumes em suas casas. Okada observou que os moradores se alimentavam basicamente de seus cultivos e que na produção destes não faziam uso de nenhum tipo de fertilizante ou adubo. Outro fator que ele identificou durante as entrevistas foi que na região não havia rios e por isso as pessoas não comiam peixe e, como também não criavam galinhas, elas não consumiam ovos. A esse respeito Okada escreveu:

(...)“Esse fato torna evidente o quanto a comida vegetariana cultivada em casa e a não utilização de remédios são benéficos á saúde”.

Durante a segunda guerra mundial, o Japão passou por momentos de extrema pobreza e fome. Okada continuava a obter diversas experiências positivas com relação à prática do método de Agricultura Natural. Okada orientava o método para as famílias que não tinham grandes espaços, que tinham terrenos com solos pobres e principalmente aquelas que não tinham nenhuma experiência em agricultura e estavam passando por dificuldades financeiras extremas. O resultado com a expansão dessas hortas caseiras, durante a guerra, foi que as famílias que adotaram o método conseguiram o suficiente para se alimentar e até doaram para outras pessoas (FMO, 1987).

Em maio de 1944, um ano antes do término da segunda guerra mundial, Okada se mudou para Gora em Hakone, local onde adquiriu um novo terreno que ficava vizinho ao de sua casa. Neste terreno ele buscou dar continuidade as experiências com o cultivo pelo método da Agricultura Natural. O terreno era cheio de pedras, tinha um solo pobre, mas mesmo assim as colheitas foram excelentes, tanto na quantidade quanto na qualidade, e melhoravam a cada ano. O método demonstrava uma capacidade de recuperar solos degradados e pobres. De acordo com Okada, a divulgação dos resultados positivos obtidos com seus experimentos, fez com que o número de adeptos da Agricultura Natural aumentasse consideravelmente em Hakone (FMO, 1987).

Mas, somente em 1948, Okada com o pseudônimo de *Shin-no-sei*, publicou pela primeira vez um artigo sobre seus experimentos na revista *Tijo Tengoku* do Japão. O artigo foi intitulado de “*O cultivo sem fertilizantes*”. Posteriormente, Okada também publicou outros artigos em diversas revistas japonesas. Esses artigos tinham como objetivo divulgar suas experiências com a prática da Agricultura Natural por todo o Japão.

Em seus artigos Mokiti Okada realçava que o grande erro da agricultura tradicional teria sido não ter considerado a capacidade produtiva do solo, assim como sua capacidade de recuperação natural. Okada salienta em seus artigos (1948) que devido a esse manejo inadequado do solo pela agricultura tradicional, foi necessário o uso de adubos e agrotóxicos no campo com o objetivo de aumentar a produção e combater as pragas e as doenças das plantas. Alternativa que no decorrer dos anos viria a impactar a saúde pública e o meio ambiente, sem conseguir resolver o problema da fome e da miséria do mundo.

Os trabalhos de Okada (1948) demonstraram que o uso de adubos e agrotóxicos provocou o aparecimento de pragas e o adoecimento das plantas em seus canteiros. Ele realça em seus artigos que o uso de agrotóxicos pode apresentar riscos para a saúde do

homem, além de provocar um aumento no custo da produção, alteração no tamanho e no sabor dos alimentos.

De acordo com os artigos de Okada (1948), a melhor maneira de fertilizar o solo consiste em proporcionar as condições naturais necessárias para seu desenvolvimento. Segundo suas pesquisas de campo, publicadas em 1948, para que se tenha uma produção satisfatória de alimentos é preciso que a terra utilizada não tenha resíduos de adubos e agrotóxicos, que essa terra possa estar exposta ao sol e suficientemente abastecida com água e matéria orgânica vegetal. O autor ressalta que além dos aspectos que envolvem a saúde e a ecologia, o método de Agricultura Natural pode trazer benefícios econômicos e sociais.

Conforme citado anteriormente, em 1935, Mokiti Okada inaugurou a Igreja Messiânica Mundial no Japão. De acordo com Okada (1987) seu objetivo era criar um movimento que mobilizasse a sociedade para práticas de vida mais altruísticas e sadias. Contudo, o mundo vivia um período de guerra, os movimentos associativos eram proibidos. Foi diante desta situação que ele decide fundar a Igreja Messiânica Mundial, que posteriormente seria a fomentadora de projetos realizados pela Fundação Mokiti Okada no Brasil e pela AFRICARTE em Angola.

Com a inauguração da Igreja Messiânica Mundial os experimentos foram também realizados nas casas dos membros da igreja que acreditavam na proposta de seu Fundador, Mokiti Okada. A partir desse momento a Agricultura Natural tornou-se também um dos pilares da expansão da Igreja Messiânica Mundial no Japão, conseguindo conduzir muitas pessoas a fé messiânica. Com esses resultados ele decidiu expandir o método para diversas famílias e agricultores de base familiar. Em 1950, Okada resolve tornar oficial o nome do método agrícola que praticou durante muitos anos. Em 22 de maio de 1951, ele apresenta as bases teológicas da Igreja Messiânica e os fundamentos técnicos da Agricultura Natural para a sociedade acadêmica através de uma palestra proferida no auditório do Hybiya Public Hall em Tóquio no Japão (FMO, 1997).

Neste período, para evitar conflitos entre técnicos e religiosos, Okada decidiu desenvolver o método da Agricultura Natural separadamente das atividades religiosas da Igreja Messiânica Mundial. Com isso, Mokiti Okada resolveu publicar outro artigo denominado de “A grande revolução da agricultura japonesa”, no jornal japonês EIKO – nº 245 – de 27 de Janeiro de 1954. Os artigos de Okada foram inicialmente traduzidos para o português em 1983 em sua Biografia intitulada - *Luz do Oriente*. Posteriormente, em 1987 na obra “A outra face da doença”. Essas obras foram editadas pela Fundação

Mokiti Okada no Brasil com base na edição original chamada de *Shinji no Kenko* da Editora *MOA SHOJI*, localizada em Atami no Japão.

Os trabalhos de Okada serviram como base para a expansão do método de Agricultura Natural no Japão, no Brasil e na África.

Em síntese, os trabalhos publicados de Okada apresentaram os princípios do método de Agricultura Natural que foram o resultado de aproximadamente 50 anos de observação e prática (1900-1950). Observando seus resultados podemos verificar que Mokiti Okada buscou demonstrar que a Agricultura Natural pode ser praticada por qualquer pessoa em qualquer parte do mundo. Outro fator importante demonstrado foi a sua capacidade de permitir a subsistência e gerar renda para as famílias de camponeses. Finalmente, ele apresentou em seus trabalhos um método que por não utilizar adubos e agrotóxicos, pode contribuir com a redução dos custos de produção, além de não impactar o meio ambiente e a saúde das pessoas.

Torna-se importante ressaltar que foram os resultados das experiências vivenciadas por Okada com a prática da Agricultura Natural e não a sua vinculação com a Igreja Messiânica Mundial que fizeram crescer o número de adeptos do método agrícola no Japão. Esses mesmos resultados inspiraram também a adoção da Agricultura Natural pela Igreja Messiânica Mundial em outras partes do mundo como no Brasil, na Europa e na África.

CAPÍTULO V I – AGRICULTURA NATURAL EM ANGOLA: A VOZ DOS GESTORES

6.1 - Introdução

O capítulo anterior buscou resgatar parte da biografia de Mokiti Okada, sua trajetória de vida e sua relação com a base teológica da Igreja Messiânica Mundial, assim como a sua relação com os fundamentos técnicos do método da Agricultura Natural.

Neste capítulo será apresentada a experiência vivenciada pelos quatro principais gestores da AFRICARTE na implantação e desenvolvimento do método de “Agricultura Natural” através de hortas caseiras em Angola. Cabe apresentar a idéia de que a fundamentação técnica da Agricultura Natural não guarda qualquer relação com a base teológica da Igreja Messiânica Mundial, ambas surgiram das experiências e dos ensinamentos de Mokiti Okada. Observou-se que Okada buscou separar as atividades pastorais da Igreja Messiânica Mundial das atividades de divulgação da Agricultura Natural. No entanto, sua implantação em Angola foi realizada graças à organização da Associação para o Desenvolvimento da Agricultura Natural e Cultura Africana (AFRICARTE), uma instituição vinculada ao movimento messiânico internacional que foi responsável pelo desenvolvimento de um programa de “Agricultura Natural” no país e que beneficiou, segundo dados oficiais de documentos da AFRICARTE (2009), cerca de oito mil pessoas.

Esse capítulo buscou responder aos objetivos da pesquisa através de quatro questões extremamente importantes: Como foi implantada a Agricultura Natural em Angola? Que vinculação existe entre a Agricultura Natural e a Igreja Messiânica? Que problemas foram identificados para o desenvolvimento da Agricultura Natural? Que perspectivas podem ser apresentadas?

Para isso, inicialmente, como resultado da aplicação da metodologia de História Oral será feita uma breve apresentação dos entrevistados. Eles serão apresentados segundo a importância que tiveram na implantação na Agricultura Natural em Angola.

6.2 - O perfil dos depoentes

Como afirmamos anteriormente, entrevistamos quatro gestores do projeto de implantação da Agricultura Natural em Angola, a saber: Francisco Jesus Fernandes (1946/2010), Cláudio Cristino Leal Pinheiro (1973), Hiroshi Ota (1967) e Marques Zambu Bambi (1956).

6.2.1 – Francisco Jésus Fernandes

Francisco Jésus Fernandes chegou em Angola em 1991. Até então ele era responsável pelas atividades pastorais da Igreja Messiânica na região Norte e Nordeste do Brasil. Sua ida para a África foi considerada por ele uma “missão” que a Igreja Messiânica lhe havia proposto. Naquela  poca, Angola estava passando por uma Guerra Civil e o país era assolado pela fome e pela miséria. Estes aspectos dificultaram a implanta o do programa de Agricultura Natural, como veremos a seguir. Duas questões nos parecem pertinentes a seu respeito: Como ele chegou a Igreja Messiânica? Por que razão foi escolhido para desempenhar este papel? Para responder a estas questões faremos um breve resgate de sua biografia.

Francisco Jésus Fernandes é brasileiro, nascido em Juiz de Fora no dia 28 de agosto de 1946. Aos dezesseis anos de idade tornou-se jogador de futebol no Rio de Janeiro, tendo atuado como atleta profissional nos times do Botafogo, Flamengo e na sele o Brasileira. No início da década de 1970 começou a freqüentar a Igreja Messiânica Mundial do Brasil (IMMB) no Rio de Janeiro. O ingresso na IMMB permitiu que ele começasse a conhecer os princípios da Agricultura Natural.

Inicialmente eu entrei para a Igreja Messiânica para receber benefícios e poder jogar futebol. Quer dizer, inicialmente as minhas ambi es eram muito egoístas. Mas, a partir do instante em que fui vendo os resultados, lendo os ensinamentos, conhecendo o projeto de Mokiti Okada para o mundo, eu me apaixonei por esse projeto e resolvi dedicar a minha vida, doar a minha vida para ajudar as outras pessoas/.../ essa transforma o ocorreu em mim gradualmente /.../ (Fernandes, depoimento 2009).

O caminho dele foi, portanto, diferente do de Bambi. Enquanto o angolano encontrou na Agricultura Natural um conforto para seus problemas de saúde, Francisco J. Fernandes conheceu esta prática agrícola freqüentando a Igreja Messiânica. De acordo com o que podemos observar na entrevista, Francisco J. Fernandes não possuía qualquer experiência na prática agrícola e também não tinha forma o e nem experiência como gestor de projetos. Estes não parecem ter sido os motivos que o levaram até Angola. O que parece ter sido decisivo foi o lugar de prestígio e poder que ele passou progressivamente a ocupar durante os anos 1980 na Igreja Messiânica no Brasil. Assim que abandonou a carreira de jogador de futebol passou a assumir cada vez mais responsabilidades com este movimento religioso. Entre 1976 e 1986 exerceu suas fun es de sacerdote da Igreja Messiânica no Rio de Janeiro. Em seguida passou a assumir as mesmas fun es na Bahia. Logo depois foi nomeado responsável pela expansão da Igreja Messiânica em toda a região nordeste do Brasil. A confiança que

tinha da cúpula da Igreja Messiânica brasileira e mundial foi determinante, a nosso ver, em sua nomeação. Sua ascensão na hierarquia da Igreja Messiânica não se encerrou em Angola. Pelo contrário. A experiência de gestão adquirida através das atividades pastorais da Igreja Messiânica e na coordenação do projeto de agricultura natural em Angola, o credenciaram a ocupar novas funções na instituição. Ao falecer, no dia 14 de abril de 2010, Francisco Jésus Fernandes ocupava os cargos de Vice-presidente da Igreja Messiânica Mundial do Brasil e Presidente da Igreja Messiânica Mundial de Angola.

6.2.2 - Cláudio Cristino Leal Pinheiro

Durante o período em que esteve na Bahia, Francisco Jésus Fernandes foi professor de Cláudio Cristino Leal Pinheiro. A relação de confiança e identidade que se estabeleceu entre eles foi responsável pela ida de Cláudio para Angola em 1997.

Cláudio Pinheiro é brasileiro. Ele nasceu em 1973 na Bahia. Diferindo de Francisco Fernandes, a Agricultura Natural foi para ele a porta de entrada para a Igreja Messiânica. Buscando um método alternativo de cura para a asma que seu pai sofria, conheceu em 1977 a Agricultura Natural preconizada por Mokiti Okada. Utilizando suas técnicas em uma horta caseira, observou que a saúde de seu pai melhorava consideravelmente, chegando há ficar muitos meses sem crise respiratória. Cláudio, ao perceber a influência da prática da Agricultura Natural e de uma alimentação saudável na vida de seu pai, decidiu aprofundar nos ensinamentos de Mokiti Okada. Anos depois entrou para o seminário de formação sacerdotal da Igreja Messiânica. No seminário conheceu Francisco Jésus Fernandes e, com sua orientação, decidiu se preparar para se dedicar integralmente a expansão da fé messiânica e da agricultura natural no continente africano.

Assim ao analisar os casos de Cláudio Pinheiro e Marques Z. Bambi pode-se demonstrar a possibilidade de que outras pessoas também tenham sido atraídas para a Igreja Messiânica através da Agricultura Natural. Pode-se verificar, portanto, que apesar de não existir uma fundamentação teológica na Agricultura Natural, sua expansão está associada a interesses políticos de expansão desta instituição religiosa em território africano.

Além de ter com Francisco Fernandes uma relação de confiança, Cláudio Pinheiro procurou conhecer mais profundamente a Agricultura Natural. Para isso, em 1994, durante o curso do seminário de formação sacerdotal, visitou um produtor rural no Estado de São Paulo que praticava este método de agricultura. Esta visita foi

acompanhada e orientada por técnicos do “Centro de Pesquisa da Fundação Mokiti Okada” do Brasil. Naquela oportunidade ao observar os resultados, Cláudio Pinheiro constatou que precisava conhecer mais profundamente a Agricultura Natural para que pudesse melhor cumprir seu trabalho em Angola. Segundo ele:

Em São Paulo, naquele dia, a agricultura natural entrou em meu coração e pensei: puxa vida! Isso é uma coluna de salvação que Mokiti Okada nos ensinou e que eu preciso aprofundar. E a partir daí eu comecei a estudar mais sobre agricultura natural. Fui para o Japão, e lá procurei conversar com os pioneiros desse método agrícola, conversando com eles, busquei aprender com suas experiências /.../ (Pinheiro, depoimento 2009).

Por ser o homem de confiança de Francisco Fernandes, Cláudio Cristino Leal Pinheiro foi nomeado para seguir para Angola. Atualmente Cláudio Pinheiro é Vice-Presidente da Igreja Messiânica Mundial de Angola.

Está assim constituído o grupo de depoentes. Cada um deles teve uma motivação particular para se envolver com a Agricultura Natural e com a Igreja Messiânica. Cada um deles desempenhou um papel diferente na introdução da Agricultura Natural em Angola. Vejamos a seguir, a versão que apresentam sobre a criação da AFRICARTE e a avaliação que fazem da experiência adquirida na implantação e desenvolvimento da Agricultura Natural em Angola.

Como mencionamos anteriormente, a implantação da Agricultura Natural em Angola é um dos pontos que merece destaque na análise destas entrevistas.

6.2.3 - Hiroshi Ota

Hiroshi Ota é japonês e nasceu em 1967. Seus pais, agricultores da província Gifu, região central do Japão, durante a Segunda Guerra Mundial conheceram e aprenderam pessoalmente com Mokiti Okada os fundamentos da Agricultura Natural. Ota parece ter sido uma peça central no processo de implantação da Agricultura Natural em Angola.

A história de sua vida está associada à elaboração e desenvolvimento técnico da “Agricultura Natural”. Quando a idéia de se criar um projeto como este em Angola foi idealizado, Ota era Coordenador de Pesquisa do “Centro de Pesquisa da Fundação Mokiti Okada” no Brasil. Durante muitos anos, Hiroshi Ota aprendeu os ensinamentos sobre Agricultura Natural com Katsuiti Watanabe, discípulo direto de Okada. Durante vários anos difundiu esta prática agrícola em diferentes situações e regiões do Japão. Com a morte de Katsuiti Watanabe em Fevereiro de 1991, Ota foi convidado pelos dirigentes da Igreja Messiânica Mundial do Japão para difundir no Brasil sua

experiência adquirida com a prática da Agricultura Natural. O fato de ter sido aprendiz de Watanabe conferiu a Ota um conhecimento e uma imagem compartilhada por poucos membros da Igreja Messiânica Mundial.

Quando chegou ao Brasil, Ota enfrentou muitas dificuldades com relação ao idioma, além de sofrer com o preconceito das pessoas pelo fato dele ser japonês. Aos poucos foi conquistando adeptos e simpatizantes do método de Agricultura Natural. A criação do “Centro de Pesquisa da Fundação Mokiti Okada” (1996) foi uma das estratégias adotadas pela Fundação Mokiti Okada com recursos financeiros da Igreja Messiânica Mundial do Brasil, com o intuito de obter reconhecimento acadêmico de sua prática agrícola. Outra estratégia foi expandir a Agricultura Natural para o continente africano, marcado historicamente pela fome.

Com dificuldades de se expressar corretamente em português, Ota em seu depoimento confirmou essa estratégia da Igreja Messiânica Mundial em relação a organização deste centro de pesquisa ao dizer:

Naquela época, Tetsuo Watanabe, o Presidente Mundial da Igreja Messiânica, começou a falar sobre construir a cidade da Nova Era. Então, como é que seria a cidade da Nova Era? O que precisa? Além da agricultura natural, precisa ser um lugar que se aplica a filosofia da Mokiti Okada né? Para gerar o conhecimento, foi criado um centro de fomento que se transformou no Centro de Pesquisa Mokiti Okada para desenvolver as atividades de pesquisa. Em 1996 inaugurou o Centro de Pesquisa com o objetivo de ampliar os estudos e pesquisa sobre a agricultura natural e meio ambiente, repassando os resultados para o produtor rural /.../ mas precisava de dinheiro, e com isso a Igreja Messiânica tornou-se a fonte mantenedora do Centro de Pesquisa (Ota, depoimento 2009).

Ota ministrou aulas sobre agricultura natural para o angolano e engenheiro agrônomo Marques Zambu Bambi, durante seu estágio no Centro de Pesquisa. Deste contato foi sendo construída a idéia de se estabelecer uma experiência de Agricultura Natural em Angola.

6.2.4 – Marques Zambu Bambi

A aproximação de Bambi com a Igreja Messiânica Mundial ocorreu através da Agricultura Natural. Vejamos como foi seu processo de aproximação com a Igreja Messiânica e as razões que podem justificar sua escolha para desempenhar o papel de gestor do programa de Agricultura Natural em Angola.

Marques Zambu Bambi nasceu em Angola no dia 16 de dezembro de 1956. Ele é filho de pais analfabetos e agricultores, integrantes da etnia Ambacongo, de uma região no norte de Angola, da província do Kwanza Norte. A história da família Bambi é parte

do processo de colonização, escravidão e luta pela independência de Angola. Ele cursou o primário em sua aldeia natal, concluindo-o na Comuna Cariamba. Em seguida foi transferido para o Seminário dos Capuchinhos, na província do Kwanza Norte, na Comuna do Camanbatela. Seguiu para o Seminário Maior do Cristo Rei, na província de Luanda, onde se graduou em filosofia em 1978. Logo depois deixou o Seminário. Bambi é um homem erudito, que obteve densa formação religiosa católica. Com a Independência, uma das principais iniciativas do governo de Agostinho Neto esteve voltada para a formação e capacitação de quadros nativos. A posição política do Governo, em um contexto marcado pela Guerra Fria, levou Bambi a Cuba. Com voz embargada, nos confidenciou que:

Naquele momento, surgiu à oportunidade da formação de novos quadros, isso significava que o governo angolano ia dar bolsa de estudo para muitos que não tiveram a possibilidade de se formar, então fui me inscrever no Ministério da Indústria e fiz o teste, fui aprovado e consegui a bolsa. Fui para a República de Cuba fazer engenharia agrônoma. Isso foi em 1979 (Bambi, depoimento 2009).

Em 1987, Bambi retornou a Angola e mesmo graduado como engenheiro agrônomo, enfrentou dificuldades financeiras, além de ter uma gastrite crônica e úlceras estomacais que se agravaram em Cuba devido à alimentação. Além disso, seu organismo não respondia aos medicamentos. Na oportunidade conheceu a Agricultura Natural. Como agrônomo, não conseguia aceitar seus fundamentos, pois havia aprendido, durante sua formação, a importância de se aplicar adubos e agrotóxicos no cultivo agrícola. Depois de assistir algumas palestras sobre o tema, apesar de reticente, decidiu introduzir em sua casa o cultivo em hortas caseiras, baseando-se nos princípios técnicos da Agricultura Natural. Aos poucos, segundo ele, não conseguia entender, porque seu estado de saúde melhorava. Por esta razão resolveu aprofundar seus estudos nos ensinamentos de Mokiti Okada, principalmente aqueles que se referiam à Agricultura Natural. Seu envolvimento com a Agricultura Natural teve, portanto um componente epistemológico não desprezível. Acostumado a seguir os princípios da tradicional agricultura, Bambi se surpreendia com o que conhecia e observava. Seu envolvimento com esta prática agrícola o trouxe até o Brasil. Com o apoio da Igreja Messiânica Mundial, Bambi realizou, em 1994, um estágio no pólo de agricultura natural de Cruz das Almas, na Bahia, e depois no pólo de Atibaia, ambos tendo como mantenedora de seus recursos a Igreja Messiânica. Em seguida foi até a sede do “Centro de Pesquisa da Fundação Mokiti Okada” (CPMO), em Ipeúna - São Paulo. No CPMO recebeu orientação da equipe técnica formada por Doutores em Agronomia, especialistas em Agricultura Natural e Agroecologia, onde se destaca a PhD Ana

Primavesi, pioneira da Agroecologia no Brasil. Nessa época Bambi conheceu Hiroshi Ota - Coordenador de Pesquisa do CPMO. Segundo o engenheiro Marques Z. Bambi, foi a partir das experiências adquiridas no estágio e com o consequente encontro com Hiroshi Ota, que se começou a estudar a possibilidade de uma cooperação técnica do “Centro de Pesquisa da Fundação Mokiti Okada” em Angola. Essa cooperação do CPMO teria como objetivo o de capacitar técnicos e voluntários para o trabalho de expansão da agricultura natural naquele país. Após esse período, o Engenheiro Bambi tornou-se sacerdote da Igreja Messiânica Mundial de Angola. Atualmente ele ocupa o cargo de responsável técnico pelo projeto de expansão da agricultura natural em Angola. O caso de Marques Z. Bambi ilustra como o cidadão comum pode se aproximar da Igreja messiânica através dos resultados evidenciados pela Agricultura Natural.

Apesar do apoio do CPMO e da capacitação do engenheiro Bambi, a gestão da implantação do projeto de Agricultura Natural, esteve a cargo de um homem de extrema confiança da cúpula da Igreja Messiânica Mundial. Trata-se de Francisco Jéus Fernandes.

6.3 - A implantação da Agricultura Natural em Angola

O primeiro ponto a ser analisado é o seguinte: Como foi implantada a Agricultura Natural em Angola?

De acordo com o depoimento do engenheiro agrônomo angolano Marques Z. Bambi observou-se que ele desempenhou papel central na introdução da Agricultura Natural em Angola, sobretudo em Luanda. De acordo com os quatro entrevistados foi Bambi que começou a divulgar este método através da implantação de hortas caseiras. No início, este trabalho teve como público alvo principal os membros e simpatizantes da Igreja Messiânica Mundial de Angola (IMMA), devido à disposição de cada família em colocar em prática os ensinamentos de seu fundador Mokiti Okada. Segundo os próprios gestores do projeto, essa disposição pode ter sido motivada pela crença que cada pessoa que adotou este método tinha na proposta de Mokiti Okada. Mas, segundo eles, não houve imposição por parte da Igreja Messiânica para que seus seguidores experimentassem este método no quintal de suas casas. Na verdade, essas famílias passavam por dificuldades semelhantes às outras famílias que não eram membros da IMMA ou simpatizantes dos ensinamentos de Okada. Essas famílias que foram pioneiras no projeto de desenvolvimento da agricultura natural acreditavam que nada tinham a perder. Elas achavam que já tinham perdido quase tudo na guerra e foram

convencidas por Bambi que este método permitiria o acesso a um alimento saudável. Apesar da vinculação explícita de interesses entre a introdução da Agricultura Natural e a expansão da Igreja Messiânica em Angola, os gestores deixaram claro nas entrevistas que o método apresentado poderia ser adotado por qualquer pessoa, independente de credo, sexo ou raça.

Parte destas idéias pode ser observada no depoimento de Bambi:

Olha, todo mundo tem necessidade de comer, todo mundo tem necessidade de aprender, e então /.../ quando há facilidade, ou alguém apresenta interesse de querer aprender, nós não fechamos as portas. Ainda mais quando se trata de uma filosofia de cultivo da terra. /.../ Neste caso nós abrimos as portas para todo mundo. Não importa se é branco, se é preto, se é mestiço, se é amarelo, se é índio, nós abrimos as portas para todo mundo. E não importa também se é da nossa religião ou não. /.../ Nós somos abrangentes (Bambi, depoimento 2009).

A trama de interesses recíprocos ficou ainda mais evidente durante este período inicial. Os quatro entrevistados deixaram claro que a Agricultura Natural começou a ser adotada pelos fiéis da Igreja Messiânica e que contou com seu financiamento. Eles afirmaram que para começar o trabalho foi necessário utilizar essas pessoas e os recursos providos pela Igreja Messiânica, já que não dispunham de dinheiro para desenvolver o trabalho sem apoio. Em termos retóricos os quatro entrevistados acreditavam que com os resultados obtidos com as hortas caseiras, poderiam influenciar outras pessoas e criar uma associação independente e sustentável. Não ficou explícito na voz dos depoentes que o interesse despertado pela Agricultura Natural em cidadãos em condições de miséria, os aproximaria da Igreja Messiânica. Não ficou evidente na voz dos depoentes que Okada serviria de elo entre os dois pontos, na medida em que integra a base filosófica da Igreja e da Agricultura Natural. Não pode ser desconsiderado, entretanto, que a Igreja Messiânica tenha o objetivo de criar modelos agrícolas para serem implantados em diversas áreas urbanas e rurais. Ela pretendia viabilizar o acesso da população angolana a um alimento mais saudável. A Igreja Messiânica acreditava que esse alimento poderia contribuir com a subsistência destas famílias e com a possível geração de renda oriunda da venda dos produtos excedentes. Há um propósito de benevolência e filantropia na implantação deste projeto que não pode ser negligenciado.

Durante anos Marques Z. Bambi ensinou pessoalmente o cultivo natural em cada domicílio. Ele visitava as famílias frequentemente e orientava cada pessoa individualmente. Ele admite que tenha conseguido êxito com seu empreendimento. Segundo Bambi, várias famílias conseguiram ter acesso a uma alimentação básica para sua subsistência. Além disso, segundo seu depoimento, essas famílias não ficaram

expostas aos impactos do uso inadequado de adubos e agrotóxicos. Com os resultados positivos, foi crescente a procura pelo modelo de hortas caseiras da agricultura natural, com isso aumentou o número de famílias que adotaram o método agrícola. Contudo, devido à grande demanda de pessoas, o acompanhamento individual dessas famílias se tornou inviável e desgastante. A necessidade de institucionalização desta experiência se tornou ainda mais premente.

Nesta hora entrou em cena Francisco J. Fernandes. Sua capacidade de articulação política envolveu governos e partidos. Ele apresentou os resultados positivos desta experiência ao governo angolano que cedeu para a instituição um terreno de 13 hectares, na comuna do Bom Jesus, no Bengo, cerca de duas horas da capital Luanda. Apesar de ser distante da capital, a concessão desta área foi fundamental para a criação, em 2000, do “Pólo de Agricultura Natural do Bom Jesus”.

Obedecendo a mesma lógica preocupada com a institucionalização do projeto de Agricultura Natural, vinculado a Igreja Messiânica, foi instituída, no mesmo ano, a “Associação para o Desenvolvimento da Agricultura Natural e Cultura Africana” (AFRICARTE). De acordo com os gestores a AFRICARTE, é uma instituição sem fins lucrativos, de utilidade pública, reconhecida pelo Governo de Angola e tem como mantenedora e provedora de recursos a Igreja Messiânica Mundial de Angola. A AFRICARTE surgiu com o objetivo de expandir o modelo agrícola proposto por Mokiti Okada para a população angolana visando contribuir com a redução da fome e da miséria no país. Dentro desse contexto Bambi passou a se dedicar cada vez mais na capacitação das famílias e de produtores rurais, agora tendo suas atividades mais centralizadas no pólo agrícola. Com isso, de acordo com os gestores, foi possível capacitar mais voluntários para acompanhar as hortas caseiras das famílias que tinham adotado o método da agricultura natural.

6.4 - A vinculação com a Igreja Messiânica

O segundo ponto é: Que vinculação existe entre a Agricultura Natural e a Igreja Messiânica?

A construção da rede recíproca de interesses entre os quatro gestores foi enunciada quando apresentamos os entrevistados que serviram de base para a realização deste trabalho. Ouvindo e analisando os depoimentos pode-se construir uma seqüência de fatos e acontecimentos que convergiram para a implantação da Agricultura Natural em Angola. Os dois atores com participação essencial no projeto parecem ser Francisco J. Fernandes e Hiroshi Ota. O primeiro se ocupou das estratégias políticas da Igreja

Messiânica, o segundo se aprofundou nas bases técnicas do método agrícola. Um ocupa lugar público e o outro frequenta os laboratórios e cursos de formação. Como as frentes de ação são diferentes e simultâneas, Francisco J. Fernandes encontra em Cláudio Cristino Leal Pinheiro a lealdade inerente a um discípulo. Ota fundamenta tecnicamente o discurso político dos demais. Na execução do projeto, atraindo famílias e formando voluntários, esta o apoio do engenheiro Marques Zambu Bambi, que se torna a frente pública desta política. Bambi realça que a motivação para desenvolver o projeto e enfrentar seus entraves veio crescendo ao ter contato direto com os técnicos do Centro de Pesquisa no Brasil, em especial Hiroshi Ota, na oportunidade passou a conhecer toda a trajetória de Mokiti Okada e os fundamentos da agricultura natural. Essa oportunidade de estagiar no CPMO permitiu a Bambi vislumbrar um caminho para reduzir a fome de seu país. Ao retornar para Angola Bambi relatou todo o aprendizado que obteve a Francisco Fernandes e Cláudio Pinheiro. Com o conhecimento, mesmo que ainda superficial das bases tecnológicas do método, todos ficaram muito motivados. Na medida em que o projeto foi se institucionalizando Francisco J. Fernandes convidou Hiroshi Ota para capacitar os técnicos e voluntários em Angola. Com a concessão do terreno pelo governo angolano e a necessidade de expansão da experiência da agricultura natural, a necessidade de formação técnica se tornou ainda mais premente. Segundo Ota, a doação do terreno marcou o incremento de suas atividades de formação no projeto.

Através da análise desses acontecimentos é possível caracterizar uma relação entre a Agricultura Natural e a Igreja Messiânica. Esse fato se torna mais evidente na medida em que os quatro atores principais do projeto mantêm uma relação cada vez mais estreita com a Igreja Messiânica Mundial do Brasil e de Angola. Todos os quatro gestores são sacerdotes outorgados pela Igreja Messiânica, que é a idealizadora e provedora do projeto de agricultura natural. Esse apoio da Igreja Messiânica ao projeto fica claro no depoimento de Francisco J. Fernandes quando afirma que:

A medida que a Igreja foi crescendo, ela foi fazendo os investimentos necessários. Então hoje nós chegamos numa condição de poder investir. /.../ Então este ano nós terminamos a parte de construção, quer dizer, de infra-estrutura, como a compra de motores e de material agrícola, toda a parte de implementos agrícolas, para que a gente pudesse tocar a obra. Agora, depois dos implementos agrícolas, nós estamos com um investimento de trinta mil dólares mês, doação da Igreja Messiânica para a AFRICARTE (Fernandes, depoimento 2009).

Outra questão seria: Existe alguma vinculação teológica para a Agricultura Natural?

A análise dos depoimentos indica que não.

Qual seria então a vinculação entre as partes?

Ao recorrer às obras de Okada intituladas como *Agricultura Natural*, *Arte e Sociedade* e *O homem no cotidiano*, ambas extraídas da coletânea de seus ensinamentos, em sua 5ª edição de 2007, pode-se encontrar um caminho para entender esta questão. Nas obras citadas, fica claro um dos fundamentos que norteia a prática messiânica, defendida por Mokiti Okada, o altruísmo.

Para fortalecer a prática desse fundamento Okada (2007) diz que:

Um verdadeiro homem é aquele que inspire confiança nos que convivem com ele, que, no contato com as pessoas, elas sintam que só lhes advirá o bem, /.../ obter tal confiança não é difícil, o essencial é favorecer primeiramente o próximo, deixando os interesses pessoais relegados ao segundo plano (Okada, 2007).

Assim a difusão da Agricultura Natural pode ser vista como mais uma iniciativa visando o amor ao próximo, exercido com desprendimento e abnegação. Para o altruísta o interesse e o bem estar da outra pessoa traduzem a finalidade da vida. Mokiti Okada fundou a Igreja Messiânica em 01 de Janeiro de 1935, no Japão. Ele não tinha a intenção de criar uma religião. Seu desejo era criar um movimento que pudesse expandir uma filosofia baseada no espiritualismo e no altruísmo. Este movimento deveria proporcionar ao homem saúde. Para tanto seria necessária a preservação do meio ambiente, sem restrições de qualquer espécie, colocando-a a serviço da sociedade.

Se existe este elo filosófico, cabe enfatizar que a prática da Agricultura Natural pode servir de instrumento de atração para a Igreja Messiânica. Este foi o caso de Marques Z. Bambi e Cláudio Pinheiro que vivenciaram o sucesso terapêutico da Agricultura Natural e acabaram, desvendando suas origens e fundamentos, conhecendo as idéias de Okada e então passando a freqüentar a Igreja Messiânica. Hoje os quatro depoentes são sacerdotes desta instituição.

6.5- Avanços e entraves

O terceiro ponto é: Que problemas estes atores enfrentaram para o pleno desenvolvimento da Agricultura Natural?

Através do discurso dos atores entrevistados foram identificadas diversas situações que dificultaram o avanço do projeto de desenvolvimento da Agricultura Natural em Angola. A maior dificuldade deriva do cenário que eles encontraram

quando começaram a desenvolver este projeto. Um cenário de fome e miséria deixado pelos longos anos de conflito. Um país sem a mínima infra-estrutura nas áreas rurais e urbanas. De acordo com os gestores o maior de todos os limitantes ao desenvolvimento do projeto foi à falta de água em muitos lugares. Onde existia água, a mesma era encontrada imprópria para o consumo humano. As famílias não tinham água para consumo, banho e muito menos para irrigar suas hortas caseiras. Angola não tinha saneamento básico e seu sistema de saúde era precário e deficiente. Além disso, faltava energia elétrica e segurança para a população. A região rural não era um lugar seguro. Guerrilheiros saqueavam casas e atacavam as famílias. As áreas rurais foram minadas durante a guerra e muitos trabalhadores encontravam-se mutilados. Soma-se a estes fatores a concentração populacional, sobretudo na capital Luanda - devido ao fluxo migratório dos camponeses para as cidades. Um quadro que nos últimos anos não se modificou substancialmente. Esse contexto pode ser observado no depoimento de Cláudio Pinheiro, quando diz que:

A guerra obrigou as pessoas a migrarem para a capital, o que causou um grande inchaço populacional na capital Luanda. A tática de guerrilha também espalhou muitas minas terrestres. Então até hoje é um problema que ainda está sendo resolvido, graças à Deus, o governo está *desminando* o país. O país teve uma época que tinha mais minas do que população. Tinha cerca de doze milhões de minas e cerca de onze milhões de habitantes. Algo assim. Isso está sendo resolvido. É um processo lento e caro. Mas está sendo resolvido e as pessoas aos poucos estão a voltar para o interior. Voltar para as suas terras de origem (Pinheiro, depoimento, 2009).

Como a AFRICARTE ficava distante da capital, o acesso dos interessados dependia de transporte urbano. Na região em torno da capital existia e continua existindo, um precário sistema de transporte. Não existiam ônibus e nem táxi. Em muitas regiões do país, o transporte é feito por *Candongas*, ou seja, a população faz uso de transportes sem regulamentação e sem fiscalização que circulam livremente pela cidade. De acordo com os depoentes este problema dificultava o processo de capacitação e manutenção das atividades. Além disso, o acompanhamento das famílias que adotaram o modelo da Agricultura Natural e estavam praticando o método através de suas hortas caseiras ficava mais difícil. Neste sentido Cláudio Pinheiro afirma que:

A dificuldade maior é na área de infra-estrutura no país que é algo que graças a Deus o nosso governo está a construir. Porque foram quatro décadas de guerra. Então são sete anos de paz. Está a avançar, mas ainda existe essa dificuldade de infra-estrutura de acesso a água e luz. As estradas estão sendo feitas. A água está sendo levada para os locais. A questão da infra-estrutura está sendo resolvida, graças a Deus. Está sendo resolvida a olhos vistos (Pinheiro, depoimento 2009).

Outro entrave foi à falta de elemento humano capacitado na área agrícola. O projeto começou com apenas cinco pessoas, sendo um engenheiro agrônomo, um técnico agrícola e três voluntários. Segundo os depoentes, atualmente a equipe é formada por dezoito pessoas, sendo dois engenheiros agrônomos, três técnicos e treze funcionários sem capacitação específica. Com isso podemos verificar que em dez anos de projeto quase não houve investimento em recursos humanos. Outro entrave estava na falta também recursos financeiros para contratar o elemento humano e para adquirir o material básico de campo como enxadas, foices e pás. Segundo os depoentes existia apenas um trator, que foi doado a AFRICARTE pela Korin Agropecuária do Japão - uma instituição comercial que vende produtos da Agricultura Natural. O trator realizava todo o serviço do pólo agrícola e suas peças eram importadas, com um alto custo de manutenção e uma grande demora na reposição das peças danificadas.

Os depoentes não consideraram as políticas públicas do governo angolano, que foram desenvolvidas através de Campanhas Agrícolas, um grande entrave, visto que o governo doava terras e fornecia também material básico de campo a quem fosse produzir. Segundo os depoentes as campanhas agrícolas teriam contribuído mais com o desenvolvimento agrícola do país se não tivessem adotado o modelo convencional de produção. Esse modelo adotava o uso de insumos agrícolas como adubos e agrotóxicos. Os entrevistados afirmaram que o modelo convencional, que era financiado pela ajuda internacional para combater a fome no país, foi aplicado a uma população na sua maioria analfabeta, sem acesso a técnicos capacitados para orientar o uso adequado desses insumos.

Outra dificuldade pode ser percebida pelos depoentes quando se iniciava o processo de apresentação da proposta da Agricultura Natural. Foi observado por eles que muitas pessoas que manejavam a terra não se davam conta dos perigos de contaminação que sofriam ao utilizarem fertilizantes e adubos químicos. O processo de persuasão dos defensores da Agricultura Natural tinha obrigatoriamente que passar pela demonstração concreta dos malefícios destes incrementos para a saúde do trabalhador no campo. Segundo os depoentes os sinais e sintomas de intoxicação são freqüentes. Esse aspecto ficou ainda mais agravado devido à inexistência de um sistema de saúde eficiente no país e a não utilização de equipamentos de proteção coletiva e individual por parte dos trabalhadores rurais. Outro aspecto importante a ser considerado é a reduzida quantidade de profissionais de saúde qualificados para a identificação e tratamento de casos de intoxicação por agrotóxicos, assim como a total ausência de um

sistema de vigilância sanitária que pudesse garantir a qualidade dos alimentos.

6.6 - Perspectivas

O quarto ponto a ser questionado é: Que perspectivas podem ser apresentadas?

Como parte final das entrevistas, os gestores foram questionados com relação às perspectivas do projeto diante dos resultados alcançados e das dificuldades enfrentadas. Os entrevistados relataram o desejo de tornar a AFRICARTE, uma instituição auto-sustentável, capaz de manter seus projetos sem auxílio da Igreja Messiânica. Para isso, desejam captar recursos públicos do governo e/ou privados oriundos de empresas multinacionais que tenham reservas disponíveis para investir na saúde pública e ambiental do país. Segundo os depoentes, o projeto tem capacidade de se auto-sustentar com a comercialização dos produtos agrícolas oriundos das hortas caseiras. A comercialização destes produtos pode gerar renda para os agricultores. Os entrevistados admitem que os integrantes da Igreja Messiânica representem um potencial público consumidor destes produtos, na medida em que acreditam que podem obter mais saúde através de uma alimentação natural.

Em termos de formação de recursos humanos, os entrevistados manifestaram interesse em estreitar a cooperação técnica entre a AFRICARTE e o Centro de Pesquisa da Fundação Mokiti Okada no Brasil. Com esse apoio, eles planejam construir uma escola de técnicas agrícolas naturais em Angola. Segundo os entrevistados, com a construção da escola agrícola espera-se conseguir capacitar um maior número de pessoas para a prática da agricultura natural e com o conseqüente aumento da produção esperam também conseguir a certificação de seus produtos e atingir a confiança do mercado consumidor em Angola.

Confirmando as perspectivas para a expansão do trabalho da AFRICARTE, Francisco Fernandes afirmou que:

Nós vamos construir em Bom Jesus a Escola de Agricultura Natural. É nosso plano. Nós já estamos elaborando um anteprojeto, para ser apresentado à direção da Igreja no Japão, e a seguir nós vamos realmente construir essa escola agrícola, para cerca de trezentos alunos/.../ com cursos de agricultura natural, vamos preparar bem o elemento humano em dois anos, criando alojamentos, mantendo essas pessoas integradas com a natureza e com a prática da agricultura natural. É preciso qualificar principalmente o jovem, para que possam ser inseridos como técnicos agrícolas no mercado de trabalho em todo continente africano. Hoje nós podemos já pensar nisso, porque hoje alcançamos certa condição financeira. E com os resultados do nosso trabalho na expansão da agricultura natural, esperam-se não só as ONGs /.../ mas o próprio governo e empresas privadas vão querer participar financeiramente para que a AFRICARTE possa ampliar esse modelo para toda a África (Fernandes, depoimento 2009).

Após essa análise feita do depoimento dos gestores, consideramos que as entrevistas foram de grande relevância para a recuperação da história da experiência de hortas caseiras com aplicação do método de agricultura natural em Angola. Com a recuperação dessa trajetória torna-se possível avaliar melhor as dificuldades encontradas para que se possa melhor desenvolver estratégias de ação e criar novas perspectivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo analisar a experiência da Associação para o Desenvolvimento da Agricultura Natural e Cultura Africana - AFRICARTE na implantação da Agricultura Natural em Angola nos últimos 10 anos. Para essa análise, a pesquisa fez uso do método de História Oral. O trabalho tomou como base o estudo da biografia e da trajetória de vida de Mokiti Okada, assim como seus documentos e artigos publicados. O método também foi aplicado visando resgatar as experiências adquiridas durante a trajetória da implantação da Agricultura Natural em Angola através do depoimento oral dos quatro principais gestores da AFRICARTE. A utilização do método de História Oral para essa pesquisa se justifica a partir da falta de documentos e de bibliografia acadêmica sobre o tema. Com isso buscou-se resgatar a trajetória e as experiências adquiridas através das pessoas que vivenciaram todas as etapas do projeto. A escolha dos depoentes tomou como base a hipótese da existência de vinculação entre a Agricultura Natural e a Igreja Messiânica Mundial, assim como a possível utilização deste vínculo como estratégia de expansão da fé messiânica.

Para análise dos depoimentos foi utilizada a técnica de *saturação*. A Amostragem por saturação se mostrou uma ferramenta conceitual de inequívoca aplicabilidade prática, foram realizadas sucessivas análises paralelas à coleta de dados documentais que serviram para nortear sua finalização. Foi considerado indiretamente como *O Ponto de Saturação* da amostra o referencial teórico usado pelo pesquisador e do recorte do objeto. Diretamente foram considerados os objetivos definidos para a pesquisa, o nível de profundidade a ser explorado, que depende do referencial teórico, e da homogeneidade da população estudada.

Entretanto, por ser uma ferramenta inerentemente influenciada por fenômenos cognitivos e afetivos do conjunto, pesquisador e entrevistados, na prática da pesquisa qualitativa o encontro desse ponto de saturação está sujeito a imprecisões.

Com isso, foi considerado fundamental nesta pesquisa, o rigor científico e a transparência no decorrer do trabalho como a confecção do repertório, do roteiro de entrevista e no conjunto de fatores identificados que possam ter contribuído para a decisão de um determinado ponto de saturação amostral. Procurou-se evitar a simples menção à utilização desse recurso metodológico, algo possivelmente representativo de uma ilusão de transparência de um procedimento complexo, que contribuiu decisivamente para a validade científica do instrumento de coleta e análise de dados.

Como resultado do trabalho de campo, observou-se que as experiências e os

resultados alcançados por Mokiti Okada em seus experimentos com a prática da Agricultura Natural serviram como base para a decisão da AFRICARTE em adotar esse método agrícola em Angola. Com isso cabe apresentar a idéia de que a fundamentação técnica da Agricultura Natural não guarda qualquer relação com a base teológica da Igreja Messiânica Mundial. Ambas surgiram das experiências e ensinamentos de Mokiti Okada que foram desenvolvidos tomando como base a prática do *altruísmo*.

Para que se possa confirmar essa afirmação torna-se importante realçar que no método de Agricultura Natural são feitas recomendações técnicas que visam à preservação do meio ambiente e a saúde pública. Para isso esse método adota procedimentos e técnicas específicas como a não utilização de adubos e agrotóxicos, o uso de composto orgânico vegetal, *cobertura morta*, adubação verde, e outros recursos naturais. São utilizadas técnicas de manejo que favorecem o incremento e preservação da microbiologia do solo e sua interação com os ecossistemas, promovendo naturalmente um controle biológico de pragas e um controle biomecânico de plantas daninhas. Na prática, recorre-se ao princípio da reciclagem de recursos naturais e enriquecimento da matéria orgânica para tornar a exploração agrícola duradoura e racional, ou seja, os fundamentos técnicos da Agricultura Natural podem ser encontrados em literatura acadêmica específica. Mas, inicialmente, a implantação e desenvolvimento da Agricultura Natural em Angola só foram possíveis graças ao apoio financeiro e logístico fornecido pela Igreja Messiânica Mundial. Esse apoio e os resultados alcançados permitiram à institucionalização e organização da AFRICARTE.

Na análise dos depoimentos verificou-se que a estratégia inicial utilizada pela AFRICARTE foi divulgar a Agricultura Natural através da implantação de hortas caseiras em domicílios de famílias angolanas. Inicialmente este trabalho teve a adesão dos membros e simpatizantes da Igreja Messiânica Mundial de Angola (IMMA). Essa adesão foi facilitada e motivada devido à crença de cada uma dessas famílias em colocar em prática o *altruísmo* proposto por Mokiti Okada. Com isso, observou-se que não houve imposição por parte da Igreja Messiânica Mundial para que seus seguidores experimentassem este método no quintal de suas casas. Na verdade, essas famílias passavam por dificuldades semelhantes às outras famílias que não eram membros da IMMA.

Apesar da vinculação explícita de interesses entre a introdução da Agricultura Natural e a expansão da Igreja Messiânica em Angola, os gestores deixaram claro nas entrevistas que o método apresentado poderia ser adotado por qualquer pessoa, independente de credo, sexo ou raça. Esses interesses eram recíprocos e ficaram ainda

mais evidentes quando os entrevistados afirmaram que a implantação da Agricultura Natural no país, dependia diretamente dos recursos e do investimento financeiro da Igreja Messiânica Mundial. Os gestores ressaltaram que esse apoio foi oferecido a AFRICARTE pela falta de recursos financeiros e humanos para o desenvolvimento do projeto. No discurso dos depoentes ficou evidente que eles acreditavam que com os resultados obtidos com as hortas caseiras, inicialmente praticadas por famílias messiânicas, poderiam influenciar outras pessoas. Com isso, visavam atrair o apoio financeiro do Governo de Angola e de empresas e instituições privadas.

Observou-se que não ficou explícito na voz dos depoentes que o interesse despertado pela Agricultura Natural em cidadãos em condições de miséria, os aproximaria da Igreja Messiânica Mundial. Assim como também, não ficou evidente que Okada teria servido de elo entre os dois pontos, na medida em que integrava a base filosófica da Igreja Messiânica e da Agricultura Natural. No caso dos gestores, após conhecerem as idéias de Okada passaram a freqüentar a Igreja Messiânica Mundial e posteriormente os quatro tornaram-se sacerdotes desta instituição.

Durante a pesquisa verificou-se que as dificuldades enfrentadas pelos entrevistados derivam do cenário de fome e miséria deixado pelos longos anos de conflito em Angola. Encontraram um país sem a mínima infra-estrutura nas áreas rurais e urbanas. A falta de água foi um importante limitador da expansão do projeto de hortas caseiras no país. Onde existia água, a mesma era encontrada imprópria para o consumo humano. As famílias não tinham água para consumo, banho e muito menos para irrigar suas hortas caseiras. Angola não tinha saneamento básico e seu sistema de saúde era precário e deficiente. Além disso, faltava energia elétrica e segurança para a população. A região rural não era um lugar seguro. Guerrilheiros saqueavam casas e atacavam as famílias. As áreas rurais foram minadas durante a guerra e muitos trabalhadores encontravam-se mutilados. Soma-se a estes fatores a concentração populacional, sobretudo na capital Luanda - devido ao fluxo migratório dos camponeses para as cidades. Um quadro que nos últimos anos não se modificou substancialmente.

Como a AFRICARTE ficava distante da capital, o acesso dos interessados dependia de transporte urbano. Na região em torno da capital existia e continua existindo, um precário sistema de transporte. De acordo com os depoentes este problema dificultava o processo de capacitação e manutenção das atividades, visto que, tornava difícil o acesso das pessoas ao pólo agrícola. A dificuldade de transporte atingia a capacidade dos voluntários treinados em acompanhar adequadamente e freqüentemente as famílias que adotaram o modelo da Agricultura Natural e estavam

praticando o método através de suas hortas caseiras.

Outro entrave importante foi à falta de elemento humano capacitado na área agrícola. O projeto começou com apenas cinco pessoas, sendo um engenheiro agrônomo, um técnico agrícola e três voluntários. Segundo os depoentes, atualmente a equipe é formada por dezoito pessoas, sendo dois engenheiros agrônomos, três técnicos e treze funcionários sem capacitação específica. Com isso podemos verificar que em dez anos de projeto quase não houve investimento em recursos humanos.

Outro grande obstáculo foi à falta de recursos financeiros para contratar o elemento humano e para adquirir o material básico de campo. Na voz dos depoentes ficou claro que eles não consideraram as políticas públicas do governo angolano, desenvolvidas através de Campanhas Agrícolas, um grande entrave, visto que o governo doava terras e fornecia também material básico de campo a quem fosse produzir. Mas, segundo os depoentes, as campanhas agrícolas teriam contribuído mais com o desenvolvimento agrícola do país se não tivessem adotado o modelo convencional de produção. Esse modelo adotava o uso de insumos agrícolas como adubos e agrotóxicos, com o objetivo de combater a fome e a miséria no país. Esse modelo de produção foi aplicado a uma população na sua maioria analfabeta, sem acesso a técnicos capacitados para orientar o uso adequado desses insumos. Aliado a esse fato, percebeu-se um fator agravante, a falta de percepção do risco pelos agricultores que manejavam a terra.

Ao final dos depoimentos, os entrevistados relataram suas perspectivas. Entre elas, o desejo de tornar a AFRICARTE, uma instituição auto-sustentável, capaz de manter seus projetos sem auxílio da Igreja Messiânica Mundial. Para isso, desejam captar recursos públicos do governo e/ou privados oriundos de empresas multinacionais que tenham reservas disponíveis para investir na saúde pública e ambiental do país. Segundo os depoentes, o projeto tem capacidade de se auto-sustentar com a comercialização dos produtos agrícolas oriundos das hortas caseiras. Em termos de formação de recursos humanos, os entrevistados manifestaram interesse em estreitar a cooperação técnica entre a AFRICARTE e Centro de Pesquisa da Fundação Mokiti Okada – CPMO no Brasil. Com esse apoio, eles planejam construir uma Escola Técnica especializada no método de Agricultura Natural. Segundo os entrevistados, com a construção dessa escola agrícola espera-se conseguir formar técnicos que possam orientar a prática da Agricultura Natural em Angola.

Percebeu-se durante a realização da pesquisa que não pode ser desconsiderado, entretanto, que a Igreja Messiânica Mundial tenha o objetivo de criar modelos agrícolas para serem implantados em diversas áreas urbanas e rurais, com a finalidade de viabilizar o acesso da população angolana a um alimento mais saudável.

Na voz dos gestores ficou explícita a crença da Igreja Messiânica Mundial de que o alimento produzido em hortas caseiras pelo método de Agricultura Natural pode contribuir com a subsistência de famílias e com a possível geração de renda oriunda da venda dos produtos excedentes. Observou-se um propósito de benevolência e filantropia na implantação deste projeto que não pode ser negligenciado.

Ao analisar as obras de Mokiti Okada ficou evidente que um dos fundamentos que norteou a prática da fé messiânica e da Agricultura Natural foi o altruísmo. Com isso, a divulgação das experiências obtidas pela prática da Agricultura Natural pode ser vista como mais uma iniciativa visando o *amor ao próximo*, exercido com desprendimento e abnegação. Para o altruísta o interesse e o bem estar da outra pessoa traduzem a finalidade da vida.

Se existe este elo filosófico, cabe enfatizar que a prática da Agricultura Natural pode servir de instrumento de atração para a Igreja Messiânica Mundial. Este foi o caso dos depoentes que vivenciaram o sucesso terapêutico da Agricultura Natural e acabaram desvendando suas origens e fundamentos.

Após essa análise feita do depoimento dos gestores, consideramos que as entrevistas foram de grande relevância para a recuperação da história da experiência de hortas caseiras com aplicação do método de Agricultura Natural em Angola. Assim como foi importante para avaliar a relação do método agrícola com a Igreja Messiânica Mundial, suas dificuldades e perspectivas.

Com isso o trabalho não teve como objetivo trazer respostas, mas, iniciar e enriquecer o debate sobre a Agricultura Natural, assim como estimular novos estudos acadêmicos sobre o tema. Acredita-se que a pesquisa sobre o método de Agricultura Natural e suas estratégias de mobilização social, ao serem abordadas por diversos pesquisadores, pode vir a contribuir como uma *Tecnologia Social*⁴⁸ que pode ser direcionada para a redução da fome, da miséria e da insegurança alimentar em diversos países.

⁴⁸ De acordo com a Fundação Banco do Brasil (2010), a Tecnologia Social compreende produtos, técnicas ou metodologias replicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social. É um conceito que remete para uma proposta inovadora de desenvolvimento, considerando a participação coletiva no processo de organização, desenvolvimento e implementação. Está baseado na disseminação de soluções de problemas voltados para as demandas de alimentação, educação, energia, habitação, renda, recursos hídricos, saúde, meio ambiente, dentre outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGOLA. Associação para o Desenvolvimento Rural de Angola – ADRA. *Programa de Apoio as Comunidades Agro-Pastoris dos Gambos*. Relatório do workshop sobre a terra e o poder. Lubango, agosto, 1996.

ANGOLA. Ministério da Cultura de Angola. MATIAS, Nicásia Casimiro. *Os boers portugueses da Humpata: um fracasso da política de assimilação portuguesa?*. In Actas do Seminário: *Encontros de Povos e Culturas em Angola*. Luanda, maio de 1997.

ANGOLA. Plano Nacional de Desenvolvimento Humano - PNUD. Relatório de Desenvolvimento Humano – Angola, 2005.

ANGOLA. Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural- MINADER. Instituto de Desenvolvimento Agrário- IDA. RPA (República Popular de Angola). *Técnicas de desenvolvimento rural intensivo em Angola*. Huíla, Lubango, 1991.

ANGOLA. Ministério de desenvolvimento Rural de Angola - MINADER. *Monitoria da Campanha Agrícola 2003/2004*. Avaliação da produção agroalimentar. Luanda, junho, 2005.

_____. *Monitoria da Campanha Agrícola 2004/2005*. Avaliação da produção agroalimentar. Luanda, junho, 2006.

_____. *Monitoria da Campanha Agrícola 2006/2007*. Avaliação da produção agroalimentar. Luanda, junho, 2008.

ANGOLA. Ministério de Urbanismo e Ambiente (MINUA). *Relatório do Estado Geral do Ambiente em Angola 2006*. Governo de Angola. Programa de Investimento Ambiental.

ANGOLA. Associação para o Desenvolvimento Rural de Angola – ADRA. *Conflito e desenvolvimento rural. Uma experiência em Caluquembe, Planalto Central angolano*. Centro de Informação e Documentação da ADRA, Luanda, 1993.

_____. Riscos e desafios da participação. ADRA – Série Divulgação, Luanda, março, 1994.

_____. “Relatório de avaliação intermediária do Programa Onjila”. Luanda, 1998.

_____. Programa de Desenvolvimento Institucional. Lubango, maio, 1999.

_____. Reconciliação ao nível de base: o caso da ADRA na província de Huambo.

_____. “Análise comparativa dos vários modelos de intervenção rural em Angola”. Antena Luanda / Bengo, primeiro módulo, 2003.

_____. Primeiro Encontro da ADRA. Relatório final. Luanda, março, 1993.

_____. ADRA: o vôo do Humbi-Humbi. Luanda, 1995.

_____. Formação em Segurança Alimentar e Nutrição. Relatório.

Benguela/Catumbela, maio, 1999.

———. Programa de Desenvolvimento Institucional. Lubango, maio, 1999.

———. Unidade de Projectos. Memorando da avaliação do PDI de Benguela. Benguela, 1999.

———. Programa de Educação Cívica. Workshop de formação de professores – Relatório. Cáala, abril, 2000.

———. Programa de Autonomização e Desenvolvimento Estratégico da Antena Huíla – 2001 - 2004 (PADEAH). Lubango, 2001.

———. Relatório da formação em Desenvolvimento Comunitário – 3º Módulo. Huíla, maio, 2003.

———. Plano Estratégico (2005-2009). Documento de Orientação Estratégica. Luanda, 2005.

———. Projeto de Micro-Crédito Greater Plutônio. Antena Benguela, 2005.

ALEMANHA. FIAN. Seguridad alimentaria y el derecho a alimentarse. Cinco reivindicaciones de la Cumbre Mundial de Alimentación y sus alcances. Heidelberg, 1997.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral* - 2.ed.rev. E atual. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 236p.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral* - 3. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005: pg 29-41.

ALTIERI, M. A. *Agroecologia – A dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. Porto Alegre: Ed. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998. 110 p.

AMARAL, José Gonçalves Dias. *Angola: a crise económica na Primeira República*. Lucere. Revista académica da Universidade Católica de Angola. Ano 1, nº 1, Luanda, 2004.

ASSIS, R. L. de; ROMEIRO, A. R. *Agroecologia e Agricultura Orgânica: controvérsias e tendências*. Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, v. 6, p. 67–80, 2002.

BAMBI, Marques Zambu. *Depoimento Oral*. Engenheiro Agrônomo. Coordenador Técnico da AFRICARTE. Dez, 2009.

BENDER, Gerald J. *Angola: mito y realidad de su colonizacion*. Siglo Veintiuno Editores, Mexico, 1980.

BITTENCOURT, Marcelo. *Dos jornais às armas. Trajetórias da contestação angolana*. Ed.Vega, Lisboa,308p,1999.

BELLUCCI, Beluce. *Partilha, resistência e colonialismo. Introdução à história da África e da cultura afro-brasileira*. Centro de Estudos Afro-Asiáticos, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2003.

CARDOSO, António. *A análise da situação do sector agrário em Angola*. Conferência Nacional: O papel da agricultura no desenvolvimento sócio-econômico de Angola. Luanda, 2004.

CLAY, E. *Food Security: Concepts and Measurement*. Roma: Institute of Development Studies. Paper 1, Jul. 2002. 10p.

COMERFORD, Michael G. *The peaceful face of Angola: Biography of a peace process (1991 to 2002)*. John Meinert Printing, Windhoek, 2005.

CONCEIÇÃO, José Maria Nunes Pereira. *Angola: uma política externa em contexto de crise (1975-1994)*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 1999.

DAVIDSON, Brasil. *Angola no centro do furacão*. Edições Delfos, Lisboa, 1974.

FAO. *Alimentación, agricultura y seguridad alimentaria. La dimension mundial*. WFS. 96/TECH/1, Marzo, p.35, p.40, p.41, 1998.

EHLERS, Eduardo. *Agricultura Sustentável: perspectivas de um novo paradigma*. Vol 2. Ed. Guaíba: Agropecuária, 1999. 157p.

FAS. Fundo de Apoio Social. *Jornal de Opinião*. Jan./Jun., 2001. Luanda.

FERNANDES, Francisco Jesús. *Depoimento Oral*. Vice-Presidente da Igreja Messiânica Mundial do Brasil. Presidente da Igreja Messiânica Mundial de Angola. Dez. 2009.

MAESTRI FILHO, J. M. *A agricultura africana nos séculos XVI e XVII no litoral angolano*. Caderno nº 4. Porto Alegre. IFCH/UFRGS. 1978. 55p.

FREITAS, Amadeu José de. *Angola: O longo caminho da liberdade*. Moraes editores, Lisboa, 1975.

FREYRE, Gilberto. *O luso e o trópico*. Lisboa, 1961.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. *Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, jan. 2008.

GALLI, Rosemary E. *A crise alimentar e o estado socialista na África Lusófona*. Revista Internacional de Estudos Africanos, nº 6-7, Lisboa, dez, 1987.

GONÇALVES, José. *O descontínuo processo de desenvolvimento democrático em Angola*. Centro de Estudos Africanos. ISCTE. Lisboa, 2004.

HOLANDA. Seminário. *Reflexão angolana sobre a construção da paz (II) – construção da paz, governança transparente e iniciativas de desenvolvimento rural*. Amsterdã. Maio, 2001.

HODDINOTT, John. *Methods for rural development projects: food security in practice*. Food security in practice technical guide series 1, ed.2001. International Food Policy Research Institute (IFPRI).

MOA. Fundação Mokiti Okada. *Luz do Oriente*. Biografia de Mokiti Okada. Editora Fundação Mokiti Okada. Brasil. 1ª edição. Vol 2, junho, 1983.

LOPES, Carlos M. “Candongueiro, Kinguilas, roboteiros e zungueiros. Uma digressão pela economia informal de Luanda”. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 2004.

MALUF, Renato. *O novo contexto internacional de abastecimento e da segurança alimentar*. In MALUF, Renato S. e BELIK, Walter (orgs.). *Abastecimento e segurança alimentar. Os limites da liberalização*. IE/ UNICAMP, Campinas, 2000.

MARINHO, Carmem L.C.; Minayo-Gomez, Carlos. *Decisões conflitivas na liberação dos transgênicos no Brasil*. São Paulo Perspec., São Paulo, v. 18, n. 3, set. 2004 .

MÉDICOS SEM FRONTEIRAS. *Vozes vindas do silêncio*. Testemunhos de Angola. Canadá, 2004.

MELLOR, John W. *O papel do governo, sociedade civil e sector privado no desenvolvimento rural. Conhecer as enormes potencialidades de Angola*. Documento apresentado na Conferência Nacional sobre a Agricultura, Luanda, 2004.

MENDES, Afonso. *O trabalho assalariado em Angola*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, Lisboa, 1966.

MENEZES, Solival. *Sociedade e Economia de um País Nascente*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. FAPESP, 2000. Pg.91-105

MENEZES, Solival. *Sociedade e Economia de um País Nascente*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2000. Pg.130-136

MENEZES, SOLIVAL: *Sociedade e Economia de um País Nascente*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2000. Pg.167-173.

MILLER, Joseph C. “Angola central e sul por volta de 1840”. Estudos Afro-Asiáticos. Universidade Cândido Mendes, nº 32, Rio de Janeiro, 1997.

MISSÃO DE INQUÉRITOS AGRÍCOLAS DE ANGOLA (MIAA). Plano de desenvolvimento do distrito de Huambo. Projeto de extensão rural. Volume quatro, Lisboa, 1971.

MOREIRA, Josino C. et al. *Avaliação integrada do impacto do uso de agrotóxicos sobre a saúde humana em uma comunidade agrícola de Nova Friburgo*. RJ. Rev. Ciência e Saúde Coletiva, São Paulo, v. 7, n. 2, 2002.

NGO / CSO. *Forum for food sovereignty*. Rome, junho, 2004.

NEGRÃO, José. “A indispensável terra africana para o aumento da riqueza dos pobres”. Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2002.

———. “Modelo do comportamento econômico da família rural africana”. Coleção Estudos. Instituto de Investigação Cruzeiro do Sul, Maputo, 2004.

OKADA M, A força do solo. In: *Alicerces do Paraíso*, v. 5. São Paulo, Fundação Mokiti Okada-MOA, p. 11-40, 2002.

OKADA, Mokiti. *A grande revolução da agricultura japonesa*. Jornal Eiko, Japão. nº 245, 27 de janeiro de 1954.

OLIVEIRA, Joaquim Dias Marques de. *Aspectos da delimitação das fronteiras de Angola*. Coimbra Editora, Coimbra, 1999.

OTA, HIROSHI. *Depoimento Oral*. Coordenador de Pesquisa. Centro de Pesquisa da Fundação Mokiti Okada. Brasil. Dez, 2009.

PACHECO, Fernando. *Para cá do petróleo: a agricultura angolana em questão*. Ciclo de conferências da Alliance Française”, Luanda, 1997.

PEREIRA NETO, André de F. 1997 - *A história oral da criação do Conselho de Medicina: notas sobre uma experiência*. Em Olga R. de Moraes Von Simson (org.), *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas, Área de Publicações CMU/Unicamp.

PORTELLI, Alessandro. Apresentação. In: FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2002.

PAIN Rodrigo de Souza. *Desafios da Participação Social em um País de Conflito Agudo: Estudo a partir da ONG Angolana - Ação para Desenvolvimento Rural e Ambiente (ADRA)- 2007 - PG: 21 -200*. Tese de Doutorado.

PAIN, Rodrigo de Souza. *A questão da terra em Angola: velhos problemas, velhas soluções*. Cadernos do CEOM (UNOESC), v. 27, p. 71/27-88, 2007.

PAIN, Rodrigo de Souza. *A sociedade civil angolana e a (difícil) busca pela democracia*. Revista Múltipla (UPIS), v. 16, p. 47-69, 2007.

PARREIRA, Adriano. *Economia sociedade em Angola na época da Rainha Jinga*. Ed. Estampa, Lisboa, 1990.

PESSANHA, Lavínia Davis Rangel. *Segurança Alimentar como um princípio orientador de políticas públicas: implicações e conexões para o caso brasileiro*.

Tese de Doutorado. CPDA/UFRRJ, Rio de Janeiro, 1998, 305p.

PINHEIRO, Cláudio C. L. *Depoimento Oral*. Vice-Presidente da Igreja Messiânica Mundial de Angola. Vice- Presidente da AFRICARTE. Dez. 2009.

PINTO, João Nuno da Silva. *A construção da política de segurança alimentar e nutricional em Angola*. Dissertação de Mestrado. CPDA/UFRRJ, Rio de Janeiro, 2008. PG: 11-125.

ROCHA, Alves da. *O impacto das reformas macroeconómicas no setor agrícola*. Ministério da Agricultura e do Desenvolvimento Rural. Instituto de Desenvolvimento Agrário. Angola, Luanda, 2004.

———. *Opiniões e reflexões*. Centro de Estudos e Investigação científica. Universidade Católica de Angola (UCAN). Angola, Luanda, 2004.

ROCHA, Alves da. *Documento informativo sobre a atual situação econômica em Angola*. Fundação Friedrich Ebert. Luanda, 2004.

———. “As questões macroeconômicas essenciais do modelo estratégico de desenvolvimento de Angola”. *Revista Lucene*. Universidade Católica de Angola, nº1, ano1, Luanda 2004.

SCHEJTMAN, Alejandro. *Dilemas (reales o falsos) que enfrenta el enfoque de la política alimentaria*. In MALUF, Renato e BELIK, Walter. *Abastecimento e segurança alimentar. Os limites da liberalização*. IE / UNICAMP, Campinas, 2000.

SEN, Amartya. *O desenvolvimento como liberdade*. S. Paulo: Companhia das letras, 2000. 410p. (1ª Ed. Em inglês:1999).

Sites Consultados

- www.cpmo.org.br
- www.fmo.org.br
- www.scielo.com.br
- www.capes.gov.br/teses

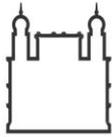
ANEXO I

FICHA TÉCNICA DAS ENTREVISTAS DOS GESTORES DA AFRICARTE QUE PARTICIPARAM DA PESQUISA.

AGRICULTURA NATURAL EM ANGOLA: A VOZ DOS GESTORES

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. GENEALOGIA DOS GESTORES
2. TRAJETÓRIA DE VIDA
3. RELAÇÃO COM A IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL
4. RELAÇÃO COM A AFRICARTE
5. RELAÇÃO COM A AGRICULTURA NATURAL
6. RELAÇÃO DA AGRICULTURA NATURAL COM A IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL
7. O TRABALHO DESENVOLVIDO PELA AFRICARTE
8. AVANCOS E ENTRAVES
9. RESULTADOS
10. PERSPECTIVAS
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA - ENSP

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação.

Permitida a cópia.

A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

FERNANDES, Francisco Jéus. *Francisco Jéus Fernandes (depoimento, 2009)*. Rio de Janeiro, Fiocruz/ENSP, 2010. 32p.

FRANCISCO JÉBUS FERNANDES
(depoimento, 2009)

Rio de Janeiro
2010

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: temática

Entrevistador (es): Marcelo de Sousa Corrêa

Levantamento de dados: Marcelo de Sousa Corrêa

Pesquisa e elaboração do roteiro: André de Faria Pereira Neto

Responsável pela gravação: Marcelo de Sousa Corrêa

Local: Rio de Janeiro – RJ - Brasil

Data: 2009

Duração: 1h: 22 min: 57 sec.

CD: 02

Páginas: 33

Entrevista realizada como base de pesquisa para a dissertação de mestrado de Marcelo de Sousa Corrêa, submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Saúde Pública. Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública. Sub-área: Saúde, Trabalho e Ambiente. Escola Nacional de Saúde Pública - Fundação Oswaldo Cruz / FIOCRUZ.

Tema: AGRICULTURA NATURAL EM ANGOLA: A VOZ DOS GESTORES

Sob Orientação do Professor Doutor André de Faria Pereira Neto (FIOCRUZ) o trabalho de pesquisa foi desenvolvido no período de 2007 a 2010, onde foram entrevistados quatro gestores da Associação para o Desenvolvimento da Agricultura Natural e Cultura Africana (AFRICARTE) que participaram ativamente do processo de implantação e desenvolvimento de um projeto de hortas caseiras como proposta de um manejo agrícola mais sustentável para famílias angolanas.

Tema: Angola; Agricultura Natural; História Oral; Saúde do trabalhador rural; Segurança alimentar.

Entrevista com Francisco J3sus Fernandes

1:22:57

Marcelo – Bem, dando continuidade à entrevista do trabalho de pesquisa da Funda33o Oswaldo Cruz, sobre o Projeto de Agricultura Natural em Angola, onde est3 sendo utilizado o m3todo de hist3ria oral, hoje vamos entrevistar o senhor Francisco J3sus Fernandes, que vai nos contar na primeira parte da entrevista, hist3ria da sua vida. De como come3ou, a sua fam3lia, toda a sua genealogia n3o 3? A filia3o, os seus pais, o trabalho, a profiss3o. Eu gostaria que o senhor, por favor, se apresentasse, apresentasse a sua fam3lia.

Francisco – 3 um prazer fazer parte desse projeto. Eu sou mineiro de Juiz de Fora, nasci no dia 28 de agosto de 1946. Sou filho de Francisco Fernandes Filho e Maria da Concei3o Fernandes. Somos mineiros, como disse eu nasci em Juiz de Fora. E comecei os meus estudos e com quatorze anos de idade eu entrei para a pr3tica do futebol, que era a minha grande paix3o. E consegui me tornar um profissional do futebol, vindo para o Botafogo do Rio de Janeiro, com dezesseis anos de idade. E a seguir, foi em 1964, fui campe3o carioca pelo Botafogo, ali3s, tetra campe3o carioca pelo Botafogo, no ano, foi em 1965, 1966 e joguei nos juvenis do Botafogo, fui campe3o pelo Botafogo e em 1967 eu fui para o time profissional. E com muitos problemas. Tive que operar meu joelho. Joguei algumas partidas do profissional do Botafogo. Estreei em 1967 jogando contra o Bangu. Na 3poca o Paulo Borges era o grande nome do Bangu, e nesse dia mesmo, com quinze ou vinte minutos eu torci o joelho. Anteriormente havia feito uma viagem pelo exterior, jogando como titular da equipe do Botafogo, e a partir dali foi o meu calv3rio. At3 que encontre a Igreja Messi3nica em 1972, Janeiro de 72, depois de ir para o Gr3mio de Porto Alegre, onde joguei tamb3m no Gr3mio de Porto Alegre. E retornei ao Rio de Janeiro e ingressei no Flamengo em 1972, levado pelo meu amigo Zagalo. E ai em 72 ingressei no time profissional do Flamengo, depois do time profissional do Flamengo fui 3 Sele3o Brasileira em 1973, j3 como membro da Igreja Messi3nica mundial. E encerrei minha carreira profissional de futebol, em 1976. Ent3o eu estive aqui no Rio, cheguei no Rio em 1964, e fiquei no Rio at3 1986. J3 encerrei a carreira de futebol em 76 e ingressei na Igreja Messi3nica, onde comecei a fazer os meus primeiros estudos. Comecei a fazer, a aprofundar na filosofia do mestre, para mim Messias Meishu Sama, foi em 1972.

Marcelo – A sua fam3lia tem alguma hist3ria relacionada 3 agricultura, l3 em Minas Gerais? Tinha alguma experi3ncia com a pr3tica de agricultura, eram agricultores ou n3o? Ou eram fam3lias urbanas mesmo?

Francisco – N3o, n3o. Naturalmente a gente... N3s mor3vamos numa casa. E existia um quintal onde se cultivava muitas coisas. Mas n3o tinha nenhuma no3o de agricultura. A no3o que tenho hoje em agricultura, ela me foi dada por revela3o, a revela3o que o Messias Meishu Sama recebeu, com rela3o 3 agricultura natural, para a salva3o de toda a humanidade. Isso eu tive, essa no3o de agricultura, eu tive aqui dentro de Igreja Messi3nica n3o 3? De saborear alimentos saud3veis, alimentos sem adubos qu3micos, sem adubos... Sem fezes de animais, n3o utilizar estrume de boi, todos esses tipos de adubos, que acabam criando um problema ser3ssimo para o solo. Enfraquecendo o solo, adoecendo o solo e conseqüentemente adoecendo tamb3m o ser humano. A gente se alimentando desses produtos por muito tempo, a gente acaba ficando doente tamb3m, por influencia desses adubos.

Marcelo – O senhor tem alguma forma3o universit3ria? O senhor conseguiu fazer antes do futebol, ou o senhor estudou at3 que s3rie mais ou menos?

Francisco – Eu fui... Eu fiz a Escola de Educa3o F3sica. Fiz a Escola, fui at3 o terceiro grau da Escola de Educa3o F3sica. Mas na 3poca j3 com o futebol eu tive que optar integralmente pelo futebol. Porque eu fui at3 eu ter uma condi3o financeira boa. Quer dizer, e o futebol na 3poca, me deu essa condi3o e eu optei por me dedicar inteiramente ao futebol.

Marcelo – Nessa 3poca o senhor j3 era casado ou era solteiro, quando...?

Francisco – N3o. Eu casei... Na 3poca eu n3o era casado. Me casei em mil novecentos e... Foi 1976. Eu tive um primeiro casamento e cinco anos depois houve esse rompimento. E o meu segundo casamento,

que vai completar agora vinte e cinco anos, foi no ano de 1980. Mil novecentos... A vinte e cinco anos atrás, mil novecentos...

Marcelo – E oitenta e...

Francisco –...e oitenta e três.

Marcelo – Isso. Oitenta e quatro.

Francisco – Não, não. Mil novecentos e oitenta e quatro.

Marcelo – Quatro.

Francisco – Mil novecentos e oitenta e quatro. Foi que eu tive o meu segundo casamento. Exatamente no dia 15 de março de 1984 e agora no dia 15 de março de mil novecentos... Oh, de 2009 eu farei vinte e cinco anos de casado.

Marcelo – Quantos filhos o senhor tem?

Francisco – Eu tenho seis filhos. Três do primeiro casamento, que estão nos Estados Unidos. Minha ex mulher foi para os Estados Unidos. Casou nos Estados Unidos. Vive bem nos Estados Unidos com meus três filhos do primeiro casamento. E com o segundo casamento, casei em 1976 não é? Mil novecentos e oitenta e quatro...

Marcelo – Oitenta e quatro.

Francisco –...e eu tenho três filhos.

Marcelo – Do segundo casamento.

Francisco – Do segundo casamento.

Marcelo – A sua família é toda messiânica, do primeiro casamento e do segundo?

Francisco – É. São todos. Tanto minha ex mulher quanto os três filhos e a minha mulher atual com os três filhos. Todos são messiânicos.

Marcelo – Todos praticam...

Francisco – Todos praticam a fé messiânica. Não é? Há muitos anos. A mais de vinte e cinco anos.

Marcelo – O que levou o senhor à Igreja Messiânica?

Francisco – Exatamente os problemas do futebol. Não é? O futebol, eu tinha uma condição atlética boa não é? Era cotado inclusive, para ir à Seleção Brasileira. Consegui ir à Seleção Brasileira em 1973, porém eu tive esse problema físico no joelho. E aí eu recorri à Igreja Messiânica na época, e a Igreja Messiânica, ela me deu essa condição d'eu retornar ao futebol e conseguir um relativo sucesso. Não é? Tanto é que fui para o Flamengo, na época, e fui conhecido pelo mundo futebolístico, como o Chiquinho Pastor. Porque na época já estavam ligando o Pastor à Igreja Messiânica.

Marcelo – Hum, hum. E qual foi a experiência que o... O senhor já entrou na Igreja Messiânica acreditando nos ensinamentos de Meishu Sama, ou o senhor tinha muitas dúvidas? O que fez o senhor acreditar realmente que o que Meishu Sama estava falando era verdade?

Francisco – É pura/por experiência. É muito importante a gente experimentar. Nós estamos num mundo material, num mundo físico, assim como a própria questão da agricultura natural não é? Assim a teoria, toda a teoria, ela pode ser lógica, pode ser muito bonita, mas ela precisa ser levada para a prática. Então quando eu cheguei na Igreja Messiânica, o carro chefe da Igreja Messiânica sempre foi o johrei. E diziam maravilhas do johrei. E eu experimentei o johrei sem acreditar. E o johrei transformou a minha vida. Não é? Experimentei o johrei, o johrei transformou a minha vida e aí depois de transformar, depois de experimentar, depois de sentir, depois de ver os milagres, foi que eu passei a acreditar na Igreja Messiânica e acreditar em Meishu Sama. Que a princípio era um fundador qualquer de uma religião, não é? E assim eu tinha... Nasci em berço cristão, católico não é? Sempre tive uma crença muito firme e

continuo com essa crença em nosso Senhor Jesus Cristo. Porém, assim, nunca poderia imaginar que Meishu Sama, hoje eu acredito, que Meishu Sama é o Messias esperado pela humanidade. E através dos milagres que ocorreram na minha vida e através dos milagres de johrei, na África vi quantas e quantas pessoas partirem não é? Terem assim uma morte súbita e com o johrei recuperar a vida. Então assim, isso aumentou a minha crença de que realmente através do johrei, através da agricultura natural, e através do belo, realmente nós poderemos criar uma grande revolução no mundo e construir o paraíso terrestre.

Marcelo – O senhor poderia explicar como o senhor se tornou Sacerdote da Igreja Messiânica? O Quê que despertou o senhor, para se tornar um Ministro da Igreja Messiânica?

Francisco – Inicialmente eu entrei para a Igreja Messiânica, para receber benefícios, para poder jogar pelo futebol, para poder jogar futebol. Quer dizer, inicialmente as minhas ambições eram muito egoístas. Mas a partir do instante em que fui vendo os resultados, lendo os ensinamentos, conhecendo o projeto de Meishu Sama para o mundo, eu me apaixonei por esse projeto e resolvi dedicar a minha vida, doar a minha vida para a salvação das outras pessoas, para tornar as outras pessoas felizes. Isso foi gradualmente essa transformação que ocorreu em mim.

Marcelo – Foi mais ou menos em que época da vida?

Francisco – Foi... Como eu entrei no futebol, eu estava no futebol, no Flamengo, a fase áurea minha, de 72 até 76, Flamengo e depois eu retornei ao Botafogo, então nesse período eu assim, houve essa transformação grande em mim. E aí eu acabei indo ao Japão, em peregrinação ao Japão, que é a sede da Igreja e em lá chegando tive uma entrevista, com o presidente mundial da Igreja, na época, o Reverendíssimo Teruaki Kawai. E nessa entrevista, ele me analisando, ele observou que eu era um homem de fé. Que realmente eu já tinha me transformado. E a partir daquele instante não é? Ele achou que eu tinha nível de ser Ministro e eu fui qualificado e preparado para ser Ministro da Igreja. Aí eu resolvi me integrar totalmente à Igreja Messiânica.

Marcelo – E quanto tempo o senhor ficou no Rio de Janeiro ainda como Ministro? Antes de sair do Rio de Janeiro.

Francisco – Eu me tornei Ministro em 1976. Fiquei no Rio até 1986. Doze anos.

Marcelo – Doze anos ainda no...

Francisco – Doze anos no Rio de Janeiro. Em 1986 eu fui para a Bahia.

Marcelo – Hum.

Francisco – E fiquei na Bahia praticamente vinte anos. Vinte e um anos eu fiquei na Bahia, e agora retornei aqui ao Rio de Janeiro.

Marcelo – O senhor poderia tornar mais claro o que Meishu Sama fala sobre verdade, bem e belo? Explicar o quê que é o johrei, agricultura natural e a arte do johrei? Que relação que existe com a salvação do mundo e esses três pontos?

Francisco – Na verdade, as três colunas, que a gente considera três colunas da salvação, é o johrei, que é uma energia vital, energia irradiada do centro do sol, que revitaliza, vivifica as pessoas, purifica as pessoas. Assim, torna as pessoas saudáveis. Elimina, tanto do sangue quanto do corpo, as impurezas, que são causadoras de doença. Porque para a gente, toda doença é uma atividade fisiologia natural de eliminação de impurezas. Então a pessoa que se alimenta de forma saudável, ou alimenta... A pessoa que se alimenta de produtos naturais, que têm a energia vital, composta de, a energia irradiada do sol, a energia que vem da água pura e a energia que vem da terra pura, a junção desses três elementos, do fogo, da água e da terra, dão vida, vivifica o ser humano. Porém quando esse tipo de energia é prejudicial, quer dizer, através de poluição, através de adubos químicos, através de esterco, através de excessos de medicamentos, tudo isso vai criando problemas no corpo da pessoa. Naturalmente surge uma atividade fisiológica natural de eliminação de impureza. Surge a febre, surge uma série ou tipos de doenças que são atividade restauradora do equilíbrio rítmico da pessoa, para a pessoa voltar ao natural. Então nós utilizamos essa metodologia. Nós utilizamos o johrei, para poder purificar o espírito, purificar o corpo, tornar a pessoa saudável. Voltar a pessoa ao seu estado original. Voltar a pessoa ao seu estado de pureza. Assim usamos também a agricultura natural, para que a pessoa não acumule assim, elementos químicos, elementos tóxicos, através dos produtos naturais. Hoje naturalmente já há um grande avanço na agricultura orgânica. Não é? Hoje toda a... A maioria, os grandes pensadores, as pessoas que têm

preocupação com a sua saúde, já estão voltadas para os alimentos orgânicos. Mas naturalmente isso é muito bom, porque os alimentos orgânicos, eles preservam a energia vital do alimento. Agora, a agricultura natural, ela realmente tem o mesmo sentido. Só que nós utilizamos os próprios elementos da natureza. E à medida que o solo vai vivificando, à medida que o solo vai ser tornando vivo, ele vai recebendo todas essas folhas secas, todos esses... Isso que vai caindo das próprias árvores, e vão enriquecendo o solo, o solo se torna vivo. E um solo vivo, ele é altamente produtivo e altamente saudável para manter o corpo, porque o corpo é constituído pelo elemento terra. Então a gente utiliza o alimento natural, para poder preservar o corpo físico, preservar o sangue e não sujar o espírito, não macular o espírito. Então o alvo da coluna da salvação é a agricultura natural. E também o belo, o belo tem o sentido de levar as pessoas a assim, a apreciar a natureza, de vivificar o homem, de purificar o sentimento do homem. Então o homem em contato com o belo, ele vai se elevando. Ele vai elevar no senti... Elevar as suas ações. Elevar a sua maneira, elevar a prática do bem, elevar a prática da verdade e a pessoa vai sentindo o prazer em ter contato com a beleza da natureza. Mas quando o corpo vai sujando, a pessoa, a tendência natural, é começar a pessoa a querer praticar as coisas feias. É a pessoa caminha para a maldade. Por que? Porque o corpo está sujo, o espírito está sujo, a pessoa está maculada, a mente da pessoa se embota e ele vai evoluindo. Ele vai se animalizando. Ao contrário, a verdade, a pessoa praticando a verdade, a pessoa que tem condições, verdade no sentido de ver a realidade. Quer dizer, o homem à medida que ele vai sendo purificado, ele, ele percebe claramente a relação entre a causa e o efeito. Ele consegue identificar a verdade e ele se... Ao identificar com a verdade, ele sente prazer em praticar a verdade, ele sente alegria em praticar o bem. Se ele for praticar o mal, ele não consegue. Porque uma pessoa naturalmente purificada, uma pessoa espiritualizada, ele tem rejeição ao mal por natureza. Mas uma pessoa suja, maculada, uma pessoa que se alimenta de produtos químicos, uma pessoa que se alimenta de produtos que não têm energia vital, ele acaba se tornando rude, ele acaba se tornando um animal e acaba agindo pelo instinto. Então por isso que nós aconselhamos não é? Assim, a agricultura natural, aconselhamos o Johrei, que tem esse mesmo sentido e também a pessoa poder apreciar o belo, para purificar o seu espírito, para se tornar uma pessoa nobre, uma pessoa polida. Então, daí a razão não é? De nós dizermos sempre não é? O homem purificado, o homem iluminado, ele naturalmente praticará a verdade, ele naturalmente terá como princípio a verdade, e praticará o bem e se vai deleitar com o belo, com tudo que é belo, tudo que eleva o espírito. A arte de alto nível.

Marcelo – A sua família hoje utiliza a agricultura natural nas refeições, ou parte da refeição?

Francisco – De uma certa forma a gente utiliza não é? Porque aqui no Rio de Janeiro a gente tem o pólo agrícola, ali em Bom Jesus, em Silva Jardim, e a gente utiliza de uma certa forma. Utilizamos o frango da Corin, que são frangos não é? Que não têm promotores de crescimentos, que não têm antibióticos. Quer dizer, tudo isso nós procuramos, de uma certa forma, utilizar os alimentos naturais. Mas no meu caso, eu que estou sempre viajando, nem sempre eu tenho condições de ter os alimentos naturais. Quer dizer, hoje assim, de uma certa forma, se tem condição de ter contato maior com os produtos naturais. Já estão nos supermercados, pelo menos os orgânicos. Mas assim, em determinados lugares, a gente tem que se contentar, por questão de sobrevivência, eu que viajo muito, a se alimentar com aquele tipo de alimento, que a gente sabe que naturalmente vai, com o correr do tempo, vai trazer algum problema físico para a gente.

Marcelo – E dá para o senhor falar um pouco agora, sobre a relação da Igreja Messiânica com a agricultura natural? Assim, esse vínculo, o senhor acha que é um obstáculo à expansão dos princípios da agricultura natural, não é? Porque separa pessoas de outras religiões, ou o senhor não acha que é uma desvantagem? Não é? A gente gostaria de entender um pouco mais por quê que a Igreja Messiânica é que mantém a atividade da agricultura natural?

Francisco – É. Hoje assim, está em grande discussão essa questão do evolucionismo, do criacionismo. Está de grande discussão até pela Igreja Católica assim, a teoria trazida para todos nós através de Darwin, da evolução da espécie humana. Na verdade todos nós somos seres que viemos da terra. Viemos da terra. E evoluímos. Viemos evoluindo. Não é? O que a gente acredita é que além dessa evolução natural da gente vir da terra, é a gente recebe do supremo Deus, a partícula divina. A gente recebe a alma. E a junção da alma com o corpo para que? Para fazer evoluir esse corpo, aperfeiçoar esse corpo que não é? Que tem todas... Tem todos os mundos. Desde o micro, todo tipo de mundo nós temos dentro de nós, através da evolução. Agora nós recebemos no final, na última etapa, na transformação desse corpo animal, em um corpo... Em um ser divino, nós recebemos o mundo divino dentro de nós. Nós recebemos a partícula divina dentro de nós, para que esse corpo possa evoluir, se purificar e realmente o homem se tornar divino. O homem que por natureza, ele prati... Ele respeita a verdade, ele acredita na verdade, ele vive a verdade, ele é um homem de bem, ele é um homem artístico. Não é? Então dentro disso, desse trabalho de evolução do ser humano, a gente acredita que realmente o homem vindo da terra, ele vai realmente conseguir chegar num nível de perfeição com relação ao seu corpo. E nossa missão é essa, é de purificar a

terra. Essa não é só a missão da Igreja Messiânica, não é só a missão... É missão de todas as religiões, é missão da ciência. Então, na verdade, a religião, ela prega a existência de Deus e a ciência acredita na evolução da espécie, ela acredita na parte material do homem. A tendência natural do mundo é fundir esses dois pensamentos e se tornar um só. Porque isso é que é a verdade. Então eu não acredito que assim, a verdade seja um empecilho para nenhuma das religiões. E a agricultura natural é verdade. Agricultura natural foi preconizada. É uma revelação divina, para mostrar ao homem como tratar a terra, como purificar o teu solo, como respeitar a terra. Então o agricultor que ama o solo, que respeita o solo, que não suja o solo, que não enfraquece o solo, esses alimentos são cada vez mais saborosos, são alimentos cada vez mais produtivos. Então isso, é de qualquer religião. Isso não tem a ver. Não é obstáculo não é uma necessidade de qualquer homem que vive sob a face da terra. Então assim, a agricultura natural é uma necessidade básica para todos os homens, seja de qualquer religião ele for. Não é? Porque isso é o que as leis naturais indicam para a gente. Indicam para a gente. Que é a medida que a ciência foi evoluindo, ela vai evoluindo, ela está chegando nisso. A gente já está vendo essa questão da agricultura orgânica, já é um grande passo. Mas ainda precisa descobrir os mistérios do solo. O solo não é tão simples, como a ciência atual ela pensa. O solo tem vida, o solo é vivo. Então você respeitando o solo, amando o solo, ele vai dar uma resposta muito grande. São alimentos saborosos, porque o solo é para tornar as pessoas felizes. Tudo que foi criado na face da terra é para tornar as pessoas felizes. Independente de religião ou não. A religião tem o objetivo de religar o homem a Deus. Esse é que é o objetivo. E para religar o homem a Deus, ele precisa conhecer a verdade, ele precisa conhecer a natureza. Ele precisa realmente, o homem sentir que todos os elementos, tudo que foi criado, que nos foi dado é para o bem e para a felicidade do homem. Não é a questão religiosa. É acima de questão religiosa. Necessidade não é? Porque o homem, ele veio à terra, foi criado por Deus, para se tornar uma pessoa feliz. E para ele feliz, um dos maiores, ou talvez o maior prazer do ser humano é a alimentação. É o que Meishu Sama fala, “puxa vida! Depois que eu consegui tirar... Purificar o solo e produzir alimentos e cereais saborosos, eu pude saborear o prazer que é de um alimento puro. Eu acredito que pouquíssimas pessoas, ou talvez nenhuma, tenham saboreado a essência do que é um sabor... Um alimento puro, sem influencia de adubos químicos, sem influencia de estrumes de boi, estrumes de frango, de... Não é? Sem isso. Quer dizer, o que é um alimento natural, como ele é saborosíssimo, quão feliz eu me senti”. Essa é a expressão do Meishu Sama. Então na verdade o alimento é para tornar a pessoa feliz. E não ser uma coisa para, ah você tem que comer aquilo, porque você comendo aquilo, aquilo faz bem isso, faz bem para aquilo. Não. O alimento é para ser saboreado. Para você se deleitar e sentir a grandiosidade do amor de Deus. Para você sentir o sabor da vida através dos alimentos. As bênçãos de Deus, elas nos vem através dos alimentos.

Marcelo – O senhor poderia explicar um pouco mais também sobre a influência da origem, da nossa origem, da genética humana não é? Das gerações passadas. Existe alguns reflexos das gerações passadas nas atitudes do homem do presente? Essa relação, essa herança que a gente trás na genética, de violência, guerra, conflito, doença, a tendência. Existe realmente uma relação entre o homem do passado com o homem do presente?

Francisco – Na verdade assim, qual é a nossa crença? A nossa crença é de que o homem tem uma partícula divina e essa partícula divina é que as religiões chamam de alma. Na verdade, essa partícula divina é uma... Ao sermos criados no mundo divino, cada um de nós, cada um de nós é uma existência única e ao mesmo tempo nós somos tudo. Nós temos... Nós somos o universo. Nós somos o universo. Então assim, essa é que é a nossa crença com relação ao corpo original do homem. Agora, o corpo material do homem, nós vimos dos seres, nós vimos de nossos pais. Você observe bem, que na... Quando o espermatozóide macho, ele penetra o ovulo da fêmea, a partir dali começou a ser gerado uma... Começou a ser gerado um ser humano. Começou a ser gerado. Ele ainda não recebeu totalmente a partícula divina. A medida disso, quando é gerado, à medida que vai sendo constituído, que ele vai sendo constituído, que vai se desenvolvendo, a partir, no início do coração, depois vai a formação do corpo, leva-se mais ou menos três meses até descer totalmente a partícula divina e se assentar. Então ali está um ser humano. Agora, esse corpo é nossa herança genética, de gerações e gerações, desde a criação do mundo. Desde a criação do mundo. Todos nós temos uma ligação não é? Nós somos uma grande família. Nós somos uma grande família. De uma única origem. Nós somos uma grande família. Então cada um de nós tem as suas características. Se a gente examinar bem o DNA de cada ser humano, é, sempre nós vamos ter... Ali tem, ou cinco, seis, ou dez por cento, ou quarenta por cento da raça negra, tem trinta por cento ou sei lá o que da raça branca e não sei quanto da raça amarela. Sempre nós vamos ter essas três características. Então na verdade assim, a espécie humana é uma miscigenação. Quer dizer, uma miscigenação de uma evolução para poder chegar a uma perfeição. Então nós temos dentro de nós, nós temos todas essas características. E que está sendo ensinado para nós agora através do nosso líder espiritual é isso. Que todos os sentimentos, tudo aquilo que a gente sente são... Esses sentimentos têm relação profunda com os antepassados, de gerações em gerações passadas. Esses sentimentos. Então na verdade isso está ocorrendo pela segunda vez. Não é pela primeira vez. São situações que nós já vivemos no passado, são situações... Nós e nossos antepassados, que têm relação direta conosco, porque nós somos

representantes dos antepassados. Nós somos representantes. Representante de toda situação que eles viveram. Então as características que a gente observa em determinado indivíduo, não só fisiologicamente, como aquele indivíduo, ah ele parece com determinado animal, de um determinado tipo não é? De animal, ou de pássaro, seja lá o que for, também assim, isso vem de... Porque pela própria formação do corpo humano, isso vem de geração em geração através de nossos pais, através dos nossos bisavós, através dos nossos avós. Então nós somos a soma de nossos antepassados desde a criação do mundo. Então nós representamos essa soma, e é natural que assim, agora a gente manifeste essas características. Puxa, aquele ali está parecido com o avô. Na verdade, pelos elos espirituais, nós temos relações com eles. E assim, aqueles que não evoluíram, evoluíram, esses muitas vezes estão presos na terra. E a gente descobriu isso, que com a agricultura natural, com as hortas caseiras, a gente fazendo, trabalhando a horta caseira, isso muitos antepassados, que estavam na própria casa, numa situação abaixo da terra, numa situação infernal, com esse trabalho, amando e vivificando a terra, numa terra que já foi suja com sangue de guerra, uma terra que foi suja com produtos químicos, que foi suja com adubos químicos, esses antepassados presos ali, a medida que começou a purificar a terra através da agricultura natural, a medida que começou a purificar a terra com a horta caseira, esses antepassados conseguiram se libertar e conseguiram se salvar. Então por isso que assim, a gente considera também a agricultura natural como uma coluna da salvação. Muito importante para construir o paraíso terrestre. Muito importante para libertar todos aqueles espíritos que estão presos a terra, que ainda estão presos, não só com sentimentos baixos, com sentimentos negativos, mas também presos a todo esse lixo tóxico, tudo isso que está matando a vida do solo.

Marcelo – Em que momento na sua vida o senhor chega à África? O que leva o senhor a Angola?

Francisco – Na verdade assim quando eu entrei para a Igreja Messiânica, eu fui me conscientizando da minha missão, da minha responsabilidade perante a África, perante o continente africano, perante as minhas raízes, perante as minhas origens. E assim, surgiu essa oportunidade em 1991. Em 1991 eu fui enviado à África pelo Reverendíssimo Watanabe, atual presidente mundial da Igreja. E cheguei na África exatamente no dia onze de onze de 1991. Cheguei na África. No dia realmente da libertação de Angola. Dia que é uma data marcante. Depois é que eu fui descobrir tudo isso. E ali eu fui realmente para poder levar a salvação de Meishu Sama. Principalmente com relação à agricultura natural. Porque como a gente pode observar a raça amarela, ela é da cor do sol, a raça branca, ela é da cor da lua e a raça negra, ele é da cor da terra. Então as características da raça negra, a vocação do africano, do negro é a agricultura natural. É agricultura. É trabalhar para a terra. Porque a gente observa que o negro, ele tem uma resistência física extraordinária. Ele suporta a força física. Porque a própria natureza cria os elementos de acordo com as suas necessidades. Então a vocação da África é a terra. E a gente observa que a África, todo lixo tóxico, adubos químicos, tudo isso, que muitas vezes não é utilizado em nenhum país é levado para a África, para poder sujar o solo, sujar a terra, desertificar. A gente vê que muitos solos vão perdendo a vida. Não é? Então na verdade a minha missão lá na África é em primeiro lugar vivificar, revivificar o solo da África. Dar vida ao solo da África. Não deixar o solo da África morrer, para que ele vivo, ele possa oferecer os alimentos, não só para toda a população da África, mas como para toda a população mundial. Se nós trabalharmos com afinco e dentro desse projeto e de outros projetos, a gente tem uma grande missão de criar lá o agro florestal. Se a gente conseguir criar, a gente realmente só a partir de Angola dá para alimentar toda a África. Dá para alimentar toda a África. Então nosso trabalho inicial vai ser recuperar as terras que já estão saturadas, que assim, as terras que não conseguem produzir água, as terras que já estão se deteriorando, estão sem microorganismos, estão sem vida. Então através dessa vivificação do solo, para depois a gente partir para a agricultura natural. Porque um solo vivo, um solo rico, ele faz retornar àquele que cuida bem dele, o sabor dos alimentos, para que a gente tenha alegria de viver nessa terra. Então o objetivo quando eu cheguei na África, cheguei a ir, e depois fui orientado pelo presidente mundial, para poder realmente que o carro chefe da difusão da agri... Da difusão messiânica na África seria a agricultura natural. Isso independente da religiosidade de qualquer pessoa. A pessoa não precisa deixar religião. Nós não temos nenhum interesse em trazer a pessoa para a religião. Nós temos interesse em reintegrá-la à vida, em ligá-la com o supremo Deus. Não importa a religião que as pessoas pertençam. O importante é isso, é esse respeito à natureza. E o respeito à natureza, respeito ao solo. Então o solo que morre, a gente observa lá determinados tipos de solo, o lençol freático cada vez desce mais. Não tem, a terra não tem impermeabilidade, para poder a água penetrar e manter rico. E também com a depredação não é? Com o desfloresta... Com assoreamento acabando com todas aquelas árvores, com tudo aquilo...

Marcelo – O desmatamento.

Francisco –...desmatamento. Quer dizer, tudo isso está criando um problema sério. Criando problema sério para a água, criando sério problema para o homem. Então isso não é um problema de religião é um problema de vida. É um problema de sobrevivência de todos nós. Então, seja religioso ou não, toda pessoa que ama a vida, que quer tornar o outro feliz, está na hora de nós nos unirmos em torno de

recuperar o solo, recu... Fazer... Deixar a água ser... Produzir água nesses solos, reflorestar, para que a gente possa viver. Não só nós como todos os seres da natureza. Então onde há esse... Essa baixa, onde há esse desmatamento tirando, naturalmente acaba com o habitat de animais. Não só do homem como de animais e de uma série de outras coisas. Tira o habitat do ser que está vivendo na terra, tira o habitat do ser que está... Que depende daquela árvore. Tira o habitat daquele ambiente, tira tudo. Então, na verdade isso é uma grande revolução, essa grande revolução, que precisa ocorrer a nível de mundo, para que a gente possa viver em paz. Possa realmente não sofrer os efeitos desse aquecimento global.

Marcelo – Quando o senhor chega a Angola quais são as maiores dificuldades que o senhor enfrentou?

Francisco – Não. Dificuldades, primeiro assim é a questão da guerra não é? Quando eu cheguei em Angola o país ainda estava em guerra não é? E de 1991 até 2002, na verdade durante vinte... Na verdade durante de...

Marcelo – Onze anos.

Francisco – Onze anos, nós vivemos esse clima de guerra. Eu muitas vezes lá dormindo, eu ficava ouvindo aqueles barulhos não é? De tiros, essas coisas todas, mas acreditando que aquilo chegaria a um fim. Não é? E realmente nós conseguimos. Não é? Em 2002 o país voltou as suas atividades normais, houve a paz e começou um trabalho de reconstrução. Hoje Angola é um dos países que mais cresce do mundo.

Marcelo – Mas a infraestrutura quando o senhor chega em 91...

Francisco – Não. Era precaríssima. Era precaríssima.

Marcelo – Com relação à água, alimentação.

Francisco – Não havia. Por exemplo, a água não tinha água. Se usava aquela soda cáustica para poder purificar a água. Quer dizer, uma coisa terrível. Quer dizer, energia elétrica não existia. Quer dizer, era realmente um estado caótico, um estado deplorável não é? Não tinha... Produção, não existia produção. Não existia produção de alimentos, não existia produção industrial, não existia nada. Tudo importado não é? Então uma situação muito difícil, uma situação de fome e que aos poucos a gente está conseguindo reverter esse quadro.

Marcelo – E com a guerra Luanda se torna super povoada não é?

Francisco – É. Com a guerra, naturalmente a guerra nas províncias, a tendência natural da população foi se refugiar em Luanda, para poder assim, onde ainda não havia entrado a guerra. Efetivamente a guerra não havia entrado. Então a partir daí o quadro foi revertido, o país voltou à normalidade e realmente hoje a gente já vive um clima de euforia, de alegria e esperança de realmente que Angola se torne uma grande nação.

Marcelo – E qual foi o objeti...? Em 2000 tem início o trabalho efetivo da Africarte, ou foi 2002? Em que momento que se adquire o pólo agrícola e o senhor toma a decisão de criar a Africarte?

Francisco – É em o ano 2000, o ano 2000, o Reverendíssimo Watanabe esteve pela primeira vez em Angola e ele foi com um donativo da Corin do Japão, a quem eu quero agradecer sempre, para nos incentivar a firmemente desenvolver a agricultura natural. Até então a gente havia tentado não é? Com a chegada do Ministro Bambi, com problemas de saúde, não é? Através do johrei, ele se recuperou, através da alimentação natural, ele entrou de cabeça na agricultura natural. Então se integrou na Igreja e em 2000 eu o apresentei ao Reverendíssimo Watanabe, eu apresentei o engenheiro agrônomo Bambi e o Reverendíssimo focou muito emocionado, porque pediu ao Reverendíssimo, por favor, salve a África. Chorando. Então aquilo emocionou muito e é sempre lembrado pelo Reverendíssimo Watanabe. E a partir daí o Ministro Bambi, o engenheiro Bambi começou a trabalhar duro, para que a gente pudesse ter um pólo agrícola. A gente tentando em determinados lugares, na sua própria casa, ele criando até frango dentro de sua casa, para que a gente pudesse chegar a um bom termo. E com a chegada do presidente Watanabe, nós recebemos um terreno do governo e ali no pólo agrícola de Bom Jesus, nós começamos o nosso trabalho pioneiro, que está se estendendo agora para Kakuaco e a seguir já chegou em Cachito, já está chegando no Sul de Angola, já está chegando em vários locais. E hoje, em Angola nós já temos praticamente quinze mil hortas caseiras, somente em Angola. Então hoje já está bem difundida a agricultura natural, e conta com resultados espetaculares. Pessoas assim, que mesmo recebendo o johrei, mesmo uma série de outras coisas, não conseguem recuperar a saúde com o alimento natural. Há uma

mudança, essa energia vital que vem através do alimento natural, muda totalmente e a pessoa recupera a saúde.

Marcelo – O senhor acha que a questão do regime, após a guerra, do regime do país não é? Ter modificado... Essa questão da distribuição de terras, a falta de políticas públicas... Vamos falar um pouco agora de governo. Não é? O senhor acha que foi, é ainda um empecilho ao avanço da agricultura no país? Não é? Existe um interesse do governo angolano em expandir uma agricultura mais saudável, ou não? Ou eles não estão voltados hoje para isso?

Francisco – É. Esse conceito de preservação do meio ambiente, esse conceito de evitar o assoreamento dos rios, das matas, isso tudo já está impregnado no governo africano. No governo angolano. Ele está... Eles estão se organizando, porque um país recém saído de uma guerra civil, quer dizer já praticamente são o que? Nem sete anos. Agora fez sete anos. É um juvenzinho que está nascendo e ele está se organizando em todos os campos. E uma das coisas que está em discussão, e agora vai entrar a parte da constituinte, que será feita pelo próprio governo, com participação de todos os parlamentares não é? Vão elaborar uma nova constituição, novas leis e um dos assuntos a ser estudado é naturalmente a questão da terra. A questão da terra é primordial e o governo está atento e tomando as providencias, para que a gente possa desenvolver a agricultura em, todo o território angolano. Para que a prioridade do governo angolano agora é a agricultura. Nós estamos levando a agricultura natural, para mostrar para eles. Primeiro a gente está criando um piloto. Criando. Nós já criamos em pólo, em Bom Jesus um piloto. Isso já levou o governo a nos oferecer dois, já de treze equitares, nos ofereceu cento e setenta equitares. Agora mais cem equitares, mais quinhentos equitares em outro lugar porque o governo, ele tem interesse nisso. E o que nós precisamos mostrar, além disso, é assim, os benefícios que a agricultura natural nos trás. Não só de preservar a terra, preservar todos os microorganismos, preservar... Criar o habitat natural para todos os animais, para o próprio homem. Além disso, também realmente assim, preservar a água não é? Preservar as florestas, preservar as espécies. Criar sementes puras, sementes sadias, sementes que se multiplicarão, quer dizer tudo, quando se vê diante desses benefícios e além do mais o sabor dos alimentos. Quer dizer, na verdade o homem agora, com a agricultura natural é que ele vai reconhecer o sabor dos alimentos, que estavam muito distantes. Porque nos alimentos atuais sempre tem algum adubo misturado no meio. E que você ingerindo isso, cria problema de saúde. Cria problemas não é? Muitas vezes até problemas sérios da saúde. Além dos inseticidas naturais, de uma série de coisas. Quebra todo o equilíbrio ecológico. Então isso é nossa missão alertar o governo, é nossa missão mostrar isso para o governo, mas com resultados práticos. As pessoas que nos procuram... Nós estamos realmente assim, sendo procurados por muitos produtores e esses produtores, eles sentem realmente que ganharam uma nova vida a custo baixo. A custo baixo. Sem ter que ficar comprando adubo. Sem ter realmente que ficar colocando a sua vida em risco com os inseticidas. Então na verdade isso é salvação. Mesmo que não seja uma salvação religiosa é uma salvação material. É preservação da vida do indivíduo. Então isso, esses valores são reconhecidos pelo governo. Nós já estamos sendo procurados por outras organizações, por outros produtores, para que a gente dê assistência a eles e mais ainda, esse tipo de agricultura, ele diante do clima da África, ele consegue levar mais tempo. Na verdade, quando as outras plantações são infestadas com pragas, o sol causticante não deixa aquele determinado tipo de vegetação, aquele determinado tipo de cereal ser produzido, isso ocorre conosco e eles ficam surpresos. Isso é milagre? Isso é milagre não, isso é respeito às leis da natureza.

Marcelo – Essa questão do apoio internacional a África, essa visão da África sempre miserável não é? Que aparece na mídia, ela de uma forma ou outra, ela favorece ao apoio mundial. Não é? E muitas vezes esse apoio vem em forma de uma tecnologia, que vai no caminho ao contrário da agricultura natural não é? Como o Ministério da Saúde já revelou, Angola recebe grandes doações de agrotóxicos. Agrotóxico é distribuído de graça. Não é? À população não é? As pessoas são impedidas de voltar para as suas casas, porque o campo é minado. Não é? Não tem meios de produzir. Então com campo minado, com agrotóxico distribuído de graça, como é que a Africarte hoje, ela traça uma estratégia para poder difundir com mais facilidade a agricultura natural?

Francisco – Essa consciência de preservação ambiental, ela está bem difundida no mundo todo. Também está difundida na África sabe? E a África sofre uma influencia muito grande da Europa e a Europa está bem conceituada e isso facilita o nosso trabalho. Além do mais Angola é bem influenciado pela Brasil. Sabe? E a gente chegando realmente em Angola, conscientizando as pessoas, fazendo um trabalho, um trabalho pioneiro, eu acredito que isso vai vingar. Porque é lei natural. E isso é uma coisa natural, é uma coisa que vai ser preservada, é uma coisa... Eu acredito assim, tudo que não for natural, tudo que não for verdadeiro, tudo que não for um bem e tudo que não tiver beleza, sofrerá a seleção natural como diz Darwin. Tudo. Agora a humanidade está chegando num ponto, que o que for mentira vai sofrer nessa seleção natural. É o que a gente está vendo aí com toda essa crise financeira, toda essa atuação dessa crise financeira desses Bancos. Quer dizer, as pessoas estavam não é? Brincando. Brincando com os

sentimentos dos outros, brincando com o dinheiro dos outros. Isso é uma mentira. É o que falou Jesus, “não vai ficar pedra sob pedra”. Está na hora disso. A verdade vai aflorar e também essa verdade com relação à agricultura natural, eu acredito que vai aflorar, porque é uma coisa que preserva a natureza. É uma coisa que vivifica o solo, vivifica as árvores, vivifica a terra, vivifica a semente, vivifica o homem, vivifica os animais. Então dá a vida não é? Aos seres. Então isso é uma coisa natural e isso está bem difundido em todo o mundo. Já, graças a Deus, já através da agricultura orgânica, já se deu um grande passo, até realmente chegar na agricultura natural. Eu acho.

Marcelo – Está bom. Bem, dando continuidade a nossa entrevista nós vamos entrar na etapa de avaliação do projeto. Eu gostaria de saber como o senhor avalia o projeto desde a criação da Africarte, do modelo do pólo agrícola até o dia de hoje? Não é? Qual é a sua avaliação?

Francisco – É. São muitas dificuldades. Muitas dificuldades pelo seguinte, na fase em que o presidente Watanabe, o presidente mundial, nos fez a doação para que a gente começasse o pólo, tudo bem. Mas foi aquela, aquela, em torno mais ou menos, foi quarenta, cinquenta mil dólares que os deu e aí nós ganhamos a terra não é? A terra nos foi passada, mas assim, com muitas dificuldades, por que? Porque a Igreja também estava crescendo, estava começando. A Igreja não tinha como fazer um investimento pesado na agricultura. Então naturalmente, com muito esforço, com muito esforço, nós começamos a, com a ajuda dos membros, dos próprios membros, os membros Rio, iam em caravanas e nós começamos a arar a terra na enxada, sem trator. Na época não tinha trator. Alugava-se um trator e precisava esperar esse trator para poder passar no terreno, para poder mexer com a terra. Foi muita dificuldade que encontramos no início. E também assim, não tínhamos como contratar mão de obra especializada. Então teve de ser uma meia dúzia, oito, nove membros... Com oito, nove funcionários ali, que nós tínhamos que, que o Ministro Bambi, com o que ele arrecadava das produções, tinha, para poder manter as pessoas e os membros indo dedicar. Os membros indo dedicar. Até que nós chegamos realmente numa condição. Nós criamos assim um katar, que a gente chama o modelo e aí o pólo agrícola começou realmente a se desenvolver. Porque a gente tinha que construir alojamentos, tinha que construir refeitório, construir uma série de coisas, com muita dificuldade. À medida que a Igreja foi crescendo, ela foi fazendo os investimentos. Então hoje nós chegamos nesse ano, esse ano, nós chegamos numa condição de poder investir. Então inicialmente o governo, ele foi não é? Os técnicos do governo foram e viram o nosso trabalho, e nos confiaram já o terreno de Kakuaco e agora nos confiaram o terreno de Cachito, onde nós vamos fazer um investimento maior. Então este ano nós terminamos a parte de construção, quer dizer, de infraestrutura, comprar motores, comprar todo, toda a parte agrícola, toda a parte de implementos agrícolas, para a gente poder tocar a obra. Agora, depois dos implementos agrícolas, esse ano, nós estamos criando um projeto já realmente com um investimento de trinta mil dólares mês, doação da Igreja Messiânica para a Africarte. Para que a gente possa realmente montar a equipe, toda a equipe e todos os implementos agrícolas para que a gente, a partir de Bom Jesus e também em Kakuaco, a gente comece a dar o impulso maior. Já em Kakuaco nós já estamos fazendo um trabalho de recuperação do terreno. Porque o terreno foi, foi realmente assim, foi desmatado, o terreno está seco, o terreno realmente a água corre, ela não penetra. Então nós vamos fazer um trabalho em Kakuaco, agora estamos começando com técnicos, com a ajuda de muitos técnicos do Espírito Santo, com a ajuda de pessoas que amam a África, que querem nos dar apoio lá na África. Então com a ajuda desses técnicos, nós estamos realmente começando o trabalho de recuperação do terreno de Kakuaco. Então nós vamos fazer plantações. Já plantamos bananeira, plantamos abacaxi, mas agora com o estudo técnico nos chegamos a conclusão que nos precisamos assim, plantar leguminosas, para poder incorporar no solo, até vivificar o solo, para depois pensar em produção. Então esse investimento será feito. A Igreja hoje, ela tem condições de dar sustentabilidade para esse investimento de recuperação do terreno. E já assim, com relação a um outro terreno que, a um outro terreno que ganhamos, que é diferente, são quinhentos equitares em Cachito, aí sim. Lá tem três rios, rios enorme, águas em abundância, o que não ocorre em Kakuaco. Nós tivemos que fazer um investimento em Kakuaco, de quase um milhão de dólares só para buscar a água a um quilometro, a que? A dois quilômetros de distancia lá do rio, para poder trazer. Ainda estamos agora com uma firma chinesa acabando de resolver o problema de trazer a água para Kakuaco. Então não é fácil. Ali em Kakuaco, nosso plano, nosso projeto é para produzir água, através do reflorestamento e de trabalhar o solo, para que ele possa se vivificar e não ficar seco, para que ele possa aguentar realmente todo o período de verão, todo o sol causticante que ocorre lá em Kakuaco. E já em Cachito, ali sim, nós vamos começar realmente o nosso projeto agro florestal. E dentro disso, nós já temos condições. Depois de todo esse trabalho, depois de realmente a gente mostrar que qualquer tipo de solo... O solo já está sendo fotografado. A gente consegue recuperar, consegue através da agricultura natural, dar condições de produzir, através desse agro, produzir os produtos agrícolas, com o reflorestamento, a gente consegue revitalizar, voltar ao habitar natural que era aquele terreno. Já em Cachito a gente já consegue fazer essa integração, da floresta que existe, com a agricultura, sem desmatar e fazendo essa integração e produzindo alimentos neste local. Já temos bastante água. Então nós estamos nessa fase agora, uma fase a nível global, a nível coletivo, a nível de, para a sociedade, nós estamos trabalhando no pólo agrícola de

Bom Jesus, que foi o nosso início, ali nós já temos um katar, já temos um modelo. Estamos iniciando esse trabalho já há um ano atrás, agora que vamos aprofundar nesse trabalho no Kakuaco e agora vamos começar o trabalho no Cachito. E nas casas dos membros é que nós estamos entrando com a horta caseira. Porque a horta caseira é naturalmente para fazer um complemento do johrei, agricultura natural e o belo. Então o johrei naturalmente, ele vai purificar a pessoa, vai restabelecer, mas a pessoa precisa fazer a manutenção com a agricultura natural. Não pode. O johrei limpar o corpo, purifica o sangue, purifica o corpo, elimina as impurezas e a pessoa não pode readquirir essas impurezas, através de uma alimentação química. Então assim, esse trabalho, por isso que nós optamos pelo trabalho de todo membro, ou todo frequentador, membro ou não membro que queiram entrar nessa campanha da horta caseira, eles estão sendo convocados e já existem quinze mil hortas caseiras em Angola. Quinze mil pessoas produzindo alimento para o seu próprio sustento, dentro da sua própria casa, dentro no, no seu próprio quintal. Quer dizer, isso primeiro internamente, para mostrar para todos, para as pessoas ganharem confiança e ver, que as pessoas que se alimentam de agricultura natural, as pessoas que recebem johrei, as pessoas que se deleitam com o belo, são pessoas mais saudáveis, são pessoas que não ficam doentes facilmente. São pessoas purificadas. Então o nosso trabalho é interno primeiro e para a sociedade nós vamos levar para o governo, depois de recuperação do terreno de Cachito... Não. Depois do agro florestal em Cachito, depois da recuperação do terreno de Kakuaco, com produção, mostrar que é possível produzir sem depredar a natureza, sem desmatamento, sem quebrar o equilíbrio ecológico, sem quebrar a biodiversidade que ocorre em determinados lugares. Tudo isso nós estamos fazendo, para depois que Bom Jesus, Kakuaco e Cachito estiverem a pleno vapor, aí, a pleno vapor, aí sim, nós vão ao governo, nós vamos mostrar ao governo o nosso trabalho, para poder esse katar, esse modelo, esse piloto ser estendido para toda a Angola. Esses que são nossos planos.

Marcelo – E já existe esse mesmo trabalho em algum outros países da África, ou só em Angola?

Francisco – É. Nós também em Moçambique estamos nessa fase inicial. Porque depende muito do desenvolvimento da própria Igreja. Porque nós não buscamos recursos fora, os nossos recursos são internos, são nossos mesmo. Quer dizer, no início nós enfrentamos dificuldades porque a Igreja era pequena, tinham poucos membros. Agora, por exemplo, em Angola, já são cinquenta e três mil membros. Então já estão entrando mais uma leva de quarenta e sete mil. Serão cem mil membros. Já é um número considerável. Já em Moçambique já passamos de três mil membros. Então já estamos iniciando a agricultura natural em Moçambique. Estamos também iniciando a agricultura natural na África do Sul. Estamos desenvolvendo a agricultura natural também no Congo. Estamos desenvolvendo a agricultura natural também em São Tomé. Então todos esses lugares é o estágio inicial da África, mas já com outras condições. Porque a gente pode aproveitar o modelo da África, a gente pode aproveitar a equipe. Agora nós vamos montar uma grande equipe, que a gente tem condições, agora o Bambi tem condições através desse orçamento inicial, ele contratar muitas pessoas, para que a gente possa treinar essas pessoas, qualificar essas pessoas, para que elas possam sair dando assistência, internamente a Angola, às províncias, e a seguir dar assistência aos outros países.

Marcelo – E qual é o objetivo, dentro das perspectivas, não é? Que o senhor avaliou bem o projeto não é? Foi bem amplo. Como o senhor analisa, antes das perspectivas, o resultado desses dez anos? Vamos considerar desde o início do pólo agrícola, 2000, nove anos. Como o senhor avalia o trabalho realizado até hoje? Ele foi dentro do esperado, ele foi além do esperado, ou deixou a desejar dentro do que o senhor imaginava?

Francisco – É. Nós encontramos muitas dificuldades. Se em Angola tivesse a infraestrutura que tem a África do Sul nós já estaríamos muito longe. Porque no início assim, por Angola no início, questão de guerra, não existiam maquinária não é? Não existiam implementos suficientes. Para se ter uma ideia, nós compramos um trator e por descuido de uma pessoa, que não estava habilitada, utilizou o trator e esse trator quebrou. Nós levamos um ano para consertar o trator. Quer dizer, para ver, não tinha peças. Então a dificuldade inicial foi muito grande. Hoje Angola, ela está crescendo muito. Hoje todos os problemas estão sendo resolvidos. Ainda não estão resolvidos todos, mas a situação atual é muito melhor do que antes, embora com grandes dificuldades. Embora com grandes dificuldades. Ainda com muitas dificuldades. Mas assim, dentro do quadro geral é altamente, foi altamente benéfico, porque muitas pessoas se recuperaram a sua saúde através da agricultura natural. Muitas pessoas que tinham problemas sérios, que foram dedicar no pólo agrícola, que se alimentaram de produtos naturais, que se revitalizaram, ganharam saúde. Então nós pudemos, através do pólo agrícola de Bom Jesus, suprir as casas e as residências de muitos membros. Então hoje eles acreditam na agricultura natural. Eles acreditam, não só na agricultura natural para com os alimentos saborosos, como para a preservação da própria saúde e como também para a salvação dos seus próprios antepassados, para a liberação dos antepassados que estão presos na terra. Então hoje realmente assim, olhando por esse aspecto, a gente tem que ter muita gratidão assim, pela chegada da agricultura natural, e visualizando o futuro. O futuro. Que realmente se a

agricultura natural, ela se alastrar por Angola, as pessoas serão saudáveis, serão resistentes. Hoje, por exemplo, a gente vê esses produtores, vê os trabalhadores no campo, que estão produzindo alimentos químicos, são pessoas que morrem cedo, que têm problemas respiratórios, que têm problemas seríssimos. E a pessoa com a agricultura natural, ele vai viver oitenta, noventa, cem anos. Isso nós vamos, com o correr do tempo, tudo isso será codificado, será tabulado, será documentado, para que a gente possa mostrar os benefícios que a agricultura natural pode trazer para a vida do homem do campo. Não é para o religioso messiânico, não. Para a vida do homem do campo. Que pode trazer para a natureza, que pode trazer para um país. Para que o país volte a ser um país que tem mananciais de águas puras, que tem realmente florestas fabulosas, biodiversidades serem mantidas. Realmente um país onde você sinta que é um paraíso.

Marcelo – Se o senhor tivesse que apontar hoje o seu maior desafio como presidente o que o senhor diria? O meu maior desafio hoje é este.

Francisco – Com relação à agricultura natural?

Marcelo – Isso. No país, em Angola, o meu maior desafio.

Francisco – Com relação à agricultura natural, inicialmente foram a questão dos implementos agrícolas. A seguir, essa questão de mão de obra qualificada. Porque o país vinha de uma guerra, então as pessoas tiveram que trocar as enxadas, trocar as armas pela enxada. Então as pessoas não estavam qualificadas e têm dificuldade. Então por isso que nós estamos lá programando. Nós vamos construir em Cachito a escola de agricultura natural. É nosso plano. Nós já estamos já no projeto, elaborando um anteprojeto, para ser apresentado à direção da Igreja no Japão, e a seguir nós vamos realmente construir essa escola agrícola, para trezentos alunos não é? Com cursos de agricultura natural, preparar bem o elemento em dois anos, criando realmente alojamentos, para manter essas pessoas integradas na natureza, com a agricultura natural. E qualificar esses jovens, principalmente o jovem, para que possamos distribuí-los em toda a África. Hoje nós podemos já pensar nisso, porque hoje a gente já tem uma certa condição financeira. E vendo o nosso trabalho na agricultura natural, vendo o nosso trabalho, é natural, não só as ONGs do mundo todo, como ali dentro mesmo de Angola, o próprio governo, ele vai nos dar assistência financeira. Vai colocar, abrir, os Bancos vão abrir empréstimos para a gente, para que a gente possa criar esse modelo e ampliá-lo para toda a África. Nós queremos criar assim, não só escola agrícola, formar elemento, como também a questão agro florestal. A nossa agricultura, ela precisa assim, não só sustentável, como a gente viu o exemplo aí não é? De Tomé Açu, onde os engenheiros japoneses, filhos daqueles que depredaram a agricultura lá em Belém do Pará. Essas monoculturas que acabam criando um problema seríssimo para todo o país, que acabam gerando pragas, porque quebram todo o equilíbrio ecológico, eles estão agora, depois de vinte anos de trabalho, eles recuperaram. E hoje são agriculturas rentáveis. São agriculturas naturais, que respeitam a natureza, que não... Que vivificam o solo, que dão vida ao solo, respeita a natureza e produzem alimento saborosíssimo e as pessoas são saudáveis. As pessoas lá são saudáveis. Agriculturas rentáveis. Então nós estamos querendo realmente esse modelo agro florestal, de ser desenvolvido em Cachito, que é uma região onde tem rios, uma região que tem muita água. Que ainda a floresta está preservada. Então nós vamos tomar o cuidado, não só de preservar, como criar culturas consorciadas, que possam produzir e as pessoas se sentirem saudáveis, produzindo alimentos dentro da natureza.

Marcelo – Hoje nós sabemos que a maior dificuldade do produtor orgânico no mundo, não é a técnica e sim o mercado. Como é que o senhor pretende vencer esse grande obstáculo de escoar essa produção? Porque o senhor vai formar o profissional, vai ter uma vila agrícola, por exemplo, com um assentamento, que é o modelo, mas quem vai adquirir essa produção?

Francisco – É. Assim, pensando em termos internos, nós já temos um público de cinquenta e três mil pessoas, que somadas aí são mais de duzentos mil fiéis. São pessoas que acreditam na agricultura natural. Então o mercado interno nosso, tudo que nós vamos produzir, não dá para o consumo interno. Então naturalmente essa dificuldade nós não temos. Por isso que nós criamos aqui no Brasil, criamos a Corin alimentos. Criamos situações para poder oferecer esses produtos para toda a população. Então na verdade é um trabalho de conscientização. À medida que essa teoria, à medida que esses princípios naturais, à medida que a agricultura natural, ela for difundida, as pessoas fiéis à agricultura natural, acreditando que aquilo vai lhe trazer benefício, que vai tornar sua vida mais saudável, que a pessoa não vai ficar gastando dinheiro com remédio, com outras coisas, porque terá uma vida saudável, não é? Naturalmente esse público chegará até nós. Porque nós vamos também, além de produzir, nós vamos comprar esses produtos através não é? Não só a Africarte vai fazer o trabalho de desenvolvimento da agricultura natural, mas nós vamos criar uma outra firma comercial. Vamos levar a Corin África, para a África e a Corin vai trabalhar para proteger a produção de todas as pessoas que se aliarem a nós. Não só nós vamos... O nosso trabalho

é mostrar o katar, mostrar o modelo, é trabalhar as pessoas, formar as pessoas, para que elas possam através disso, fazer não é? Os produtores possam produzir esses alimentos. E eles terem liquidez. Esses alimentos terem liquidez, terem mercado através dessa Corin. Então nós vamos realmente assim, a tendência natural é a gente criar uma cooperativa, e essa cooperativa que vai... Já compra os alimentos na própria... O produtor já produz os alimentos sabendo que aquele produto será adquirido pela Corin, e nós vamos oferecer esses produtos para os supermercados. Oferecer para outros lugares, tendo condições, não só interna de absorver isso, como colocar isso para toda a população. Esses são os nossos planos. Nós vamos por etapa.

Marcelo – E o senhor acha que o valor é um valor competitivo com o valor do alimento hoje, que já é vendido no supermercado em Angola hoje no supermercado, por exemplo?

Francisco – É competitivo. E eu acredito que à medida que aumentar a produção... Atualmente os preços serão maiores não é? Porque é natural, para produzir o orgânico, para produzir a agricultura natural, assim, demanda um esforço maior. Mas a tendência natural é até os preços serem menores, à medida que aumentar a produção.

Marcelo – É. Porque nós sabemos que com... Agora está se refazendo a infraestrutura do país, mas o que encarece muito é a distância não é? A distância do campo às cidades.

Francisco – Não a produção. A produção não. Mas realmente é toda a infraestrutura que vai encarecer o produto. Então é natural que assim, à medida que o país for desenvolvendo, à medida que as infraestruturas se tornarem... O custo benefício for menor é natural que esses produtos chegarão na mesa do consumidor, mais barato.

Marcelo – E hoje como tudo na Angola é importado, se conseguir fazer uma produção grande lá..

Francisco – Já conseguimos a competir até preços menores do que os que estão oferecidos. Porque na verdade, os produtos oferecidos pelos, para os membros, já são competitivos com relação àqueles que são importados. Nós já conseguimos oferecer produtos mais baratos, do que aqueles que estão sendo importados pelos supermercados.

Marcelo – E a Africarte, ele tem objetivo de expandir isso só para os países africanos, ou tem a intenção de certificar esse produto e ir para o mercado mundial?

Francisco – É. Não. A nossa intenção é certificar o produto a nível mundial, e realmente eu acho, que a vocação da África, não é a África, da fome. É a África da fartura. A África que através da agricultura natural, possa oferecer alimentos para a Europa, para todos os países do mundo. Alimentos de alta qualidade. De alta qualidade, não é? Como é a própria palavra Af rica. A África é rica, por isso que é África. Ela é rica. Na sua raiz ela é rica. Se tornou pobre por que? Por causa do solo. O solo é pobre. Hoje recuperando o solo da África, a África se torna rica. O segredo da África está no seu solo.

Marcelo – Uma pergunta que é importante para a nossa avaliação em perspectivas para o futuro. É como o senhor vê a questão da cultura do país não é? Baseada em muita magia, bruxarias, feitiçarias não é? Que até às vezes têm mais força do que a própria medicina não é? Um país onde mais da metade da população é aidética não é? Onde os hospitais estão em decadência não é? A rede hospitalar não atende à demanda da população que está centrada em Luanda. Todas essas dificuldades. Como é que o senhor pretende realmente fazer com que essas pessoas que não têm emprego, adquiram esses produtos, ou freqüentemente esta escola não é? Essa é uma pergunta importante, para tornar claro ao nosso trabalho não é? A importância da agricultura natural não é? Porque nós sabemos que nada na África é fácil. Principalmente essa questão da tuberculose, de várias doenças infectocontagiosas, principalmente a aids que se alastra com muita rapidez. A desnutrição infantil não é? As crianças morrem muito cedo, antes dos cinco anos de idade, não é? Os pais não têm emprego, porque vieram da guerra, são mutilados. Como o senhor vê, avalia esse cenário ainda, que existe em Angola não é? E a perspectiva da agricultura natural não é? Numa cultura enraizada à base de feitiçaria, bruxaria, magia?

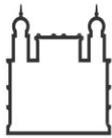
Francisco – Hoje a nível mundial, incluindo a África, existem próximo de um bilhão de pessoas passando fome. Então o grande problema atual é a questão da sobrevivência. A questão da África é a questão da sobrevivência. Então nós precisamos realmente acelerar o processo de produção, para solução de outros problemas. Eu acho que resolvendo essa questão da fome não é? Resolvendo a questão da fome se resolvem outros. Se resolve a questão da saúde. Porque o grande problema mundial hoje é doença. Mas doença inicialmente em decorrência da fome. Da própria fome, da própria alimentação antinatural, da própria falta de trabalho. Então nós precisamos realmente assim na África, o meu plano seria o homem

voltar para a terra. O homem trabalhar na terra, o homem respeitar a terra, vivificar a terra, para poder oferecer os alimentos. E oferecendo esses alimentos saudáveis, naturalmente nascerá o sentimento de gratidão. Aí os princípios podem ser pregados, podem ser orientados. Que o que, que princípios seriam isso? A pessoa respeitar os seus semelhantes. Porque uma pessoa que está passando fome, ele naturalmente incita nessa pessoa, uma série de problemas sociais. Por que? Ele precisa viver. E para viver, ele não vai medir esforços em fazer tudo. Fora de princípios. Ele não pensa em princípio, ele pensa na sobrevivência. Então primeiro o problema precisa ser resolvido a nível mundial é da fome. Para depois se pregar a religião, para depois se pregar uma série de coisas. Os princípios vêm depois da solução do problema da fome. Então nós temos que resolver primeiro essa questão da fome. E assim, as fome, os alimentos saudáveis, para não criar um problema sério que é o problema da saúde. Porque de que adianta resolver o problema da fome, você encher a África de agrotóxicos, de inseticidas, você resolve o problema da fome, aí você cria a aids, você cria uma série de outras doenças que têm relação profunda com a alimentação? Então você tem que ir... O mal é pela raiz. Resolver o problema da terra, resolver o problema da fome, resolver o problema da alimentação saudável, para que as pessoas sejam... Só possam ser saudáveis e trabalhar. E trabalhar. Porque a pessoa doente não pode trabalhar. Com uma série de problemas. Fome, doença, aí não tem força de trabalho. Não tem força para o trabalho, as doenças começam a proliferar. Aí a pessoa começa a perder o gosto pela vida, as pessoas não podem ser educadas, as pessoas não podem ser polidas, as pessoas se tornam brutas, se tornam animais, por que? Porque está faltando o básico na sua mesa, no seu local. Então, precisa realmente, para que a gente possa educar as pessoas, precisa resolver a questão da agricultura, a questão da terra, a questão da fome. Para tornar as pessoas saudáveis, para que a gente possa educar essas pessoas e abrir mercado de trabalho para elas. É assim que eu estou pensando.

Marcelo – Então eu gostaria de agradecer a participação do senhor, não é? E a entrevista chegou ao seu final. Muito obrigado.

Francisco – Muito obrigado. Muito obrigado. Até uma próxima se Deus quiser.

Fim da entrevista



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA - ENSP**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação.

Permitida a cópia.

A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

PINHEIRO, Cláudio Cristino leal Pinheiro.

Cláudio Cristino Leal Pinheiro.

(depoimento, 2009). Rio de Janeiro, Fiocruz /ENSP, 2010. 51p.

CLÁUDIO CRISTINO LEAL PINHEIRO

(depoimento, 2009)

Rio de Janeiro

2010

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: temática

Entrevistador (es): Marcelo de Sousa Corrêa

Levantamento de dados: Marcelo de Sousa Corrêa

Pesquisa e elaboração do roteiro: André de Faria Pereira Neto

Responsável pela gravação: Marcelo de Sousa Corrêa

Local: Rio de Janeiro – RJ - Brasil

Data: 2009

Duração: 1h: 27 min: 06 sec.

CD: 02

Páginas: 51

Entrevista realizada como base de pesquisa para a dissertação de mestrado de Marcelo de Sousa Corrêa, submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Saúde Pública. Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública. Sub-área: Saúde, Trabalho e Ambiente. Escola Nacional de Saúde Pública - Fundação Oswaldo Cruz / FIOCRUZ.

Tema: AGRICULTURA NATURAL EM ANGOLA: A VOZ DOS GESTORES

Sob Orientação do Professor Doutor André de Faria Pereira Neto (FIOCRUZ) o trabalho de pesquisa foi desenvolvido no período de 2007 a 2010, onde foram entrevistados quatro gestores da Associação para o Desenvolvimento da Agricultura Natural e Cultura Africana (AFRICARTE) que participaram ativamente do processo de implantação e desenvolvimento de um projeto de hortas caseiras como proposta de um manejo agrícola mais sustentável para famílias angolanas.

Tema: Angola; Agricultura Natural; História Oral; Saúde do trabalhador rural; Segurança alimentar.

Entrevista

Cláudio Cristino Leal Pinheiro

1:27:06

Marcelo – Bem esse é um trabalho da Fundação Oswaldo Cruz, para a dissertação de mestrado em Saúde Pública. E como o tema é Agricultura natural a voz em Angola, através da experiência dos gestores. Então como método para desenvolvimento deste trabalho, está sendo utilizada a metodologia de História oral, que é o regate da História através da memória de quem vivenciou todo o processo. Então para iniciar a primeira parte, a primeira entrevista não é? O primeiro gestor é o Ministro Cláudio Leal Pinheiro não é? Que a gente vai entrevistar agora. Não é? Ministro Cláudio boa tarde não é? Primeiramente...

Cláudio – Boa tarde.

Marcelo –...eu gostaria que o senhor se apresentasse falando nome não é? Nacionalidade, a filiação dos pais e contasse um pouco da história e da trajetória de toda a sua família.

Cláudio – Meu nome é Cláudio Cristino Leal Pinheiro tenho trinta e cinco anos de idade, sou natural de Salvador, Bahia, Brasil, nacionalidade brasileira e filho de Claudemiro Moreira Pinheiro e de Ariceleste Leal Pinheiro. A minha família teve contato com a Igreja Messiânica no ano de 1977. Foi quando tivemos contato com a filosofia de Meishu-Sama, fundador da Igreja Messiânica mundial e a partir daí começou uma grande mudança na nossa vida. Porque quando nós conhecemos a Igreja Messiânica, o meu pai já sofria a mais de vinte anos com crises constantes de asma. Ataques muito violentos, que muitas vezes faziam com que nós tivéssemos que pedir socorro aos vizinhos, de madrugada, para poder levá-lo ao Hospital, onde ele era medicado. E demorava para parar o efeito do medicamento até ele retornar em casa. Foi quando conhecemos a Igreja. Começamos a receber johrei e a saúde do meu pai foi melhorando, melhorando até que ele ficou curado dessa asma. Ele se tornou membro, logo depois minha mãe e depois de mais dois anos eu e meus irmãos também nos tornamos membros. E a partir daí o johrei, a filosofia do belo não é? Principalmente através da ??? na flor e também a agricultura natural começaram a fazer parte da nossa vida. Começamos a viver, procurar viver seguindo os ensinamentos de Meishu-Sama.

Marcelo – Bem qual é a data do seu nascimento?

Cláudio – É dia três de julho de 1973.

Marcelo – Então a sua idade hoje é de?

Cláudio – Trinta e cinco anos.

Marcelo – Trinta e cinco anos. Não é? O senhor poderia falar um pouco mais sobre o quê que é o johrei?

Cláudio – O johrei é uma transmissão de luz pela palma das mãos não é? Que nós chamamos de luz divina, que seria o que a Bíblia chama de batismo pelo fogo. Embora seja uma transmissão dessa luz espiritual, ela tem o efeito na saúde das pessoas em questão de harmonia interior, paz interior e questão de melhoria da saúde das pessoas. A saúde da minha família antes de nós conhecermos o johrei e depois é totalmente diferente. Não é? Eu pessoalmente não sei o que é usar nenhum medicamento a o que? Em torno de trinta anos quase. Perdão. Vinte, vinte e... É quase trinta anos. Porque quando eu tive contato com a Igreja eu tinha quatro anos de idade e a partir daí nossa vida foi sendo baseada no johrei.

Marcelo – E os seus pais, eles, que tipo de profissão eles tinham? Que atividade que eles desenvolviam?

Cláudio – Meu pai tinha uma micro empresa e minha mãe é professora aposentada, mas sempre, a profissão da minha mãe sempre foi professora.

Marcelo – E eles praticam a agricultura natural em casa, ou usam como alimentação?

Cláudio – Meu pai já é falecido não é? Já a vinte e três anos. Minha mãe procura ter uma alimentação voltada mais para essa questão da agri... Da alimentação natural não é? De consumir alimentos mais

naturais, sem agrotóxico não é? De preferência produzido pelo nosso método. Ela tem essa preocupação no seu dia a dia.

Marcelo – O senhor tem irmãos?

Cláudio – Tenho. Tenho uma irmã e um irmão. Eu sou o mais velho, depois veio minha irmã, depois meu irmão.

Marcelo – Hum, hum. E qual é a sua formação hoje? O senhor fez até que ano?

Cláudio – Eu fiz o segundo grau técnico de contabilidade e fiz o superior incompleto de letras com inglês.

Marcelo – Em qual Universidade?

Cláudio – Na UNISA da África do Sul. Não completei os estudos lá. Pela questão do tempo eu tive que parar.

Marcelo – Sim. E por quê que escolheu essa profissão? Como é que chegou ao que o senhor é hoje?

Cláudio – Bom, eu sou missionário e quando eu estava com dezoito anos, eu parando para refletir sobre minha vida, o que eu queria seguir e eu cheguei a uma conclusão assim, que o que o Meishu-Sama fala, para mim é mais do que uma religião. Como o Meishu-Sama através do johrei dos ensinamentos mudou o destino da minha família, eu tomei essa decisão de difundir os ensinamentos de Meishu-Sama pelo mundo. Então com dezoito anos eu tomei essa decisão de que eu queria me fixar fora do Brasil, para poder fazer essa difusão do johrei e dos ensinamentos Meishu-Sama.

Marcelo – Hum, hum.

Cláudio – Por isso que eu abracei esse caminho sacerdotal.

Marcelo – A agricultura natural nessa época, já tinha alguma influencia na sua vida, antes de se tornar sacerdote?

Cláudio – Na minha infância, como meus pais, eles tinham no nosso quintal, eles praticavam a agricultura. Mesmo antes de conhecer a Igreja, no nosso quintal, o meu pai tinha uma preocupação de ter uma pequena horta. Mesmo vivendo na cidade, na zona urbana de Salvador, ele fazia questão de daquela horta ele tirar, principalmente quiabo, tomate em especial. Para eles e para a minha alimentação e dos meus irmãos, principalmente a nossa fase como recém nascido não é? Essa alimentação do quintal. Então essa preocupação nós nunca soubemos o que era, por exemplo, comprar mamão. Nós sempre tivemos mamoeiros no quintal. E quando eu tive acesso a uma publicação da nossa Igreja, eu esqueci agora o nome. Era um jornal de saúde e alimentação natural, que saiu na década de 80, falava alguma coisa da horta, também da agricultura natural. Eu comecei com meus pais a fazer canteiros também, procurando praticar. Depois não aprofundei muito, mas essa preocupação de plantar no quintal, de tirar, tipo o tempero e outras coisas para o dia a dia, isso sempre fez parte da nossa vida em casa.

Marcelo – Então já era um hábito a prática de horta caseira não é? De ter uma alimentação não tão contaminada como nos dias de hoje não é?

Cláudio – Tinha, mas depois d'eu entrar na formação sacerdotal, um pouco antes d'eu ir concluir minha formação no Japão, teve uma visita que eu fiz, no Estado de São Paulo, a um produtor, junto com meus colegas, minha turma de seminário, que mudou radicalmente minha visão da agricultura natural. Até o dia daquela visita, mesmo tendo essa base familiar aquilo estava adormecido em mim. Mas no dia que nós visitamos esse produtor, ele falando como era a vida dele. Não era membro da nossa Igreja, mas ele contando que ele, antes de conhecer a agricultura natural, o sofrimento dele e da esposa utilizando os agrotóxicos, eram muitas doenças, a pobreza não saía da vida deles. E depois que eles tiveram contato com o nosso método, eles começaram a praticar, começaram a recuperar aquele solo, começaram a ver os resultados. E teve um dia que a esposa estava fazendo... Alisando o rosto do marido e que ele falou ué! Ele olhou assim falou, mas sua mão está diferente, sua mão está lisa! É porque nós... Aí que ele se tocou que é porque eles tinham parado de utilizar aqueles agrotóxicos. E no que ele foi mostrando a propriedade dele, ele mostrou, olha aqui, não tem problema nenhum. Não tenho praga, não tenho nada. Aí eu vi aquela terra granulada não é? Eu conseguia botar a mão até aqui meu antebraço na terra, aquela terra fofa, e ele

falando que a terá era dura antes dele usar o nosso método, a partir daquele dia, foi mais ou menos em fevereiro de 94.

Marcelo – No Japão isso.

Cláudio – Não. No Brasil.

Marcelo – No Brasil.

Cláudio – Em São Paulo. Aquele dia a agricultura natural entrou. Eu falei puxa vida! Isso é uma coluna de Meishu-Sama que eu preciso aprofundar. E a partir daí eu comecei a me aprofundar mais sobre agricultura natural. Fui para o Japão, lá também procurei, me dediquei nessas áreas também, além do johrei, do estudo de língua japonesa, dos ensinamentos, parte da agricultura conversando com os pioneiros, procurando ver o quê que levava eles... O quê que levou os pioneiros a começarem. Fui fazendo esse estudo no Japão. Voltei para o Brasil e depois, quando fui para a África, tomei essa decisão de fazer essa difusão mundial, no continente africano, a partir do continente africano. A agricultura também... Eu me preocupei como começar um modelo da agricultura lá. E nós conseguimos depois dar esse início.

Marcelo – Hum, hum. Mas como é... O quê que determinou a sua entrada para o seminário de formação sacerdotal da Igreja Messiânica? O quê que...? Qual foi o momento em que essa decisão, ela nasce? A sua família não era membro da Igreja Messiânica ainda ou já era membro?

Cláudio – Já. Já era membro.

Marcelo – Então houve influencia dos seus pais nessa decisão?

Cláudio – Não, não, não. Não teve.

Marcelo – O quê que determinou essa...?

Cláudio – O que determinou é que naquela fase de adolescência, convivendo com os amigos da escola, a sociedade, nós conversávamos muito, discutíamos, e eu estudando, convivendo com amigos, partidos políticos, tudo isso, vendo a maneira deles pensarem, eu cheguei a uma conclusão, que não adianta você criar uma sociedade, um sistema perfeito no papel. Na teoria nós podemos criar um sistema social perfeito, mas tudo depende da mudança do indivíduo. Não adianta a teoria. Precisa ter uma mudança no indivíduo.

Marcelo – Hum, hum.

Cláudio – Mas aí eu me perguntei, mas como é que eu vou mudar os outros se eu não consigo mudar muita coisa em mim mesmo. Foi aí que eu refleti. Será que isso é o johrei que vai fazer isso? E eu comecei a aprofundar nessa prática do johrei e vi que o johrei com os ensinamentos de Meishu-Sama em prática conseguem trazer essa mudança para o indivíduo e para a sociedade. Então eu entrei no seminário com o objetivo de realmente de difundir o johrei e o pensamento de Meishu-Sama para o mundo. Porque eu acredito que quando o johrei, o belo, a agricultura natural, os outros ensinamentos que Meishu-Sama escreveu fizerem parte de um número maior, do dia a dia de um número maior de pessoas, inevitavelmente a sociedade vai mudar para melhor.

Marcelo – Hum, hum.

Cláudio – Porque transcende à simples religião que nós costumamos pensar. É um modo de vida, de pensar, essa transformação do indivíduo, que leva a transformação do lar e leva a transformação da sociedade. Isso partindo de cada indivíduo. De dentro de cada um e vai refletir fora. Então, isso que me levou a seguir essa carreira. Eu falei, não, qualquer outra profissão que eu siga eu vou me sentir vazio. E graças a Deus, nesses dezoito anos de carreira, cada ano para mim eu reconfirmo isso na minha vida.

Marcelo – E qual a participação que o senhor acha da agricultura natural nesse processo de transformação do homem? Qual é o foco da agricultura natural? Qual é a participação que ela tem?

Cláudio – Eu acredito o seguinte, na prática assim, o solo sadio, ele vai produzir alimentos sadios e os alimentos sadios vão produzir seres humanos sadios. Na prática do meu trabalho de... Até hoje eu entrevistei dezenas de milhares de pessoas, já atendi e muitos problemas, que muitas pessoas trazem, a

causa básica está na alimentação errada. Em especial com agrotóxico, com agroquímico, com conservante. Nós vemos muitos casos de pessoas que começam a ter acesso, contato com a alimentação natural e melhoram. Diferença na saúde de muitas famílias nós estamos a ver. Então isso é algo que nós temos resultados concretos. Por isso que é decisivo, independente da pessoa ser messiânica ou não, mas eu acredito que é decisivo todos terem acesso a agricultura natural e praticarem. Porque não é uma questão de algo que é para nossa filosofia. Faz parte da nossa filosofia como messiânico...

Marcelo – Hum, hum.

Cláudio –...mas eu acredito que toda a sociedade tem responsabilidade com o meio ambiente. Nós não podemos transferir essa responsabilidade para os governos, para as Instituições, porque o que eu faço é o que eu vou deixar de herança para os meus filhos, para os meus netos. Se eu pensar só agora, eu preciso botar comida na mesa dos meus filhos. Mas eu tenho que pensar, como é que essa comida está sendo gerada? Qual o efeito que essa comida vai ter na saúde dos meus filhos? E a maneira de produzir essa comida, daqui a cinco dez anos, os recursos naturais, o solo e a água vão estar melhores? Vão ter condições de gerar mais comida para os meus filhos e para os meus netos? Essa herança que nós vamos deixar para o planeta, isso é responsabilidade de cada um de nós, independente de ser messiânico ou não. Então eu acredito que toda a sociedade precisa ter contato com a agricultura natural, porque na minha visão a sociedade toda tem essa responsabilidade com a vida do planeta. Independente de ser cristão, de ser budista, de ser islâmico, de ser ateu. Nós temos essa responsabilidade com as gerações futuras e é algo que nós precisamos começar a pensar agora. É urgente. Não é, ah não, quando eu ficar velho. Não. O efeito estufa a degradação ambiental está aí na porta de todos nós. E cada um de nós precisa sentir, que mesmo que eu deixe bilhões de dólares de herança para os meus filhos, se não tiver uma terra limpa, se não tiver água pura, eles vão viver num inferno, como todo o dinheiro do mundo que eu possa deixar para eles. Isso é uma questão de consciência social. Esse papel cabe a cada cidadão do Brasil e do mundo todo. Essa consciência ecológica, nós todos temos esse compromisso.

Marcelo – E o senhor falando em família não é? Qual é o seu estado civil hoje?

Cláudio – Eu sou casado.

Marcelo – Tem quantos filhos?

Cláudio – Tenho cinco filhos.

Marcelo – Quantos homens e quantos meninas?

Cláudio – São dois rapazes e três meninas.

Marcelo – E a idade deles?

Cláudio – O mais velho tem sete, a segunda tem seis, a terceira tem quatro, a quarta vai fazer três anos agora em abril e o bebê tem um ano.

Marcelo – E também foram criados com esse estilo de vida, nunca usaram remédio?

Cláudio – Não. Nesse estilo de vida. O johrei, a alimentação natural. Nós temos uma horta na nossa casa, que eu e a minha esposa montamos com os nossos filhos não é? Depois que nós começamos a praticar no nosso quintal essa horta caseira, junto com as crianças, mudou a visão deles sobre os vegetais, que às vezes tinha aquela rejeição de não querer comer a salada, aquilo, mesmo vendo os pais a comerem. Mas depois que eles começaram a plantar, a ver a planta desenvolver, a colher, essa relação dos nossos filhos como o solo, com o produto produzido pelas próprias mãos deles, mudou muito. E é gratificante ver a preocupação que eles têm com a horta, de cuidar, de colher.

Marcelo – Hum, hum. Me conta uma passagem aí importante, na vida da sua família, baseada na alimentação natural, à base da agricultura natural.

Cláudio – Ah, em torno de dois anos atrás, minhas duas filhas mais velhas, elas tiveram escarlatina. Foi numa fase delicada, porque minha esposa estava grávida do bebê, do caçula. E nós ficamos preocupados, vimos a escarlatina. Uma amiga nossa médica constatou que era isso, examinou. E elas receberam o johrei, consumiram alimento natural somente, principalmente a base de sucos de cenoura, de couve, tudo tirado da nossa horta e do pólo de agricultura natural. Em torno de três dias as duas conseguiram recuperar. Foi uma experiência muito marcante para nós. Minha esposa estava grávida, não teve problema

nenhum. O bebê nasceu saudável sem problema nenhum graças a Deus. Então tivemos essa experiência na nossa casa não é?

Marcelo – Hum, hum. Agora voltando para essa relação com a Igreja Messiânica não é? Qual é a relação que existe entre a doutrina messiânica Meishu-Sama, Mokiti-Okada e a agricultura natural? Que vínculo que existe não é?

Cláudio – É, assim, a missão da Igreja Messiânica é a construção do paraíso terrestre. Para isso Meishu-Sama, ele nos deixou três colunas de salvação. O johrei, que é essa transmissão de luz que eu expliquei, a prática do belo não é? Vocês podem ver ??? aqui e o belo no nosso dia a dia. O contato com obras de arte, com a música bonita, com a pintura, com o teatro, com o cinema. Meishu-Sama era um grande apreciador das artes. Porque a beleza que nós vemos numa obra de arte, ajuda a despertar a beleza que todo ser humano tem dentro de si. Que todos nós, todo ser humano tem uma partícula divina, que é um pedaço de Deus. Todo ser humano tem um paraíso tem um belo dentro de si, mas está encoberto. Esse contato com o belo no dia a dia ajuda esse belo interior a se manifestar, se projetar na nossa vida. E tem a coluna da agricultura natural, porque tudo no universo tem por base o número três, que é o fogo, a água e a terra. O johrei faz esse papel do fogo, o belo tem a atuação da água, da forma, da matéria e a agricultura é a coluna da terra. O fogo, a água e a terra são a força motriz de tudo no universo. E nesse papel de construção do paraíso terrestre, dessa sociedade que nós almejamos, a base da sociedade atual é a agricultura, porque antes de desenvolvermos a agricultura os nossos ancestrais, eles eram nômades. A agricultura que fixou o ser humano na terra. E nessa fixação do ser humano na terra, ela serviu e serve como base da nossa sociedade atual. Por isso que precisa começar um trabalho de mudança na base. Porque mesmo hoje, para eu ser missionário, para existirem os políticos, os professores, todas as profissões é graças aos agricultores que produzem o que nós comemos. Porque se eles não produzissem, nós tínhamos que passar boa parte do tempo nas lavouras, no campo não é? Produzir alimento, mas nós não temos essa visão, essa gratidão pelos agricultores. Pelo contrário. A vida da maioria, do pequeno, médio agricultor, especialmente do pequeno agricultor é muito, puro sofrimento. Dificuldade não é? Contato com adubo, que gera doença. Muita dificuldade financeira que boa parte passa. Então essa mudança desse paradigma sobre a agricultura, uma agricultura que preserva o solo, preserva o meio ambiente, que preserva e gera saúde no corpo humano e na sociedade é decisivo para a concretização do objetivo da Igreja Messiânica. Então para nós, essas três colunas, o johrei, o belo e a agricultura e a alimentação natural elas precisam funcionar como uma só no nosso dia a dia. Tem que fazer parte da nossa vida diária.

Marcelo – Hum, hum. E o senhor poderia explicar um pouco mais sobre os princípios e conceitos da agricultura natural? Em que ela se baseia e se diferencia das outras alternativas de agricultura?

Cláudio – Bom, o princípio da agricultura natural é despertar a força do solo. O solo, na sua forma original, ele não precisa de nenhum adubo. Ele não precisa de nenhum complemento. Ele já tem uma força natural, que é a força de gerar vida. Então esse trabalho nosso, do nosso método é de despertar essa força do solo. Por isso que quando nós começamos a praticar a agricultura, existe... Na agricultura convencional, existe aquilo, eu pratico e tem que ter o repouso do solo não é? Por um tempo. No nosso método não. Pode praticar continuamente, que o solo, com esse método, ele vai ganhando cada vez mais força. Quanto mais ele produzir arroz, melhor vai ser o arroz que vai produzir, quanto mais produzir milho, melhor vai ser o milho que ele vai produzir. E também o grande diferencial é que nós não usamos claro, nenhum composto. Nem esterco, nem agrotóxico, nem adubo, nada disso. E também assim, o sentimento com que nós mechemos no solo, que é o sentimento de gratidão. O sentimento de que o solo é a fonte da vida. Para nós estarmos vivos aqui, nós estamos vivos graças ao solo, porque nós comemos o que vem do solo. E quando nós morremos esse nosso corpo físico, ele vão voltar para o solo também. Isso é o ciclo da natureza. Então esse princípio de despertar essa força do solo e de tratar o solo como um organismo vivo, que merece o nosso respeito, que merece nossa gratidão tendo essa noção de que ele é a fonte da nossa vida, isso que é o diferencial da agricultura natural messiânica para os outros métodos de agricultura.

Marcelo – E até que ponto o senhor acha que ele pode contribuir, a agricultura natural pode contribuir com a fome mundial, como uma alternativa à fome no mundo, à miséria?

Cláudio – Eu acho que é a grande solução para esse... Combater esse problema da fome e da miséria. Nós começamos agora a fazer um estudo de um projeto nosso, que nós vamos implantar na África, da agricultura agro florestal, para as famílias, pequenos produtores. Para poder desenvolver agricultura preservando as florestas, preservando o meio ambiente. E pelas nossas experiências em Angola e na África, é perfeitamente viável a agricultura natural. Além de ter resultado na qualidade, no conteúdo... Na qualidade dos produtos, ela também vai conseguir tirar a pessoa da pobreza, como nós estamos tendo essas experiências em Angola, e também o que eu falei de preservar o meio ambiente e a saúde da pessoa.

A saúde de quem produz e convive com aquela produção, a saúde de quem consome e a preservação dos recursos naturais, que são o maior tesouro que nós podemos ter, porque são elementos para preservar a vida no planeta. Sem eles não tem vida.

Marcelo – Hum, hum.

Cláudio – Então, mesmo que nós pensemos numa alternativa para acabar com a fome, mas que vai destruir o solo e a água, não é uma alternativa viável. É um suicídio. Talvez a médio ou longo prazo, mas é um suicídio. Nós precisamos pensar numa alternativa que resolva o problema imediato e que preserve o solo e a água para podermos continuar a preservar a vida. Nós precisamos pensar com profundidade, algo que consiga resolver a curto, médio e longo prazo. E a agricultura natural, ela tem condição de fazer isso.

Marcelo – E assim, hoje existe em Angola, algum tipo de... Alguma política pública do governo, de incentivo, ou apoio a essa alternativa agrícola?

Cláudio – O governo agora, devido à crise econômica, ele está fazendo um grande empenho em diversificar a economia do nosso país, em Angola. E está apelando muito nesse sentido da agricultura. A questão específica do nosso método, não está sendo ainda oficialmente adotada pelo governo. Mas o governo está a buscar não é? Métodos dos que difundam o mais rápido possível a agricultura pelo país, como meio de diversificar a economia angolana.

Marcelo – Como é que é essa divisão da terra em Angola? Essa questão da terra. A terra é da pessoa é uso da pessoa, ou a terra é do Estado? Já que vem de um sistema comunista, socialista do passado, de guerras. Como é que é?

Cláudio – Não. A terra, ela é cedida à pessoa para ela trabalhar, mas a terra no geral ainda pertence ao Estado.

Marcelo – Se você não utilizar tem que devolver?

Cláudio – Se não utilizar, alguém pode utilizar. Você não pode ter a terra simplesmente parada, ela precisa trabalhar. A terra até... A terra é de quem trabalha nela, então precisa trabalhar a terra.

Marcelo – Então o senhor acha que esse modelo da agricultura natural é capaz de beneficiar não só Angola, como a África? Que hoje está em quase oitocentos milhões de habitantes.

Cláudio – Sim. É perfeitamente viável para todo o continente africano. Nós já começamos a fazer experimentos maiores em, além de Angola e Moçambique, começamos o trabalho das hortas na África do Sul e na República Democrática do Congo. São Tomé e Príncipe também. Esses países já estão tendo resultados bem concretos já, pequena escala, menor que Angola claro, mas na prática da agricultura natural.

Marcelo – Mas com o apoio do governo local ou ainda independentes?

Cláudio – Não. Ainda independente. Já estamos tendo, em São Tomé e Príncipe, o governo já viu resultados, já está a nos ceder terrenos também para podermos ampliar o nosso trabalho. Porque estão a ver os frutos já, desse método da agricultura natural, tanto a nível das famílias, como o resultado da horta caseira na alimentação diária da família não é? A qualidade na saúde da família, do alimento que a família consome. E também a nível de, a mudança que isso pode ocasionar para o país. Então nós já recebemos uma propriedade em São Tomé e Príncipe agora, doada também pelo governo, onde vamos fazer o nosso pólo experimental de agricultura natural lá.

Marcelo – Sim.

Cláudio – Já temos um pólo na República Democrática do Congo e um pólo também em Moçambique, que já estão servindo de modelo.

Marcelo – E a agricultura natural ter sido desenvolvida e difundida pela Igreja Messiânica no local tem criado alguma resistência nas pessoas, no governo, em outras religiões? Como é que isso é visto de fora para dentro? Há alguma resistência por ser da Igreja Messiânica?

Cláudio – Não. Porque nós deixamos bem claro, que independente da pessoa ser membro da nossa Igreja ou não, ela pode praticar a agricultura. Esse método não é exclusivo para nós messiânicos. É um método

para ser ensinado e praticado por toda a sociedade. Então nós temos uma Associação em Angola, que é a Africarte, que é o braço da Igreja, que nós criamos para fazer esse trabalho extra religioso, junto a outras associações, a outras organizações não é? Sem vínculo religioso. Mas, apenas pelo compromisso. Conscientizando as pessoas sobre essa questão da saúde e da preservação ambiental

Marcelo – Hum, hum. O senhor individualmente já teve alguma experiência com agricultura natural com a alimentação? Falou da sua família, mas o senhor, na sua vida, já vivenciou alguma experiência?

Cláudio – Já. Principalmente depois que nós começamos a horta na nossa casa, que eu comecei a me alimentar com produtos naturais diariamente, uma coisa que era muito forte, que era o cansaço no final do dia, isso para mim desapareceu. Eu pessoalmente eu vi. Ingerindo alimento natural numa base diária, ainda não é cem por cento da nossa alimentação que é natural. Nós vamos chegar nesse ponto. Mas por menos que seja, começando a consumir diariamente, a disposição, o humor, o discernimento, vontade para fazer as coisas é totalmente diferente. Eu vi essa mudança em mim.

Marcelo – Conseguiu ver isso também em outras pessoas, dos relatos de experiências, de quem está praticando?

Cláudio – Em outras pessoas e pessoas que eu tenho acompanhado no dia a dia. Quando vêm me trazer algum problema, alguma dificuldade, eu sempre começo perguntando pela prática, práticas básicas, começando pela alimentação. Não é? Você tem horta em casa? Você consome produto natural diariamente? Como é que você vem a entender a agricultura natural na sua vida? Então as pessoas que estão começando a fazer esses ajustes, elas estão tendo resposta imediatas nas suas vidas. Tanto em termos de melhora de saúde, como principalmente de disposição.

Marcelo – Hum.

Cláudio – Porque é como assim, que nós temos uma alimentação tóxica e você começa a introduzir um alimento benéfico no seu dia a dia. Isso vai tendo uma resposta imediata no seu cotidiano. Eu vi isso em mim e estou vendo nas pessoas que eu estou a orientar.

Marcelo – Hum, hum. Certo. Com relação, outra vez voltando para a Igreja Messiânica e agricultura natural, o maior número de praticantes hoje são membros, ou não são membros da Igreja Messiânica?

Cláudio – Ainda o maior número é de membros. Nós estamos expandindo para o ciclo dos não membros agora. E mesmo os não membros que praticam, a maioria acaba se tornando membro também, porque vai vendo que tem um objetivo maior. Não é? Nós não temos assim uma pretensão de usar isso simplesmente, ah, a agricultura para poder encaminhar as pessoas. Mas os que começam a praticar a agricultura começam a conhecer a nossa filosofia, eles acabam se afinando. Só que ainda a maioria que pratica está no universo dos membros da Igreja.

Marcelo – Hoje quantos membros têm em Angola e na África toda?

Cláudio – Em toda a África estamos com quase cinquenta e quatro mil membros, em todo o continente africano.

Marcelo – Isso só em Angola?

Cláudio – Não. Toda a África. E um número de mais ou menos uns duzentos mil simpatizantes, que recebem johrei, que têm contato com o nosso trabalho. Que não são membros ainda, mas que frequentam, tem esse contato com nossa Igreja.

Marcelo – E que o senhor sabe que tem a horta caseira hoje em casa tem uma estimativa de quantas pessoas já praticam?

Cláudio – Em toda a África nós já estamos com aproximadamente quinze mil hortas caseiras. Quatorze a quinze mil hortas caseiras.

Marcelo – Em cada casa moram mais ou menos assim quantas pessoas, na África? Média de moradores.

Cláudio – Bom, se pegar pela média da minha casa, minha casa tem sete. É essa a média.

Marcelo – E não é das maiores.

Cláudio – E não é das maiores. Minha família é modesta. É uma família normal para os padrões africanos nossa família lá.

Marcelo – Então hoje deve estar pegan... Então tirando uma média está atingindo cerca de oitenta mil pessoas, mais ou menos? Noventa mil pessoas.

Cláudio – É mais do que isso.

Marcelo – Essas quinze mil hortas.

Cláudio – É mais do que... É nessa média para cima.

Marcelo – De simpatizantes que praticam horta caseira e que ainda não são membros existe uma estatística sobre esse pessoal?

Cláudio – Nós estamos fazendo esse levantamento dos simpatizantes. Esse número de hortas já está entre membros e simpatizantes.

Marcelo – Ah tá. Essas quinze mil...

Cláudio – É. Essas quinze mil já engloba todo mundo.

Marcelo –...não são só membros?

Cláudio – Não. Não são só membros.

Marcelo – É membros e simpatizantes.

Cláudio – E simpatizantes.

Marcelo – Certo. Até que ponto a agricultura natural em Angola abriu as portas para a difusão da fé messiânica?

Cláudio – Também está sendo útil, porque quando as pessoas têm contato com a agricultura natural, quem não é membros, ele vai vendo que a Igreja Messiânica, ela tem uma proposta mais abrangente. Não é simplesmente uma simples religião que nós estamos acostumados. Ela é uma filosofia pragmática. E que muitos agricultores até, que vinham sofrendo há muito tempo, com o problema de pobreza, com o não conseguir produzir, não conseguir ter resultado, quando ele começa a praticar a agricultura e ele vê a mudança na vida dele, naturalmente ele, puxa vida, eu quero aprofundar, eu quero aprender mais. Muitos ou a maioria acaba se tornando membro e praticando a filosofia também.

Marcelo – É.

Cláudio – É como falei, para nós, mesmo que a pessoa, ela só pratique a agricultura, ela quer continuar com sua religião, por favor. Ela praticando a agricultura, comendo de forma sadia, ela vai ser mais feliz, a família dela vai ser feliz, ela vai estar preservando o meio ambiente, para nós está ótimo. Se ela quer se tornar membro melhor ainda.

Marcelo – Hum, hum.

Cláudio – Mas o principal nesse campo da agricultura é realmente a saúde das pessoas, a felicidade das pessoas, das famílias e a preservação do meio ambiente.

Marcelo – Hum. Então quer dizer que o cidadão não é obrigado a praticar a doutrina messiânica depois, se ele optar pela agricultura natural, ele não tem o compromisso...

Cláudio – De ser membro da Igreja.

Marcelo –...de ser membro.

Cláudio – Não, não.

Marcelo – Se submeter à crença messiânica.

Cláudio – Não, não. Tipo assim, se você não seguir, não se tornar membro, não te dou mais semente. Não acontece isso. Não. O principal é ele praticar, ele ser feliz. Se ele despertar, não, eu também quero ser membro, para poder levar também o johrei, o belo para as pessoas, aí então ótimo, você vai ser membro. Se ele não quiser ser membro, mas ele continuar praticando essa filosofia... Praticando a agricultura natural, preservando o ambiente, tendo essa consciência de que ele como agricultor, ele pode contribuir para a saúde de uma família, praticando a agricultura, que preserva a saúde, que gera saúde, ou ele pode estar matando a família botando agrotóxico no que ele produz. Então para nós se ele ganhar essa consciência, de que ele tem um compromisso, não só em botar a comida na mesa da família dele, mas ele tem um compromisso com quem consome o que ele produz. Que ele é responsável pela vida de quem vai consumir os produtos dele e ele é responsável pelo meio ambiente do planeta, nossa! Isso para nós está muito bom, de bom grado, isso é nosso objetivo. Se ele tiver essa consciência e levar para outras pessoas, ele está fazendo um ótimo trabalho, para a obra de Deus, para a preservação do planeta, para as gerações futuras.

Marcelo – E como é que Mokiti-Okada não é? Que foi o fundador da Igreja Messiânica mundial, não é? Ele chegou a essa conclusão da agricultura natural? Como é que é essa...? Como é que inicia essa história de Mokiti-Okada lá no Japão?

Cláudio – Não, ele viu... Ele começou vendo o sofrimento dos agricultores, naqueles anos trinta não é? Do século XX, o sofrimento deles. Muitas vezes não terem o que comer, eles não conseguem ter resultados e aí ele foi aprofundado mais nesse sofrimento dos agricultores, foi aprofundando nos efeitos nocivos dos agrotóxicos, dos adubos também. Na destruição do meio ambiente, na destruição da saúde humana. Ele acompanhando as pessoas, entrevistando, atendendo um por um, ele foi vendo isso. E ele começou também a agricultura natural, ele começou com um pequeno modelo na casa dele também. Se não me engano em Tamagawa aonde ele começou, foi o primeiro protótipo de agricultura natural. Ele fez a horta caseira dele também. Ele começou aqueles experimentos com a agricultura e aí ele foi levando mais também para os agricultores, começando pelos membros. Enfrentaram muitas barreiras esses pioneiros no início para praticar a agricultura natural lá no Japão. Mas deram continuidade e foram tendo resultados. Hoje tem pessoas que... Propriedades que praticam esse método a mais de cinquenta anos.

Marcelo – Hum!

Cláudio – Continuamente.

Marcelo – E agora a gente passando para a segunda parte, que é uma parte bem mais específica, que é a história da agricultura natural em Angola. Eu tentei dividir em três grandes momentos. Não é? Antes de 97, de 97 a 2000, não é? E do ano de 2000 até hoje. Eu queria saber assim, essa seria uma divisão adequada dos momentos da Igreja Messiânica, da agricultura natural, em Angola? Quando é que se inicia realmente o trabalho não é? E quais são as fases que a gente pode dividir essa história?

Cláudio – Eu acho que quem vai poder falar bem desse início vai ser quando você entrevistar o nosso presidente o Reverendo Francisco. Porque na verdade essa orientação de começar a difusão da agricultura natural em África, ele recebeu do presidente mundial, do Reverendíssimo Watanabe. Ele recebeu essa orientação aqui no Brasil, que ele precisava levar a agricultura natural para a África. Ele precisava salvar o povo africano da fome não é? Do sofrimento da fome, da pobreza através desse método. E ele recebeu essa orientação, quando ele foi para Angola, quando ele chegou em Angola, a Tininha, que hoje é Ministra, ela falou que tinha um engenheiro agrônomo, que estava começando a frequentar e que fazia muitas perguntas. Aí quando ele... Ela falou isso o Reverendo Francisco disse, não, eu quero conhecer ele. Foi aí que a Ministra Tininha trouxe o Bambi para o Reverendo conhecer. E que conheceu começou a esclarecer e tudo e começou logo em seguida. Acho que o Bambi veio para o Brasil começou esse estágio. Fez o estágio dele aqui, mas quem vai poder contar essa história com mais detalhe é o próprio presidente, o Reverendo Francisco e o Ministro Bambi também.

Marcelo – Quando você chega em Angola?

Cláudio – Em 1998.

Marcelo – E a partir daí qual foi o seu trabalho lá? O quê que você começou a fazer assim que chegou?

Cláudio – O trabalho de difusão não é? De atendimento e expansão da Igreja. E naquele ano também ficou muito claro para mim que nós precisávamos urgente ter um local para criar um modelo da

agricultura natural. Porque naquele ano eu voltei ao Brasil, participei duma palestra que foi feita aqui, no nosso solo sagrado, pela nossa terceira líder espiritual Sandai Sama, na qual ela falou sobre os transgênicos. E como era importante nós messiânicos difundirmos essa agricultura natural, conscientizarmos as pessoas da importância disso. Quando ela falou aqui, aquilo me tocou muito. Eu falei puxa vida, nós precisamos criar esse modelo em Angola e na África. E desde 98, desde que cheguei, com essa preocupação constante de conseguir ter... Descobrir um terreno, para podermos criar um modelo ali de agricultura. Foi aí que com todo esforço, no ano 2000, quando recebemos pela primeira vez a visita do presidente mundial, Reverendíssimo Tetsuo Watanabe. Durante os dias que ele estava a visitar Angola, nós recebemos um chamado do governo e nos foi doado o terreno do pólo agrícola do Bom Jesus. Que dista sessenta quilômetros da capital do país, Luanda. E foi ali que nós começar a criar esse primeiro modelo de agricultura natural. No ano 2000.

Marcelo – 2000.

Cláudio – Por volta de outubro do ano 2000.

Marcelo – 2000 então se adquire...

Cláudio – Esse terreno.

Marcelo –...o pólo agrícola.

Cláudio – Isso.

Marcelo – Não é? O local aonde seria o pólo agrícola.

Cláudio – Onde seria o pólo. Começamos do zero ali, isso o Ministro Bambi vai poder contar com mais detalhes essa história também. E com muitas barreiras que nós enfrentamos, muita incompreensão, mesmo com muitos membros, muitos líderes lá, mas, por que agricultura, nós precisamos pensar em outros trabalhos da Igreja, mas fui explicando, conscientizando, enfrentando não é? Todas as dificuldades que tivemos, nós conseguimos ir avançando, avançando e o Bom Jesus para nós se tornou um grande modelo, uma grande referência. Porque como ali é um local de temperaturas muito extremas, não é? As pessoas começaram a ficar espantadas vendo a qualidade dos produtos que saíam dali. Tivemos e temos muitas experiências já, naquele terreno do Bom Jesus.

Marcelo – E como que nasce a Africarte?

Cláudio – A Africarte nós criamos para poder fazer servir como um braço da Igreja, para fazer o trabalho extra religioso. Mesmo quem não é da nossa Igreja poder ter esse acesso à agricultura natural.

Marcelo – A sigla Africarte significa o que mesmo?

Cláudio – Africarte não é? Tipo arte da África não é? Africarte.

Marcelo – É. Aí é Associação para desenvolvimento...

Cláudio – Associação para desenvolvimento da agricultura natural, da arte e da cultura africana. Por enquanto...

Marcelo – E foi criada no ano de 2000 então.

Cláudio – No ano de 2000. É.

Marcelo – E quem é hoje o responsável da Africarte, o presidente da Africarte.

Cláudio – O presidente é o Reverendo Francisco, eu sou o vice-presidente e o Ministro Bambi é o Secretário da Africarte.

Marcelo – É o Secretário Executivo não é?

Cláudio – Isso.

Marcelo – Certo. Antes de 1998 onde o senhor estava?

Cláudio – Estive no Brasil, no Japão, depois do Japão voltei para o Brasil e segui para a África.

Marcelo – Quem direcionou o senhor para o trabalho na África?

Cláudio – Não. Eu despertei não é? O Reverendo Francisco é quem me formou em Salvador, que como falei é a minha origem, e dedicando com ele não é? O tempo do seminário também. Eu depois que eu voltei do Japão ficou muito forte em mim essa vontade de ir para a África. De difundir Meishu-Sama na terra de origem dos meus ancestrais, da minha origem. Foi aí que eu tomei essa decisão de ir para lá.

Marcelo – Quando chegou em Angola qual foi... Em que momento Angola vivia na história do país, na política. Em que situação o senhor encontrou o país?

Cláudio – É. O país estava numa paz aparente, mas na verdade estava tendo guerra no interior do país no ano de 98. Noventa e nove nós tivemos, acho que foi o pior ano da guerra no país em quarenta anos. Então foram fases muito turbulentas não é? Mas com a proteção de Deus e o Meishu-Sama nós continuamos fazendo o trabalho lá. Mas foi uma fase muito difícil do país, que graças a Deus acabou. Em 2002 terminou a guerra no país e nós já estamos a usufruir de sete anos de paz contínua. Não é? E o país está a desenvolver bastante agora.

Marcelo – Mas encontrou a população passando por muitas dificuldades, miséria, fome...

Cláudio – Muitas dificuldades. A miséria era muito maior ainda do que a gente vê hoje. Sem perspectiva, porque eram gerações que tinham nascido na guerra e crescido na guerra. Pessoas com a minha idade que nunca tinham vivido num país em paz. As pessoas pensando, como é que é isso? O meu filho vai servir na guerra também? Quer dizer, sem perspectiva, sem esperança. A sociedade extremamente desesperançada.

Marcelo – Como é que era a área rural nesse momento? A área rural ela está sendo utilizada, ou a guerra esvaziou a área rural?

Cláudio – A guerra obrigou as pessoas a migrarem para a capital, o que causou um grande inchaço populacional na capital, em Luanda não é? E também pela tática de guerrilha, espalharam muitas minas terrestres. Então até hoje é um problema que está sendo resolvido graças a Deus de desminagem no país. Não é? O país teve uma época que tinha mais mina do que população. Tinha doze milhões de minas e doze milhões de habitantes. Algo assim. Isso está sendo resolvido. É um processo lento e caro não é? Mas está sendo resolvido e as pessoas aos poucos estão a voltar para o interior. Voltar para as suas terras de origem.

Marcelo – E qual eram os hábitos alimentares do angolano assim que chegou lá? Teve alguma dificuldade de se habituar com a alimentação local? Eles tinham algum hábito alimentar específico diferente do seu?

Cláudio – Tem, tem. É diferente, mas tem muita coisa similar, porque como eu venho da Bahia não é? Têm muitos sabores, maneira de preparar o alimento parecido com, um pouco com a nossa culinária baiana também. No sentido do dendê, que chamam do óleo de palma. Mas tem o hábito, por exemplo, de comer muito fungo, que é tipo feito a partir da mandioca, do milho, que é o prato básico do angolano não é? Diferente aqui do Brasil. Mas nada difícil para mim pessoalmente, para me adaptar não.

Marcelo – Então não teve maiores dificuldades em se adaptar. Quando o senhor chegou lá era solteiro ou já era casado?

Cláudio – Era solteiro. Casei depois.

Marcelo – Com uma brasileira ou com uma angolana?

Cláudio – Brasileira.

Marcelo – Brasileira. Mas os filhos são angolanos?

Cláudio – Meus filhos são angolanos. São nascidos lá.

Marcelo – Hum. Quais foram as maiores dificuldades encontradas de 98 até a criação da Africarte não é? Já existia algum trabalho de agricultura natural antes da Africarte e do pólo agrícola, ou só começou depois que inaugurou o pólo agrícola e a Africarte foi formada?

Cláudio – Existiram alguns trabalhos como eu disse o Ministro Bambi vai poder detalhar mais não é?

Marcelo – Hum, hum.

Cláudio – As experiências que foram feitas antes do pólo agrícola.

Marcelo – Hum, hum.

Cláudio – Não é? Mas concretamente mesmo no espaço nosso o primeiro foi o Bom Jesus. Mas o Ministro Bambi fez experiências até chegar no pólo agrícola sim.

Marcelo – Experiências que diz como?

Cláudio – Experiências de importação, de criação de frangos também ele teve essas experiências.

Marcelo – Ele foi praticando.

Cláudio – Ele foi praticando. Até nós podermos ter um local para poder ali concretizar e criar um modelo.

Marcelo – E da onde que ele tirava essas orientações para praticar?

Cláudio – Ah, ele vinha regularmente ao Brasil não é? Aprimorar, recebendo orientação.

Marcelo – De quem que ele recebia orientação?

Cláudio – Aqui do Centro de Pesquisa da Fundação Mokiti-Okada.

Marcelo – Então no Brasil existe um Centro de Pesquisa da Fundação Mokiti-Okada, que também realiza o trabalho de expansão da agricultura natural.

Cláudio – Realiza o trabalho da expansão da agricultura natural. A partir daqui do Brasil, essa vinda dele, onde ele estagiou dentro da Fundação, dentro do, acho que do Ibiúna, Atibaia. A partir dessa vinda dele é que ele foi ganhando essa bagagem, foi levando para a África, praticando, vindo aqui, trocando experiências e tendo contato com os técnicos aqui...

Marcelo – Hum, hum.

Cláudio – ...que serviram de base. Servem não é? Até hoje, de base para nós podermos fazer esse trabalho lá. Ou seja, a agricultura natural na África nasceu a partir do Brasil.

Marcelo – Hum.

Cláudio – Como a própria Igreja Messiânica também não é? A africana nasceu a partir do Brasil.

Marcelo – Onde é que é a sede da Africarte?

Cláudio – A sede da Africarte é no próprio pólo do Bom Jesus, em Angola.

Marcelo – É em Luanda não é? Em Angola?

Cláudio – Não. É Província do Bengo. Província do Bengo.

Marcelo – A sessenta quilômetros de Luanda.

Cláudio – Sessenta quilômetros de Luanda fica a comuna do Bom Jesus.

Marcelo – E como é a infraestrutura lá e quantos funcionários têm ou são só voluntários?

Cláudio – Temos funcionários. O número exato o Ministro mandou dizer é em torno de quatorze e tem os voluntários que dedicam diariamente lá também. Dedicam, aprendem não é? Aprendem o manejo do solo, aprendem como preparar o plantio dentro do nosso método. Têm esse esclarecimento.

Marcelo – Mas o objetivo da aquisição e da construção do pólo agrícola era qual o objetivo?

Cláudio – É criar um modelo de agricultura, agro sustentável e treinar. Um local para treinamento das pessoas, para elas poderem difundir esse nosso método da agricultura natural. Esse que é o objetivo principal do pólo agrícola.

Marcelo – E a Africarte seria a Instituição que faria o *link*, essa ligação com a sociedade?

Cláudio – Com a sociedade. Independente de ter um cunho religioso. Do objetivo religioso. A Africarte como falei durante a nossa conversa, ela não visa converter as pessoas. Não. Ela visa difundir a agricultura natural. Independente do credo, da filosofia da pessoa, mas dá esse apoio, esse treinamento de difundir a agricultura natural.

Marcelo – Na sua opinião, qual é a maior dificuldade, ou as maiores dificuldades no país, para a expansão da agricultura natural? É o clima, é a água que falta? É política pública do governo, é apoio? Qual é a maior dificuldade que o país enfrenta hoje, ou que a Africarte enfrenta, para poder expandir a agricultura natural?

Cláudio – A dificuldade maior é na área de infraestrutura no país que é algo que graças a Deus o nosso governo está a construir. Porque foram quatro décadas de guerra não é? Então são sete anos de paz. Está a avançar, mas ainda existe essa dificuldade de infraestrutura de acesso a água, luz. As estradas estão sendo feitas. A água está sendo levada para os locais. Então essa infraestrutura, que é essa dificuldade está sendo resolvida graças a Deus. Está sendo resolvida a olhos vistos não é?

Marcelo – Hum. Então é... Em que momento a Africarte resolve pedir apoio ao Centro de Pesquisa no Brasil? O quê que definiu o pedido de ajuda não é? Em que momento essa decisão é tomada?

Cláudio – Não. No sentido de nós estarmos a nos atualizar, manter contatos não é? Atualização sobre o nosso método, dificuldades que possam ter surgido lá, para poder buscar com eles aqui, que casos semelhantes, exemplos semelhantes eles já enfrentaram aqui também, para compartilhar experiência com a gente. Nesse sentido.

Marcelo – Até porque o clima é o mesmo não é?

Cláudio – Não.

Marcelo – O clima tropical.

Cláudio – É. Varia é. Tem semelhança não é? Em muitos aspectos. Não é?

Marcelo – Bem vamos para a terceira parte da entrevista que é sobre a variação. Primeira parte a gente vai... Nós temos o objetivo de avaliar a concepção do projeto. Como é que o projeto nasce. Não é? Então qual foi o objetivo principal do Projeto da agricultura natural? O foco. É, quando ele foi criado.

Cláudio – Foi criar um modelo, um local para treinamento das pessoas para essa difusão dessa agricultura natural, do método não é? O principal objetivo da nossa criação do Bom Jesus, da própria Africarte é isso. Poder difundir esse método da agricultura natural.

Marcelo – E quem que construiu o projeto? Existe escrito fisicamente o projeto, ou ele apenas está na cabeça das pessoas e foi sendo desenvolvido?

Cláudio – Não. Existem escritos, etapas desse projeto não é? Isso começou pelo Ministro Bambi, porque ele tem a formação técnica média em química, que ele fez em Cuba e fez o superior de agronomia também em Cuba. Então ele com essa base, como químico e como engenheiro agrônomo, ele começou coordenando e vem coordenando até hoje esse projeto.

Marcelo – Ele que concebeu o projeto.

Cláudio – Ele que concebeu.

Marcelo – Mas com base na agricultura natural, como foi dito que ele aprendeu no Brasil, no estágio no Brasil.

Cláudio – Ele aprendeu e seguindo a orientação do nosso presidente, o Reverendo Francisco. Que sempre teve essa preocupação de criar um modelo e dar assistência aos produtores. Criar um modelo de agricultura, mostrar que é viável que é possível fazer e formar pessoas que difundam a agricultura natural.

Marcelo – E quantos produtores rurais hoje já praticam o método?

Cláudio – Isso quem vai poder dar um dado exato é o Ministro Bambi. Eu não tenho de cabeça.

Marcelo – Hum. Certo. Foi realizado antes algum estudo de viabilidade econômica do projeto ou não?

Cláudio – Não, não. Esse estudo de viabilidade nós não fizemos. Nós fizemos no sentido de começar o trabalho no pólo, de criar uma estrutura ali para depois... Agora que nós já estamos nessa fase, agora já com outros elementos não é?

Marcelo – Hum, hum.

Cláudio – Já com especialistas, com assessorias especializadas é que nós já estamos podendo fazer esse trabalho, esses estudos mais aprofundados.

Marcelo – Então foi feito um projeto piloto.

Cláudio – Um projeto piloto.

Marcelo – Em Bom Jesus?

Cláudio – Isso.

Marcelo – Não é? O projeto piloto foi feito, mas não foi feito o estudo de viabilidade. Não é? O financiamento. Quem financia o projeto para a expansão da agricultura natural em Angola?

Cláudio – A Igreja Messiânica mundial de Angola.

Marcelo – Com... De que forma vem esse financiamento? Da onde a Igreja retira esse financiamento?

Cláudio – Através dos donativos dos membros não é? Como a própria Igreja criou a Africarte, a Igreja que financia essa atividade da Africarte, esse projeto.

Marcelo – Então a Igreja Messiânica é a mantenedora da Africarte.

Cláudio – Da Africarte.

Marcelo – Não é? Que financia em parte, ou tudo da...?

Cláudio – Totalmente. No momento ainda é totalmente.

Marcelo – Totalmente mantida pela Igreja Messiânica.

Cláudio – Pela Igreja Messiânica mundial de Angola.

Marcelo – E essa fonte financeira é suficiente para os objetivos do projeto?

Cláudio – Sim, nós... Os projetos são feitos em função do financiamento que tem. Então vão se enquadrando, então até hoje estão seguindo, estão seguindo assim.

Marcelo – Os objetivos se enquadram dentro...

Cláudio – Dentro do orçamento.

Marcelo – Do orçamento...

Cláudio – É.

Marcelo –...daquele ano, o que está previsto.

Cláudio – Tudo é trabalhado em cima do orçamento anual, que é definido não é? Assembléia tudo, então tem o orçamento. Tudo é trabalhado em cima do orçamento

Marcelo – Então qual foi a equipe que começou esse projeto? Que deu início, o ponto de partida. Quando adquiriu o pólo de Bom Jesus quem era a equipe?

Cláudio – O Ministro Bambi e pessoas que ele começou a treinar para apoiá-lo nesse trabalho.

Marcelo – E qual era a formação dessas pessoas?

Cláudio – Pessoas com formações diversas não é? Depois é que foram aparecendo mais pessoas especializadas em agronomia...

Marcelo – Não necessariamente...

Cláudio – Não necessariamente pessoas...

Marcelo –...não técnicos agrícolas.

Cláudio – Não. Não necessariamente técnicos agrícolas como ele.

Marcelo – Eram voluntários...

Cláudio – Voluntários, que começaram com ele, ele foi treinando, foi descobrindo pessoas também.

Marcelo – Hum, hum.

Cláudio – Agora é que já está tendo maior assim, participação técnica especializada. Porque nós começamos o projeto lá ainda na fase da guerra não é? Uma fase difícil. Até a questão de você poder recrutar técnicos e tudo mais. Então hoje nós já estamos vivendo uma outra fase do país e da própria Igreja. Conseqüentemente na Africarte. Já com especialista não é? Bem gabaritados, em várias áreas, que estão nos assessorando já nossos novos projetos.

Marcelo – O país tem escola agrícola funcionando, ou ????

Cláudio – Tem. O país tem. Atualmente o país tem se não me engano nove Institutos médios de agricultura e talvez uma ou duas Universidades de agronomia. Mas o país tem. Já tem algumas.

Marcelo – Hum, hum.

Cláudio – A maioria criado recém... Muito recentemente.

Marcelo – Então para o começo essa equipe foi suficiente?

Cláudio – Foi. Para iniciar não é? Deram esses primeiros passos com muita dificuldade, porque até a própria deslocação de Luanda até o Bom Jesus era em transporte público não é? Nós chamamos de candongueira essas... Aqui no Brasil são as iaces não é? Chama como aqui no Brasil?

Marcelo – Vans.

Cláudio – As vans não é? Tinha que pegar várias vans da cidade até o pólo com enxada, com picareta com tudo. Depois voltar. Não tinha, quando chegava no Bom Jesus não tinha aonde descansar, aonde parar. Era embaixo do sol para fazer todo aquele trabalho de limpeza, de preparação da terra, até nós podermos começar com as primeiras construções. Foi uma fase de pioneirismo mesmo não é? Até nós chegarmos numa estrutura mínima atual que tem hoje e que nós vamos falar... Aperfeiçoar agora.

Marcelo – Hum, hum. Então o projeto, ele está hoje arquivado aonde? Existe esse projeto escrito ainda, ou ele já foi modificado e aonde é que ele está guardado?

Cláudio – Não. Tem, temos nos nossos escritórios lá na Africarte registros não é? Temos os passos dados até hoje e nós estamos modificando continuamente. Mesmo agora nós vamos entrar numa fase totalmente nova, porque nós adquiri... Recebemos um terreno maior, do governo não é? Em Kakuaco e é onde nós vamos fazer uma escola agrícola. E nós já vamos entrar nesse âmbito da agricultura agro florestal.

Marcelo – Hum, hum.

Cláudio – Que é para poder fazer um trabalho que preserve a floresta, preserve o meio ambiente e possa desenvolver a agricultura sem destruir o meio ambiente. Porque hoje é um problema sério que nós vivemos na África. O desmatamento não é?

Marcelo – Hum.

Cláudio – E plantam um tempo depois destrói. Como vivemos hoje no Brasil, na Amazônia, em várias outras regiões do planeta. Então nós vamos entrar nesse âmbito agora, agro florestal.

Marcelo – Então essa mesma equipe foi quem fez a concepção e planejou as etapas do projeto não é? No caso o Ministro Bambi com essa equipe de voluntários não é? Que colocaram no papel como o projeto iria ser desenvolvido.

Cláudio – Ser desenvolvido.

Marcelo – Foi isso que aconteceu.

Cláudio – Isso foi acontecendo.

Marcelo – Não é? Ele que definiu o método, os objetivos do projeto. E quem avaliou o projeto? Quem avaliou os resultados do projeto? O planejamento se estava correto, se estava dentro do que realmente eram os objetivos de agricultura natural. Quem direcionou esse trabalho e avaliou o que foi escrito? Não é? Assim por ele.

Cláudio – Bom, avaliar em termos de resultados na Igreja foi avaliado pela própria direção da Igreja nossa da África. Os resultados nosso, pessoal, no sentido da expansão da agricultura, da prática desses métodos. Isso nós avaliamos continuamente até hoje. Tecnicamente falando, ele vem buscando, trabalhando com essas assessorias não é?

Marcelo – Hum, hum. Então, mas não existe uma metodologia específica, estatística de medir resultados? Não foi utilizado nenhum método específico para a medição desses resultados? Não é? Assim, número de pessoas, resultado de cada pessoa, acompanhamento de cada pessoa. Não é?

Cláudio – Não. Esses dados ele tem. Nós temos esses dados. Tanto, por exemplo, resultado de produção nossa de cada ano, quanto produziu cada equitare no terreno, essas informações ele tem lá.

Marcelo – Mas das famílias que são acompanhadas com as hortas, quem faz esse acompanhamento?

Cláudio – Das famílias com as hortas, alguns casos pode ter dados específicos. É mais fácil ele ter esse dado a nível de produtores. Ele vai poder dar alguma comparação por produtores que ele vem acompanhando.

Marcelo – Ah então quer dizer, que as famílias já é mais difícil acompanhamento?

Cláudio – Não. As famílias para um acompanhamento a nível de quanto cada horta caseira produziu é mais difícil. Nós vemos é pelo resultado, por exemplo, a pessoa consumindo agricultura natural, a prática, ele estar ensinando para outras pessoas. Esse resultado prático na vida dela nós vemos. Mas em termos de todas as famílias você dizer que ah, todas produziram tantas toneladas de isso, isso. Isso nós não estamos ainda nesse nível de informação.

Marcelo – E para o planejamento não é? Então todos os recursos sempre foram da mantenedora, que era a Igreja Messiânica mundial de Angola.

Cláudio – Igreja Messiânica de Angola. Isso.

Marcelo – Não é? Então tanto para a concepção como para o planejamento foram os recursos... É os mesmos recursos...

Cláudio – Os mesmos recursos.

Marcelo –...a mesma equipe não é? E as metas do planejamento cada ano, elas estavam sendo alcançadas, ou tinham dificuldades para se alcançarem as metas ano a ano?

Cláudio – Ah no início tivemos muita dificuldade não é? Pela própria falta de infraestrutura nossa, do país. No início foi mais difícil não é? E pela própria falta também de uma equipa mais especializada, que hoje nós já estamos conseguindo montar essa equipa. Já estamos temos assessoria bem mais especializada.

Marcelo – Na Angola e especificamente na Africarte tem material, assim, hoje já tem, ou no passado não tinha, de computadores, material de escritório...

Cláudio – Ah no início nós não tínhamos.

Marcelo –...de funcionários? Isso não tinha no passado.

Cláudio – No início não. Hoje já temos computadores, já temos tudo, mas no início não tinha nada disso não.

Marcelo – Então isso era uma dificuldade para...

Cláudio – Era. Uma grande dificuldade.

Marcelo – Não é?

Cláudio – Até mesmo como eu falei, no início no terreno, o terreno era nu. Não tinha nem uma casa para você tomar, ter sombra do sol. Era trabalhar embaixo do sol e da chuva. Não tinha onde se esconder debaixo de uma árvore no terreno. Até ir construindo essa infraestrutura é isso que foi levando tempo. Hoje já temos lá estrutura. Alojamento, refeitório, cozinha, já tem já, outra fase. O terreno já está cercado, já tem gerador, já tem energia ligada. Recentemente terminamos de fazer um sistema, já porque tínhamos puxado água do rio, mas agora fizemos um sistema novo de irrigação que se estende por todo o perímetro do terreno do pólo agrícola, até o fundo do terreno. Isso também já resolve definitivamente o nosso problema da água. Então são estruturas que nós não contávamos no início. Mesmo assim nunca desistimos de prosseguir não é? Em prol de alcançar esses nosso objetivo de criar esse modelo e de formar as pessoas não é?

Marcelo – Aí concebeu, planejou, na execução do projeto não é? A execução também a fonte financiadora foi a Igreja Messiânica não é? E nisso foi... A equipe ela se manteve, ou foi ampliando ao longo desses anos de execução?

Cláudio – Não. Vem ampliando muito, vem ampliando muito.

Marcelo – Hoje tem ideia de quantas pessoas participam diretamente da agricultura natural, da excussão do projeto em si? Não como voluntários que aderiram, mas gente que difunde a agricultura.

Cláudio – O Ministro Bambi vai poder dar números mais exatos, mas já temos uma equipa grande. Tanto nessa parte de planejamento, já estamos com a assessoria muito melhor agora...

Marcelo – Hum, hum.

Cláudio –...nos ajudando nesse sentido, como essa parte de... Toda a parte até de execução estamos a montar uma equipa maior de apoio aos produtores também, já puxando agrônomos e técnicos para poderem participar desse trabalho junto com a gente. Então estamos numa fase totalmente nova, totalmente distinta de quando começamos há nove anos atrás.

Marcelo – E qual foi o trabalho de Centro de Pesquisa da fundação Mokiti Okada no Brasil nesse momento, na execução? Como é que ele se encaixa nesse trabalho?

Cláudio – Não. Se encaixa a partir do momento que o Ministro Bambi fez o estágio inicial dele aqui e vem tendo esse apoio técnico de informação durante esses anos não é?

Marcelo – Hum, hum.

Cláudio – Um grande apoio que a fundação Mokiti Okada aqui no Brasil vem nos dando durante esse período.

Marcelo – E quem é que deu esse apoio lá em Angola, ou foi só o Ministro Bambi que veio ao Brasil, ou teve alguém da Fundação que foi a Angola também apoiar?

Cláudio – Teve. Quem foi algumas vezes o Ministro Hiroshi Ota. Ele esteve algumas vezes lá, lá em Angola nos dando esse apoio. O número exato de vezes eu não lembro agora, Ministro Bambi poderia dizer. Pelo menos três vezes ele foi lá nesse período.

Marcelo – Como... Tipo um consultor aí então.

Cláudio – Isso, isso. Isso.

Marcelo – Consultor da técnica de agricultura natural. Não é?

Cláudio – Da técnica. É. Pessoa com larga experiência.

Marcelo – A Africarte recebeu alguma vez algum apoio que não seja da Igreja para a execução do projeto? Ou recursos humanos, ou material, ou financeiro. Ele teve alguma outra fonte de ajuda?

Cláudio – Ocasionalmente algum Órgão do governo, alguém doou um material para, tipo material de trabalho no campo, de cultivo. Nós tivemos esse tipo de apoio algumas vezes.

Marcelo – Hum, hum. E como avalia esse apoio externo que não foi da Igreja? Foi um apoio por interesses políticos, ou foi um apoio realmente com o objetivo de melhorar a saúde da população?

Cláudio – Não. Um apoio no sentido de ajudar mesmo o nosso trabalho. Inclusive até o próprio governo, pessoas do governo, quando viram o trabalho no pólo da agricultura, se predispuseram a nos dar um terreno maior para desenvolver a agricultura, que é o caso do próprio Kakuaco, onde nós vamos fazer, estamos fazendo um modelo maior de agricultura natural não é? Então, as pessoas vendo o trabalho que nós estamos a fazer, elas se dispõem naturalmente a ajudar. Quem conhece não é? Quem toma contato com o nosso trabalho.

Marcelo – Hum, hum. O senhor tem assim, o conhecimento do método que foi utilizado para implantar e executar o projeto? Como é que ele se dissemina? Foi visitando casa em casa, foi só levando as pessoas para o pólo? De que maneira esse trabalho se expande? E que método é utilizado para poder as pessoas tomarem ciência que existe?

Cláudio – Das duas formas. Tanto de casa em casa, sendo praticado pelos membros, pelos não membros. Quem pratica ensina não é? O produtor que pratica ele convida um amigo para ver. Leva também no pólo. Tanto levando no pólo como fazendo visitas nas casas ensinando as pessoas, dessas duas formas está sendo expandido o projeto.

Marcelo – Hum. Avaliar resultados do projeto ????. Após esse tempo todo, hoje fazem... Hoje, desde a sua chegada a Angola são dez anos.

Cláudio – Onze anos não é?

Marcelo – Onze anos não é? Dois mil e nove.

Cláudio – É. Onze anos.

Marcelo – É. Já fez agora onze anos. E esse projeto está desde 2000. Não é? Nove anos. Completa agora no início da ??? nove anos. Não é? Essa avaliação foi feita anualmente, das etapas do projeto não é? Ou semestralmente, ou ocasionalmente? Como esses resultados eram medidos? De que forma o senhor, como vice presidente hoje da Igreja Messiânica, avaliava o trabalho do Ministro Bambi?

Cláudio – Nós nos encontramos oficialmente mensalmente, eu e ele, para poder fazer uma avaliação dos nossos trabalhos. E parando para ver quando nós começamos no ano 2000, começamos do zero ali em Bom Jesus. E hoje, nós já estamos com a agricultura, não só em Angola, sendo praticada em todas as províncias de Angola, mesmo províncias que estão praticando, no início da difusão, estão praticando a nível dos lares, mas está sendo praticada em Angola, e nós já estamos com... Além de Angola temos pólo agrícola em mais outros três países da África. Em Moçambique, República Democrática do Congo, São Tomé e Príncipe. Já temos esse trabalho das hortas na África do Sul. Na Nigéria começamos um trabalho... Que está começando a difusão, começou o trabalho da horta caseira. Na Zâmbia também já tem um membro nosso que é produtor, que ficou em torno de uma semana ou quinze dias em Bom Jesus, aprendeu o método, começou a praticar na Zâmbia também. Então esse trabalho que começou do zero, hoje já está... Várias pessoas desses outros países também aprenderam, tiveram aprimoramento lá e além de ter levado para as outras províncias de Angola, com essa base que ganharam no Bom Jesus levaram para os seus países também. Então nos estamos tendo um resultado de expansão...

Marcelo – Hum, hum.

Cláudio –...do projeto, que está sendo, ou seja, estamos tendo bom resultado na expansão desse projeto.

Marcelo – Já houve alguma avaliação externa desse projeto? Uma assim, não digo uma auditoria, mas alguém de fora avaliar o resultado. Porque às vezes fica difícil eu avaliar a mim mesmo. Não é?

Cláudio – Isso.

Marcelo – Então existe, já existiu alguma avaliação externa do projeto, de alguém que não seja...

Cláudio – De alguma Instituição.

Marcelo –...que não tenha vínculo com a Instituição?

Cláudio – Não. Que eu saiba não.

Marcelo – Não?

Cláudio – Que eu lembre assim não.

Marcelo – O senhor acha necessário isso?

Cláudio – Eu acho sim. Com o tempo vai ser bom não é? Até para poder ter o reconhecimento maior não é?

Marcelo – Hum, hum.

Cláudio – De poder ter feito uma avaliação externa não é? Do trabalho que está sendo feito. Eu acho que vai ser uma coisa muito boa.

Marcelo – Hum, hum. Então esses resultados estão todos documentados e arquivados não é? Desses dez anos, onze anos de trabalho.

Cláudio – Tenho. Temos vários deles lá nos arquivos já.

Marcelo – Hum, hum. Os resultados, observando cada não o senhor acha que ele foi lento, ou foi rápido, ou foi dentro do previsto o avanço da agricultura natural e até onde chegou?

Cláudio – No início foi como eu falei várias vezes, foi muito difícil. A gente pode ver, pensar, não, foi muito devagar, muito lento, muitas dificuldades para avançar em vários... Dificuldades das ordens mais diversas, dos tipos mais diverso.

Marcelo – Dá para citar algumas para a gente?

Cláudio – Como falei a própria infraestrutura. Nós não tínhamos o transporte específico para poder fazer esse trabalho da agricultura. Tinha que ir com o transporte público não é? Falta de água, falta de luz, falta de infraestrutura de local para, como falei, do computador, tudo isso. Você ter que armazenar até dados, informações, e papéis, e pastas...

Marcelo – Hum, hum.

Cláudio –...todas essas dificuldades básicas nós tivemos.

Marcelo – Hum, hum.

Cláudio – Não é? Vendo por esse prisma foi bem difícil o caminho até agora. Mas agora graças a Deus, com esse avanço já está ganhando uma velocidade maior. Já estamos tendo como falei, uma assessoria mais especializada não é?

Marcelo – Hum, hum.

Cláudio – Mais ampla, para facilitar o trabalho nosso.

Marcelo – Entrando na última parte da entrevista, avaliando agora as perspectivas do projeto. Não é? Agora vamos falar... Já falamos de passado, presente, agora vamos falar do futuro do projeto. Diante desses resultados obtidos, qual a sua perspectiva? A perspectiva da Instituição em relação ao ano de 2009 em diante, qual é a proposta hoje, para o ano de 2009 e para os anos que vêm a seguir?

Cláudio – Esse ano de 2009 para nós basicamente vai ser um ano de planejamento e de fortalecimento da nossa equipa. Porque nós vamos entrar agora num grande trabalho de criar um modelo de desenvolvimento agroflorestal, que como eu falei é uma das maiores necessidades, não só para a África, mas para o mundo. De você conseguir desenvolver a agricultura em harmonia com a natureza. Então esse trabalho, até a nossa própria proposta da escola, que nós vamos entrar na fase de execução esse ano, já vai ser uma escola para formar técnicos agroflorestais. Para desenvolver a agricultura em harmonia com a natureza. Esse que vai ser o nosso principal trabalho daqui para frente. Então esse ano de 2009 vai ser um ano desse trabalho de planejamento, de recuperação do solo de terreno nosso de Kakuaco, que é um terreno maior e de já começar a implantar esse projeto num outro terreno que nós recebemos em Cachito, lá em Angola, que já vamos poder começar imediatamente esse trabalho, criar uma comunidade agroflorestal.

Marcelo – Então há a intenção de se assentar famílias é isso?

Cláudio – Isso, isso. Para mostrar que é possível a pessoa produzir o alimento, preservar a natureza, resolver o problema da fome e sair da pobreza praticando esse nosso método da agricultura natural. Esse que vai ser o nosso grande trabalho nesses próximos anos. Criar esse modelo agro sustentável não é? De desenvolvimento.

Marcelo – A partir dessa escola e do modelo de vilas agrícolas?

Cláudio – E o modelo de... É. De vilas agrícolas.

Marcelo – E como que pretende escoar toda essa produção dessas vilas agrícolas? Porque hoje a gente sabe que um grande problema da economia mundial é o mercado de orgânicos. Não é? Se o produtor não tem interesse em produzir orgânico é porque falta mercado e o preço é muito elevado. Como que a Instituição pretende resolver esse problema lá na África?

Cláudio – Nós também já estamos, no nosso projeto, fazendo já um estudo de uma Organização que vai cuidar dessa parte do escoamento dos produtos.

Marcelo – Vai ser o braço comercial da Instituição.

Cláudio – Da Instituição. Vai cuidar desse trabalho.

Marcelo – Há intenção de continuar com o apoio da Fundação Mokiti Okada no Brasil, ou hoje a Angola já se acha com conhecimento necessário já para tocar?

Cláudio – Não. Ainda é importante o apoio da Fundação sim. Apoio do Japão também. Eles têm experiência de longo tempo ué. O apoio deles é muito valioso para nós ainda.

Marcelo – Então essa etapa que vai começar não é? Com perspectiva, há também a perspectiva de um trabalho em conjunto como Brasil? De continuar...

Cláudio – Sim, sim.

Marcelo –...com o apoio do Cento de Pesquisa da Fundação Mokiti Okada.

Cláudio – E de outras Instituições também, porque o projeto é muito amplo. Então nós vamos precisar do *knowhow* de várias Instituições. Nós não precisamos querer fala, desculpe, inventar roda não é? Que já está inventada. A Fundação e outras Instituições também, nós vamos contar com o apoio dela, para poder implementar esse projeto. O projeto nosso agora, com toda a experiência desses nove anos, mas agora vai entrar numa fase agora de concretização. Nós estamos entrando nessa fase, por isso que 2009 para nós vai ser um ano decisivo. De profundo planejamento e formação da nossa equipa para poder concretizar o que nós temos de perspectiva daqui para frente.

Marcelo – E como vai viabilizar esse projeto? Qual vai ser a fonte mantenedora? Vai se manter com a Igreja Messiânica? Para manter...

Cláudio – Á princípio...

Marcelo –...a escola e a vila agrícola? Como é que vai se manter isso?

Cláudio – Á princípio vai se a Igreja e vamos ver também Organizações que possam nos apoiar daqui para frete.

Marcelo – No caso, empresas, governo?

Cláudio – Pessoa que tenham o ideal parecido com o nosso. Não é?

Marcelo – Hum, hum.

Cláudio – Pessoas que queiram realmente e compartilhem da nossa maneira de pensar.

Marcelo – Num país pobre a escola vai ter acesso ao povo, ou vai haver uma mensalidade, uma matrícula, vai... Como é que o povo vai poder frequentar essa escola se o povo não tem dinheiro nem para comer? Como é que vai ser essa...

Cláudio – Isso também é que nós vamos, durante esse ano, nós vão fechar nesse planejamento para chegar a uma conclusão.

Marcelo – Agora...

Cláudio – Mas vão ter pessoas que podem, há pessoa que podem pagar. E os que não podem no caso, poderão ter bolsas nossas e de outras Instituições também. Isso está sendo estudado a nível do planejamento.

Marcelo – Hum, hum. Porque é uma questão que realmente a gente não pode deixar de tocar não é? Que é a condição econômica da população.

Cláudio – É. Claro, claro.

Marcelo – Não é? A você... A gente construir uma Universidade com um valor muito alto, a gente dá acesso só a uma pequena parcela.

Cláudio – A uma minoria. É. E não é o nosso objetivo. Nós precisamos formar um número grande de técnicos. Na verdade o nosso planejamento vai ser como conseguir preparar três mil especialistas, para fazer essa difusão por todo o continente africano. Nós estamos na fase agora de estudar e fazer o planejamento para isso. Nós temos um objetivo, como vai ser para alcançar é que esse ano nós estamos fazendo esse estudo com nossas assessorias. Com nossas assessorias. Mas nós temos o objetivo de preparar três mil especialistas, para fazerem a difusão do nosso método a nível do continente africano.

Marcelo – E quando que inaugura a escola agrícola?

Cláudio – A perspectiva, começando esse ano, seria por volta de 2012 poder estar iniciando a primeira turma.

Marcelo – Então a inauguração está prevista para 1012?

Cláudio – Em torno disso, 2012.

Marcelo – E o assentamento das famílias está previsto para quando?

Cláudio – Isso também é que o planejamento vai definir agora.

Marcelo – Então ainda está tudo para começar. Como está no começo do ano o planejamento está começando também?

Cláudio – O planejamento já iniciou.

Marcelo – Mas a ideia é essa não é?

Cláudio – É.

Marcelo – Por volta de 2012.

Cláudio – Não. Isso da escola, o início dela, as obras, isso já está definido no nosso cronograma de obra, no nosso orçamento, isso tudo já está... Isso já está definido. Agora esse detalhe do funcionamento, do progra... Da grade curricular tudo isso, isso que tudo está em estudo.

Marcelo – O corpo docente já está definido?

Cláudio – O corpo docente. O corpo docente também está sendo preparado não é? Estamos estudando a forma de trabalhar. Mesmo nós contamos com professores, estamos a contar com professores aqui do Brasil, para fazer um trabalho conosco no sistema de vídeo conferência. Professores de outras partes do mundo também, que vão poder contribuir. Claro vai ter o corpo docente fixo no local, mas nós vamos fazer um grande trabalho de vídeo conferência para poder ter uma escola realmente de alto nível, que prepare os nossos técnicos para os desafios que vão enfrentar na África e no mundo para difundir a agricultura. Eles não podem... Eles têm que ter amor, o ideal nosso, mas eles precisam estar bem capacitados tecnicamente para dar resposta para as dificuldades que eles vão encontrar. Porque nós estamos vivendo uma fase muito delicada hoje, no mundo, em termos da alimentação. Essa crise dos alimentos esse... Junto com a destruição ambiental é uma fase bem delicada. Então nós precisamos dar uma bagagem para eles, para poderem realmente ter resposta para os desafios que eles vão encontrar agora.

Marcelo – Hum, hum.

Cláudio – Essa está sendo nossa preocupação.

Marcelo – E essa abertura da escola, ela é só para Angola, ou qualquer pessoa de outro país pode frequentar a escola?

Cláudio – Não. Vai ser. Vai poder estar aberta para as pessoas dos outros países também.

Marcelo – Para os Órgãos Governamentais, não Governamentais.

Cláudio – Tudo, tudo. Quem queira aprender o nosso método para difundir vai poder.

Marcelo – Mas a escola de nível técnico, ou de graduação?

Cláudio – Á princípio a nível técnico. Á princípio vamos começar com nível técnico.

Marcelo – O técnico agrícola?

Cláudio – É. Técnico agro florestal.

Marcelo – Vai chamar técnico agro florestal.

Cláudio – É. Agro florestal.

Marcelo – Mas vai ter o ensino das escolas junto com o ensino técnico, ou vai ser só ensino técnico?

Cláudio – Não. Vai ser um...

Marcelo – Vai ser uma escola técnica.

Cláudio – Uma escola técnica agro florestal.

Marcelo – Então que vai ensinar as matérias do currículo normal de um aluno não é?

Cláudio – Normal, o normal...

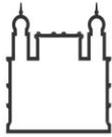
Marcelo –...e mais a parte técnica.

Cláudio – Parte técnica. É isso.

Marcelo – Então finalizou a quarta parte, as perspectivas do projeto e a entrevista fica encerrada. Muito obrigado Ministro Claudio.

Cláudio – Muito obrigado. Eu que agradeço.

Fim da entrevista



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA - ENSP

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação.

Permitida a cópia.

A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

**BAMBI, Marques Zambu. *Marques Zambu Bambi*
(depoimento, 2009). Rio de Janeiro, Fiocruz /ENSP, 2010. 51p.**

MARQUES ZAMBU BAMBI

(depoimento, 2009)

Rio de Janeiro

2010

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: temática

Entrevistador (es): Marcelo de Sousa Corrêa

Levantamento de dados: Marcelo de Sousa Corrêa

Pesquisa e elaboração do roteiro: André de Faria Pereira Neto

Responsável pela gravação: Marcelo de Sousa Corrêa

Local: Rio de Janeiro – RJ - Brasil

Data: 2009

Duração: 1h: 45 min: 55 sec.

CD: 02

Páginas: 50

Entrevista realizada como base de pesquisa para a dissertação de mestrado de Marcelo de Sousa Corrêa, submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Saúde Pública. Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública. Sub-área: Saúde, Trabalho e Ambiente. Escola Nacional de Saúde Pública - Fundação Oswaldo Cruz / FIOCRUZ.

Tema: **AGRICULTURA NATURAL EM ANGOLA: A VOZ DOS GESTORES**

Sob Orientação do Professor Doutor André de Faria Pereira Neto (FIOCRUZ) o trabalho de pesquisa foi desenvolvido no período de 2007 a 2010, onde foram entrevistados quatro gestores da Associação para o Desenvolvimento da Agricultura Natural e Cultura Africana (AFRICARTE) que participaram ativamente do processo de implantação e desenvolvimento de um projeto de hortas caseiras como proposta de um manejo agrícola mais sustentável para famílias angolanas.

Tema: Angola; Agricultura Natural; História Oral; Saúde do trabalhador rural; Segurança alimentar.

Entrevista

Marques Zambu Bambi

1:45:55

Marcelo – Bem, dando continuação a série de entrevistas da dissertação de mestrado da Fundação Oswaldo Cruz não é? Mestrado em Saúde Pública, cujo tema é agricultura natural em Angola, usando a metodologia de História Oral, buscando a história, o resgate da história, da memória, pela Voz dos Gestores do Projeto. Não é? Então agora a gente dá continuidade com o senhor Marques Zambo Bambi não é? E eu gostaria que ele se apresentasse dizendo qual é o seu nome completo, nacionalidade, sua família, seus pais.

Bambi – Ta bom. Muito obrigado por esta entrevista. Chamo-me Marques Zambo Bambi, sou de nacionalidade angolana, sou filho do Zambo Bambi e ????. Ambos falecidos. Sou...

Marcelo – A profissão dos seus pais?

Bambi – Meus pais eram camponeses.

Marcelo – Eram agricultores.

Bambi – Eram agricultores sim.

Marcelo – E nível de escolaridade dos seus pais?

Bambi – Meus pais eram analfabetos.

Marcelo – A etnia que eles... A origem deles?

Bambi – Origem eram ambacongo.

Marcelo – Eram ambacongo.

Bambi – Sim.

Marcelo – De qual região da Angola que...?

Bambi – Está no norte, norte de Angola, uma província que se chama província do Kwanza Norte.

Marcelo – Kwanza Norte.

Bambi – Sim.

Marcelo – E tinham uma propriedade onde eles moravam? Era deles a propriedade?

Bambi – Sim. O meu pai tinha duas fazendas de café. Então ele trabalhava para sustentar a família. E esta fazenda, para além da produção de café, lógico que o café dá uma vez ao ano e tinha outras culturas não é? Como milho, a mandioca, o amendoim. Plantação também de banana não é?

Marcelo – Tinham quantos...? Qual era o tamanho da propriedade?

Bambi – Ela era uma propriedade aproximadamente seis equitares. Quatro numa área e dois n'outra, totalizando seis equitares.

Marcelo – O senhor tem irmãos?

Bambi – Eu tenho. Tenho um irmão e uma irmã.

Marcelo – Moravam juntos. Todos moravam juntos.

Bambi – Moramos junto, mas agora... É o seguinte. Agora é filho único. Então é, da minha mãe eu era filho único. Eu sou filho único. Depois meu pai se divorciou da minha mãe, casou com uma outra senhora minha madrasta, que fez um casal. Então no total somos três.

Marcelo – O senhor tem quantos anos?

Bambi – Tenho... Fiz cinquenta e dois anos este ano.

Marcelo – Qual é a data do seu nascimento?

Bambi – Dezesesseis de dezembro de 1956.

Marcelo – 1956. Os seus pais são falecidos.

Bambi – São.

Marcelo – Quantos anos?

Bambi – O meu pai faleceu quando eu tinha oito anos. E a minha mãe faleceu em abril de 1994.

Marcelo – E como que o senhor foi vivendo até hoje? Como é que o senhor estudou? Como é que foi o seu ensino básico? Como é que começou essa trajetória para estudar?

Bambi – Na altura, a instrução primária fiz na minha aldeia natal, ainda com os pais vivos. Quando terminei o ensino primário...

Marcelo – Aonde foi feito?

Bambi – Foi, fiz... Terminei o ensino primário na Comuna Cariamba, lá mesmo. E eu fui transferido. Saí da minha aldeia natal fui para uma outra Comuna. E aliei-me também a Instituição religiosa, era na Igreja Católica da Congregação Franciscana. E a partir dali o meu pai foi levado pelos portugueses e ele foi levado pelos portugueses com cunho político. Por que isto? Porque ele, na época colonial, ele também dava instrução ao irmão dele. E o irmão, na altura, estava a estudar a sexta classe. E no nosso país, na época colonial, os colonistas portugueses não gostariam ver nacionais a estudar. Porque eles diziam que qualquer nacional, ou nacionalista que estudasse, entraria em contato com os compatriotas que estavam fazendo a guerra, e que viviam fora, estavam n'outro país, na República do Congo Brasavir, ou na ex República do Zaire. Então dizia todo o elemento que estuda, desperta essa população e lutam contra nós. Então a educação só era restrita. Para os nacionais até a quarta classe e eram obrigados a dar aula. E meu pai foi solicitado de que o irmão dele tinha que dar aula. E ele negou. Ele disse, não. Quem está a custear os estudos do meu irmão sou eu. Não estou a receber ajuda de ninguém, por isso o meu irmão não pode dar aula. Ele vai continuar a estudar. Porque eu já sou analfabeto e a minha família não pode continuar assim. Então foi o motivo suficiente que os portugueses encontraram para dar uma conotação política. Então...

Marcelo – Em que ano foi isso mais ou menos?

Bambi – Mil novecentos e sessenta e sete. Aí o meu pai...

Marcelo – Aí nessa época o senhor já estava estudando...

Bambi – Já, já estava.

Marcelo – ...na aldeia natal ou já tinha ido...

Bambi – Não. Já estava fora também.

Marcelo – No Colégio Franciscano.

Bambi – Sim. Já estava fora.

Marcelo – Mas como é que apareceu essa oportunidade do Colégio Franciscano?

Bambi – É. Porque nós tínhamos aí... O padre que dava assistência religiosa a nossa aldeia, foi para ele eu manifestei o interesse de que eu queria ser padre. Então com a ajuda deles, ele tentou me direcionar. Já que você estas a estudar e ainda é muito jovem, é criança, então entra nessa escola. E orientou, orientou-me orientou meu pai e estava pode ir. Eu também como tinha desejo de estudar e fui. Então lá mesmo, lá... Depois fui transferido para... Quando acabei a instrução primária fui transferido para o Internato também dos Caputinhos, na província do Kwanza Norte, na Comuna do Camanbatela. E depois fui transferido para o Seminário Menor da Camcola Angola, Província do ???. E quando acabei de fazer o Seminário Menor fui para o Seminário Maior. E já fui transferido da província do ??? para a província de Luanda. E lá fiz o ensino de base. Todo o ensino de base acabei lá no Seminário dos Capuchinhos, que eu tenho eterna gratidão e até que eu fiz também da filosofia no Seminário Maior do Cristo Rei na província de Luanda, e depois de acabar de fazer o ensino, a filosofia, saí, deixei o Seminário. Então integrei-me na vida normal, civil.

Marcelo – Isso já era que época, que ano mais ou menos?

Bambi – Foi em 1978. Setenta e oito comecei a trabalhar e também matriculei-me numa faculdade, porque eu saí... Eu estava a estudar filosofia na carreira de letras. Eu tive que mudar. Queria fazer engenharia. E matriculei-me na Universidade da ???, e para fazer engenharia química. Mas a um dado momento eu não aguentei a carga, carga horária. É o seguinte, se eu trabalhasse, eu natural eu já trabalhava, mas o serviço exigia-me e a escola também eu não queria largar. Quer dizer se eu apertasse mais no estudo estava a fracassar no serviço e se eu desse mais atenção ao serviço, na escola estava... As notas estavam a decair. Então o quê que eu fiz? Eu pensei, entre trabalhar e estudar eu tenho que optar. Então optei pelo estudo. E como na altura, já depois da independência, o primeiro presidente da Angola, doutor Antonio Augusto Neto, proclamou o ano de 1979, como o ano de formação de quadros, eu disse, esta notícia é bem vinda para mim. Se há formação de quadros, isso significa que o governo angolano vai dar bolsa de estudo para muitos que não tiveram a possibilidade de se formar, então eu vou nesta rede aqui. E ali fui me inscrever no Ministério da Indústria e fiz o teste, aprovei e dali eu conseguia a bolsa. Fui para a República de Cuba. Isso foi em 1979.

Marcelo – Fazer engenharia agrônoma em Cuba.

Bambi – É. E de princípio quando eu fui para lá, como eu não terminei... Havia algumas cadeiras que eu tinha atraso, então quando cheguei em Cuba eles tiveram que... Chamaram-me e disseram-me o seguinte, tu tens algumas cadeiras que você não acabou no teu país, não podes entrar diretamente para a faculdade. Nós te damos duas opções, ou fazes um pré de três anos ou fazes um curso técnico de três anos e tu depois continuas. Eu optei por um curso técnico. Então fiz três anos do curso de técnico química industrial. E como eu tive um bom aproveitamento, também já tinha boas fases, saí um dos melhores alunos lá do Instituto, ganhei uma bolsa do governo angolano para continuar os meus estudos lá na República de Cuba. Então...

Marcelo – Em qual a universidade de Cuba?

Bambi – Eu fiz No Instituto Superior Agrícola de ???. ISACA. Então fiz cinco anos na universidade ??? agronomia. É isto.

Marcelo – E terminou então no ano de?

Bambi – Mil novecentos e oitenta e sete.

Marcelo – E aí retornou para Angola.

Bambi – Eu voltei para Angola.

Marcelo – Aí já estava casado, solteiro?

Bambi – Solteiro. Eu não quis compromisso com mulher. Não quis, porque sabia que primeiro, eu vinha de uma família pobre, segundo, estava a me formar, terceiro, eu não tinha condições. E porque buscar compromisso, fazer sofrer a filha alheia que está bem na casa de seus pais? Eu disse não queria compromisso nem com o casamento nem com mulher. Agora, o meu objetivo era, depois de me formar, criar as mínimas condições, aí sim podia arranjar uma companheira. E foi o que eu fiz. É isto.

Marcelo – Aí se casou quando?

Bambi – Olha, comecei a namorar já a minha mulher em Cuba, quando estava no terceiro ano da minha carreira. Segundo, terceiro ano comecei a namorar com uma das colegas lá. Ela voltou primeiro no nosso país, eu fiquei em Cuba. Quando eu terminei encontrei. Ela estava a minha espera, ela... Na verdade eu não me casei com ela, foi... Conversei com os pais dela, entenderam a minha situação que eu não tinha dinheiro e passamos a viver. E fiz com ela três filhos, mas como tudo na vida tem altos e baixos, tivemos alguns problemas e nos divorciamos em 94. Aí eu voltei a casar há quatro anos atrás já com outra senhora.

Marcelo – E teve mais filhos?

Bambi – Até agora tivemos um, mas partiu para o mundo espiritual, porque foi um aborto natural. Até agora não. Só tenho os três. Só tenho os três filhos com... No meu primeiro relacionamento.

Marcelo – A sua família é messiânica hoje?

Bambi – A minha família é messiânica.

Marcelo – Todos são messiânicos.

Bambi – Sim. Atualmente os meus filhos vivem com a mãe, porque o que eu fiz? Quando eu cheguei de Cuba, construí uma casa, vivia com ela. Depois que nos separamos deixei a casa tudo, tudo, tudo com ela. Então ela toma conta dos filhos eu sou dou assistência. Com a minha atual esposa, ela é messiânica e só vivemos nós dois. Eu e ela.

Marcelo – Como é que foi esse seu encontro com a Igreja Messiânica e a agricultura natural? Como é que esse encontro aconteceu e por que? Que momento da sua vida o senhor estava passando e como esse encontro aconteceu?

Bambi – Ah, o encontro com a Igreja Messiânica e com a agricultura natural, eu posso dizer assim, que é uma benção que eu recebi de Deus. Porque eu estava mesmo já formado, mas eu estava a viver uma vida praticamente de sofrimento. Porque a concepção que eu tinha antes, que depois d’eu terminar o meu curso, trabalhar, vou me sentir bem, não tem problema. Mas também, eu nunca, nunca, nunca dei costas a Deus porque eu sempre tive uma base religiosa. Sempre. E eu sofria, mesmo quando era estudante na República de Cuba, eu sofria problemas de saúde. Eu tinha gastrite crônica, e duas úlceras no estomago, que se agravaram em Cuba, devido a alimentação. Que eu não me adaptei na alimentação de lá. E então, tanto é verdade, que quando eu terminei o curso, eu já voltei doente no meu país. E então havia uma senhora, que ela me conheceu antes d’eu ir para Cuba. Eu era forte. E quando eu voltei, ela olhou para mim e disse, estás doente. Eu disse, sim, estou. Antes de você ir para Cuba você era forte, agora que você voltou magro, estás assim, o quê que se passa? Eu disse olha, eu estou doente, eu tenho seis doenças. Já fiz análise de aids, para ver se tenho aids, mas eu não tenho. Tenho problema de gastrites, os médicos dizem que essa gastrite é incurável. Tenho problema de duas úlceras no estomago. Tudo que eu como eu vomito. Tenho problema de insônia. E estou a passar...

Marcelo – Tinha mais algum outro problema grave também?

Bambi – Tinha porque é o seguinte, principais eram três que era: gastrite crônica, as duas úlceras. Agora, os outros problemas foram aparecendo com o remédio que eu fui tomando. Quer dizer que, com os remédios que eu tomei foram provocando outros problemas. Tive problemas colaterais. Mandaram exame. Para combater a úlcera, eu tomei um bálsamo ???, um remédio soviético. Mas aí em contrapartida tem efeitos colaterais. Tomei um outro remédio chamado Cimetidina, em contrapartida teve um efeito colateral muito forte, que eu cheguei ao ponto de perder a potencia sexual. Quando eu fui ter com o médico, disse oh médico, você me deu essa... Esse remédio que estou a tomar, mandou-me tomar quatro semanas, mas estou na segunda semana e estou a sentir que... Eu só sinto que tenho sexo quando vou urinar. O resto não sinto nada. Ele disse, não. Pára de tomar. E eu expliquei por que. Disse olha, estou sem sentir nada. Agora deixei de ser homem, não sei o quê que se passa. Então mandou-me parar. É nessa situação que eu me encontrei. E depois para, além disso, tinha o corpo intoxicado. Meu, o meu organismo já não suportava mais remédio. É esta é a situação que me levou a conhecer a Igreja Messiânica. Então esta senhora encaminhou-me. Disse olha, há aí uma Igreja nova aqui em Angola, que chegou, de um senhor aí de uma Igreja japonesa, que está a levantar a mão, está a curar muitas pessoas. E não pede nada. Eu disse oh, eu já estou farto de Igreja, já rezei tanto, estou rezando tanto dentro da minha casa, Deus não

está ame atender agora estás a me falar de Igreja outra vez? E antes disso eu disse a ela, que eu já fui em França, porque eu fui fazer um estágio em França quando trabalhava no Estado, sobre o café. Fui em França fiquei lá três meses. Fiz o estágio em três meses. No total foram seis, porque três meses em França na parte teórica e fomos transferidos para a República do ??? para fazer a parte prática. Fiz tratamento nos dois países. Não resultou em nada. Voltei para o meu país. Lá eu estava sendo seguido pelo melhor médico estomatologista. Não tive resultado. Peguei no meu dinheiro que tinha de reserva, viajei para um outro país africano chamado Gabão. Não tive resposta. Então foi quando conheci a Igreja Messiânica e comecei a receber o johrei. É a partir da Igreja Messiânica que eu tomei conhecimento da agricultura natural. E aquilo foi o seguinte, quando eu fui para lá fui cético. A verdade é essa. Eu não acreditava no johrei. Porque eu fiquei a imaginar da seguinte forma, comecei a imaginar quantos aparelhos já passaram em mim, quanto remédio já tomei e esta mão levantada sobre mim o quê que vai resolver? Aí ignorei. Primeira vez. Nunca ouvi falar. A verdade foi esta. Doze dias consecutivos recebendo johrei de uma hora e meia duas horas, todos problemas que eu tinha sumiram. Sumiram. Passei a comer normalmente. Já não vomitava. A gastrite crônica, depois fiz os exames, sumiu. As duas úlceras curaram. A impotência sexual passou. Até pelo contrário, recuperei a potencia melhor do que antes. E tudo que eu tinha. Quando eu vi, eu disse, não. Eu duvidava. Comecei a ler os ensinamentos de Meishu Sama. Um dos livros que eu li, um dos livros que eu li, que me chamou muito a atenção, que um dos membros já tinha livros dos mais antigos é, “A outra face da doença”. E quando cheguei naquela parte da agricultura natural aí pra mim eu disse ôpa, estou totalmente ao contrário daquilo que eu estudei na universidade. E esperei. Quando fui avisado de que na altura ele era Ministro, o Reverendo Francisco. Ah o Ministro Francisco vem, vens participar no culto, não podes faltar. E foi precisamente naquela altura, que ele começou a falar pela primeira vez da agricultura natural. Então ele começou a explicar sobre agricultura natural, e durante a palestra eu levantava a mão. Disse olha, o senhor Ministro falou isto, isto, isto. Ele citava o que estava nos ensinamentos de Meishu Sama. E eu contrariava. Eu dizia, não, não concordo. Não concordo porque eu aprendi assim, assim, assim e o senhor está a falar assim ao contrário. Aí disse está bom, ele continuou a falar. E eu levantei a mão. Eu disse, não. Ele disse-me assim, espera, no final depois vamos falar. Deixa-me só falar no final depois nós vamos conversar. Então acabou o culto, acabou a palestra, mandou me chamar e perguntou se eu entendia da agricultura. Eu disse sim, minimamente. Aí fez-me aquelas perguntas para saber quem era eu e foi naquela mesma altura, no mesmo dia, me recordei, foi vinte e três de outubro de 93, que eu me outorguei. Então ele disse o seguinte, o Reverendo Francisco, olha, quando eu saí no Brasil, o meu presidente, Reverendo Watanabe, ele disse olha Chiquinho, começa a falar agora da agricultura natural. Então se eu pela primeira vez começo a falar da agricultura natural e você aparece, isso significa que Meishu Sama que te mandou aqui. Eu disse não. Eu realmente aceito Meishu Sama pelo johrei, porque já me curou as doenças que eu tinha, mas não aceito o que ele está falando da agricultura natural. Não concordo, porque o que eu estudei é diferente. Então a parti dali ele disse não, não se preocupa. Eu, está bom. Vamos fazer o seguinte, você arranja terreno aqui e vais por em prática isso que está nesse livro dos ensinamentos de Meishu Sama. Isso que eu acabei de falar. Então eu fiz um desafio. Ele disse olha, o Reverendo Francisco disse, arranja, a próxima vez quando eu vier trago a semente, vais começar a praticar. Está bom. Então fiz o contato com colegas que estavam a mexer na agricultura, consegui arrumar um terreno de quatorze equitares, trabalhei aquilo, três meses depois, quando o Reverendo Francisco voltou a Angola perguntou-me, conseguiu o terreno? Eu disse, consegui. Podemos ver? Eu disse eu só estou esperando as sementes que o senhor falou. Ele disse, então vamos, vamos. Ele disse está bom. Pegou a cama e fomos lá no terreno. Quando chegamos lá encontrou os quatorze equitares já preparado. Então ele disse-me o seguinte, está bom, vamos fazer o seguinte, você deu um passo que eu não contava. Eu não contava que ia encontrar esse terreno assim já trabalhado, pronto para semear. Tens passaporte? Eu disse, eu tenho. Vamos para o Brasil e lá vais fazer o estágio de agricultura natural, vais tirar todas as dúvidas que tu tens, porque lá vais encontrar os seus colegas agrônomos também. Aí eu disse está bom. Aceitei o desafio. E no mesmo... No dia seguinte, foi numa quarta feira. Na quinta feira fomos à Embaixada do Brasil, falou com o Embaixador, deram-me o visto já, já de imediato e pronto. No dia seguinte sexta feira, apanhamos o avião e vim para o Brasil. Foi assim. Quando cheguei aqui...

Marcelo – Que ano mais ou menos?

Bambi – Mil novecentos e noventa e quatro. Fomos parar para o pólo da agricultura natural de Cruz das Almas...

Marcelo – São Paulo.

Bambi – Não. Salvador.

Marcelo – Não. Cruz das Almas é na Bahia.

Bambi – Na Bahia. Salvador. Lá comecei a receber aprimoramentos do engenheiro Fonseca, Ministro Fonseca, mas quando o Reverendo Francisco ligou ao presidente do Brasil, na altura o Reverendíssimo Watanabe, ele disse não. Manda ele para aqui para Ibiúna ou para Atibaia, mas ele vai ter que passar nos dois pólos. Então fui transferido de Cruz das Almas para, primeiro Ibiúna... Não. Atibaia. Atibaia lá fiquei quarenta e cinco dias. Aprimorei. E depois fui fazer os outros quarenta e cinco dias em Ibiúna. Realmente eu tive que pedir perdão a Meishu Sama. E pedi perdão por que? Daquilo que eu estava a duvidar antes. E também pedi perdão, em lado onde eu trabalhei orientando o uso de produtos químicos ou de outros fertilizantes. Este foi o meu casamento. E a partir dali eu voltei para Angola...

Marcelo – Ficou quanto tempo aqui no Brasil estagiando?

Bambi – Olha, no estágio praticamente foi, eu cheguei em... Fiquei aqui no Brasil desde o mês de abril. Abril, maio, junho, só voltei em julho. Praticamente foram quatro meses.

Marcelo – No Centro de Pesquisa da Fundação...

Bambi – Da Fundação.

Marcelo –...Mokiti Okada no Brasil.

Bambi – No Brasil, sim. É isso.

Marcelo – Aí retorna logo depois em julho para... Retorna a Angola.

Bambi – É. Eu assumi compromisso com Meishu Sama, porque eu não sabia como retribuir essa graça e aí ao mesmo tempo a vida que eu ganhei. Pensei o seguinte, se eu for trabalhar para o Estado, na altura eu já trabalhava no Estado, eu não tinha saúde. Eu era um morto que estava de pé. Quanto dinheiro já gastei e não tive saúde? E vim para aqui, em menos tempo fui salvo, ganhei nova vida, então essa vida não me apetece. Eu assumi compromisso com Meishu Sama. Até quando Deus me chamar, pelo menos vou me dedicar à agricultura natural, e difundir esse mesmo método da agricultura natural no meu país e no continente africano. Este é o compromisso que eu assumi com Meishu Sama, com os meus antepassados...

Marcelo – Isso na altura de 1995 não é? E retorna do Brasil e chega em Angola e assume esse compromisso.

Bambi – Assumi o compromisso antes de retornar para Angola. Aqui ainda no Brasil. Porque eu vi realmente que é uma agricultura promissora. É uma agricultura que salva mesmo o homem. A partir do meu próprio exemplo, que eu estava morto, eu fui salvo. Eu disse bom, eu não encontro outra forma de como ajudar, ou participar nesta batalha da salvação, senão aderir à filosofia, que eu gostei, adorei mesmo, até hoje. E retornei ao Brasil na altura, na inauguração do Solo Sagrado de Guarapiranga. Que todas as vezes que eu voltasse ao Brasil e apresentava minhas dúvidas, ficava alguns dias no nosso Centro de Pesquisa Ibiúna, para aprimoramentos. E assim fui fazendo. E até hoje continuo a fazer esse trabalho.

Marcelo – Hum, hum. Aí depois que retornou qual foi a primeira atividade que começou a desempenhar?

Bambi – Em Angola?

Marcelo – É. Quando, assim que voltou...

Bambi – Para Angola.

Marcelo – É.

Bambi – Na altura, como o país estava em guerra, está praticamente... E aquela zona da Cachito, onde nós conseguimos o terreno era uma zona de transição de combate entre o Exército Governamental e o Movimento Rebelde. Não é? Então nós tivemos que... Na verdade lançamos a semente, mas ó que na altura da colheita não conseguimos colher. Porque eram pessoas a procurar comida, era zona de combate, zona minada, e nós temos que abandonar tudo. Então o reverendo Francisco orientou-me de que eu em vez de fazer o trabalho do campo, que eu podia fazer a parte religiosa. Dar tempo ao tempo. E ao mesmo tempo fazer experiência na criação de frango natural. Então foi assim que consegui a casa de uma senhora, que eu tenho uma eterna gratidão, que ela também já partiu para o mundo espiritual, e lá consegui criar as condições e começamos a fazer a criação de galinha. Mas há um dado momento que eu

tinha um aprimoramento aqui no Brasil, tive que deixar e vir para receber a formação da parte religiosa. E quando eu voltei, a guerra ainda continuava, então fiquei na difusão, de 95 até praticamente o ano 2000.

Marcelo – Então de 95 a 2000 ficou mais na parte religiosa, pastoral?

Bambi – É. Exatamente. Final...

Marcelo – Na Igreja Messiânica.

Bambi – Final de 95, final de 95 fiquei na parte... Deixai de criar os frangos, o Reverendo orientou-me que tinha que receber a parte religiosa da Igreja Messiânica. E então de 95, de final de 95 até o ano 2000, estava na difusão.

Marcelo – E 2000...

Bambi – De 2000 a quando da visita do Presidente mundial da Igreja Messiânica o Reverendíssimo Watanabe a Angola, então eu estava na altura dedicando-me à República da África do Sul a fazer difusão, fui chamado, fui chamado do meu superior para ir a Angola porque nós tínhamos que recepcionar o Presidente mundial. E a partir dali recebi nova missão. Que nós tínhamos que começar com a agricultura natural no continente africano e especificamente em Angola. E praticamente o ponta pé de saída da agricultura natural foi dado a partir do ano 2000, a quando da visita do Reverendíssimo Watanabe a Angola. E lá também conseguimos ganhar um terreno do governo angolano, na Província do Bengo, na Comuna do Bom Jesus e é onde nós temos atualmente o nosso pólo de agricultura natural, que tem uma área de 10,5 equitares. É onde estamos a desenvolver os nossos trabalhos atualmente.

Marcelo – O quê que produz lá hoje?

Bambi – Nós produzimos lá abacaxis, quiabo, milho, repolho, couve, tomate, berinjela, jiló, cenoura, mandioca...

Marcelo – E hoje ele funciona com que objetivo, o pólo agrícola?

Bambi – Olha o pólo de agricultura natural do Bom Jesus, funciona como escola. É um modelo que nós temos ali, que é para mostrar à sociedade, que é possível nós produzirmos alimentos naturais. Deixamos de depender primeiro, dos adubos químicos. Segundo, da dependência de receber comida importadas de fora. Eu digo isso porque pelo método da agricultura natural, na verdade salva-se o agricultor. Então o pólo da agricultura natural é o modelo que está aí para ensinar aos agricultores, aos grandes e pequenos agricultores e a toda a sociedade, essa melhor forma de trabalhar a terra.

Marcelo – Então é um Centro de capacitação.

Bambi – É um Centro de capacitação, Centro de formação.

Marcelo – Qual é o público que frequenta esse Centro de capacitação?

Bambi – Olha, nós recebemos todo tipo de pessoas. Nós recebemos elementos ligados à nossa Igreja, Igreja Messiânica mundial...

Marcelo – Membros da Igreja.

Bambi – Membros da Igreja. Elementos que não são membros na realidade da nossa Igreja, nós recebemos. Elementos que vêm também de outros países. Nós na verdade acolhemos todos porque nós não fazemos distinção.

Marcelo – Não existe um pré requisito para aprender?

Bambi – Olha, todo mundo tem necessidade de comer, todo mundo tem necessidade de aprender, e então quando há forma de... Quando há facilidade, ou alguém apresenta interesse de querer aprender, nós não, nós não fechamos as portas. E quando mais, se trata de uma filosofia do cultivo a terra. E que é uma filosofia que vai salvar a África. Então nós não abrimos... Nós abrimos as portas para todo mundo. Não importa se é branco, se é preto, se é mestiço, se é amarelo, se é índio, nós abrimos as portas para todo mundo. E não importa também se é da nossa religião ou não. É. Nós somos abrangentes.

Marcelo – Hum. E como que o senhor entende as bases da agricultura natural? Como é que o senhor pode me explicar os princípios da agricultura natural?

Bambi – Olha, o que eu entendo, a agricultura natural, ela tem uma...

Marcelo – O quê que diferencia a agricultura natural das outras técnicas agrícolas, tanto alternativas orgânicas que existem por aí, como da convencional que é química? Qual é a grande diferença da agricultura natural? Que princípio básico Mokiti Okada lhe ensinou?

Bambi – Olha a agricultura convencional usa os produtos que como o elemento principal, que é para fazer crescer as plantas. Eles ficam dependentes desses produtos químicos e na verdade viciam a terra, viciam as plantas e eu tenho um produto, que no final eu tenho um produto intoxicado, ou envenenado. A agricultura orgânica não usa fertilizante, mas utiliza estrume. Utiliza esterco animal, e que na verdade só faz a substituição de fertilizante químico em esterco animal. Agora é o seguinte, o esterco animal também suja o solo, ???, suja o solo, suja a planta, não tem o produto cem por cento natural. Agora, no princípio messiânico, é o seguinte, o princípio é fazer manifestar a força do solo. Não utilizar nenhum produto químico, nenhum fertilizante, nem tão pouco esterco animal. Trabalhar com o material vegetal existente em cada região. Aí respeita-se as leis da natureza. Isso significa: a agricultura natural na verdade casa com as leis naturais. Porque olha, encontra o solo limpo, ele pelo contrário, o quê que faz? Ele revitaliza o solo. Não introduz nada, algo estranho na terra. Então significa que esse... Um solo hoje está que está a produzir pouco, usando um método da agricultura natural, ele vai ganhando vida. Vai ganhando a fertilidade, vai produzir mais. Mas já pelo método da agricultura convencional, mentira. Cada vez que você utiliza esses produtos químicos, vai empobrecendo o solo. Vai empobrecendo o solo. As plantas cada vez mais vão ter dificuldade. A produção, nos primeiros momentos aparece aparentemente boa. Folhas grandes, produtivas. Mas com o andar do tempo a produção vai decaindo. E é diferente da agricultura natural. Totalmente diferente. O método da agricultura natural, cada vez que você vai produzindo, vai aumentando. E outra coisa, no método da agricultura convencional, o quê que se nota que? Quanto mais vezes trabalhamos a terra você vê o empobrecimento do solo, acidez total do solo devido aos elementos estranhos que estão a entrar lá. Como os adubos químicos, os fertilizantes, os inseticidas, pesticidas, fungicidas, os aderentes. Todos esses são venenos que contribuem para a intoxicação do solo. E também, como é que fica o lençol freático? Quer dizer, destrói o meio ambiente. Essas são as diferenças principais que eu encontro. E sem ter... Sem nós citarmos ainda no valor nutricional dos alimentos. Porque com a agricultura natural nós obtemos um alimento rico, cem por cento natural, com energia vital, ao passo que na agricultura convencional o alimento já é pobre.

Marcelo – Quais são as maiores vantagens econômicas da agricultura natural?

Bambi – Vantagens da agricultura natural econômica. Primeiro, os gastos com... Os gastos com os produtos químicos a agricultura natural não tem. Até os gastos reduzem pela metade. Segundo, o volume de produção é maior na agricultura natural. Terceiro, não tem que passar por esses aparelhos que usam para proteger-se contra os venenos, perigo de envenenamento ou perigo de intoxicação. Outro produto... Outra vantagem super importante é que salva o agricultor. Muito. Ao passo que a agricultura convencional, ela coloca o agricultor em dependência, porque muitas das vezes ele fica endividado antes de colher a usa safra. Porque ele, antes de começar a trabalhar está a se endividar. Ele tem que comprar o fertilizante químico, tem que comprar os pesticidas e tem... Quer dizer, já assume um compromisso antes de ter o resultado final. Na agricultura natural o agricultor não, já não compra isso. Ele pratica a agricultura natural sem depender de... Sem depender, ou sem estar preso ao empresário, ao fornecedor desses produtos. Por isso que eu digo assim que é uma agricultura que salva também. E é uma agricultura abrangente a agricultura natural.

Marcelo – Ela é mais voltada para a agricultura familiar ou para grandes latifúndios? Ou pode ser usado nos dois?

Bambi – Olha, no meu ponto de vista, se nós aplicamos o princípio de horta caseira eu digo, começa-se em pequenas escalas a partir de hortas caseiras familiares. E a partir dali a pessoa ganha experiência, pode levar em grande escala.

Marcelo – Já existe esse trabalho de hortas caseiras na Angola?

Bambi – Já. Já existe. Já existe.

Marcelo – Quantas famílias já têm horta com agricultura natural?

Bambi – Olha, eu não poso dizer famílias, porque são tantos que praticam, que o número total que nós temos de horta caseira atualmente é de quatorze mil setecentos e setenta e duas hortas caseiras. Então fazer parte específica dizendo que são “x” famílias. Porque numa família, numa casa, por exemplo, pode ter três pessoas e que cada pessoa tem a sua horta. Então eu prefiro citar o número total e não o número de famílias.

Marcelo – Então no total de pessoas que estão praticando.

Bambi – É. O número total de hortas caseiras controladas.

Marcelo – Que tem cadastro, tem acompanhamento...

Bambi – Tem acompanhamento sim senhor.

Marcelo – E quem faz esse acompanhamento com essas famílias?

Bambi – Nós criamos uma equipe, coordenada pela engenheira Adriana ???...

Marcelo – Que também é engenheira agrônoma não é?

Bambi – Também é engenheira agrônoma.

Marcelo – Angolana?

Bambi – Não. Ela é brasileira. Está a dedicar conosco em África, e eu tenho muita gratidão. E então está na... Porque esse trabalho não dá para fazer sozinho. E porque é o seguinte, eu estava sufocado com o trabalho, então nós dividimos. Ele está acompanhando esse trabalho com alguns técnicos e ela coordena esse trabalho do controle das hortas caseiras. Recebe os primeiros elementos que chegam para ser formados, passam nas mãos dela. Ficam com ela durante duas semanas ou três semanas, dependendo do período que nós definirmos. Quando eles são aprimorados, vão receber a parte teórica, na sede central. E vão para o pólo da agricultura natural receber a parte prática. Então ali entra e contato diretamente com a terra. É isso que nós temos feito.

Marcelo – Então existe uma equipe que monitora as famílias?

Bambi – Sim.

Marcelo – Que dão acompanhamento, orientação a famílias.

Bambi – Exatamente.

Marcelo – Qual foi a maior dificuldade que as famílias enfrentaram?

Bambi – Olha...

Marcelo – Para poder ter a horta logo de início assim?

Bambi –...a maior dificuldade que encontraram é a falta d'água em muitos casos. Porque imagina-se, um país que acabou de sair da guerra, com a...

Marcelo – A guerra durou quantos anos?

Bambi – A guerra? Mais de trinta anos. Então, com a infraestrutura destruída, saneamento básico quase insistente. Agora é que estão a repor. Então muitos desses, muitas dessas famílias mudavam de um bairro para o outro. Encontrou melhor residência, mudam. E quando vai para lá às vezes não encontra água. E se encontra água é pouca, e com dificuldade tem que comprar. São essas dificuldades imensas que eles têm enfrentado. Então é isso.

Marcelo – E aí eles tiveram dificuldade em absorver a técnica?

Bambi – Olha, muitos deles não. Digo muitos não, porque a maior parte da população que reside na capital angolana são pessoas que fugiram da suas zonas de origem, fugindo da guerra, se refugiaram na Capital, onde ele tem segurança. E muitos deles já eram agricultores onde eles saíram. Tinha suas

pequenas propriedades, muitos deles não usavam adubo químico. Então eles já sabiam que quando nós introduzimos essa filosofia do Meishu Sama, da agricultura natural, que não usa nenhum adubo químico, eles até abraçaram e gostam. Para eles não é estranho não.

Marcelo – Porque já praticavam isso antes não é?

Bambi – Alguns praticavam outros não.

Marcelo – Como é que era o hábito alimentar do agricultor, antes da guerra e durante a guerra? Como é que ele praticava a agricultura? Era semelhante à agricultura natural, ou não tinha nada a ver com agricultura natural?

Bambi – Era uma agricultura primitiva não é? Porque na agricultura natural a gente utiliza a técnica, eles ali não, uma agricultura primitiva. Ele tinha a lavra dele, cultivava, levava para a família dele e o excedente é que às vezes levava nos mercados para poder vender. É assim que faziam. Agora...

Marcelo – Usavam então estrumes então, do animal.

Bambi – Há quem usava estrume, há quem usava, utilizava aquele método que pegava no capim e queimavam e a partir dali trabalhava a terra. E há quem, através de algumas instruções de agrônomos que apareciam, usavam adubo químico. Era assim. Isso dependia da família. Mas muitos, a maioria não usava... Não usavam fertilizante químico, porque ele precisava do dinheiro, para comprar o que ele não estava a produzir. Por quê que eu vou comprar um saco, ou três sacos de fertilizantes? Vou lhe dar um exemplo, por cinquenta reais, quando eu preciso de cinquenta reais para comprar roupa ou calçado para o meu filho? Então ele prefere produzir sem gastar nenhum centavo. Esta é a situação.

Marcelo – Existe alguma política pública do governo angolano para incentivar a agricultura no país, nas famílias?

Bambi – Sim.

Marcelo – Como é que é esse incentivo agrícola no país?

Bambi – Olha, aí a verdade é o seguinte, existe sim senhor. O governo angolano está a fazer tudo que está ao seu alcance, que é para Angola se tornar um país que exporta comida e não podemos depender do exterior. Porque na verdade é o seguinte, um país que passou em guerra, guerra trás consequências negativas, em todos os aspectos. Então ninguém não trabalhava. Nós é assim, a bandeira do povo de Angola é substituir a arma pela enxada. Agora, abandonamos as armas e agora vamos trabalhar a terra. E qual o esforço do governo angolano? Primeiro, desminar o país, para que aquela população possa trabalhar em condições de segurança. Segundo, a formação do elemento humano. Terceiro, estar a dar kits de enxada, de instrumentos de trabalho aos agricultores, para que possam trabalhar a terra e produzir alimentos. Terceiro, ou digo, quarto, o próprio governo angolano está a incentivar as direções provinciais da agricultura, para apoiar os camponeses.

Marcelo – Bem, dando continuidade a nossa entrevista, como é que o senhor vê a questão da distribuição das terras no país? Como é que o governo divide essas terras para a população? Como é que é feito isso?

Bambi – Há um princípio básico aí. A terra no meu país não era para ser vendida. Era do Estado. Quem quiser trabalhar a terra o governo cede a terra para trabalhar. Mas não é para ser vendida. É um documento. E a partir, se você... Ele te dá esse documento, se durante o tempo marcado, um exemplo. Vou dar um exemplo. Você foi requerer, precisa de uma parceira/parceria para trabalhar na terra, tem seis meses para você poder entrar em ação. Se dentro dos seis meses você não trabalhar a terra, isso significa que você ocupou sem fazer nada. Então perdes o direito. Não é que você vai comprar a terra. Não se compra, não se vende terra lá. Você, te dão o direito de trabalhar a terra, como se fosse uma ligação, mais nada. Porque a terra é para quem trabalha, não para quem ocupa. É isso.

Marcelo – E há, acha que há alguma desigualdade nessa distribuição de terras? Tem gente que é mais favorecido do que outros? Tem alguma questão que entra aí, política nessa distribuição de terras ou não? Quem chegar lá e pedir tem?

Bambi – Eu acho que não... Eu não acho assim a desigualdade, porque são diferentes profissões, e cada um vai onde se sente melhor. Quem é agricultor vai buscar a terra, quem é comerciante vai no comércio,

quem é operário vai nas fábricas. E por isso na questão de terra eu não acho isso, porque todo mundo que vai para lá...

Marcelo – Então a terra, a distribuição da terra não é um obstáculo para o avanço da agricultura?

Bambi – Não. Nosso país é muito grande, tem muita terra. E temos até terras que ainda nunca foram exploradas, e férteis. Por isso eu não vejo nenhum inconveniente. Não. Eu não vejo. ????. O que é preciso é mostrarmos trabalho e ao mesmo tempo arregaçarmos as mangas para começarmos a trabalhar.

Marcelo – Que tipo de ajuda, que tipo de apoio o país recebe, no que diz respeito aos incentivos agrícolas? Tem alguma ajuda da ONU Internacional? Apoio de especialistas que vêm de fora? Há doação de material e equipamento? Como é que essa ajuda funciona lá no país?

Bambi – Nós temos recebido. Sabes que um país que acabou de sair de uma guerra agora. Nós temos recebido sim apoio, fundamentalmente das Nações Unidas, para poder alimentar muitas dessas populações que estavam em zonas de risco, que foram retiradas. Estão em zonas mais seguras por causa da alimentação. Aí nós recebemos esse tipo de apoio. Nós também temos recebido apoio de algumas Instituições não governamentais. E como a guerra acabou, há necessidade de desenvolver o país, então nós temos que dizer o seguinte, pararmos com as importações que ao podemos depender de fora e produzirmos nós próprios. Isto é que está a fazer. Então esse esforço complementar que o governo angolano está fazendo, importar máquinas para nós começarmos... Para fomentarmos a produção interna. Porque essa dependência de fora tem os seus riscos também. Até quando, uma criança que já tem dente começa-se a dar leite, papas, senão você debilita a criança.

Marcelo – Qual é o sistema político que rege o país?

Bambi – Sistema político? Aí olha, economia de mercado. Então trabalha, apresenta o solo as autoridades, e vende. Já...

Marcelo – Eu acho que eu não me expressei bem. Que tipo de regime, socialista lá, comunista, é uma democracia o país?

Bambi – Olha, comunismo não. Aí o meu país adotou a política de multipartidarismo isso significa que ele é um governo democrático. Ali formou-se vários partidos políticos, formou-se primeiro ??? nacional. Sistema comunista socialista já foi extinto.

Marcelo – A guerra acabou em que ano exatamente? Em que mês em que ano?

Bambi – Fevereiro de 2002.

Marcelo – A guerra civil em terra?

Bambi – Sim.

Marcelo – Não é? Uma guerra de dependência.

Bambi – Em 75. Mas houve a guerra das potencias. Que estavam a patrocinar os nacionais, então na verdade houve assim uma guerra de interesses políticos.

Marcelo – Entre os próprios partidos?

Bambi – Entre as potencias. Sabes que o meu país...

Marcelo – Foi a guerra fria não é? Na verdade. Estados Unidos e União Soviética.

Bambi – Exato.

Marcelo – Que financiavam os partidos políticos...

Bambi – Exato.

Marcelo – ...dentro de Angola.

Bambi – Exato. Depois da independência, essas potências, cada um queria subtrair algo de Angola. Porque eles sabem que Angola é um país rico em recursos minerais. Então eles apoiaram esses partidos, com objetivos. Não é só libertar aquele povo da escravidão, ou da colonização portuguesa. Mas é que eles tinham já objetivos definidos e compromissos com alguns nacionais. Então por isso que essa guerra se prolongou muito. Infelizmente. Depois, mesmo depois da independência, o nosso país sofreu uma evasão. Evasão de forças externas. Aí nós vimos a evasão das forças sul africanas. Sul africanas àquela altura é forças racista da África do Sul. Eles não queriam a independência em Angola, como não queria a independência da África do Sul, não queria a independência da Islâmia, não queria do Zimbábue. E como eles sabiam que Angola estando independente... Se antes de estar independente já apoiava os movimentos de libertação desses países, então, com Angola independente a ajuda de libertação desses países seria a cem ou duzentos por cento. Então o quê que o Exército racista sul africano fez? Atacou Angola. Mas isso não foi só o Exército racista da África do Sul. Também o Exército regular do ???, que na altura o presidente era o falecido ???. Também invadiu Angola. Não bastou só isso. Havia um movimento rebelde também, que buscou forças externas e começou a combater Angola. Por isso que a guerra de Angola durou muito tempo. Entre parênteses guerra civil, mas patrocinada pela potências ocidentais. É só isso.

Marcelo – E qual a contribuição que o senhor acha da agricultura natural, ela pode dar para Angola, com relação à miséria e a fome e a doença que se alastra pelo país? Que contribuição a agricultura natural pode dar?

Bambi – Utilizando o método da agricultura natural, o meu povo vai deixar de ser mendigo, para não depender de receber comida que vem de fora. E esta comida que nós estamos recebendo de fora, toda ela é intoxicada com produtos químicos, inseticidas. E, além disto, não podemos deixar que o meu povo fique a depender de fora. Nós recebemos um lixo. O que eles negam lá fora é que eles mandam para nós. Até...

Marcelo – Então Angola ainda importa muito alimento?

Bambi – Não. Nós agora estamos a fazer o seguinte. Estamos na época de desminar o país. Agora, as zonas que já estão desminadas estão sendo trabalhadas. Agora, o que faz falta é o seguinte, é capacitarmos o homem, que é para poder dominar a técnica de produzir alimentos.

Marcelo – Então o grande obstáculo hoje é a falta de capacitação do elemento humano?

Bambi – Humano.

Marcelo – Da população que ficou muito tempo analfabeta...

Bambi – Exatamente.

Marcelo –...e não tem técnicos especializados para desenvolver a agricultura.

Bambi – O que temos é insuficiente. O país é muito grande. Então...

Marcelo – Então é necessária essa escola aí...

Bambi –...é necessária a formação do elemento humano. Pro isso que nós optamos para construir uma escola para formarmos os nossos jovens. Não há nenhum país que se desenvolva sem a agricultura e não há nenhum país que quer entrar no mundo civilizado sem a formação do homem.

Marcelo – Quais são as experiências que o senhor tem com a prática da agricultura natural? O quê que o senhor já viu em produtores, o quê que o senhor já viu acontecer, que realmente possa ir ao encontro dos interesses internacionais, principalmente no que diz respeito ao aquecimento assim, global? Não é? Porque a gente sabe que o aquecimento global vai trazer muito calor e ao mesmo tempo muita chuva e intempéries climáticas. Já viu algum caso lá na Angola, que a agricultura natural teve bom resultado?

Bambi – Já. Vamos partir de um exemplo muito simples. O exemplo do próprio pólo da agricultura natural de Bom Jesus, que quando antes de nós começarmos com aquele trabalho da agricultura natural, aquela parcela, produziam aí cana de açúcar. E muitos dos produtores que nós encontramos ali, eles diziam o seguinte, há certas culturas aqui, como abacaxis, não vai dar resultado porque nós já experimentamos não deu nada. A produção de arroz também não deu nada. Eles limitavam-se a cultivar só couve, repolho, tomate e quiabo. Então o quê que nós fizemos? Utilizando o método da agricultura natural, vivificando o solo, usando o bocaxe e o microorganismo eficaz, o EM, houve uma mudança

radical. Até solos que eram improdutivos começaram a produzir. Atualmente nós estamos oitenta por cento do nosso terreno está sendo recuperado. E que muitos diziam que não dava nada.

Marcelo – O quê que é esse EM que o senhor está falando?

Bambi – São microorganismos eficazes. Esse é um dos elementos... É um dos instrumentos...

Marcelo – Isso é químico ou biológico?

Bambi – Biológico. É um dos elementos, é um dos instrumentos que nós utilizamos que é para podermos trabalhar o material vegetal existente. Ajuda na composição do material.

Marcelo – Ajuda...

Bambi – Eu vou dar um exemplo. Existe na natureza. Se o senhor, se o senhor, por exemplo, consome leite, os mesmos microorganismos que se encontra no leite também estão ali. Por isso que não é ofensivo, é inofensivo. Por isso que não é nada estranho não. Tem...

Marcelo – São os microorganismos benéficos...

Bambi – Benéficos.

Marcelo –...da natureza.

Bambi – Sim. E ele...

Marcelo – E o bocaxe?

Bambi – Bocaxe é uma terminologia japonesa, que significa conjunto de vários farelos naturais, que são fermentados com esses microorganismos. É aí formamos o, o nosso composto que nós chamamos de bocaxe. Então as terras que eram improdutivas, com a utilização desses dois elementos, com o material existente, ali recuperam a força naturalmente.

Marcelo – Mas a agricultura natural, ela está ligada à utilização desses elementos ou não?

Bambi – A agricultura natural?

Marcelo – Está ligada ao uso do EM e do bocaxe ou não?

Bambi – É o seguinte, na altura quando o nosso mestre Meishu Sama estava em vida, não havia bocaxe, trabalhou com o material vegetal existente. Logo, eu não vejo, não posso condicionar o bocaxe e o EM que é igual à agricultura natural. Porque o nosso mestre fez agricultura, não usou EM, não usou bocaxe. Agora, utilizou-se esses elementos como elementos que ajudam a acelerar a decomposição de matéria orgânica no solo. Aí sim. É só isso. Agora, que tenho experiência, outras experiências que eu tenho marcantes com o emprego da agricultura natural, é o seguinte, há produtores que saem de uma situação miserável, para uma situação favorável. Tenho prática, porque eu estou a acompanhar produtor em várias províncias do país. Eu estou a acompanhar. E também as zonas... Vou lhe dar um exemplo. Passou, o ano passado, no mês de fevereiro, uma grande chuva, uma carga de chuva que caiu no nosso pólo agrícola. E nós temos os nossos canteiros de alface, temos um bananal, em que pela primeira vez caiu a neve e quando nós fomos ver, antes da chuva parar, fomos ver os canteiros estavam todos brancos, cheio de granizo. Chuva de granizo caiu e eu disse o seguinte caramba! Pela primeira vez em Angola logo isto? Alguma coisa a grande natureza quer mostrar. Então a chuva acabou e também cheio de vento. Ventou bastante. O Ministério da Agricultura, o quê que ele fez? Como houve danos, mandou uma equipa de técnicos, para fiscalizar os produtores, para ver o estrago que fez nas plantações. Ele deu apoio para aqueles que perderam. E quando chegou na nossa propriedade ele disse o seguinte, ah nós não vamos ajudar vocês. Por uma causa muito simples, houve chuva torrencial com granizo, ventou bastante, vocês não perderam nada. E eles me perguntaram por quê que ventou e nós não perdemos nada. Eu disse não. Porque é o seguinte, nós utilizamos o nosso método de agricultura natural, não usamos nenhum tipo de químico. Isso significa que a nossa, as nossas plantas absorvem os alimentos naturalmente e a raiz é muito mais profunda. Então ele consegue aguentar qualquer tempestade. Tanto é verdade, que aquele granizo que caiu ali, a água se infiltrou rapidamente e aquilo no dia seguinte estava em estado normal o bananal. Havia um ou outro bananal que caiu devido o peso, porque ventou bastante. Mas o resto nós recuperamos. Agora, quando vamos ver do outro lado, do outro lado significa dos outros produtores que não usam o

nosso método, eles perderam banana por completo. Tanto é verdade que houve produtores, que tiveram que dispensar os seus trabalhadores, durante quatro meses. Porque ele dizia o seguinte, eu não sei como é que eu vou pagar esses trabalhadores ??? comigo. Não tem nada. Eu dependo da produção da banana e a banana toda caiu. Então dispensou os trabalhadores. Isso é para dar um exemplo, da vantagem do método da agricultura natural. Realmente. Por que também isto? Porque com a profundidade da raiz, ele consegue aguentar, suportar é porque ele consegue reter a umidade. Qualquer tempestade que vier, frio, vento, tudo ele resiste. Agora, quem coloca adubo químico o quê que sucede? Ele, a planta cresce sim senhor, mas cresce com a força dos adubos, cresce com a força do esterco animal, e qualquer tempestade que vem. Ele não tem uma raiz fixa. Vai. E é o caso deles, eles perderam. Eles depois vieram pedir orientação. Eu disse não, a orientação, participem do curso que nós estamos a dar. É assim que nós temos conquistado essa população, é assim que são esses exemplos práticos que nós temos tido quanto à agricultura natural. E sem contar ainda com o consumo e os milagres que surgem do alimento natural.

Marcelo – Tem tido experiências com pessoas que se alimentaram com esse tipo de alimento?

Bambi – Tenho sim. Tenho porque o primeiro e sempre o número um é o próprio. Houve uma altura em que eu não respeitava muito o horário da alimentação. Quando eu fosse para o campo às vezes almoçava as doze, às vezes almoçava às dezesseis horas e então aquele transtorno. E começou a me trazer consequências. Resultado foi necessário regulamentar. Ajustei o meu horário de alimentação consumindo só produtos naturais e tomando suco de couve. E eu restabeleci. E recebendo, temos recebido membros que vão dedicar para o ano, o povo da agricultura natural, muitos deles até doentes debilitados. Tenho nesse preciso momento a presença de uma criança que há cinco dias já não comia. Recebendo johrei não dava nada. Não tinha resposta. Mesmo com a prática do solo, recebendo johrei, nada. A mãe desesperada, através de um irmão que é membro, disse leva no pólo de agricultura natural. O homem levou para lá a mãe, nós dissemos a mãe, mãe pode dedicar faz favor. Vai, dedica, vai lá conversar os teus antepassados e dedica. A verdade é esta, recebendo o johrei a criança não recuperou. Mandamos que a senhora tinha que comprar maracujá. Maracujá produzido por nós, pelo método da agricultura natural. Fizemos, preparamos o suco de maracujá e demos na criança. Naquele instante a criança levantou e começou a reagir. A partir dali que foi mal no colo, a verdade é esta a criança saiu a andar. Este é um dos exemplos. Temos gente que... Temos acompanhado gente com problemas de diabetes, consegue superar com alimento natural. Acompanhamos gente com problema de tuberculose, com o alimento natural e o johrei eles recuperam. Temos acompanhado gente com problema de aids, com o alimento natural o nível de CD baixa completamente. Temos prova disso, deste reforço de alimento natural.

Marcelo – Qual é a sua função hoje na Igreja Messiânica de Angola?

Bambi – Eu sou Ministro de Confissão religiosa.

Marcelo – O senhor é Ministro da Igreja Messiânica mundial de Angola...

Bambi – Sim, sou.

Marcelo –...se tornou Ministro quando?

Bambi – Tornei Ministro em dezembro de 2000.

Marcelo – E hoje a sua função atual dentro da agricultura natural?

Bambi – Eu sou o responsável da agricultura natural pela África. Do Continente africano.

Marcelo – Como que o senhor entende essa relação entre a Igreja Messiânica e a agricultura natural? Não é? Acha que foi uma ajuda, ou foi uma dificuldade dentro do país, essa relação com a Igreja Messiânica, uma religião nova, dentro de um país com uma outra cultura, expandindo uma agricultura, na qual a mantenedora é uma Igreja japonesa? Como é que o senhor vê? Achou que isso foi uma dificuldade para o avanço da agricultura no país ou não?

Bambi – É pelo contrário. Não é dificuldade, pelo contrário, até aquela Igreja, a Igreja Messiânica entrou para salvar o povo de Angola, em particular e em geral o povo africano. Porque se nós continuarmos com os métodos atuais da agricultura convencional, o africano nunca vai se salvar. Nós temos que ter eterna gratidão à Igreja Messiânica, por levar os ensinamentos do Mestre Meishu Sama em África, e com a filosofia da agricultura natural. Eterna gratidão.

Marcelo – O senhor não acha que é uma forma da Igreja difundir, utilizando a agricultura como instrumento?

Bambi – Não. Eu não acho, porque é o seguinte, não conheço ninguém no mundo que deixe de comer. Todo mundo come. E a quem não pertence à religião come, e os que pertencem à religião come. Por isso não é um caminho que a Igreja encontrou usando a agricultura para trabalhar, pelo contrário até, pelo contrário. A Igreja é para salvar através da agricultura. Tem que salvar. Imagina-te quanto anos de guerra no meu país? Quantos ânimos de pessoas estão aí alterados? Como é que vamos apaziguar os espíritos dessas pessoas? Dos parentes que já morreram. Então a Igreja tem um papel preponderante, para ajudar essas pessoas. Mas não vamos utilizar aquela mesma política que colonelista usava. Utilizava a Igreja para apaziguar, mas em contrapartida por detrás a própria Igreja que fazia política para derrubar os nacionais. Atualmente com a Igreja Messiânica é totalmente ao contrário. Vai para ajudar a salvar aquele povo. E ensina coisa que nunca aprendeu. Porque quando se cura uma doença sem recorrer a nenhum remédio, quando me ensinam uma agricultura natural e não tem que estar a depender de terceiros. Quando me tiram da miséria e do conflito, ah, pelo amor de Deus. O quê que o homem espera para ser feliz? Então por isso que não pode correlacionar. Além disso, que eu saiba, a única Igreja que promove a agricultura e que mostra o caminho correto para salvar a pessoa é a Igreja Messiânica. As outras Igrejas só pregam a palavra de Deus e não mostram o caminho da verdade como este que a Igreja Messiânica mostrou através da agricultura natural.

Marcelo – Não abrem não é? O leque para o meio ambiente, para educação, para a saúde não é? Isso.

Bambi – É. Aliás, o que eu sinto, vejo n'outro, está claro para mim, na verdade a Igreja Messiânica é abrangente. Porque assim, já disse no início não é? Respeita o meio ambiente, se respeita o meio ambiente é porque respeita o homem. É só isso.

Marcelo – Então por quê que o senhor explica que a maioria dos praticantes são membros da Igreja Messiânica de Angola?

Bambi – Temos que partir de um princípio... A maioria não, porque nós estamos a fazer um trabalho de conscientização. Porque nós não obrigamos ninguém a ser membro da Igreja Messiânica à força. Vamos partir desse princípio. Se torna membro da Igreja Messiânica aquele que tem afinidade com os princípios da Igreja Messiânica. Porque numa sociedade... Nós encaminhamos, nós falamos. Eu não posso obrigar o senhor a aceitar uma teoria que o senhor não gosta. O senhor só aceita e vais me aderir se estiveres de acordo. Então o mesmo princípio nós utilizamos. Eu converso com a pessoa, olha os princípios da minha Igreja são estes, os benefícios são estes. Nós temos três colunas da salvação, que é o johrei, a agricultura e a flor, o Sangueso. A pessoa se aderir numa dessas três colunas, vamos, continuamos. Porque há quem não gosta do johrei, mas gosta da agricultura. Então não vou tocar no johrei, mas vou orientar naquilo. Porque o Mestre Meishu Sama orienta na agricultura. Ele na verdade já está fazendo o que o Mestre orienta, mas não recebe johrei. E com o tempo, às vezes aquele não gosta da agricultura, não gosta do johrei, mas está na flor. Está bom. Por isso que não obrigamos ninguém. Cada um, mediante a sua afinidade opta pelo que ele quer. E, além disso, não é que em Angola a maioria são membros e outros não. Estamos a fazer um trabalho contínuo de conscientização da nossa população. E ao mesmo tempo encontrar as ????. Este é o trabalho que estamos a fazer.

Marcelo – A segunda parte da história da agricultura natural em Angola. É... A partir do ano de 2000 começa a funcionar o pólo agrícola do Bom Jesus. Não é?

Bambi – Sim.

Marcelo – E qual é o papel, o quê que é a Africarte? E qual é o papel que ela desempenha hoje na sociedade angolana?

Bambi – Africarte?

Marcelo – O quê que significa a Africarte?

Bambi – Associação para desenvolvimento da agricultura natural, a arte da cultura africana.

Marcelo – Ela foi fundada junto com o pólo em 2000, ou depois?

Bambi – Esta foi fundada depois. Porque na verdade é uma Instituição que apóia a agricultura natural. Nós temos que separar. A Igreja faz a parte religiosa e a Africarte vai a parte técnica.

Marcelo – Onde é que é a sede da Africarte?

Bambi – Em Luanda.

Marcelo – Na cidade de Luanda.

Bambi – Na cidade de Luanda.

Marcelo – Em que bairro?

Bambi – No bairro Bacolosso. Na Avenida Dr. Frederico ??? número 91.

Marcelo – Hum, hum. Quando inaugura a Africarte, o senhor já era o responsável da agricultura natural do projeto?

Bambi – Sim.

Marcelo – Não é? Quando começou o projeto das hortas caseiras, qual foi a maior dificuldade não é? Que enfrentou. Que as famílias enfrentaram nas várias regiões da Angola, com esse projeto de hortas caseiras, quais foram as maiores dificuldades dos produtores do interior? O quê que eles mais se queixavam, na utilização de um método novo que eles não conheciam?

Bambi – O problema principal nas hortas caseiras era a água mesmo, nos bairros. Porque nem todos os bairros a água é canalizada.

Marcelo – E o solo de Luanda é bom para plantar?

Bambi – O solo de Luanda também era um outro problema. Em alguns lados era um solo ruim, semi arenoso, em que... Um outro problemas também eram as sementes, que na altura não tinha muita sementes para poder semear. Mas com o trabalho paulatino, com os aprimoramentos que fomos dando, as orientações que fomos dando, eles foram participando, tanto na nossa sede central, quanto no pólo agrícola do Bom Jesus, nós fizemos aulas práticas, aulas teóricas e mostrávamos a eles. E eles foram praticando. E a partir dali foram corrigindo os erros e superando as dificuldades que tinham. Mas fundamentalmente a falta de água, este é o que mais abalou aos nossos praticantes da agricultura natural. Porque quanto aos solos, com o que eles viam no pólo agrícola, como nós preparávamos o solo, ensinava como é que se usava o bocaxe e o EM, eles aí foram superando. Agora, quanto aos produtores, os produtores na altura, estavam a enfrentar muitos deles, a falta de material, como eletro bomba, que é para poder regar as suas culturas. Porque imagina tem um produtor que está a começar agora, não tem capital financeiro para poder suportar os encargos da produção. Então este era um dos motivos principais. Então nós orientávamos para começar a trabalhar em pequenas parcelas e vai ampliando aos poucos. Vou lhe dar um exemplo. Se alguém tem, por exemplo, vinte equitares, e ele começar por um equitare, eu tenho que bater palma, porque ele está a começar agora. Primeiro, agradeço por ele aceitar o nosso método. Segundo, ele vai praticar. Terceiro, ele... Nós até orientamos o seguinte, um equitare, ou meio equitare, produz conforme ele tem produzido com produto químico e no outro faz o nosso método. E compara os resultados, compara a mudança do sol, e compara o sabor dos alimentos. E nós temos tido boas respostas. E temos recebido mesmo até informações deles próprios. Não somos nós. Nós deixamos como tarefa. E quando nós vamos visitar o produtor pela segunda ou pela terceira vez, encontramos a experiência dessa natureza. Eles dizem, não, fiz isso resultou isso. E às vezes fazem o seguinte, produz os dois métodos, o convencional e o natural, e que o nosso produto tem muito mais vida e tem muito mais vigor do que o convencional. Eles poupam, abandonam o convencional. Então assim, se o produtor fazia, trabalhava, por exemplo, um equitare, como ele já está animado, viu que ele gastou menos também, produziu mais em pequena área e aqui na convencional fazia até maior parte, optam o ampliação de produção pelo método natural. Dificuldades não faltam sim senhor. Mas fundamentalmente a quem está a fazer em grande escala, para conseguir, por exemplo, equipamento motor bomba, isso sim. As mangueiras, até que se capitalize, então leva tempo. São estas as dificuldades que tem enfrentado.

Marcelo – O senhor acha que o mercado de venda dos produtos é uma vantagem ou uma desvantagem? Existe mercado para vender os produtos, ou tem dificuldade para transportar, para comercializar os produtos do campo na cidade? Como é que é essa dificuldade? Como é...?

Bambi – Nós vamos implementar uma política com relação aos produtos que são produzidos no pólo de agricultura natural, e que tem um consumo de cem por cento. Até, na verdade é o seguinte, nós no início

começamos, porque os nossos membros é que compravam, mas no início. Mas depois abrimos as portas para todo mundo. Membro, não membro pode comprar. E o quê que tem se sucedido? Muita gente e a produção é pouca. Então nós, por isso que optamos, o pólo agrícola é um modelo. Sendo modelo os produtores vão para lá, recebem orientação, recebem as aulas práticas, vão produzir. Agora esses produtores como vão produzir em grande escala, a política que implementaremos, nós compramos a produção e revendemos. Porque um produtor que não tem meios de como evacuar aquela produção, senão desmotiva ele, então nós compramos, ele livra-se do produto, recebe o dinheiro dele, continua a produzir e nós canalizamos em canais próprios. Porque nós temos mais muito, muita gente que precisa de produto natural. E futuramente pensamos como, ou vamos copiar o bom exemplo do Brasil, arranjar lojas de produtos naturais. Tanto é verdade que já fui solicitado várias vezes em Entidades governamentais, para ver se podíamos abrir lojas colocando o reclame, produtos da agricultura natural e passamos a vender. Porque nós temos recebido muita gente de várias nacionalidades, de várias camadas a solicitar os nossos produtos.

Marcelo – Por quê que num certo momento pediu apoio do Centro de Pesquisa no Brasil, com a visita do Ministro Ota, que é o coordenador do Centro de Pesquisa, em viagens a Angola?

Bambi – Eu acho que não há nenhum pai que faz um filho e abandona. Então eu sendo filho do Centro de Pesquisa da Fundação Mokiti Okada, eles não podiam me abandonar. E quando eu, em qualquer trabalho, quem trabalha encontra dificuldades. E se eu não consigo superar dificuldades, isso é super normal, que eu receba apoio do Centro de Pesquisa. É comum um filho que está a crescer em casa, ele recebe a orientação dos pais, há um dado momento quando o filho se acha de que já está capaz de caminhar sozinho, mas caminha encontra obstáculo, ele solicita por os pais. É como eu faço. Então para mim o Centro de Pesquisa é o meu suporte, é a minha orientação, é a minha bússola e não posso me desligar dela. Por isso a essa vinda recebi formação e quem sabe essa ajuda que eu tenho solicitado aqui, sempre continuaremos. Sempre. Porque eu tenho eterna gratidão ao Brasil, aos seus técnicos e aos seus filhos.

Marcelo – Qual é a sua infraestrutura hoje, que o senhor dispõe para trabalhar e expandir a agricultura natural? Além do pólo agrícola, de que tamanho é a sua equipe? Quantas pessoas o senhor dispõe?

Bambi – Atualmente tenho uma equipa de dezoito pessoas.

Marcelo – Da área de agricultura? São técnicos?

Bambi – Uns técnicos e outros em formação. Técnico especificamente tenho, tenho a engenheira Adriana, tenho três técnicos. O resto está em formação.

Marcelo – Também na área de agricultura? Estão...

Bambi – Também na área de agricultura.

Marcelo – Estão se formando técnicos agrícolas?

Bambi – Sim.

Marcelo – Mas engenheiro só tem o senhor e a engenheira Adriana?

Bambi – Sim, sim.

Marcelo – Hum, hum. Dezoito pessoas então conta hoje a equipe?

Bambi – Exato.

Marcelo – E de voluntários que expandem as hortas caseiras?

Bambi – Ah esse é que é um número grande. Muito grande mesmo. Vamos partir de um princípio que uma orientação que nós demos na nossa Igreja, que cada membro tem que ter a sua horta.

Marcelo – Não acha assim, quem monitora essas famílias?

Bambi – Quem monitora? São monitorados pela engenheira Adriana, que tem uma equipa já formada que acompanha.

Marcelo – De voluntários.

Bambi – Sim. Eles recebem...

Marcelo – Eles não são funcionários, são voluntários.

Bambi – São voluntários. Vão para lá, porque assim, nós... Há um plano já existente em que cada Unidade tem um dia para dedicar no pólo agrícola. Como tem um dia para dedicar no pólo de agricultura... E o que vai no pólo agrícola, essa Unidade que vai para lá com os me e freqüentador até a primeira vez, depois da dedicação, recebem aulas de agricultura natural. E eles vão nas suas casas e praticam. É assim que nós temos feito.

Marcelo – Bem vamos entrar numa terceira parte do projeto, que é a avaliação do projeto.

Bambi – Sim.

Marcelo – Foi feito algum estudo de viabilidade desse projeto antes?

Bambi – Não porque, nós recebemos... Eu recebi a orientação do nosso Reverendo Francisco e não se foi feito. Porque o seguinte, na altura, o país em guerra, nós precisávamos de produzir o mais rápido possível, alimento para poder dar de comer a nossa gente. Então...

Marcelo – Mas dispunha de recursos humanos e financeiros nessa época, para fazer isso?

Bambi – Dependíamos muito da vontade dos membros que estavam a aderir a nossa filosofia. Então nós, os recursos não tínhamos, mas a boa vontade e aquela capacidade de poder trabalhar e produzirmos alimento, levou com que o pessoal aderisse o nosso método...

Marcelo – Então houve um grande movimento voluntário...

Bambi – Sim.

Marcelo – ...para iniciar o mais rápido possível essa agricultura natural?

Bambi – É isso mesmo.

Marcelo – Por isso que não se foi feito estudos de viabilidades?

Bambi – Exatamente.

Marcelo – Não é? E o projeto piloto, existe... Existia um projeto piloto, onde foi feito os testes para verificar se a agricultura natural funcionava ou não?

Bambi – Olha, esses eu já não tenho dúvidas da agricultura natural a partir do estágio que eu fiz no Brasil. E mesmo estando no Brasil, eu não passei só no nosso Centro de Pesquisa, porque também através de colegas, nós rodamos no interior do Estado de São Paulo, em várias localidades visitando produtores. Eu não ouvi só os membros que estavam ligados à nossa Instituição. Ouvi até elementos que praticavam o método da agricultura natural, que não estavam ligados à Igreja Messiânica. Eu via os resultados, por isso para mim eu não tinha dúvida. Eu não tinha. Quando levei a prática em Angola já tinha a certeza do que estava a fazer...

Marcelo – Mas antes de começar as hortas caseiras, existia já o Bom Jesus com a prática da agricultura natural.

Bambi – Que antes sim, sim, sim, sim.

Marcelo – Então já existia um projeto piloto basicamente.

Bambi – É. O princípio...

Marcelo – Que era o pólo agrícola.

Bambi – O pólo agrícola. Todo o trabalho...

Marcelo – Que é onde foi feito os testes.

Bambi – Todo o trabalho nasceu do pólo da agricultura lá de Bom Jesus.

Marcelo – E quem é a mantenedora do trabalho hoje?

Bambi – Quem mantém, quem...

Marcelo – Financeiramente o trabalho?

Bambi – É a Igreja Messiânica mundial de Angola.

Marcelo – E no começo, bem na concep... Bem no início, lá para 2000 não é?

Bambi – Sim.

Marcelo – Quando começou esse trabalho a ganhar mais força, a equipe era quantas pessoas?

Bambi – Era uma equipa de cinco pessoas. Cinco.

Marcelo – Quantos técnicos desses cinco?

Bambi – Dois. Eu e mais um técnico só. O resto...

Marcelo – Que era o que? Engenheiro também não?

Bambi – Não. Técnico médio.

Marcelo – O restante era tudo voluntário.

Bambi – Tudo voluntário.

Marcelo – O senhor não acha que houve um crescimento muito pequeno, de cinco para dezoito pessoas em dez anos?

Bambi – Não porque temos que ver o nível de escolaridade das pessoas. E, além disso, a carência de quadros que nós temos do país. Se fosse um país como o Brasil que tem muitos quadros, era está bom diria que sim. Mas o meu país é na verdade, o colono português deixou aquele país nu, sem quadros. E os poucos que temos vão trabalhar a busca das melhores condições. Não é? Agora nós estamos a fazer um trabalho de base. Nós temos que formar os nossos quadros, dentro dos princípios messiânicos. Só isso.

Marcelo – O texto do projeto existe, alguma coisa escrita?

Bambi – Tem sim senhor. Nós estamos a fazer o historial não é? De como foi fundada... Como é o início da agricultura em Angola, sim senhor está escrito.

Marcelo – Mas o projeto com as metas, existe?

Bambi – O projeto com as metas estabelecidas...

Marcelo – A cada ano é feito um projeto com essas metas...

Bambi – Nós temos metas.

Marcelo –...com o quê que tem que ser alcançado esse ano...

Bambi – Sim, sim.

Marcelo – Quanto vai ser gasto.

Bambi – Sim, sim, sim. Esse trabalho tem sim. Tem sido feito.

Marcelo – Existe não é?

Bambi – Existe.

Marcelo – A cada ano o senhor acha que as metas estão sendo alcançadas, ou está indo lentamente, mas está avançando?

Bambi – A cada ano, em algum... Dependendo de cada cultura, nós estamos a conseguir uns resultados até melhores. Há outros, que dependem também de problemas que enfrentamos em cada um. Vou dar um exemplo, se eu estiver a produzir, por exemplo, tomate, e que me falta a energia, e quando me falta a energia falta água, porque eu tenho a eletro bomba montada no rio, porque tem que puxar com a presença de energia. Se não tenho a energia minha moto bomba não arranca. E dependendo, se os técnicos vêm e superam a questão da energia, eu tenho água, rego as minhas plantas normalmente. Mas se não regam, fico uma semana, um mês sem arranjar e não tenho energia, aí sofro. Tenho queda na produção. Mas há realmente sinais de avanço em relação aos primeiros anos, porque as dificuldades fomos minimizando já. E também dependendo como o senhor sabe, respeitando as épocas de cada cultura e das chuvas, nós jogamos muito com esse fator. Há culturas que se adaptam e há outras que não. E nós estamos, por exemplo, a trabalhar numa zona e que é duas vezes mais quente do que a província lá na capital. Pro isso que, do meu ponto de vista, a maior parte das metas são cumpridas, são ???.

Marcelo – A capacitação da equipe hoje é feita pelo senhor e pela engenheira Adriana é isso?

Bambi – Sim, sim.

Marcelo – Que capacita diretamente.

Bambi – Diretamente.

Marcelo – A Africarte recebeu algum apoio externo, a não ser da Fundação Mokiti Okada no Brasil, ou outras Instituições apoiaram também o trabalho? Ou estão apoiando?

Bambi – Nós recebemos apoio sim da Fundação Mokiti Okada, recebemos também... Eu me recordo que o trator, o primeiro trator que nós compramos ali foi com a ajuda do Presidente mundial, o Reverendíssimo Watanabe. Então nós conseguimos comprar o trator e que está impulsionando as nossas atividades.

Marcelo – O senhor acha que existem recursos financeiros... Que os recursos financeiros e humanos hoje, são suficientes para tocar o trabalho, para o desenvolvimento desse trabalho?

Bambi – Olha recursos humanos eu digo que são insuficientes, porque, a cada ano que passa as tarefas vão aumentando. E a cada ano que passa, nós temos necessidade de mais quadros. Porque é preciso... E para formar um homem não é de um dia para o outro, nem é de um ano para o outro. Precisa um trabalho de muita paciência, muita abnegação e a mesmo assim dizer, é um trabalho de cuidados, como nós cuidamos de uma planta. Por isso eu digo, se hoje tiver dez, vinte, trinta engenheiros agrônomos, eu diria ainda é pouco. Porque quando eu imagino aquele país tão grande, se o governo que é o governo tem escolas, universidades, forma tantos alunos não consegue cobrir a necessidade do país, quanto mais nós que estamos a começar. É por isso que é muito pouco. A questão de formação humana para nós é prioritária. Recursos? Vamos... Condição econômica? Vamos trabalhar segundo as nossas possibilidades. É isso.

Marcelo – A Africarte tem intenção de se tornar auto sustentável, ou pretende continuar sendo mantida pela Igreja Messiânica?

Bambi – Não. Nosso objetivo é termos que nos tornar independentes. É como um filho não é? Quando se casa tem ficar independente dos pais. É como nós também. Por quê que temos que estar sempre a depender? Então não, nosso objetivo é tornarmos independentes.

Marcelo – Hum, hum. Diante desses resultados não é? Desse avanço alcançado, das famílias que foram beneficiadas, de todas essas experiências que o senhor viveu durante esses anos todos não é? No desenvolvimento do projeto e agricultura natural, quais são as perspectivas hoje da Africarte, do projeto de agricultura natural a partir de 2009? O quê que espera daqui para frente?

Bambi – Em primeiro lugar nós temos nas nossas carteiras um projeto da ampliação da agricultura natural, em Angola e no Continente africano. Em segundo lugar a construção de uma escola agrícola, para formação de técnicos em agricultura florestal. Este é o objetivo número um.

Marcelo – Quantos países já praticam a agricultura natural?

Bambi – Nós temos com a experiência de Angola, temos ponto de partida que o lucro em África e Angola, depois temos em Moçambique, também que temos um pólo agrícola. Temos na República do Congo, Republica Democrática do Congo. Também temos um terreno com cinquenta equitares e que quando eu estava lá o ano passado dei aprimoramento a um engenheiro, que já está a tocar, a orientar os trabalhos de lá. Estamos com um trabalho de horta caseira na República da África do Sul. Estamos também com trabalhos de horta caseira na República de São Tomé Príncipe, que também ganhamos um terreno agora, que possivelmente vamos formalizar para construirmos um pólo de agricultura natural lá. Temos trabalho de horta caseira na República Federativa da Nigéria. E temos um trabalho de alguns produtores de horta caseira na República de Zâmbia. Significa que nós estamos em sete países africanos fazendo a difusão da agricultura natural.

Marcelo – E o objetivo é chegar nos cinquenta e dois países do continente.

Bambi – Nosso objetivo é atingir a África inteira. Salvando África salva a humanidade. Então o nosso objetivo é a formação do elemento humano de qualquer país africano, ou mesmo até de qualquer país e atingirmos os cinquenta e três países que estão no continente africano, pelo método da agricultura natural.

Marcelo – Como pretende fazer isso?

Bambi – Como pretendemos?

Marcelo – Acha que só com a escola agrícola vai conseguir isso, ou tem algo mais?

Bambi – A base é a formação não é? A base...

Marcelo – Mas vai... Mas tem um modelo funcionando, vai ter um modelo funcionando?

Bambi – Vai tem um modelo a funcionar, porque nós vamos ter a escola, a escola para a formação técnica. E ao mesmo tempo temos também o método de hortas caseiras. Nós começamos primeiro com método de horta caseira para sensibilizar as populações, que esse nosso método é possível, é viável. E a partir dali vamos pela formação, mas a formação como eu disse, vai partir de esses países começarem a enviar os seus formandos em Angola, para serem formados, depois eles regressam para os seus próprios países. E também, agora estamos a adotar uma política, que em qualquer país quando houver um elemento, que é formado em Angola, volta para o seu país, ele dinamiza o trabalho. Então como já são muitos, eu me desloco naquele país. Faço o aprimoramento, fico lá durante quinze, vinte dias, depois eu regresso para o meu país. Até que assim formamos vários elementos, assim vai se expandindo. Esse é o plano que nós temos.

Marcelo – A escola, qual é o público alvo da escola? Vai... O objetivo é formar em que nível?

Bambi – Até o ensino médio técnico da agricultura natural.

Marcelo – Mas é uma escola que você vai ter que pagar para estudar? E como é que faz o povo angolano que não tem dinheiro?

Bambi – É o seguinte, há algumas gavetas que ainda não foram abertas, isto é, na devida altura a direção da Igreja saberá tomar, ou a direção da Igreja e da Africarte saberão tomar decisões apropriadas, estudando cada caso. Isso depois a direção poderá definir.

Marcelo – A direção da Igreja Messiânica e da Africarte, ainda pretende continuar com o apoio da Fundação Mokiti Okada no Brasil ou já está... Ou já se acha independente desse apoio?

Bambi – Apoio em que sentido?

Marcelo – Na formação da escola, na formação do modelo, na formação do mercado. Vai necessitar de apoio novamente do Brasil, ou não pretende?

Bambi – Eu acho que para uma criança que está a começar a andar agora, sempre precisa do apoio da parede para que aquela criança possa manter-se de pé. E marcar, dar os primeiros passos. E mesmo que estiver a andar sozinho a correr, haverá um momento que pode cair, que precisar alguém para poder ajudar. Eu acho que o Brasil tem experiências. Outros países como o Japão, Tailândia, Singapura têm experiências, já levam anos praticando a agricultura natural. Nós não podemos dar costa para esses países que já têm rica experiência. Além disso, tudo que é feito isoladamente não tem muito sucesso. A ciência evoluiu. Hoje o mundo está em comunicação constante. Se nós nos fecharmos vamos estar ultrapassados. Temos que acompanhar o ritmo vendo os outros que... O quê que estão a fazer no mundo. Onde é que estão as falhas deles, porque pode ser o nosso, o nosso erro já foi estudado e já foi detectado lá eles dão, nos alertam, não façam isto.

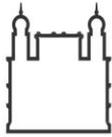
Marcelo – Hum, hum.

Bambi – E às vezes nós temos uma resposta que é um problema que um outro país está a enfrentar. Isso que é... Nós nunca vamos fechar a nossa colaboração, cooperação e ajuda com o Instituto da Fundação Mokiti Okada. Não é? Com as outras Instituições similares que estão a fazer esse trabalho, seja na Tailândia, ou seja no Japão, ou, por exemplo, ou o Ministro Paulo que está a fazer excelente trabalho de agricultura natural em França. Nós sempre vamos estar em união, em contato.

Marcelo – Então gostaria de agradecer a sua entrevista e a participação nesse trabalho de Pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz. Muito obrigado.

Bambi – Muito obrigado.

Fim da entrevista



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA - ENSP**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação.

Permitida a cópia.

A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

OTA, Hiroshi . *Hiroshi Ota.*

(depoimento, 2009). Rio de Janeiro, Fiocruz /ENSP, 2010. 51p.

HIROSHI OTA

(depoimento, 2009)

Rio de Janeiro

2010

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: temática

Entrevistador (es): Marcelo de Sousa Corrêa

Levantamento de dados: Marcelo de Sousa Corrêa

Pesquisa e elaboração do roteiro: André de Faria Pereira Neto

Responsável pela gravação: Marcelo de Sousa Corrêa

Local: Rio de Janeiro – RJ - Brasil

Data: 2009

Duração: 1h: 49 min: 34 sec.

CD: 02

Páginas: 56

Entrevista realizada como base de pesquisa para a dissertação de mestrado de Marcelo de Sousa Corrêa, submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Saúde Pública. Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública. Sub-área: Saúde, Trabalho e Ambiente. Escola Nacional de Saúde Pública - Fundação Oswaldo Cruz / FIOCRUZ.

Tema: : **AGRICULTURA NATURAL EM ANGOLA: A VOZ DOS GESTORES**

Sob Orientação do Professor Doutor André de Faria Pereira Neto (FIOCRUZ) o trabalho de pesquisa foi desenvolvido no período de 2007 a 2010, onde foram entrevistados quatro gestores da Associação para o Desenvolvimento da Agricultura Natural e Cultura Africana (AFRICARTE) que participaram ativamente do processo de implantação e desenvolvimento de um projeto de hortas caseiras como proposta de um manejo agrícola mais sustentável para famílias angolanas.

Tema: Angola; Agricultura Natural; História Oral; Saúde do trabalhador rural; Segurança alimentar

Entrevista

Hiroshi Ota

1:49:34

Marcelo – Bem dando continuidade ao trabalho de pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz, numa dissertação de mestrado não é? Em Saúde Pública, hoje vamos entrevistar mais um dos componentes que participaram do Projeto da Agricultura Natural em Angola. Eu gostaria que o senhor se apresentasse não é? Por favor. E contasse um pouco da história da sua família.

Hiroshi Ota – Bom meu nome é Hiroshi Ota, quarenta e dois anos, sou japonês. Estou vivendo aqui no Brasil dezessete anos. Minha família todos são do Japão né? É só eu que estou aqui no Brasil. Sobre o que? Do história que passou ou?

Marcelo – Os nomes dos pais.

Hiroshi Ota – Ah meus pais é Hiroshi Ota, minha mãe ??? Ota.

Marcelo – E qual era o nível de escolaridade deles? Qual é a profissão.

Hiroshi Ota – Do primeira grau.

Marcelo – Eles tinham o primeiro grau.

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – E qual era a profissão deles?

Hiroshi Ota – Primeiro grau ou segundo? Ah não. Primeiro grau. É. Completo. Profissão é, minha mãe foi integrante da Igreja Messiânica, Reverenda né? E meu pai...

Marcelo – Missionária da Igreja Messiânica não é?

Hiroshi Ota – Missionária. É. Da Igreja Messiânica. Meu pai tem um comércio de alimentação natural e dedicante à missionária messiânica também.

Marcelo – Eles estão vivos até hoje?

Hiroshi Ota – Sim.

Marcelo – Qual é a idade deles?

Hiroshi Ota – Meu pai sessenta e nove e minha mãe oitenta e dois.

Marcelo – De que local do Japão eles são?

Hiroshi Ota – Região de Gifo, província Gifo né? Mas centro de... Centro do Japão.

Marcelo – Eles tinham alguma experiência com relação à agricultura? Eles eram agricultores?

Hiroshi Ota – Os meus pais, os dois são filhos de agricultor né? Vivia sempre na área agrícola. Mas devido a ter muitos irmãos né? Eles saíram de casa para fazer os outras coisas. A minha mãe desde sair de casa já começou a ser a missionária da Igreja.

Marcelo – Como é que foi esse encontro da sua família, da sua mãe com a Igreja Messiânica? Como é que ela entrou?

Hiroshi Ota – É uma... Através de uma purificação né?

Marcelo – Ficou doente?

Hiroshi Ota – É. Que dentro da família, aí começou a frequentar. Mãe da minha mãe, minha avó. Minha avó...

Marcelo – Em que ano mais ou menos isso?

Hiroshi Ota – Mil novecentos e quarenta e? Quarenta e quatro, quarenta e três, por aí.

Marcelo – Que ela conheceu a Igreja Messiânica...

Hiroshi Ota – Sim.

Marcelo –...através de uma doença de...

Hiroshi Ota – É. De dentro da família.

Marcelo – De uma pessoa da família.

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – É. Aí o quê que ela fez?

Hiroshi Ota – Então foi acompanhado né? E melhorando através do johrei né? E acaba interessando a com esse acontecimento e recebeu milagre e ela nasceu vontade se ser, de servir melhor. Então ingressou na fé e começou e difundir para outras pessoas né? Procurar outras pessoas que está sofrendo, para encaminhar para a Igreja.

Marcelo – Nessa época eles praticavam já a agricultura natural na sua casa?

Hiroshi Ota – Não. Em casa não praticava, mas aquela época, em Japão inteiro praticamente agricultura tipo orgânico. Muito poucas pessoas que utilizavam adubo e defensivos.

Marcelo – Isso é antes da guerra, segunda guerra mundial?

Hiroshi Ota – Antes da segunda guerra mundial.

Marcelo – E depois... Quantos irmãos o senhor tinha?

Hiroshi Ota – Eu? Sou filho único.

Marcelo – Filho único?

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – Hum, hum. E como é que foi o seu crescimen... A sua infância a sua adolescência? Foi criado no campo ou na cidade?

Hiroshi Ota – Sempre foi na cidade né? Que minha mãe tinha que cuidar do difusão até o início do estruturação do ??? minha mãe foi, participou. Que é um dos primeiro professor titular ??? no Japão é minha mãe. E um dos pioneiros né? Porque primeiro foi aprovados quatorze professores titulares. A minha mãe entrou, tem essa parte do estruturação do Academia ???. Foi, dedicou bastante e...

Marcelo – E seu pai continua...

Hiroshi Ota – É. Então eu...

Marcelo –...no comércio.

Hiroshi Ota – No comércio. Então eu vivia dentro do cidade. Mas sempre a gente vivia em cima do ensinamento do Meishu Sama né? Então a base se alimentação sempre buscava alimentação natural. Então dentro ??? difícil, mas como conhecia vários agricultores, então que praticam agricultura natural, então buscava esses alimentos para comer em casa,

Marcelo – Hum, hum. E qual é o seu grau de formação? Até onde o senhor estudou?

Hiroshi Ota – O segundo grau completo.

Marcelo – Em que escola do Japão?

Hiroshi Ota – Chama Colégio Gifu Aikal. É pobre né? É escola normal.

Marcelo – Depois fez mais alguma especialização, algum curso?

Hiroshi Ota – Então, depois comecei a dedicar junto com Katsuiti Watanabe Reverendíssimo.

Marcelo – Quem era Katsuiti Watanabe?

Hiroshi Ota – Era, foi já é... Aquela época Conselho Honorífico da Igreja Messiânica né? Que é uma pessoa que difundiu né? A agricultura natural no Japão né? Desde início. Essa pessoa o Meishu Sama nomeou. Meishu Sama quando criou a comissão de difusão de agricultura natural no Japão, a chefe do comissão ele nomeou Reverendíssimo Katsuiti Watanabe né? Para chefiar esse comissão. Então esse é que é...

Marcelo – Então o Reverendíssimo Katsuiti Watanabe aprendeu a agricultura natural com, diretamente com Mokiti Okada... Com Meishu Sama.

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – Não é?

Hiroshi Ota – E com isso ele sempre dedicou, sempre pensou como a missão dele né? A difusão da agricultura natural.

Marcelo – E em que momento o senhor chega na... A se encontrar... Quem que encaminhou o senhor para a casa do Reverendíssimo Watanabe?

Hiroshi Ota – Então minha mãe, discípulo dele...

Marcelo – Dele não é?

Hiroshi Ota – Dele né? Vivencia de anos, aí eu sempre eu ia para casa dele e eu acompanhava desde pequenininho. Sem saber quem é né?

Marcelo – Ele morava em que região do Japão?

Hiroshi Ota – Na ???, que é a trinta, quarenta quilômetros da minha casa.

Marcelo – Aí sua mãe encaminhou o senhor para a casa dele o senhor tinha quantos anos de idade?

Hiroshi Ota – O primeiro encontro eu tinha nove anos de idade e depois, aí todo ano ia para conhecer. Mas não é para conversar né? Receber orientação. Mas depois do época do colégio, aí eu li várias livros dele né? Aí interessei a vida dele né? Então eu comecei a ir sozinho, independente da minha mãe, para buscar algo a mais com ele né? Então época do colégio eu ficou mais intenso a ida na casa dele. Aí ficava o dia inteiro, dedicava casa dele, fazia limpeza, aí de manhã ou a tarde cumprimenta, conversa e volta.

Marcelo – Hum, hum. E quando que começou a ficar definitivamente lá, a morar com ele?

Hiroshi Ota – Depois do término de colégio, aí estava indeciso como é que vou fazer, vou fazer faculdade, trabalhar. Meus pais fala que eu não fica em casa, tem que sair. Aí como tem essa vivencia do época do colégio né? Que com ele então mesmo tempo eu fazia atividade da Igreja, como o lida do jovem, movimentava jovem estudante. Então sempre queria ser útil, quero servir para outra pessoa ser feliz. Mas eu pensei que eu... O quê que eu posso fazer com esse exemplo né? Saída do colégio, precisa aprender mais né? Como quem é melhor aprender? Aí eu pensei, acho que melhor fica com ele mais tempo, talvez eu possa aprender mais as coisas e consigo esclarecer mais realmente o quê que eu fazer,

desenvolver para frente né? Aí eu, dia do formatura, aí foi para a casa dele e pediu para ficar com ele. Aí ele aceitou.

Marcelo – Aí a partir desse dia qual foi o trabalho que foi desenvolvido lá? O quê que o senhor começou a fazer lá que?

Hiroshi Ota – Então eu pensei que ia, ele queria ficar com ele perto para servir para ele, ajudar né? Fazer as coisas aprender e pegar mais na área de difusão, alguma coisa assim, encaminhamento johrei, mas não sei já tinha pensado muito tempo, não. Ele o que? Ele de repente fala para mim, dia seguinte que eu fui para a casa dele, mas já sinto mesmo dia, assim que chegou ele falou que amanhã vem um carro da fazenda, você vai para lá. Que ele tinha já uma fazenda, fazenda, uma chácara né? Com dezessete equitares, o Japão é grande. No interior do Gifu né? Província. Que ele adquiriu para fazer uma Centro de Capacitação de agricultura Natural. Centro de capacitação de jovem para preparar para servir no século XXI. Então ele preparava esse lugar através da agricultura natural. Então ele pediu para ir, para dedicar né? Aí quando ele falou eu não entendi nada né? Porque quem ele pensa nem fazer nada, analisar o conviver. Mas ele pediu eu tenho que aceitar né? Na hora eu pensei né? Eu que pedi para ficar com ele e não aceita ele estar pedindo para mim fazer? Tudo significa que eu não estou acreditando nele né? Então eu aceitei para, vamos buscar o tem como isso né? Aí comecei cuidar né? Horta, galinha, cogumelo, que nunca mexi com isso né?

Marcelo – E qual foi o seu aprendizado nesse período lá?

Hiroshi Ota – Bom, para mim é tudo novidade né? Claro que eu desde pequenininho com minha alimentação natural, eu tinha uma convicção grande que tem que ser alimentação natural né? Até um época do tipo quinta série, quinta série de algum estudo de feriado, a gente tem que fazer a pesquisa durante o feriado para apresentar. Até esse período eu fazia pesquisa sobre aditivos produtos químicos para alimentos. O quê que faz mal, isso, isso, isso. Aí fazer um material, entrega para o professor. Aí depois do entrega em que eu recomeço a aula, até eu boicotei a merenda escolar, que eu está usando agrotóxico. Né? Então tinha convicção né? E sempre para ter esse alimento até essa época, meu pai me levava para agricultores, ajudar, por exemplo, no arroz. Eu precisa uma época que tem que ir no agricultor, tirar junto com eles a mato, para poder ter arroz para minha casa. Porque eles não tinha tempo de limpar. Se não limpar perder arroz. Aquele área serviria para minha casa. Ou para outras pessoas. Aí meu pai puxava, sábado e domingo vamos lá, o capim. Aí você come bem certinho né? Então com isso que eu cresci, com isso graças a Deus que não teve muito purificação forte né? Com a saúde. Então... Mas nunca mexi. Sempre vivia, relacionava com pessoas né? Mas vamos ver. Aí comecei a fazer isso. Desde plantar o alface até criar galinha.

Marcelo – E com isso durou quanto tempo esse aprendizado?

Hiroshi Ota – Fiquei mais ou menos sete anos com ele né?

Marcelo – É. Mas na chácara direto quanto tempo?

Hiroshi Ota – Direto na verdade, eu esse período todo, base minha é chácara. Né? Mas todo três vezes por semana ia para a casa da Reverendo. Porque eu tem que produzir, colher, classificar e vender. Distribuir né? Eu fazia tudo. E buscar o cliente né? Que ninguém comprava, que estava caro. Porque preço quem definia algumas preços são Reverendíssimo que definia. Por exemplo, ovo, que o que eu produzia é, na praça, ovo é dez centavos cada um né? Mas como produzia formando mais natural, ele pediu para vender por cinquenta centavos cada um. Né? Então ninguém entendia ninguém comprava. Aí tem que ir porta por porta, explicava qual experiência esse ovo com outro. Quem conseguia comprava e com isso conseguia fazer núcleo de consumidor, aí vendia outras coisas. Então na hora de final do rodada, ia para a casa dele relatava, recebia orientação voltava pra casa. Para a chácara. É essa vivencia sete anos. E durante dos sete anos, terceiro ano, aí aconteceu que aquela época a presidente da Igreja Messiânica, foi Reverendíssimo Matsumoto. Aí ele também tinha desejo de formar a jovem, através da agricultura natural, para futuro. Que ele também achava muito importante a coluna de salvação né? A agricultura natural. Aí com isso como o ??? tinha esse local, então, juto com a Igreja montou uma, tipo uma escola né? Escolinha de agricultura natural. Então até agora existe isso...

Marcelo – Até hoje existe essa escola?

Hiroshi Ota – Existe escola. Está com vigésima segunda turma que vai entrar, né? Todo ano...

Marcelo – A escola é que nível de formação?

Hiroshi Ota – Esse é tipo escola de especialização. Não tem uma reconhecimento de MEC em nada.

Marcelo – Não é reconhecida pelo Ministério de Educação...

Hiroshi Ota – Não. Não é nada. É uma mais específico né?

Marcelo – É uma escola comum.

Hiroshi Ota – É. E para formar jovens através da agricultura natural. Dentro disso tem nascido vários agricultores, algumas pessoas, por exemplo, muitos Ministros jovens né? Da Igreja, foi formado por essa escola. Então não é só de agricultura né? Coluna servir para ???...

Marcelo – Você conviveu na casa do reverendíssimo até que ano?

Hiroshi Ota – Noventa e um. Fevereiro, março de 91.

Marcelo – Março de 91. E no período da guerra como é que foi a situação no Japão? Como é que era a situação de alimentação no Japão?

Hiroshi Ota – Então é fome né? Esse também eu não convivi, porque vai nascer bem depois. Mas muitos pioneiros que conta né? Porque eu tive oportunidade de desde 84 até 90, eu sempre tive uma reunião anual de agricultores e praticantes de agricultura natural, no ??? aí eu sempre participava. Então aí como eu sou novo do turma que aí os pioneiros fica interessado né? Por quê que esse novo rapaz está aqui participando? Porque tinha de vinte, vinte e poucos anos, esse grupo tinha que? Média de idade de cinquenta anos né? Então é tudo novidade. Então veio, aí eu conversava bastante. Eu também perguntava muito. Com isso também eu ganhei muito assim, a experiência né? Através desse tipo de conversa. Eles falam que não tinha nada, é difícil produzir, o que produz aí governo leva tudo, época do... Alguns interiores, bem interiores eles tinham comida mesmo né? Mas perto de cidade não tinha nada.

Marcelo – E quando começou utilizar mais agrotóxico no Japão?

Hiroshi Ota – Depois da guerra. Antes também tinha alguma coisa. Depois do guerra. Porque a muitos... Porque época do guerra na Alemanha é que começou usar nitrogênio de uréia né? Uréia né?

Marcelo – É.

Hiroshi Ota – Uréia. E depois alguns resíduos de produção de armas né? É que não tinha o próprio arma. Algumas matéria prima para fazer o arma, ou bamba que seja, que depois acabou guerra não tem mais para onde usar e procurou a outra fim. Aí algumas foi agrotóxico.

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Né?

Marcelo – Então o que sobrava na realidade da guerra...

Hiroshi Ota – É.

Marcelo –...que não era mais utilizado eles davam outro destino.

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – Em vez de construir armamento, eles destinavam aquilo ali para o agrotóxico.

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – Não é? O que podia ser utilizado como agrotóxico.

Hiroshi Ota – É. Então aí, por exemplo, ??? são verde tudo em cima do, o que foi implantado para uso do agrotóxico e o adubo químico não foi uma necessidade. É uma estratégico do político, que foi implantado. Eu acho né? Pelo conversa.

Marcelo – Porque coincide a guerra, no final da guerra...

Hiroshi Ota – E no Japão realmente precisava aumento de produção tremenda, porque faltava alimento, mas todos *knowhow* de produção vindo fora, já está vinculado com o uso do agrotóxico e adubo químico. Mais na primeira adubo químico depois começando defensivo né? Então não tinha jeito. Aí começa a usar e não tem fim. E como o Japão é meio comunista né? Que a cada vila tem um comunidade né? Todo mundo tem que fazer igual para o outros. Não é obrigação, mas se não é difícil conviver socialmente no bairro. Então se o bairro definiu que vamos usar adubo, ou começou a atacar alguma inseto que tem que certo inseticida, se não aplicar, os vizinhos não conversa mais. Né? Porque se não aplicar aí que vai ficar foco de inseto né? Se não aplicar tudo vai matar tudo vai ter segurança no alimento. Mas esse foi informado por quem está vendendo né? Aí acabando isso espalhou para todo mundo. Tem mesmo esse época quem recebia orientação, todo membro agricultor, que começou a sentir importância da agricultura natural, aí fazia prática da agricultura natural fingindo que está fazendo agricultura convencional. Se falar que é agricultura natural...

Marcelo – Então houve esses obstáculos no Japão não é?

Hiroshi Ota – Sim, bastante.

Marcelo – Não é? Logo depois da guerra.

Hiroshi Ota – Mas aquela época, muitos os agricultores ingressam na fé. Recebeu muita graça. Então é por isso que tem muitos agricultores que praticam agricultura natural, através da dedicação. Dedicção e gratidão por recebido graça.

Marcelo – Porque viviam na fome e na miséria e saíram dessa situação pela agricultura natural...

Hiroshi Ota – De doença.

Marcelo –...de doença...

Hiroshi Ota – Conflito. Então receber johrei, receber milagre né? Aí alguma forma de servir a obra divina né? Porque missão dele agricultor então o quê que vai praticar? É agricultura natural.

Marcelo – E como Meishu Sama, pelo que o senhor aprendeu com o Reverendíssimo Watanabe, como que Meishu Sama, ele começou a agricultura natural? De que forma ele despertou já para dar início a esse trabalho?

Hiroshi Ota – É. Então, antes de ele ficar como fundador da igreja Messiânica, é um época jovem né? Dezoito pra aí, vinte anos, ele sofreu com tuberculose. Né? Aquela época, tuberculose é se comer bem, nutridos que recupera. Que coisa mais rica, ele consegue recuperar. Então ele achou que comer carne essas coisas que ele acha que recupera. Mas ele não recuperava. E leu algumas, não sei, algumas ??? no...

Marcelo – No livro.

Hiroshi Ota – Esse ??? nos oriente tem esse escrito.

Marcelo – É. Um livro.

Hiroshi Ota – Que leu uma informação que come mais vegetal, melhor. Aí ele mudou. Ficar só comendo vegetal e realmente conseguir recuperar muito mais rápido do que ele pensava. Então antes de iniciar a fé ele com essa experiência, ele acha que a alimentação né? Faz parte da manter saúde do humano né? E o vegetal tem uma força grande. Então isso ele começou. E aí quando começou a parte, aí começou a ter esses, primeiro o sofrimento de agricultores né? Então, depois do guerra, dentro da guerra, o agricultor que sofre, antes da guerra também, mesmo lá no Japão o agricultor que sofria mais. E uma época de uma mudança clima radical, que é uma região que não conseguia colher nada de arroz né? Arroz aqui ano inteiro pode produzir, lá, uma vez por ano. Se não colher só ano que vem. E inverno como é que fica? E dois metros, três metros de neve? Né? Então ele visitou uma região na época do colheita, nos seus armazéns, que não tinha nada de nem um grão de arroz. Sofrendo e fiquei triste. Ele sentiu que tem que salvar, o viu miséria tem que salvar felicidade do agricultor é base fundamental da país. E algum região antes da guerra né? Para a família sobreviver né? O agricultor precisa vender a sua filha. Até tinha esse venda.

Marcelo – Vendia a filha.

Hiroshi Ota – A filha.

Marcelo – Para casar com outra família.

Hiroshi Ota – Casar não. Vender para quem compra.

Marcelo – Vender para trabalhar?

Hiroshi Ota – É. Vender para trabalhar.

Marcelo – Vender como escrava não é?

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – Para poder manter a sua família.

Hiroshi Ota – Existe... Família... Filha tem que aceitava para se... Né? Então nasceu essa vontade de salvar. Qual forma? É através da agricultura natural. Felicidade do agricultor né? Então ele sentiu isso tem que ter ????. E para o acontecimento de tudo, que ele entendeu a lei da natureza, a lei da reencarnação né? Então a próprio natureza, ele sentiu essa poema que eu sempre cito né? Que quando apanha uma folha caída no chão, uma folha seca caída no chão, senti nela que grande ciclo de vida. Então essa através de natureza ele entendeu isso e esse ciclo da vida. Nasce, volta, renasce, morre, volta né? Então natureza existe. Então em cima do isso, essa é que é a natureza mostra. Então o que... Com isso né? Ele começou a aprofundar a mais estudo de sobre a natureza. Né? E começou com essa experiência do saúde, aí começou a experimentar alguma forma de produzir melhor. Então esse prática época do Tamagawa né? Que 1936, esse do poema é 1931. Esse do poema, do prática 1936, ele mudou para a sede no Tóquio de Tamagawa, aí ele tinha uma jardim bonito né? Mas ele tinha lagoa para criar carpa e enterrou a lagoa, virou um arrozal inundado e começou a plantar arroz. Esse é início.

Marcelo – O arroz era para o consumo dele ou ele distribuía?

Hiroshi Ota – Pesquisa. É.

Marcelo – Só para observar.

Hiroshi Ota – É. Aí colhia, comia né? Sente diferença.

Marcelo – E ele doava essa comida para pessoas doentes?

Hiroshi Ota – Sim.

Marcelo – Ele atendia pessoas na casa dele?

Hiroshi Ota – Sim. Na casa dele, ele atendia, ministrava johrei..

Marcelo – Usava alimento natural da casa dele.

Hiroshi Ota – Alimento natural. Sim. Sim.

Marcelo – Não é? E com isso ele foi tendo as experiências...

Hiroshi Ota – Aí o chegava produto natural para a casa dele também né? Algumas praticantes.

Marcelo – Pessoas que aprendiam na casa dele e...

Hiroshi Ota – Lembra agricultor? Virou como uma monitores. Tinha não sei quantos dentro do Japão, então eles também ofereciam.

Marcelo – Hum. E depois disso ele ampliou esse trabalho? Ele foi para algum outro lugar fazer num espaço maior? Como é que desenvolveu depois?

Hiroshi Ota – Então, aí depois, cada lugar que ele vai tinha hortinha para ele né?

Marcelo – Os membros tinham horta em casa? Horta caseira?

Hiroshi Ota – Não. Horta em casa, não sei se tinha horta em casa, mas tinha muito membro agricultor. Muito. Né? Se no Brasil proporção entre agricultor e membro que não é agricultor, a proporção é muito né? Por exemplo, não sei quanto por cento de membro agricultor que tem no Brasil.

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Naquela época acho que é metade. Não sei. Não tem esse...

Marcelo – Esses dados, não é?

Hiroshi Ota – É. Mas chegamos próximo a isso né?

Marcelo – Hum, hum. E aí os membros mesmo começou... Os próprios membros começavam a multiplicar essa técnica que aprendiam na casa...

Hiroshi Ota – É.

Marcelo –...de Meishu Sama.

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – E com isso os produtos voltavam para a casa dele.

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – Eram oferecidos para ele.

Hiroshi Ota – Oferecidos.

Marcelo – E os relatos, as experiências...

Hiroshi Ota – Aí tem relatos. Então ele também tinha um relato, junta aí publica esses relatos, e uma época que, acho que é três ou quatro vezes o jornal ??? né? Que ele lançava jornal, e tratava só de agricultura natural. Acho que lançou quatro vezes se não me engano. Cada vez quatro milhões de exemplares. Não é só para membro aí é para difundir mesmo né?

Marcelo – Hum. A sua famíli... Hoje a sua família... O senhor é casado? Qual seu estado civil?

Hiroshi Ota – Sou.

Marcelo – Casado...

Hiroshi Ota – Sou casado tenho três filhos.

Marcelo – De que idade os filhos?

Hiroshi Ota – Nove, sete e cinco.

Marcelo – Homens? Três homens.

Hiroshi Ota – Sim.

Marcelo – Três meninos. Sua esposa também é japonesa?

Hiroshi Ota – Sim.

Marcelo – E a família da sua esposa também são membros da Igreja?

Hiroshi Ota – Sim.

Marcelo – Praticam agricultura natural?

Hiroshi Ota – Não é agricultor né?

Marcelo – Não são agricultores.

Hiroshi Ota – Não são agricultores. E a avó dela são pioneiros do Missionário.

Marcelo – E conviveram com o Meishu Sama?

Hiroshi Ota – Com Meishu Sama que nem a minha mãe. Minha mãe ia a culto todo mês do Meishu Sama e ????. Né? E a avó dela também. Né? E até participava bastante a construção da ???.

Marcelo – Hum, hum. E hoje a sua família mora no Brasil, todo mundo é messiânico não é? Todos são messiânicos. Como é que é a alimentação da sua família hoje?

Hiroshi Ota – A base da alimentação natural.

Marcelo – Cem por cento, ou só uma porcentagem?

Hiroshi Ota – Noventa e nove. O que não dá para... É noventa e nove por cento eu acho. Ou mais isso.

Marcelo – Eles desde que nasceram utilizaram algum tipo de medicamento?

Hiroshi Ota – Nada.

Marcelo – Só a base do johrei e da alimentação natural...

Hiroshi Ota – Hum.

Marcelo – ...do que, dos ensinamentos de Mokiti Okada?

Hiroshi Ota – Sim.

Marcelo – Então dando continuidade é só repetir essa experiência que foi marcantes na sua vida com a agricultura natural.

Hiroshi Ota – Ah tá. É na época do Japão né? Que é ainda comecei a praticar, comecei a levar o produto pra consumidor, mas com sentimento de que a produto da agricultura natural um espécie... Não é produto comum. Que alimenta, que alimenta alma. Que é o que Meishu Sama orienta. Né? Que nós alimentamos né? Não é materialmente estar alimentando. Nossa alma né? Espírito precisa de parte espiritual da alimento. Né? Para a forma de a produzir esse fortalecimento espiritual mais forte, é método da agricultura natural. Né? Não é ele fala que a com tóxico ou sem tóxico. Né? Ele procurou como é que consegue produzir um alimento que alimenta mais a nosso parte espiritual. Né? Então é aí que uma vez que eu senti esse força realmente através desse senhora de oitenta anos, não é membro, mas sempre comprava e ela pergunta de onde que veio essa verdura, então meu pai falava que quem está produzindo é meu filho. Aí ela um dia queria encontrar pessoalmente. Aí um dia normal levei lá e senhora estava lá, aí meu pai apresentou, que esse é meu filho, que produz isso né? Aí essa senhora pegou um maço de espinafre que eu produzi. Era inverno né? Aí pegou assim e levantou assim, e começou baixar cabeça na frente de mim. “-Muito obrigada por ter produzido por isso”. Né? “-Esse que me alimenta, que é esse que... Esse produto que me sustenta”. Né? “-Minha vida”. ‘Eu só queria agradecer, por isso queria encontrar contigo’. Esse senhora não é membro, não é nada. O que senti através do verdura que ela comprava todo semana. Então realmente eu senti né? Força que tem né? E com isso eu fiquei muito emocionado né? E aquilo, a gente está praticando aquilo que a gente está acreditando, mas no dia a dia não vai aparecer né? Mas aquele dia realmente eu achei a Deus mostrou para mim que é esse força que tem. Não é? É.

Marcelo – E na verdade, no seu entendimento, no seu aprendizado nesse período, o que é agricultura natural? Quais são os princípios básicos da agricultura natural e o quê que diferencia ela da convencional e das outras técnicas de orgânicos?

Hiroshi Ota – Ta. Esse é também fiquei muito dúvida durante muito tempo com esse assunto né? De o quê que diferencia né? Convencional, natural, mesmo orgânico e natural. Né? Aí pensei bastante e com várias experiências eu estou diferenciando né? Primeiro o diferença entre a agricultura natural e outro, ??? aconselha orgânico e convencional outra forma de agricultura. Agricultura natural é bem diferente. A agricultura natural, primeiro é a consideração da natureza. Né? Que o produto natural respeita a natureza né? E respeita a natureza e amostra a, e diz ser grande natureza que é né? É grande natureza como vontade de Deus. Né? A natureza que gente enxerga é só um expressão da bondade de grande natureza. Então esse está bem claro que outros formas de agricultura não fala né? A natureza como ambiente né? Porque Meishu Sama fala o natureza como verdade. Essa parte outro não fala. Então A agricultura que pratica a verdade é a agricultura natural. Concretiza a verdade é agricultura natural.

Marcelo – O quê que é verdade para Meishu Sama, com relação à agricultura?

Hiroshi Ota – O quê que é verdade?

Marcelo – É.

Hiroshi Ota – O quê que é verdade? A acordo com a vontade da grande natureza.

Marcelo – Sim, mas explica um pouco mais assim, o quê que é a verdade, o quê que é a grande natureza, o quê que é verdade. Como é que é?

Hiroshi Ota – Então. Um exemplo né? Muita gente eu conversa por que semente nasce né? Porque semente nasce? Porque muita gente que fala que tem água que está no solo né? Muita gente consegue explicar a condição para germinar. Na verdade, mesmo tendo condição às vezes não nasce. Por que não nasce? Porque não tem vontade. Então a gente coisa, está vendo uma coisa, mas atrás disso sempre tem esse vontade né? Então esse Meishu Sama distinguiu natureza como grande natureza, a palavra grande natureza. Né? Esse grande natureza, na verdade natureza é expressão da grande natureza e diz esse é vontade. Se não é esse vontade a gente não vai ter esse movimento todo. Com isso sentir que gente está permitindo a viver dentro do vontade da grande natureza. Né? Outro forma pode falar que é a vontade de Deus. Né? Então permitido.

Marcelo – E para aqueles que são ateus, que não acreditam em Deus, como é que explicaria isso?

Hiroshi Ota – Mas então esse é que é o mais... Isso como é que explica? Se não fala de Deus como é natureza né? Que quem está...? Não é sozinho que manda, mesmo girando terra, isso né?

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Então o próprio natureza cresce né? Não é só deixar e crescer. Existe uma ordem, uma a comando né? Esse tipo, pessoa entende não? Mesmo não acredita em Deus.

Marcelo – Que a natureza já existe...

Hiroshi Ota – Quem acredita em Deus, eu falo, muitas vezes falo como vontade, existe vontade da grande natureza. Quem não acredita disso fica por aí. Mas quem acredita em Deus, eles, o pessoal levanta a mão... Pode chamar esse grande natureza pode chamar de Deus? Pode. Mas muita gente que não acredita em Deus, sente que existe isso, porque muitas coisas acontece e o próprio nosso conhecimento a força, não consegue controlar. Esse também existe não existe?

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Então quem está fazendo isso? Só fato que vai ocorrer que vai acontecer? Mas ele sabe que para acontecer tem que ter alguma motivo. Né? Se explicando dessa maneira pessoa consegue entender. Vai acreditar ou não vai acreditar não, mas mesmo assim ele consegue raciocinar.

Marcelo – Na verdade o que o senhor está dizendo é que já antes mesmo do homem existir, já existia a natureza e já funcionava não é? Com a sua própria força não é?

Hiroshi Ota – Em cima do vontade.

Marcelo – É. Já se multiplicava, já dava frutos, não é? Já alimentava os animais, mesmo antes do homem existir.

Hiroshi Ota – Hum, hum.

Marcelo – Não é? Então ela veio se multiplicando...

Hiroshi Ota – Então outros seres não tinha a de verdade, usando bom senso. O único que foi permitido são os ser humanos. Né? Por isso ser humanos que tem permissão de saborear né? E está permitido usando o bom senso para quebrar né? A limite. Que homem não tem limite. Outros seres têm limite.

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Porque ele comem e busca dentro do sobrevivência. Homem, além do sobrevivência, busca por lazer né? Então é outro permissão que tem. Por isso nós precisamos sentir esse vontade para criar o bom senso. Mas através do materialismo que acha que não está dominado por nada né? Não acredita nisso, que nós estamos permitindo viver dentro do né? Vontade. Por isso que cada um está querendo fazer uma coisa achando que dá um jeito, ou que ganha melhor que ganhe né? Porque acha que não existe esse bola.

Marcelo – É. Esse comando maior.

Hiroshi Ota – É. Mas está acontecendo tudo dentro.

Marcelo – Desse ciclo.

Hiroshi Ota – É. Por isso a natureza está agindo desse maneira. Mostrando que existe esse grande vontade. Por isso através da agricultura natural também tem que transmitir para pessoas despertar isso, participar isso, seja que forma...

Marcelo – O quê que Meishu Sama chamava de técnica da observação?

Hiroshi Ota – Observação? A técnica da observação?

Marcelo – É. Que ele sempre fala nos seus ensinamentos...

Hiroshi Ota – A observar.

Marcelo –...sobre observar a natureza para aprender com ela.

Hiroshi Ota – Então, esse é dentro de ensinamento é sobre ??? filosofia de intuição. Então muita teorias estudos né? Existe, mas ele fala que o que está aqui é verdade. Filosofia de intuição é isso né?

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Então por isso a agricultura natural, importante é observar, analisar o momento o que planta está sentindo né? Mesmo animal que está sentindo, esse é que está mostrando a realidade do momento para poder trabalhar. Esse que mostra a realidade da natureza, local, tudo. Então por isso quem observa tem que ter essa compreensão e olha por esse sentido com sentimento. Né? Para querer olhar as plantas, solo, a natureza vai informar para essa pessoa para qual prática mais correto para poder produzir.

Marcelo – Hum. E o princípio da agricultura natural que Meishu Sama fala sobre energia do sol, da lua e da terra, explica um pouco mais para a gente sobre isso.

Hiroshi Ota – É. Princípio da agricultura natural, manifestar força do solo né? Manifestar o força do solo aí é a parte dos três elementos né? Parte dos três elementos é o fogo, água, solo, esses são simbolizados por energias né? As características né? Solo, solo, tem algumas maneiras a elemento solo, água né? Fogo né? Calor luz, também o fogo né? Solo, solo, água, ar, água. Então esse é um conjunto. Então eu precisa saber com esses três elementos que diz que gera a energia. Mas como manifestar o força do solo, esse força do solo tem que nós considerarmos solo ser uma ser vivo. Né? O que ele fala para manifestar o solo, amá-lo e não sujar. Que conseguiria manifestar o força do solo. Então amá-lo, colocar o sentimento como seu filho né? Ser mais pessoa importante, como pessoa. Né? Para cuidar, com esse sentimento conseguiria ver através do crescimento do planta, através do ambiente que informa, conseguir tratar melhor que nem mamãe trata seus filhos neném né? Que não fala nada, mas tipo de choro identifica tudo, tipo de jeito identifica tudo. Porque tem amor a isso. Então é precisa fortalecer amor com o solo. Né? Outro, não sujá-

lo. Não sujar. O quê que é sujeira para solo? O quê que é sujeira para solo? É material estranho. Por isso não utilizamos adubo químico e defensivo. Porque se sujar solo vai diminuir a mani... Inibir a manifestar o força do solo. Né?

Marcelo – Então na verdade a grande diferença hoje básica é que a humanidade, ela não admite então que o solo é vivo? Não é? Então interfere nesses processos naturais.

Hiroshi Ota – O que essa consideração do solo, essa é outra diferença da agricultura natural com outras que, consideração do solo. Que a trata como ser vivo a agricultura natural e outros como um meio físico para sustentar o prato. Né? Outro que vai dar diferença o princípio da espírito precisa de matéria. Então muitos produção agrícola né? Em cima da material e nutrição né? Mas a agricultura natural não. Tem que produzir alimento que tem nível espiritual alta.

Marcelo – E o quê que ele chama de nível espiritual alto?

Hiroshi Ota – É aqui como fala que é a energia vital né?

Marcelo – A vitalidade do alimento, o rigor?

Hiroshi Ota – É. Que não estraga né?

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Mais fácil não estragar, mais saboroso, bonito né?

Marcelo – Quais são as vantagens econômicas da agricultura natural? Quais são as grandes vantagens que ela tem em relação aos outros alimentos?

Hiroshi Ota – Então, fica mais saudável, né? Quem é consumo então consegue diminuir a, por exemplo, o gasto com saúde. E consegue saborear mais. Né? E quem produzi consegue reduzir custo de produção. Né? E com sabor e qualidade melhor né? Então consegue colocar no mercado mais fácil.

Marcelo – Hum. Mas não acha com essa economia do mercado hoje está difícil a venda do produto orgânico chegar às classes mais baixas da população mundial, por falta de dinheiro na economia?

Hiroshi Ota – Porque agora orgânico está caro, porque máquina. Sistema de produção, *knowhow* de produção, já existe uma *knowhow* que pode competir com preço normal. O que está ganhando é prêmio que está ganhando. Não precisa fazer a... Mas tem forma de vender. Por isso mercado local né? Agricultor venda direto. Que são meio que pode baratear. Né? Porque produtores não tem muita custo para adicionar, mas se pratica a agricultura, que eu pensando como assim, pratica a agricultura natural, mas trata a cultura como convencional, aí eles não vai diminuir a produção, custo de produção. Esse também é um outro diferença da agricultura natural com outro, que o convencional trata as coisas do resultado. Pega, apareceu inseto então mata inseto. Apareceu doença controla doença. Né? Agricultura natural para não pegar doença como é que vou fazer isso? Deu praga? Por quê que deu praga? A gente trabalhar para não dar praga.

Marcelo – Trabalha com a prevenção não é?

Hiroshi Ota – Prevenção e buscar o causa. Não é tratar fato. Não é tratar resultado. Buscar causa para eliminar. Porque causa aplica a lei da causa efeito.

Marcelo – Explica só mais um pouco sobre as vantagens da agricultura natural e como que interfere o agrotóxico nesse ciclo natural não é?

Hiroshi Ota – Ta.

Marcelo – Da terra.

Hiroshi Ota – Bom, que trata doença né? Doença. Agrotóxico trata doença né? Doença na verdade, resultado que ocorreu no durante do período de crescimento do planta, por exemplo. Então a causa... Não adianta tratar doença, mas causa é outra coisa. Né? Então sempre tratando a doença, aparentemente está bem. Mas outro lado que é a energia vital nível espiritual, planta continua como doença. Então se comer, comendo sempre esse tipo de verdura, consegue ter alimento para nos sustentar nossa alma, nosso

espiritual? Então esse que é problema. Esse está, já está aparecendo a parte nutricional também. Quarenta anos atrás e agora, mesmo tipo de verdura, mede parte nutrição, já muito menos do que quarenta anos tinha. Mesmo tipo espinafre, isso. E se medir agricultura natural com convencional né? Teor de cálcio, vitamina, essas coisas, consegue mostrar que a agricultura natural tem mais. Não é só isso, como isso que é melhor, que se for uma agricultura natural, que respeita o solo e ama o solo, que em cima do isso nasce alimento que alimenta nosso, que tem esse conteúdo que realmente precisa para nós.

Marcelo – Hum, hum. Agora mudando para um outro ponto...

Hiroshi Ota – Hum.

Marcelo –...sete anos depois que conviveu com o Reverendíssimo...

Hiroshi Ota – Hum.

Marcelo –...por quê que saiu da casa dele?

Hiroshi Ota – Bom, com o tempo eu queria, já terceiro ano que sentiu a agricultura natural em minha missão né? Entendi né? Por quê que estou aqui e quero desenv... Essa que vou com essa agricultura natural quero levar né? Filosofia do Meishu Sama, aí mesmo tempo inaugurou essa escola, então eu estava cuidando jovens. Era o meu também estava vinte e quatro, vinte e dois, vinte e três anos, mas eu cuidava essas pessoas. Aí essa escola que forma pessoa, mas comecei dúvida. Será que eu sou capacitado para falar essas coisas? Ou eu acho que melhor ganha mais experiência, ou servir alguma coisa fora né? Para fazer mais coisas pra incentivar o pessoas. Eu quero ter uma oportunidade não é? Aí estava... E se tiver fora do país é melhor ainda. Né? Aí eu comentei para Reverendíssimo. Reverendíssimo não gostou. Né? Ele acha que... Ele falou para mim que, “ah então você acha que não tem mais nada para aprender comigo”? Ele ficou bravo né? Não estou falando isso, mas, mas é... Aí falando esse vontade, um dia apareceu o Reverendíssimo Tetsuo Watanabe né? Na casa. E ao mesmo tempo, período estava iniciando a agricultura natural, iniciando... Estava querendo desenvolver mais forte né? Intenso, aqui no Brasil, aí ele interessou e me convidou. “-Você quer vim para Brasil”?

Marcelo – O filho do Reverendíssimo não é? Que também era Reverendo.

Hiroshi Ota – Reverendo. Já tinha presente daqui, já tinha cargo no Japão, então eu vez em quando encontrava com ele à noite. Aí eu conversava, aí recebia orientação, alguma coisa apara desenvolver, trabalhar com jovem aí eu pedia orientação dele, aplicava e levava resultado e fazia isso. E um dia eu contei a minha vontade aí ele, “está bom”. E queria aqui implantar sobre esse uso do biotecnologia, microorganismo. Então você aprende esse parte. E eu dominava bastante a parte técnica da aplicação de uso né? Aí eu, esse ocasião para vim, eu aprendi a parte de fabricação e venho como responsável de implantação de biotecnologia.

Marcelo – Que tecnologia é essa?

Hiroshi Ota – No microorganismos eficazes né? Que dentro do solo existe... É dentro do solo né? Atividade biológico... Existe uma linha de... Tem atividade biológico né? Que esse atividade biológico, mesmo dentro do solo, uma comunidade mais pequena, que disse, dentro de esse relacionamento correto, influencia tudo para formar um ambiente melhor. Né? Se tratar um ambiente grande com muitas fatores é difícil, mas se tratar menor que tem, influencia mais fácil e eu consigo ter resultado. Né? Então são microorganismos benefício, benéficos que direciona a atividade biológico né? No solo, para poder solo conseguir recuperar mais rápido.

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Então eu aprendi como produzir isso e para implantar...

Marcelo – Aprendeu com quem?

Hiroshi Ota – Aprendi com professor ???.

Marcelo – Quem é esse professor ???.

Hiroshi Ota – Inventor desse microorganismo.

Marcelo – E ele leciona aonde?

Hiroshi Ota – Leciona Okinawa.

Marcelo – Universidade de Okinawa?

Hiroshi Ota – Hum, hum. ???.

Marcelo – E quando que parte para o Brasil? O Reverendo já...

Hiroshi Ota – Noventa e um. Abril de 91 veio...

Marcelo – Ele está vivo ainda o Reverendo?

Hiroshi Ota – Não. Então, na verdade foi combinado, 89 já tinha combinado pra passar pra Brasil. Mas uma tramite complicado não sei, não deu certo, não deu certo. Aí 91, fevereiro de 91, Reverendíssimo partiu para mundo espiritual. Né?

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Aí depois do culto do trinta dia, aí departamento de ??? ligou para mim, que ia partir para uma semana, você vai para Brasil. Então só esperava terminar a missão, uma missão para partir para outra.

Marcelo – E chegando no Brasil o quê que começou a fazer?

Hiroshi Ota – Então, como é que vou melhor preparar esse ??? né? Que uma ferramenta para agricultura natural, aqui em Ibiúna, na Brasil, no interior de São Paulo e algumas outros ferramentas né? Bocaxe essas coisas que foi eu que plantei para fazer, porque eu...

Marcelo – O quê que é bocaxe?

Hiroshi Ota – Bocaxe é uma matéria orgânica fermentado com esse microorganismo, para ajudar o fermentação do solo outra matéria orgânica.

Marcelo – Mas a agricultura natural, ela não está ligada a utilização desse material.

Hiroshi Ota – Não, não, não.

Marcelo – Ou está?

Hiroshi Ota – Esses são um dos ferramenta para ajudar a agricultura natural.

Marcelo – Mas Meishu Sama não usava isso.

Hiroshi Ota – Não usava.

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Porque não tinha usava composto, mas está aplicando o mesmo princípio. Né? E ele leu a livro do Lodel, americano, que tem lá Instituto de agricultura orgânica, né? Fundação Lodel em Estados Unidos. E ele escreveu uma livro de segredo do solo. Né? Então ele fala da atividade biológica do solo. Meishu Sama leu né? Também acha que é importante de isso. Então ele sabe, não é por acaso que nasceu esse ferramenta. Né? E agricultura natural com entrada desse tecnologia, esclareceu mais mecanismo do solo né? E com esse ferramenta, conseguiu a acelerar o processo de formação de solo. Então antigamente levava cinco a dez anos de tradição de agricultura convencional pra natural. Então começou com isso, não é qualquer um que podia praticar. Por isso que muitas só membros que praticavam. Mas com esse entrada de novos tecnologia hortaliças no Brasil eu consigo converter em um ano. Então é permitiu qualquer um entrar. É grande evolução do parte técnica da agricultura é usando biotecnologia.

Marcelo – Então a agricultura natural, utilizando ferramentas biotecnológicas não é? Para acelerar essa reativação do solo...

Hiroshi Ota – É. Economicamente fica mais viável né?

Marcelo –...fica economicamente mais viável, diminui o tempo de recuperação da terra não é? E permite a qualquer um praticar essa técnica.

Hiroshi Ota – É. Antes também permitia né? De qualquer um praticar né? Desde início. Mas esse período de tradição toda, que muita gente desistia no meio do caminho.

Marcelo – Qual foi a maior dificuldade, quando chegou no Brasil, que enfrentou? Cultura diferente, alimentação diferente, tudo diferente, língua.

Hiroshi Ota – Língua...

Marcelo – Idioma.

Hiroshi Ota – Idioma, porque eu não sabia nada falar. Bom dia, boa tarde, boa noite. Só.

Marcelo – Quero comer.

Hiroshi Ota – É. Não. Café da manhã, almoço e janta. Para não perder.

Marcelo – E aí então, na verdade essa... Como é que se forma...? Isso foi em 91...

Hiroshi Ota – Noventa e um.

Marcelo – Chega no Brasil não é?

Hiroshi Ota – Hum, hum.

Marcelo –...e que trabalho foi desenvolvido até a construção, a inauguração do Centro de Pesquisa? O quê que aconteceu até culminar? Não, vamos tomar a decisão de inaugurar um Centro de Pesquisa. Como é que foi essa trajetória aí?

Hiroshi Ota – Então, aquela época de 90, que criou esse Centro de fomentar a agricultura natural, dentro da Fundação Mokiti Okada, e esse que encarregava a difusão da agricultura natural. Né? ???.

Marcelo – E você é responsável ou não?

Hiroshi Ota – Não. Eu, parte do microorganismo. Né? Aí, mas eu fazia muito por... Ia para projeto fora. Interno de produção não participava. Ajudava algumas opiniões, mais ia muito projeto fora, pra implantar novo sistema, mesmo norte, nordeste, sul. Ia vários lugares pra implantar. Com agricultura, com um pessoal da agricultura convencional, não é membro, pra falar sobre isso. Falar e aplicar.

Marcelo – Ou seja, como converter...

Hiroshi Ota – É.

Marcelo –...para agricultura natural...

Hiroshi Ota – É.

Marcelo –...orgânica não é? Vamos dizer assim.

Hiroshi Ota – É. E aí como não tinha permissão de registrar o produto, começou a partir pro produção. Aí começou aumentar produção, produção. Aí o Fundação tem certa limite. Aí com isso criou Corin. Que é a produção e comercialização.

Marcelo – Uma empresa.

Hiroshi Ota – Uma empresa. Aí Corin, criaram Corin né? Noventa e quatro.

Marcelo – Para comercializar os produtos...

Hiroshi Ota – É. Aí o dentro de isso Fundação ficava mais na pesquisa e extensão a agricultor, né? Atendimento...

Marcelo – Apoio ao agricultor.

Hiroshi Ota – Apoio ao agricultor. Aí esse época, em 95 inaugurou...

Marcelo – O Centro de pesquisa.

Hiroshi Ota – Solo Sagrado.

Marcelo – Ah o Solo Sagrado ???.

Hiroshi Ota – Solo Sagrado.

Marcelo –...da Igreja Messiânica.

Hiroshi Ota – Quando inaugurou Solo Sagrado, a presidente aquela época Reverendo Tetsuo Watanabe né? E com inauguração ele começou falar as cidades da nova era né? Então, pras cidades da nova era né? Como é que é cidades da nova era né? O quê que precisa? Né? Como isso além da agricultura natural, precisa o lugar que estudam né? Aplicar o filosofia da Meishu Sama né? Pra gerar o conhecimento, para poder servir na cidade da nova era. Aí que o Centro de fomento transformou em como o Centro de Pesquisa Mokiti Okada né? Pra abranger atividade.

Marcelo – Hum, hum. Então o objetivo da condição do Centro de Pesquisa...

Hiroshi Ota – Em 96.

Marcelo – Isso. Em 96 inaugura o Centro de Pesquisa...

Hiroshi Ota – Hum, hum.

Marcelo –...com o objetivo de ampliar os estudos e pesquisa sobre a agricultura natural?

Hiroshi Ota – A agricultura natural, meio ambiente né?

Marcelo – E repassar isso para o produtor?

Hiroshi Ota – Alimentação. Não só de produtor. Que até o consumidor né? Tudo.

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – De o quê que a parte meio ambiente da cidade. Tudo né?

Marcelo – E quem era a fonte mantenedora do Centro de Pesquisa?

Hiroshi Ota – Fundação Mokiti Okada. Com Fundação Igreja Messiânica.

Marcelo – Igreja Messiânica é que é a fonte mantenedora...

Hiroshi Ota – Sim.

Marcelo –...dos recursos do Centro de Pesquisa.

Hiroshi Ota – Sim.

Marcelo – Não é?

Hiroshi Ota – Hum, hum.

Marcelo – Dos projetos do Centro de Pesquisa.

Hiroshi Ota – Hum, hum.

Marcelo – E em que... Se tornou Ministro da Igreja Messiânica quando? Sacerdote.

Hiroshi Ota – Ministro, Ministro é 2000. Noventa e nove.

Marcelo – 1999.

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – Não é? Aí depois se tornou o coordenador do Centro de Pesquisa em que ano?

Hiroshi Ota – Não, já antes já era eu.

Marcelo – Já era o responsável não é? Antes da inauguração. Não é?

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – Noventa e quatro, 95.

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – Hum. E ficou no Centro de Pesquisa até quando?

Hiroshi Ota – Até 2007. Março de 2207.

Marcelo – Coordenando o Centro de Pesquisa lá de São Paulo, da Fundação Mokiti Okada. Não é? E hoje qual é a sua missão atual?

Hiroshi Ota – Eu sou gerente geral da Corin meio ambiente. Corin preservação e recuperação do meio ambiente.

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Que eu trata a parte meio ambiente, consultoria ambiental e a parte atividade do... Que parte de desenvolvimento de biotecnologia terminou né? Então agora é produção e comercialização e aplicação. Então esse parte de biotecnologia passou para apoio em meio ambiente né? Então junto que eu estou trabalhando.

Marcelo – Como você vê... Como o senhor vê a participa... Essa relação da Igreja Messiânica com a agricultura natural?

Hiroshi Ota – Hum.

Marcelo – Por quê que a maioria dos praticantes ainda são só membros da Igreja e a minoria que não é membro? Não acha que essa relação de agricultura e a Igreja Messiânica é um obstáculo para expandir a agricultura natural?

Hiroshi Ota – Não. No Brasil o caso é contrário né? Porque no Brasil é menos membro agricultores. Então quem planta, é agricultor mesmo, maioria não são membros.

Marcelo – Hum. E no Japão?

Hiroshi Ota – Japão? Agora está aumentando, com o uso do biotecnologia. Porque lá, porque tem membro, porque se não tiver membro né? Aí o agricultura/agricultor não vai pra frente.

Marcelo – Então a verdade, a lógica...

Hiroshi Ota – É essa de período de conversão e esse esclarecimento de mecanismo.

Marcelo – Isso é que dificultou quem não é membro a aceitar?

Hiroshi Ota – É. Porque...

Marcelo – Porque não existe um mecanismo.

Hiroshi Ota – É. E não tem receita. E no Japão outros dificuldade é esse também, diferente ao Brasil, que é a idade média do praticante. Idade média do agricultor já passou dos sessenta anos. Aqui não.

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Faixa de vinte anos né? E novos agricultores gerado por ano, não chega a dez mil pessoas.

Marcelo – De praticante não é?

Hiroshi Ota – É. Por isso. Por isso adubo é mais fácil, herbicida é mais fácil, né? Agora converteu porque é primeiro lugar é segurança alimentar.

Marcelo – Hoje a segurança alimentar...

Hiroshi Ota – É primeiro lugar.

Marcelo – Não é? É uma grande ameaça à Saúde Pública no mundo. Então está todo mundo se voltando para a questão.

Hiroshi Ota – É. E conseguimos tecnologia para plantar um mesmo arroz sistema Japão, planta dez, vinte equitares. Nós temos agora tecnologia. Ferramenta e tecnologia.

Marcelo – Então existe um modelo hoje, com essas experiências durante esses anos todos, hoje você tem um modelo da agricultura.

Hiroshi Ota – Tem. Tem.

Marcelo – Que pode ser repassado e ser desenvolvido em qualquer lugar do mundo.

Hiroshi Ota – Sim. E no Japão existe certificadora própria no nosso Organização né?

Marcelo – No Brasil também existe uma certificadora?

Hiroshi Ota – No Brasil também existe. Certificadora Mokiti Okada e no mesmo no Japão é número do agricultor certificado, a nossa certificadora é maior. Então a prática da agricultura orgânica, assim englobando né? Natural, outros. Englobando chama atividade de orgânica é bem representativa no Japão. Todo mundo respeita. Com história, com tecnologia e resultado.

Marcelo – Hum, hum. O senhor já foi na Tailândia?

Hiroshi Ota – Tailândia não. Quando queria ir o presidente não deixou.

Marcelo – Não é? Mas já viu funcionar a agricultura natural, além do Brasil e no Japão, já viu em alguns outros importantes?

Hiroshi Ota – Tailândia. Tailândia tem escola né? Que eu foi...

Marcelo – Escola agrícola já?

Hiroshi Ota – É. Oficializado como técnico agrícola né? Que vai formar. E esse também foi tipo curso que fazer. Então esse curso de agricultura natural lá diz que em soma de todos, já mais de cem mil pessoas passou. Né? França né? Quem está tomando conta é um brasileiro, o Ministro Paulo. Né? E também uma... Está virando referencia do local né? E outros a América Latina está aplicando. Né?

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Outros países.

Marcelo – O mesmo modelo.

Hiroshi Ota – O mesmo modelo.

Marcelo – Hum, hum. Agora falando um pouco mais sobre a África não é?

Hiroshi Ota – Hum.

Marcelo – Em que momento o senhor foi convidado para participar do Projeto da agricultura natural em Angola?

Hiroshi Ota – Acho que 2001. Muito tempo existia um convite. Porque desde esse ano de 94, que quando Bambi veio para Brasil pra aprimorar, aí eu conheço ele, aí ficava junto. Então desde aquela época que conversava como é que desenvolve agricultura natural na África. Prática ele contava muito sobre isso né? Que fala pedindo necessidades de isso, isso, isso. Então quando vinha, fica tempo, aí a gente conversava né? Aí um dia vai ter esse compromisso. Eu vai ter permissão de ir um dia. Aí que em 2001, que aí eu não sei que ano que ganhou a Bom Jesus né?

Marcelo – Dois mil não é?

Hiroshi Ota – Né? Então com isso começou a execução mais concreta né? Então aí... E necessitou a acompanhamento local, então com isso eu conseguia ir ???.

Marcelo – Então com a aquisição do Bom Jesus, do pólo agrícola do Bom Jesus no ano de 2000, houve a necessidade de se criar um modelo. Então houve um ???...

Hiroshi Ota – O objetivo do Bom Jesus é tornar um modelo. Pra modelo aí eles solicitaram a...

Marcelo – Apoio ao Centro de Pesquisa...

Hiroshi Ota – Sim.

Marcelo – ...da Fundação no Brasil.

Hiroshi Ota – Hum, hum. E eu visita local né?

Marcelo – Aí o senhor foi para lá para dar essa consultoria.

Hiroshi Ota – E essa do implantação do biotecnologia né?

Marcelo – É. Foi dar a consultoria da agricultura natural na verdade...

Hiroshi Ota – Hum, hum.

Marcelo – ...e das técnicas de biotecnologia...

Hiroshi Ota – Hum, hum.

Marcelo – ...para facilitar essa implantação.

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – Não é isso? Hum, hum. Ta. E ao chegar lá o quê que achou do país, da cultura? O quê que observou que é a maior dificuldade no país, para se implantar a agricultura natural?

Hiroshi Ota – Eu, eu não gosto muito usar dificuldade né?

Marcelo – Ham, ham.

Hiroshi Ota – Porque a cada situação tem né? O que tem vai fazer. Então com todo esforço que pode fazer pra acontecer, é pra acontecer mesmo. Se não, não é tempo certo. Né? E quando eu fui lá sentiu que eu não conheço após logo do guerra, segunda guerra mundial no Japão, mas pelo quadro que está correndo parecida com isso. Né?

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – E dificuldade física de...

Marcelo – Não, assim, por exemplo, achou o clima, de solo...

Hiroshi Ota – Por isso eu nunca, nunca... Pessoa fala solo bom, ruim né? Eu acho não existe. Esse diz respeito à natureza. Né? Então quem trabalhar é nosso, nós mesmo né? Porque nós que temos permissão de trabalhar né? Local que nós ganhamos. Se não pensar fazer né? Porque solo tem a força. Se não consegue manifestar, não é o solo que é ruim. Nós que alguma coisa errada. Relacionamento que não... Está errado. Então não existe lugar que não dá.

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Tem como fazer sim, mas tem que buscar. Claro que tem que ir buscar, lutar.

Marcelo – Para recuperar.

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – Aí entra o método da agricultura natural...

Hiroshi Ota – É.

Marcelo –...as técnicas de biotecnologia, para recuperar aquelas áreas não é?

Hiroshi Ota – Hum, hum.

Marcelo –...e adaptar à cultura local.

Hiroshi Ota – É.

Marcelo –...ao clima...

Hiroshi Ota – É.

Marcelo –...ao ambiente não é?

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – Esse respeito à natureza não é?

Hiroshi Ota – Hum, hum.

Marcelo – Esse respeito ao solo é que é o ponto vital do trabalho?

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – Ham, ham. E mesmo falta d'água no país, não achou que era um obstáculo, por exemplo?

Hiroshi Ota – Bom, por isso onde foi... Em Bom Jesus é abundância.

Marcelo – Água tem bastante.

Hiroshi Ota – Água tem muito. Até que dá excesso né? E outro lugar não. Mas pra essas coisas também acho que cada lugar tem cultura que servir. Esse eu precisa de estudo né? Claro, infraestrutura é, não tem. Agora já melhorou bastante. No 2001 não tinha nada. Né? Aí tem que definir o quê que realmente quer fazer né? E como objetivo o que precisa, o quê que tem necessidade. Né? E implantar isso consegue fazer.

Marcelo – Então o senhor participou do planejamento dessa estratégia?

Hiroshi Ota – É. Acordo com necessidade que foi ouvindo. Porque não adianta nosso impor, porque quem sabe, quem está vivendo. Em cima do isso pode colocar as coisas que pode melhor, ou ajudar pra conseguir esse objetivo que foi criado.

Marcelo – Hum, hum. Então a partir do ano de 2001, quando você chega lá pela primeira vez, começa a se observar as características do lugar, do local, dos hábitos, das culturas e aí que se começa a traçar um planejamento?

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – Para em cima desse planejamento, executar o projeto de agricultura natural. É daí que se começa na verdade não é?

Hiroshi Ota – Hum, hum. É.

Marcelo – Baseado nesse modelo do pólo agrícola, reproduzir isso não é? Ta. Então teve sua participação direta na verdade na concepção e no planejamento da agricultura natural lá. Da estratégia que seria utilizada não é?

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – Não é? E depois disso quantas vezes já voltou lá?

Hiroshi Ota – Quatro ou cinco vezes. Eu não...

Marcelo – Até o ano de dois mil e?

Hiroshi Ota – E seis.

Marcelo – Foi quando deixou o Centro de Pesquisa.

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – Não é? E cada vez que ia, ia para fazer o quê na verdade?

Hiroshi Ota – Pra acompanhar como é que estava né? O local e sempre tem atividade pra fazer aprimoramento. Pra membro encarregado de horta caseira, ou agricultura natural. Porque lá tem encarregados né? Então ele promover a pessoa e juntava e começava. Aí aprimoramento para técnico equipe dele, do Bambi. Então eu fazia aprimoramento né?

Marcelo – Hum, hum. Então era para dar consultoria sobre a técnica e aprimorar...

Hiroshi Ota – Aprimorar o...

Marcelo – É. A se capacitar as pessoas.

Hiroshi Ota – Sim

Marcelo – Os voluntários que estavam empenhados em expandir esse projeto.

Hiroshi Ota – Sim. ???.

Marcelo – Não é? Então atua diretamente na capacitação do... Das pessoas.

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – E lembra qual foi o primeiro público alvo, que começou a chegar para treinar? O perfil das pessoas que chegavam. Eram técnicos ou eram...?

Hiroshi Ota – Diversas. Até engenheiro agrônomo até um senhor que não sabe nada.

Marcelo – Analfabeto. Todo tipo de pessoa podia vir...

Hiroshi Ota – Podia vir...

Marcelo – ...para ouvir e aprender.

Hiroshi Ota – É. Podia vir.

Marcelo – Hum, hum. Em que momento histórico vivia Angola naquele momento? O país.

Hiroshi Ota – País no primeiro viagem ainda não foi terminado a guerra. Ainda tinha um guerrilheiro que bagunçava né? Aí segunda vez já tinha recém terminada. Aí cada vez realmente evoluía bastante. Né? Mudava a situação melhorava. Aí então antes quando fui lá não tinha realmente condições de produzir alimento. Que não tem infra, não tem... Mesmo a equipamentos que precisa...

Marcelo – Então faltava infraestrutura, equipamento...

Hiroshi Ota – Falta infraestrutura, equipamento, tudo é importan... Depende da importação.

Marcelo – Elemento humano...

Hiroshi Ota – Mesmo alimento.

Marcelo – Elemento humano também faltava.

Hiroshi Ota – Falta.

Marcelo – Não é? E recurso financeiro tinha?

Hiroshi Ota – Não sei. Esse que eu não sei. Difícil falar que tem ou não tem. Às vezes se tiver mais eu poderia melhor talvez. Mas eu não entrava muito parte que tem que comprar isso ??? Que o necessidade eu falava que precisa disso.

Marcelo – Mas o senhor acha que foi uma dificuldade assim, porque na verdade, um obstáculo, que deixou o trabalho mais lento, foi a falta de recursos no começo, a falta de pessoas capacitadas, porque um país que sai da guerra não é? Que não tem... O povo é, capacitado, então isso diminui a demanda de elemento humano não é? Então acha que isso foi um obstáculo? A falta de elemento humano, a falta de recursos materiais?

Hiroshi Ota – Bom, essa parte que eu não sei, porque a ativi...

Marcelo – O que o senhor observou quando chegou lá?

Hiroshi Ota – A atividade todo né? Então com a mesma disponibilização das pessoas né? Que agricultura natural estava um parte do movimento de todo, não estava bem separado. Então dentro do movimento o quê que é prioridade? Talvez não dava.

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Esse tipo de mudança de prioridade, talvez o falta o recurso e o elemento também né?

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – E tempo. Então, por isso eu difícil de dizer que foi falta, falta mesmo. Eu sinto mais a próprio direcionamento do trabalho como um todo né? Dentro do isso que acho que levou mais tempo, não levou.

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Porque mais do que isso é difícil se fala que não tem dinheiro. Realmente se tiver dinheiro conseguia fazer? Eu não sei. Né? Às vezes acontecia o que foi pedido e seis meses depois, um ano depois voltava não foi feito. Existia. Mas realmente o falta de dinheiro que não foi feito? Ou elemento que não foi feito? Talvez não é nada disso até prioridade ou não? É outro fator.

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Né? Ia voltar sempre com menos frequência, mais frequência e menos tempo de intervalo? Não podia ir. Por que não sei. Esse é difícil porque não é uma atividade separado.

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – É um conjunto, está fazendo parte da atividade. E tudo vinculado com outro.

Marcelo – Hum. E quem financiava na verdade as suas idas a África, era a Africarte.

Hiroshi Ota – Africarte.

Marcelo – Não é? Hum, hum. O senhor participou da criação da Africarte?

Hiroshi Ota – Não.

Marcelo – Quando chegou lá já existia.

Hiroshi Ota – Já existia.

Marcelo – E quem era a equipe da Africarte nessa época?

Hiroshi Ota – Bambi, Cláudio né? Cláudio também faz parte. Reverendo Francisco né?

Marcelo – Então era uma equipe redu... Um grupo reduzido de pessoas na verdade?

Hiroshi Ota – É. E o Bambi tinha equipe dele pra tocar o Bom Jesus.

Marcelo – A equipe do pólo agrícola.

Hiroshi Ota – Hum, hum.

Marcelo – Hum, hum. O senhor chegou a participar do projeto de hortas caseiras? Da implantação desse projeto?

Hiroshi Ota – Acho que o primeiro aula pra pessoa da horta caseira eu que fiz.

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Acho. Que ele convocou e foi...

Marcelo – Bambi convocou?

Hiroshi Ota – Bambi convocou encarregado e interessados. Dois mil e quatro não sei. Não é horta caseira formato como a atual né? Antes.

Marcelo – Hum, hum. Está certo.

Hiroshi Ota – Mesmo capacitação técnico né? Então essa parte eu focava não é técnica é mais filosofia.

Marcelo – Mas suas idas lá eram mais para embasar filosoficamente...

Hiroshi Ota – É.

Marcelo –...o trabalho.

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – Não é? E também ensinava a técnica como recurso não é? A biotecnologia para a recuperação das áreas.

Hiroshi Ota – Hum, hum.

Marcelo – Não é? Então era um trabalho voltado para o produtor e também um trabalho voltado para as famílias não é? Horta caseira.

Hiroshi Ota – É. Porque Reverendo, Reverendo focou bem lá, sobre salvação né? A agricultura natural como a salvação né?

Marcelo – Como um instrumento para salvar a pessoa...

Hiroshi Ota – Salvação. É.

Marcelo – ...porque ela obtém saúde não é?

Hiroshi Ota – Então em cima do isso tem que trabalhar né?

Marcelo – Hum, hum. Qual é a contribuição que o senhor acha que a agricultura natural pode dar no continente africano? Em relação no combate a fome, a miséria não é? Com relação...

Hiroshi Ota – Com base para construir uma nova civilização. Né? Que tenha a saúde, prosperidade e paz.

Marcelo – E acha que a agricultura natural vai trazer isso tudo? Só...

Hiroshi Ota – Base. Não é só isso né? Base né? Que forma de praticar o agricultura em qualquer lugar entra né? E com isso pode mudar a vida da cada um.

Marcelo – O senhor acha que existe uma relação entre alimentação e violência?

Hiroshi Ota – Tem. Já tem uns jornais né? Jornais que, uma reportagem no jornal do Japão né? No Japão agora adolescente que não tem paciência, mesmo a escola não ouve. E de repente estoura no meio da aula. Então analisando esses crianças, eles são crido por comida pronta.

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Né? E os muitos agrotóxicos aí afeta, você sente diferença, afeta sistema nervoso. Então, o mesmo no Brasil, região de Santa Catarina que tem maior produção de humo, né? E interior de Santa Catarina que tem maior índice de suicídio. Caso do uso excesso disso. Índices de maior índices de aborto.

Marcelo – Hum, hum. E com relação ao problema do grande mal hoje da Saúde Pública, o grande problema da Saúde Pública do mundo, mundial é a obesidade.

Hiroshi Ota – A obesidade.

Marcelo – Não é a desnutrição não é? Não é a falta de comida. É o excesso de comida que está matando as pessoas não é? Então qual é a contribuição da agricultura natural, nesse combate a obesidade e as conseqüências da obesidade?

Hiroshi Ota – Agricultura natural não é só não ensinar comer só. Né? Filosofia de agricultura natural mostra o quê que é né? Então quem a pratica busca naturalmente, começa a buscar a saúde. Né? Através do prática também se torna mais saúde, através do consumo fica mais saúde, através do aprofundar a filosofia também. Né? Porque pra praticar precisa saber por quê que esse pensamento nasceu. Né? E dentro do baseado que? Baseado no filosofia do Mokiti Okada. Né? E buscar o que? Buscar a saúde, prosperidade e paz. Esse do prosperidade não é excesso que como agora está, todo mundo está achando. Prosperidade é sem falta, nem excesso. É equilíbrio né? Então pra ter o pessoa equilibrada o quê que precisa fazer, como vai ser praticar? Aí esses pessoas, está tendo problema, e eles vai buscar pra melhorar.

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Então amostra a forma de vida. Implantação do reconhecimento do sobre a natureza, a grande natureza. Esse é grande a missão da agricultura natural. Seja o agricultor, o consumidor, seja qualquer um. Através do isso consegue implantar um de cada nós reconhecer o quê que é a natureza. Se nascer a sentimento respeitar o natureza, a sequência vai acontecer.

Marcelo – E com relação ao aquecimento global e ao meio ambiente não é?

Hiroshi Ota – Hum.

Marcelo – A biotecnologia também avançando com uso de transgênicos, qual é realmente o contra ponto da agricultura natural com relação a isso? O quê que ela pode contribuir? Por exemplo, com as chuvas, degradam-se... A plantação não suporta a chuva.

Hiroshi Ota – Hum, hum.

Marcelo – O produtor perde tudo.

Hiroshi Ota – Hum, hum.

Marcelo – Na seca...

Hiroshi Ota – Hum.

Marcelo –...com o aquecimento global o produtor também vai perder tudo.

Hiroshi Ota – Hum.

Marcelo – Não é? Então nem usando agrotóxico vai dar resultado.

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – Então como é que a agricultura natural vai resolver o problema da fome, que é causada pela mudança ambiental?

Hiroshi Ota – É. Esse mudança ambiental... Causa do mudança ambiental, o quê né? A gente trabalhar e isso. Primeiro tem que trabalhar isso. Que esse é uma resposta que o vontade da grande natureza está mostrando pra nós. Se continuar a maneira que a gente está querendo implantar, não vai dar certo. Por isso nós temos né? Agricultura natural para mostrar os pessoas pra corrigir. E isso a método que respeita a natureza, que natureza não vai agredir pra nós. Não é agredir né? Não vai acontecer, pra proteger é melhor respeitar o natureza. E algumas experiência com quem está produzindo a forma de agricultura natural tem mais resistente à seca, resistente à chuva, resistência a tufão.

Marcelo – Mas por que?

Hiroshi Ota – Por que? A planta fica a mais saudável. Desastre é uma coisa né? Então mesmo no Japão um tufão. Tufão vem no outono né? Outono que é a época do colheita de arroz. Bem carregado né? Assim. Quando vem vento de 120 quilômetro hora, deita tudo. A natural né?

Marcelo – E na seca...

Hiroshi Ota – Na seca?

Marcelo –...consegue reter mais a umidade?

Hiroshi Ota – Próprio solo, ele tem capacidade de reter mais. Por exemplo, aqui no Mogi tem um produtor que é agricultura natural já tem mais de quinze anos né? Produzi alface, ou verduras, região de Mogi, os vizinhos usa, todo mundo usa irrigação pra produzir. Ele não usa. Não precisa.

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Só com esse terreno, ele criou filho, ele está contente, está feliz. Sente felicidade. Quando eu encontra com ele, ele fala que “ eu estou feliz”. Não virou rico, mas ele fala pra mim que “eu estou feliz”. Valor da felicidade no de cada um de nós é diferente. Mas só quem pode expressar feliz quem realmente está sentindo feliz. Nós busca a felicidade do homem. E a agricultura natural pode trazer.

Marcelo – Na verdade o senhor participou da avaliação do projeto, da concepção, do planejamento não é? Falou das dificuldades não é? Que encontrou. Não é? Na verdade, até pela história que o país enfrentou não é? E as sete vezes que teve lá, veio acompanhando não é? E sentiu, como relatou, que cada vez estava avançando. Não é? Cada vez estava melhorando cada vez mais. Não é? Aí depois de 2006 não foi mais lá não é?

Hiroshi Ota – Não.

Marcelo – Mas até 2006 não é? Os resultados que foram alcançados, o senhor considera satisfatório? Dentro do que Meishu Sama ensina, eles conseguiram atingir as metas e conseguiram, as famílias, praticar o método conforme Mokiti Okada orientava? Ou tinha difícil... Ou sentia que as pessoas tinham dificuldades de aprender?

Hiroshi Ota – Bom esse, por pessoa acho que tem pessoa que sim, pessoa que não né?

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Mas em geral acho que não é difícil né? Claro que até pra aprofundar isso talvez eu preciso. Né? Mas iniciar, sentir, isso que está... Porque difícil assim a estar satisfeito, satisfatório, não satisfatório, porque se começa a colocar, se fosse tinha isso, não tem aquilo, não tem fim, mas o que foi permitido é aquele mesmo né? Então com aquele condição estava fazendo o máximo, ou não? Tem condição mais, ou não né? Aí pra mim fica muito difícil a falar a isso, que falta, não falta.

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Porque eu sinto esforço de cada um que está lutando por isso.

Marcelo – Hum.

Hiroshi Ota – Né? Dificuldade toda. Né? Então se falar que é isso, tendo isso é melhor, e tendo isso é melhor é muito fácil né?

Marcelo – Hum.

Hiroshi Ota – Então o que está andando até agora aqui...

Marcelo – Na verdade o que o senhor está querendo dizer é que o que aconteceu até hoje, os resultados...

Hiroshi Ota – É. ???...

Marcelo –...foi dentro da possibilidade...

Hiroshi Ota – Dentro da possibilidade.

Marcelo –...em que o país vivia e que a possibilidade que a Instituição tinha.

Hiroshi Ota – Hum, hum.

Marcelo – Não é? É o que foi permitido realizar, com o esforço de todos até o momento. Não é? E como perspectiva, a gente sempre trabalha em cima de perspectivas do projeto não é? Para o futuro. 2009 em diante. Não é? Hoje se fala numa escola agrícola...

Hiroshi Ota – Hum.

Marcelo –...em Angola

Hiroshi Ota – Hum.

Marcelo – Tem uma previsão.

Hiroshi Ota – Sim.

Marcelo – Não é? Qual é a sua opinião sobre esse modelo não é? De escola agrícola, de vilas agrícolas e de ter o braço comercial...

Hiroshi Ota – Hum.

Marcelo – Não é? Qual é a sua opinião sobre as perspectivas? O quê que seria uma perspectiva real para Angola e para a África?

Hiroshi Ota – Não, é... Bom, esse do ideia do escola é muito bom né? Que é a formação de humano, o ser humano elemento é muito importante. E área agrícola que vai crescer não é só da Angola é o todo lugar da África que vai precisar. E a gente tem como criar uma local referencia, pra mostrar uma prática ideal. Pra futuro seria ideal né? E porque tem que gerar sempre elemento humano da cada geração né? Não é só uma pessoa que vai levar tudo. Vai criar uma local pra gerar essas pessoas. Senão não tem continuidade o trabalho. E espero que gente cresce cada vez crescendo né?

Marcelo – Hum, hum.

Hiroshi Ota – Então a papel da escola é muito importante.

Marcelo – E a vila agrícola seria mais o modelo?

Hiroshi Ota – Viraria o modelo e mostrar a existência do...

Marcelo – A possibilidade...

Hiroshi Ota – A possibilidade.

Marcelo –...de desenvolvimento...

Hiroshi Ota – Hum, hum.

Marcelo –...da técnica da agricultura natural.

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – Não é? E...

Hiroshi Ota – E o ver o realidade. Fato que está sem realizado ninguém contesta né?

Marcelo – Mas tendo formação, tendo muito produto...

Hiroshi Ota – E local.

Marcelo –...precisa de mercado não é?

Hiroshi Ota – Hum, hum. Então esse mercado depende do acordo com como vai crescer né? E mesmo o próprio membro está consumindo bem né? Precisa de melhorar a logística. A forma de como passar né? Essas coisas acho que precisa ter estrutura.

Marcelo – Sim. Não basta ter um modelo...

Hiroshi Ota – É.

Marcelo –...se a logística não funcionar bem.

Hiroshi Ota – É.

Marcelo – Não é? Se...

Hiroshi Ota – E pra como é que chega pra pessoas que está procurando.

Marcelo – É. Tem a formação, a produção, a comercialização, mas não chega para o consumidor.

Hiroshi Ota – É. Que a faz parte de tudo né? E com isso conseguiria implantar toda filosofia na toda cadeia. E com isso vai mudar conceito, mudar a, por exemplo, sociedade. Opinião do sociedade muda, então vai ganhar força para poder até mudar o governo, por exemplo.

Marcelo – Hum, hum. Então esse modelo funcionando adequadamente, ele pode até realmente influenciar a sociedade fora da Igreja e ganhar apoio do governo e até de Instituições privadas...

Hiroshi Ota – Hum, hum.

Marcelo –...do país? Não é? Desde que consiga se organizar adequadamente, não é? Então eu agradeço a sua participação não é? E a gente encerra a entrevista. Muito obrigado.

Hiroshi Ota – Obrigado.

Fim da entrevista